



Carlos Frederico Philippe von Martius.

CARLOS FRIEDR. PHIL. von MARTIUS

Natureza, Doenças,
Medicina e Remedios
dos
INDIOS BRASILEIROS
(1844)

EDIÇÃO ILUSTRADA

Tradução, Prefácio e Notas de

PIRAJÁ DA SILVA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1939

INDICE

	<i>Pags.</i>
<i>Ao leitor</i>	XI
<i>Introdução</i>	1
Aspecto geral da constituição physica do indio brasileiro...	8
Vigoroso desenvolvimento do systema muscular	17
Robustez do revestimento cutaneo	19
Pouca irritabilidade do systema sanguineo	23
Inercia das funcções vitaes — alimentação	28
Torpor do systema nervoso	34
Longevidade	35
Sentidos	38
Estreiteza de vida psychica — falta de affectos	43
Língua	48
Temperamento lymphatico — fleima	51
Doenças	53
Alimento	55
Bebidas	64
Influencia da atmosphaera sobre a puic	72
Affecções catarrhaes	77
Dermatoses	81
Doenças febris	96
Variola	97
Febre	103
Hepatite chronica	106
Embaraços gastricos chronicos	111

	<i>Pags.</i>
Espinheira	113
Syphilis	126
Affecções ósseas	143
Doenças dos órgãos respiratorios	147
Gotta	148
Hemorrhoides	151
Doenças dos órgãos dos sentidos	160
Doenças mentaes	163
Propagação das doenças nas varias regiões do paiz	173
Resumo geral das doenças dos indios brasileiros	181
Arte medica dos indios brasileiros	197
Magia ou feitiçaria	192
Physica dos Brasis	204
Anatomia	215
Pathologia e nosologia	219
Materia medica	222
Medicamentos do reino animal	224
Medicamentos do reino mineral	229
Medicamentos do reino vegetal	233
Plantas mylticas	238
Plantas medicinaes silvestres	249
Origens do conhecimento que os indios têm das substancias medicinaes	266
Exame do doente	271
Emprego dos medicamentos	274
Tratamento geral e assistencia	276
O pagé como cirurgião	281

	<i>Pags.</i>
Espinhela	113
Syphilis	126
Affecções osseas	143
Doenças dos órgãos respiratorios	147
Gotta	148
Hemorrhoides	151
Doenças dos órgãos dos sentidos	160
Doenças mentaes	163
Propagação das doenças nas varias regiões do paiz	173
Resumo geral das doenças dos indios brasileiros	181
Arte medica dos indios brasileiros	197
Magra ou feitiçaria	192
Physica dos Brasis	204
Anatomia	215
Pathologia e nosologia	219
Materia medica	222
Medicamentos do reino animal	224
Medicamentos do reino mineral	229
Medicamentos do reino vegetal	233
Plantas mythicas	238
Plantas medicinaes silvestres	249
Origens do conhecimento que os indios têm das substancias medicinaes	266
Exame do doente	271
Emprego dos medicamentos	274
Tratamento geral e assistencia	276
O pagé como cirurgião	281

A O L E I T O R

"Nicht was ein hochbegabter Geist denkt und zu thun vermag, sondern was er wirklich thut und hervorbringt, darin liegt für Andere der Maastab seiner Größe".

MARTIUS

Pela primeira vez publicada em lingua portugueza esta notavel obra de Carlos Fr. Pl. von Martius, impunha-se-nos o dever de dizer algumas palavras ao illustrado leitor. Dentre os excellentes trabalhos sobre o Brasil, publicados por von Martius, tornou-se imperiosa a divulgação deste, uma das mais interessantes raridades da sua famosa brasiliana.

Impresso em Munich, no anno de 1844, sob o titulo — *Das Naturell, die Krankheiten, das Arzthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*. München — 1844, só era conhecido de poucos interessados pela ethnologia medica brasileira. O assumpto versar-lo, jamais teve, no Brasil, o desenvolvimento geral encontrado na preciosa brochura do sabio bavaro, a quem tanto deve a sciencia nacional que, para honra nossa, lhe tem prestado o devido tributo em demonstrações publicas de gratidão, haja vista as festas centenarias da chegada do dr. von Martius ao Brasil, em 1817, e as ultimamente celebradas no Rio de Janeiro.

Por occasião do 5.º Congresso Brasileiro de Geographia, realizado na Bahia em 1916, tivemos a satisfação de

apresentar, com o saudoso amigo, dr. Paulo Wolf, alguns excerptos da monumental obra *Reisen in Brasilien*, trasladados a português, sob o título de *Através da Bahia*, por se tratar apenas da parte referente áquelle Estado. Aprovado com louvor, foi o livro recommendado como premio nas escolas. Martius foi o primeiro ethnographo que estudou, scientificamente, os nossos indios, descrevendo e investigando-lhes o organismo, as doencas, a medicina, a materia medica, a psychologia, e o primeiro a classifica-los, baseado na linguistica. Neste trabalho, que trasladamos a português, preciosidade rarissima, como se vê na lista do brasiliana, exposta no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por occasião das festas centenarias da sua chegada ao Brasil — 1817-1917 e, até hoje, quasi desconhecida, faz elle minuciosa analyse dos amerindios. Ahí se enthesouram copiosos elementos para o estudo da ethnographia e da medicina dos indios, onde os medicos encontrarão esboços varios assumptos de suas especialidades.

Considero-se que nelle se encerram capitulos sobre a configuração externa dos brasis, suas principaes funcções, anatomia, temperamento, alimentos, influencias mesologicas, longevidade, affecções catarraes, dermatoses, malaría, febres eruptivas, pathologia interna, gastropathias, syphilis, osteopathias, doencas dos orgãos respiratorios e do sentido, metabolismo, psychopathias, materia medica, geographia medica brasileira, plantas myticas e medicinaes silvestres, methodos therapeuticos, propedeutica, tratamento e assistencia medica, cirurgica e até deontologia medica. Em vista desta relação summaria far-se-á um juizo da complexidade dos assumptos tratados. Ainda não possuímos, até hoje, deste modo compendiado, livro que trate da medicina indigena. E' bem de ver que se deverão levar em linha de conta as idéas e theorias

medicinas reinantes naquella época. Do primeiro capitulo até ao que trata das affecções catarraes foi a traducção feita por um anonymo, para uso do dr. Ignacio José Malta e por este annotada; encarregámo-nos, com satisfação, de rever esses capitulos e de traduzir todos os restantes, acrescentando-lhes algumas annotações. São bem curiosas as notas do dr. Ignacio José Malta, um dos nacionalizadores da sciencia brasileira e membro da *Sociedade Palestra Scientifica*. A elle se referiu o projecto naturrista Arthur Neiva em seu excellento — *Esboço Historico sobre a Botanica e a Zoologia no Brasil*, — comemorativo do centenario da Independencia. Desta obra rarissima de von Martius só conhecemos três exemplares: um pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, outro á Bibliotheca Nacional, e o terceiro á rica e selecta brasiliana do excellento amigo, sr. J. F. de Almeida Prado, a quem agradecemos a fidelignia de nos-la ter franqueado, abrindo-a de par em par aos nossos estudos.

A denominação de *brasis* foi dada aos nossos indios pelos Padres da Companhia de Jesus. Nos primeiros capitulos foi este o qualificativo applicado aos brasilicolas, pelo anonymo que os traduziu e, bem assim, pelo dr. Ignacio José Malta, em suas annotações tão eruditas, quão ricas de brasilidade. Obras sobre religião, arte, poesia nas lendas e mythos dos indios brasileiros, estado ou concepção do direito — (*Von dem Rechtszustande unter den Ureinwohnern Brasiliens*. von Martius) já foram editadas; pela raridade, porém, difficilmente estão ao alcance do publico.

Outras muitas obras ainda não foram traduzidas, entre as quaes: — a de Theodor Koch-Grünberg — *Vom Roroima zum Orinoco*, G. Pisonis — *De India utraque se naturali et medica, liber quatuordecim*. Amstelaedami a de Carl von Martius — *Beiträge zur Ethnographie und*

Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, a do dr. Fritz Krause — *In den Wildnissen Brasilien*, etc. Paulo Ehrenreich estudou dearte do documento vivo, o selvícola do Rio Doce, da bacia do Araguaya e Rio Purús. Foi um dos maiores anthropologos do seu tempo e amigo do Brasil. Deixou excellente contribuição sobre a ethnographia brasileira e publicou os seguintes trabalhos: *Über die Botocudos der brasilianische Provinzen Espirito Santo und Minas Geraes, Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens, Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens, Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des XX Jahrhunderts* — 1904 —, excellente monographia vertida para o português in. *Rev. Inst. Hist. Geogr. de S. Paulo*, Vol. XI, pag. 281 e *Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker*, 1905. O sabio historiador Capistrano de Abreu traduziu-lhe a — *Divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos*. — *Rev. Soc. Geogr. Rio. T. VII*.

Magistraes são os estudos ethnologicos de Ehrenreich, não se descurando tambem elle de observar alguns assumptos medicos. Cita o modo de sangrar na veia frontal, com taliscas afiadas de laquara ou com pequeno arco e flecha. Menciona a frequencia da tuberculose entre os selvícolas do Araguaya, do Purús e o pavor que della têm, pois a primeira pergunta que elles fazem aos estrangeiros é: se têm catarrho. Observa a maior resistencia á malaria. Menciona as ophthalmias, affecções catarraes, rheumaticas, as arthrites chronicas do joelho. Diz serem praticos no tratamento das fracturas. Refere-se ao emprego do *andú-assú* — *Jouvesia princeps* Vell., etc. Entretanto, no que tange, propriamente, á medicina dos amerindios, não deu o desenvolvimento desejado, tal como se encontra neste monographia de Martius, onde estão registadas inestimaveis observações, colhidas no começo

do seculo passado. O proprio Ehrenreich, após ter feito uma resenha dos sabios que se occuparam com ethnographia brasileira, assim se externa: "De autores antigos resta-me apenas agora tratar de Martius. Foi o primeiro que empheendeu, baseado em todo material então existente e na observação propria de longos annos, apresentar um quadro completo destas populações primitivas, pois, pela primeira vez, tambem os Tapuyas são considerados coadignante. Cabe-lhe a homenagem de entre estes ter reunido os Gés como grupo independente e havel-os caracterizado.

O modo pasmoso por que domina o vasto material espathado e, ás vezes, de difficil accesso, a exposição brilhante, a profunda sizerde moral do nobre philanthropo que ecoa em cada linha, assegurarão sempre a esta obra, lugar de honra na literatura sobre o Brasil. As idéas de Martius, até agora, têm sido reguladoras e, em sua obra, viu-se lançado o alicerce firme para a construção da ethnographia do Brasil".

O Padre João Daniel, autor do afamado manuscrito — *Thesoure descoberto no maximo Rio Amazonas* —, quando trata da condição dos índios da America, descreve algumas doenças.

Dr. J. F. X. Sigaud, em sua excellente obra — *Du Climat et des Maladies du Brésil* — 1844, escreveu um capitulo intitulado — *doenças dos índios e medicina dos Jesuitas*.

Com satisfação me refiro á magistral obra do Prof. Lopes Rodrigues — *Anchieta e a Medicina* —, publicada em 1934, para festejar o 4.º centenário do nascimento do santo e veneravel Padre José de Anchieta.

A leitura desse trabalho é indispensavel, especialmente, aos que estudam a medicina dos Jesuitas e a dos brasilindios.

Igualmente recomendo o Cap. III — Contribuição para as ciências medicas e naturais —, da monumental obra do sabio historiador, Pe. Serafim Leite, S. J. — *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*. T. II. 1938.

Dentre as modernas produções ethnographicas, estudámos uma de grande valor, ricamente illustrada, publicada em 1924. Só por si, constitue ella substancioso volume do *Thirty — Eighth Annual Report of the Bureau of American Ethnology to the Secretary of the Smithsonian Institution — 1916-1917 — Washington D. C. An Introductory Study of the Arts Crafts, and Customs of the Guiana Indians* by Walter Edmund Roth.

É obra de folego, quanto ás artes, officios e costumes dos indios das Guyanas. No capitulo dedicado á hygiene e ás doenças, ha observações bastante proveitosas no que tange á medicina e á therapeutica dos amerindios. Assim é que se acham assignaladas, conjunctivites, febres, diarrhéas, dysenterias, epilepsia, colicas hepaticas, mordeduras de cobra venenosa, etc. Mas, mesmo assim, com esta riqueza e variedade de assumptos, consideramos a presente monographia de Martius, mais ampla, minuciosa, original e de maior interesse para o Brasil.

A Medicina Aborigene Americana, do Dr. Ramon Par- dal, publicada em 1937, é livro excellente; entretanto, estuda mais os Aracuanos, os indios do antigo Perú, do Mexico antigo, do que os Tupi-Guaranis.

É justo prestar homenagem aos valiosos trabalhos dos primeiros observadores da ethnologia empirica brasileira, porque foram elles que estudaram os indios em seu estado primitivo e menos influenciados pela colonização estrangeira. Nessa pleiade brilhante estão os Padres Manoel da Nobrega, Azpilcueta Navarro, José de Anchieta, Fernão Cardim, Ambrosio Ferrandes Brandão, um dos interlocutores dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, Gu-

briel Soares, Fr. Vicente do Salvador, Simão de Vasconcellos, Hans Staden, Jean de Lery, Yves d'Évreux, Claude D'Abbeville, etc.

O cronista Pero Vaz de Caminha e o piloto da armada de Cabral, foram os primeiros que observaram e descreveram os brasilícolos tupiniquins de Porto Seguro. Da carta de Pero Vaz de Caminha, escrita a 1.º de Maio de 1500, “diploma natalício lavrado á beira do berço de uma nacionalidade futura, podemos colher algumas das impressões deixadas pelos successos de que se constituiu historiador”, escreveu Capistrano de Abreu.

Desse magnifico relatório, o primeiro documento rico de preciosas notícias ethnographicas referentes aos brasilíndios, transcrevemos alguns trechos que servirão de provas ao que afirmamos.

“Ali verieis galantes (os brasilícolos), pintados de preto e vermelho e quartejado assi pelos corpos como pelas pernas; tambem andavam antelles quatro ou cinco mulheres moças assi nuas que não pareciam mal.” Vejamos outro trecho em português moderno: “eram uns 18 a 20 homens, pardos, nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas; traziam nas mãos, arcs e setas; vinham todos rijos, da praia, para o batel e Nicolau Coelho lhes fez signal que puzessem os arcs e elles os puzeram. A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, e bons narizes, bem feitos; andam nus, sem nenhuma coisa cobrir, e estão a cerca disso com tanta innocencia como têm em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettidos por elle fragmentos de ossos brancos e botoques de madeira.

Os cabellos são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobre pente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas.” Não lhes passou

desprecebida a pelle ornada de tatuagem quadriculada, semelhante a tuboleiros de xadrás. Para isso se utilizavam da materia corante extrahida do genipapo.

A carta de Caminha só foi publicada trezentos e dezasete annos depois de escrita, em vespéras da Independência brasileira, e no Brasil. A edição publicada pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, em commemoração do 4.^o Centenario do Descobrimto do Brasil é excellente, por encerrar o fac-simile do texto original, a versão em italico no portuguez da época e, tambem, uma versão em italico, em portuguez actual.

Varnhagen chamou-lhe o documento mais venerando da história colonial e o mais antigo que existiu em nossa lingua materna, escrito no nosso país natal. "O Brasil teve um historiador no proprio dia do seu descobrimento".

A carta do achamento do Brasil, primeiro documento em lingua portuguesa, que descreveu as coisas brasileiras, foi "a benção linguistica" do novo territorio da nossa patria amada.

Trazedamos o que a respeito dessa carta, escrevem Manoel de Sousa Pinto, em sua monographia -- *Petro Vaz de Caminha*: "Impõe-se uma edição critica, amplamente comentada, dessas paginas guardadas na Torre do Tombo e preciosas sob o aspecto histórico, literario, filologico, etnografico, artistico, geografico, etc.

Bastara dizer que, com toda a literatura accumulada sobre o assunto, ainda não foi possível apontar um erro de facto no extraordinario observador, que tudo viu pela primeira vez, mas definitivamente. Que elle acertasse nas grandes linhas dos seus quadros, já lhe lestemunharia o valor, mas a exactidão e variedade dos pormenores igualam os meritos do conjunto. É prodigioso de minucia e colorido".

O piloto português, cujo nome se ignora, também fez curiosas anotações no seu diário de navegação. Dentre ellas vejamos esta: "Pela volta da tarde tornamos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer aguada, e tomar lenhas; pelo que fomos todos á terra, e os naturaes vieram comnosco para ajudar-nos.

Alguns dos nossos caminháram a'ê uma povoação onde elles habitavão, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão, de que ali uzão, e algum arroz; dando-lhe os da Armada cascaveis e folhas de papel, em troca do que recebião. Estivemos neste logar cinco ou seis dias: os homens, como já dissemos, são baços, e andão nus, sem vergonha, têm os cabellos grandes, e a barba pelada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de bruno, negro, azul ou vermelho; trazem o beiço debaixo furado e metem-lhe um osso grande como um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde e assobião pelos ditos buracos: as mulheres andão igualmente nuas, são bem feitas de corpo e trazem os cabellos compridos". *Navegação do Cap.º Pedro Alvares Cabral*. Escripção por hum Piloto Portuguez. Traduzida da lingua portugueza para a italiana e novamente do italiano para o portuguez. Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas. Tomo II. n.º III. pag. 109.

Muitas particularidades outras, relativas á terra e á gente do Brasil se acham nas cartas do nosso primeiro chronista e do piloto da armada.

Afirmamos que o arguto Gabriel Soares foi, incontavelmente, quem melhor base nos legou para alicerçar os estudos ethnographicos dos Tupinambás; foi elle o fundador de ethnologia brasileira. O sabio naturalista Maregrav também se dedicou a esses estudos, referidos em sua obra magistral.

Não podemos deixar de mencionar a actuação de um dos maiores naturalistas, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. É verdadeiramente assombrosa a produção deste sábio bahiano. Tão profundos, vastos e variados foram seus conhecimentos, que lhe valeram o justo eegnome de Humboldt brasileiro. Deixou um cinélio de manuscriptos e desenhos do maior interesse para a sciencia brasileira.

Por felicidade nossa, a maior parte se acha religiosamente guardada na Bibliotheca Nacional, no Museu e no Instituto Historico. Antes disto uns foram extraviados, outros subtrahidos.

Das riquissimas colleções, por elle organizadas com a maior dedicação, esforço e risco de vida, parte foi transportada para Paris, pelos invasores de Portugal em 1807. Saint Hilaire e outros sabios utilizaram-se dos trabalhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, conseguindo a laurea que a este pertenceria, por direito de conquista e prioridade, se seus manuscriptos tivessem sido logo publicados. A ingratição e a indifferença dos governos pela divulgação dessa obra inestimavel e a pobreza, apagnagio quasi inherente aos superhomens, minaram-lhe a saude. Aquelle que mais contribuiu para a magnitude da sciencia brasileira, o maior scientista bahiano, quiçá brasileiro, depois de ler sollicitado do governo portuguez o logar de secretario da alfandega de Pernambuco, no fim da vida, assistia trislemente se lhe apagar o poderoso fanal da sua intelligencia, velado pelo atroz nevocioiro da melancholia. Mais de um seculo já decorreu após sua morte, e, para que se não perpetue a lethargia fatal do esquecimento, ainda é tempo de sua terra natal, a Bahia, resarcir a grande divida de gratidão.

Se em vida se lhe ajustou, a rigor, o "*Sic vos, non vobis mellificatis apes*" — justo não é se perpetue sobre

sua memoria a mesma ingrata epigrapha tumular. Sem nos referirmos aos muitos manuscriptos originaes, sobre botanica, zoologia, chorographia, etc., frisamos apenas as 16 obras ineditas de *Ethnographia Brasileira*.

Ainda hoje, tem cabimento para aqui trasladar, estas palavras do sabio brasileiro J. Barbosa Rodrigues, expressas na dedicatoria da sua excellente obra — *O Myrakylã e Os Idolos Symbolicos*: “Sciencia e Letras vivem entre nós ao desabrigo de protecção official, quaes orphãzinhas a quem alimentam os obulos escassos da caridade dos humildes; de sorte que scientista ou letrado rãra vez escapa de ser synonymo de faminto e ainda assim para significar o martyr das zoladas de uns e da indifferença de quasi todos”.

A publicação de manuscriptos e traducções de brasiliana é um dever nosso, que de ha muito se impunha realizado. Merece applausos a patriótica iniciativa da Companhia Editora Nacional, pela publicação de obras do valor da Rondonia e tantas e tantas outras da sua serie Brasileira.

O dr. Tobias Monteiro, em brilhante discurso, accentua essa necessidade urgente, como se deu na Bahia com as *Cartas de Vilhena*, a *Viagem de Spix e Martius*, em Recife, com as *Notas Dominicues de Tollenare* e no Maranhão com a *Viagem no Norte do Brasil*, pelo Padre Ives d’Evreux.

A este respeito, convem lembrar, mormente hoje, o patriótico projecto do embaixador brasileiro dr. José Bonifacio, apresentado na Camara Federal, em 1916, para commemorar o centenario da Independencia do Brasil.

Renovamos um appello ao verdadeiro sentimento nacionalista do governo da Bahia, para que o Estado mande publicar os ineditos e nallificados trabalhos manuscriptos do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. E, assim, a glo-

riosa Bahia terá erigido á memoria do seu filho genial, um monumento mais perenne do que o bronze.

Voltando ao motivo desta dissertação, accentuamos o valor dos originaes estudos de Martius, que servem de marco inicial á ethnographia scientifica brasileira. Por tudo quanto, em nesso paiz, era digno de admiração e estudo, se interessou o sabio amigo do Brasil, por elle amado como se fôra sua segunda Patria — *“Er hat es aber auch geliebt, wie sein zweites Vaterland”*. Ao seu caracter de escol se ajustava a divisa. — *Candide et fortiter*.

Subscrevemos as palavras do prof. E. Roquette Pinto: “Caminhae um pouco pelo Brasil; estudae-lhe a terra, as plantas, os animaes, a gente. . . encontrareis, a cada passo, com as douradas pepitas que o velho Martius atirou á vossa estrada!”

Em carta ao seu amigo, J. J. Sturz, Consul Geral no Brasil, procurando indagar se já havia sido collocado, na Igreja N. S. da Conceição de Santarém, o Crucifixo por elle remettido em cumprimento da promessa feita, pelo modo milagroso por que fôra salvo de um naufragio, em aguas do Amazonas, perto daquella cidade, Martius não se esqueceu dos indios brasileiros e assim se externou: “Se a contemplação daquelle Crucifixo despertar em alguns devotos piedosa commoção, tera tambem eu feito alguma cousa pela infeliz raça americana, á qual sinto nada mais poder dedicar, a não serem votos piedosos. A proporção que envelheço é sempre mais intenso o meu interesse por aquella raça abandonada”.

Para os estudos ethnographicos brasileiros tambem collaboraram magistralmente: Maximiliano de Neuwied, Castelnau, von den Steinen, Koch-Grünberg, Max Schmidt, Peter Lund, Ladislau Netto, Couto de Magalhães, Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, Trajano de Moura, Paul Ehre-

reich, Theodoro Sampaio, A. Metraux, G. M. Rondon, Roquette Pinto, Herbert Baldus, Nimuendajá e outros.

Aos interessados pelo estudo da ethnologia medica brasileira, aconselhamos a valiosa these do Prof. Roquette Pinto, publicada em 1906 — *Ethnographia Americana. O exercicio da medicina entre os indigenas da America, a Rondonia*, 3.^o ed. 1935, as excellentes versões a portuguez, feitas pelo Sr. Egon Schaden e D. Lucia Furquim Lahmeyer, respectivamente, das obras — *Unter den Naturvölkern Zentral — Brasiliens*. Karl von den Steinen —, publicada pela Revista do Archivo Municipal de S. Paulo, e *Reisen in Brasilien* —, publicadã pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Antes de encerrar este proemio, servimo-nos do ensejo para offerecer ao illustrado leitor preciosos extractos de cartas ineditas, dirigidas de Munich ao sr. Conego Januario da Cunha Barbosa, um dos fundadores e 1.^o Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pelo socio honorario dr. Carlos Frederico Philippe von Martius.

Agradecemos a nimia gentileza do benemerito sahio Dr. Max Fleinss, digno Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o ter posto á nossa disposiçã, documentos tão preciosos.

Illustrissimo Senhor!

A sua honrada carta d,d, (? chegou sem data), que me deu noticia sobre a benevola recepção dos meus pequenos tratados sobre a historia do Brasil, foi respondida p^o Hamburgo em mandar a V. S. hum tratado novamente escripto por mim sobre o Naturel, as doenças e a Medicina dos Aborigenes do Brasil, o que peço, que V. S. apresentasse no meu nome á honoravel companhia do Instituto Hist. Geogr. do Brasil. Desejo que as noções e noticias, que constituem este escrito, sejam dignas da Sua attenção e que talvez se dêsse d'elle hua revista nas publicações do Instituto.

Em quanto á correspondencia de nossa Academia com o Instituto e o cambio das publicações, tratei desse assunto n'hua anterior.

Por isso falo hoje principalmente sobre dois objectos, sobre os quaes já escrevi ha mais de hum anno ao Excellm.^o Senhor Paulo de Barbosa.

Primeiro assunto he a communicação de mappus geographicos, que, me dizem, foram editados sob os auspícios do governo Imp. ou do Instituto? Falo principalmente do mappa da prov. do Rio de Janeiro. Desde a triste morte do Sr. Niemeyer, com o qual tive relação, não tenho podido receber nada de semelhantes materiaes. Entretanto, penso que seria proveitoso, se eu fosse posto na posição de aproveitar-me de todos os trabalhos deste genero, feitos pelos sabios do Brasil. Na edição da Flora

Brasiliensis se comprehende tão bem hum grande mappa oro-hydrographico. Todos os nossos materiaes para este fim foram dados por mim e por meu collaborador, o Prof. Endlicher, ao Estado major d'Engenharia J. R. austriaco aonde este mappa se ha de formar debaixo dos olhos do Snr. Barão Hesse, pelo Coronel Scrivaneik.

Podemos esperar hũa obra excellente pe'os officines daquelle Estado major, e o Brasil ha de ter grande proveito delle. Portanto peço a V. S. que queira benignamente usar de toda Sua autoridade, para nos procurarem aquelles materiaes, mandando-os ou a mim ou dando-os debaixo do Sobrescrito "Ao Snr. Stefano Endlicher, Director do Jardim Botan. Imp. de Vienna, ao Ministro austriaco na Sua Côte".

Huma segunda proposição he, que o Instituto me procurasse copia do texto das descripções da Flora Fluminense de Vellozo, como foi escrito pelo autor. Eu queria depois fazer revista critica de todas as figuras e compor hua concordancia de nomes, que havia de dar muito valor à obra. Até agora não era possivel determinar todas as plantas por falta do detail (das analyses) nas taboas.

Ha alguns dias que estou de posse da Revista Trimensal, que V. S. teve a bondade de mandar-me da parte do Instituto (até o n.º 16 de Janeiro — 1843). Não posso exprimir a V. S. quanto me alegrava este periodico, tanto cheio de noticias do maior interesse possivel para os geographos, estatisticos e historicos, que tratam do Brasil.

He verdadeiramente hua obra do maior merecimento possivel e estimo muito, que o enthusiasmo dos Brasileiros não se esfrie, para continua-lo da mesma maneira. Lisonjeio-me na esperanza de que os escriptos do Snr. Alexandre Rodrigues Ferreira serão agora todos publicados, o que ha de espalhar muitas luzes sobre os paizes Amazonicos. Em quanto os olhos de muitos conquistado-

res! na Europa são dirigidos para aquelle riquissimo territorio, nada será mais conveniente de que mostrar ao povo Brasileiro como o Instituto sabe apreciar aquella possessão da banda do Norte, pretendida por muitas cabeças vadias e muita indiscreção (Vejam-se gazetas francezas e inglezas de Maio corrente). Lembro-me que hum sabio Patriota brasileiro, o Gen. França de Horta, me dizia por respeito da Guerra de Montevideo de 1817; o Brasil deve ser huma península entre o Paragnay e o Amazonas; mas não lhe convem tanto a banda oriental donde se fala espanhol, como a de Macapá, donde se deve para sempre arvorar o estandarte brasileiro. Mas não quero entrar mais em taes discussões, e concluir agora a minha carta com os protestos de perfeita estima e distincta consideração, com que tenho a honra de ficar

De Vossa Senhoria o muito grato criado e venerador

DR. VON MARTIUS

Munich, 26 de Maio de 1844.

* * *

Immo. Senhor!

Tendo boa occasião para escrever a V. S. R. não quero negligencia-la, mandando a V. S. segundo exemplar do meu livrinho sobre o "naturel, a medicina e as molestias dos Indigenas do Brasil". Se o Instituto Hist. e Geog. Brasileiro achasse-o digno de communicar-lo n'hua traducção portugueza, isto havia de ser para mim coisa de grande prazer.

Em quanto á Carta de que V. S. me honrou para respeito á minha communicação sobre a historiographia do

Brasil, lhe tenho dado resposta d.d. 9 de Março 1844, reconhecendo ao mesmo tempo a bondade com que o Instituto H. G. B. me fez mercê da inapreciavel "Revista" até a de n.º 18 (inclus) e das memorias, Tomo I. p. 1-53.

Peço que V. S. queira benignamente continuar estas communicações, e que me ajudasse igualmente em animando os Naturalistas do paiz de communicar-me as suas colleções botanicas.

Desejo saber se o Instituto tem recebido as obras que a Academia R. das Sciencias já lhe mandou.

Emfim dê-me V. S. R. licença que eu lhe renove os meus sinceros protestos de perfeita estima e distinta consideração.

Deus Guarde a V. S. R.

DR. VON MARTIUS

Munich, 15 Dezbr. 1844.

- . .

Não nos podemos ferrar á satisfacção de transcrever mais duas outras cartas.

Illmo. Senhor!

As minhas occupações litterarias, diz o nosso consocio, versam presentemente sobre dous objectos, que tambem preenchem os fins do Instituto, a saber: a historia natural do reino vegetal do Brasil, e a historia dos seus primitivos habitantes. As riquezas vegetaes do Imperio do Brasil são tantas, que talvez não haja um só vegetal conhecido, ou útil ao homem, cujo representante não se ache entre os innumeraveis que constituem a Flora desse

bellissimo paiz. Considerando nisto, tenho preparado, ha muitos annos, uma Flora Medica do Brasil, a qual breve sahirá á luz, visto S. M. I. o Senhor D. Pedro II se ter dignada toma-la sob sua protecção, permittindo-me que eu lh'a dedicasse. Esta obra formará parte de uma Flora Brasiliensis geral que deve tratar de todas as plantas até agora descobertas no Brasil, e que, sob os auspicios de S. M. o Imperador d'Áustria, vou publicar com meu amigo o Professor Endlicher, de Vienna, ajudado de muitos outros Botânicos Allemães, Francezes, e Ingleses. Contamos 14 a 15.000 especies pertencentes a esta Flora. É pois mais natural que eu a este respeito tome a liberdade de pedir a benevola cooperação do Instituto, tanto para communicação de materiaes como para a divulgação da obra no Brasil. Breve terei a honra de remetter ao Instituto o programma desta obra, cuja impressão já começou.

Em quanto aos meus estudos sobre a historia primitiva dos autochthones do Brasil, e da America em geral, consta-me como facto geral, que toda a povoação primitiva das Americas viveu em tempos remotissimos em um estado mais civilisado do que aquelle em que achamos, tanto os Mexicanos do nosso tempo, ou outros povos montanhezes, como os Indios selvagens do Brasil. Toda esta povoação, sem duvida muito mais numerosa, cahia de uma posição muito mais nobre por diversas causas. Como agora se deve desesperar da possibilidade de introduzir os autochthones nos circuitos da civilisação europêa, elles se têm tornado tão somente objecto de nossa curiosidade philosophica e historica; e seria certamente assumpto interessantissimo indagar as principaes causas dessa decadencia e degradação. Os meus estudos apontam para o Brasil o lugar onde residem ainda as maiores lembranças do tempo antigo, e vem a ser os matos entre os rios Xingú, Tocantins e Araguaya. Ahí residem descendentes

dos antigos Tupys (os Apicacás, Gés, Mundurucús, etc.) que ainda falam a lingua Tupy: elles devem ser considerados como depositarios da Mythologia, tradição historica, e restos de alguma civilisação dos tempos passados. Nesses lugares talvez se possam encontrar ainda alguns vestígios, que derramem alguma luz sobre as causas da presente ruina destes povos. Mas, infelizmente, ainda ninguém li-joi studia-los.

. * .

S de Março de 1844

Immo. Senhor!

Com o vivo prazer que me inspiram sempre as vossas communicações litterarias tive a honra de receber vossa carta remettida por intermeião da legação brasileira em Hamburgo; e aproveitando-me de uma opportuna occasião que se me depara pela mesma via, devo começar por vos dizer, Sr., que sensivelmente penhorado fiquei pelas benevolas expressões de vossa amavel carta. Sei perfeitamente apreciar o suffragio de uma corporação litteraria tão esclarecida como o Instituto Historico e Geographico Brasileiro; e posso gloriar-me com bastante razão de que vossa illustre Sociedade se dignasse attribuir algum valor á fraca dissertação, que tive a honra de lhe apresentar, sobre o melhor methodo de se escrever a historia do Brasil; mas penso ao mesmo tempo que a maior parte de nossos distinctos collegas julgou as idéas enunciadas nessa memoria com a benevolencia, que quizeram outorgar, não a meus trabalhos, mas á minha boa vontade, meu enthusiasmo pela felicidade do Brasil, e minha dedicaçào sincera por todos os seus interesses. Muito me

reposiço que vossa illustrada associaçõ julgasse conveniente escrever uma historia do Brasil fundada sobre bases tão amplas como as indicadas em minha dissertaçõ: mas de outro lado, Sur., e respeitavel collega, não ousarei aspirar eu mesmo á gloria de empreza tão ardua. E' bem verdade que em minhas horas de descanso me tenho occupado dos vestigios da historia antiga da America. Supponho que seria tarefa não gloriosa, quão digna de louvor, levantar o véo que tem coberto até hoje a historia antiga da raça vermelha; mas esse grande mysterio de uma historia em que tudo se tem apagado, em que tudo é abysmo e ruína — esse grande mysterio demanda outras forças que não as minhas, um espirito profundo, caracter firme e laborioso, juizo vasto, imaginaçõ viva, e uma faculdade de combinaçõ rara; e além disto idade madura, mas ainda não decadente, como a minha, que em breve tocará seu decimo lustro. Entretanto, Sur., jamais perderei de vista tudo quanto tiver relaçõ com essa historia enigmatica do Brasil, e muita houra terei em communicar ao Instituto, ac tempos a tempos, os fructos de meus estudos, com tanto que os julgue digno de seu acolhimento.

Tambem muito agradeço a bondade com que me tendes enviado a continuaçõ de vossa Revista Trimensal, e das vossas Memorias.

Com grande impaciencia espero os numeros que se forem publicando, e não me olvidarei de dar noticia dessas publicações em nossa folha litteraria — *Gelehrte-Anzeigen*.

Permitti-me outrosim de vos significar, Sur., em nome de nossa Academia Real de Sciencias, que muito folgaria ella de ver subsistir não interrompidas relações litterarias entre as duas corporações. Já convidei, de algum tempo, vossa illustre Sociedade para uma troca reciproca de nos-

sas publicações, e receberéis em tempo competente o Almanak de 1843, que poderá vos dar uma idéa da extensão de nossos trabalhos e de nossas publicações.

Nesta occasião reitero minhas instancias a este respeito, rogando-vos remetter tudo o que fôr publicado ahí por esse sabio Instituto, &c.

• * •

Grande foi a sympathia dedicada ao Brasil pelo sabio allemão, Carlos Frederico Philippe von Martius, e inestimaveis são os seus trabalhos. "Para o publico o padrão de medir a grandeza de um espirito de escol, não está no que elle pensa e é capaz de fazer, mas, sim, no que realmente faz e produz".

Em todos os seus escritos se apreciam a bôa vontade, os sentimentos de piedade e philanthropia pelos indios brasileiros, o enthusiasmo pela felicidade e sincera dedicação por todos os interesses do Brasil. Juigámos ter apresentado, com esta monographia, uma joia da brasilianna, embora sem o seu brilho intrinseco, é bem verdade, no que diz respeito ao nosso esforço, pela inopia do lapidario. *Trado quae potui.* Aos doutos especialistas pedimos relevar nossas falhas.

S. Paulo, 1 de Maio de 1839.

DR. PIRAJÁ DA SILVA

INTRODUÇÃO

Muitos viajantes descreveram a constituição physica dos amerindios, as doenças que lhes são inherentes e, não obstante, parece que esse assumpto, até hoje, ainda não foi esgotado.

De certo, por este motivo e, mais ainda, pela continuação das elucidações criticas dos naturalistas, tem elle sua razão de ser porque, precisamente, nesse campo de informações inexatas, muitas ha que, desde o descobrimento do Novo Mundo, tradicionalmente se mantêm.

Pairava no espirito da época, e interessava ao descobridor de então, descrever muita coisa referente á constituição physica dos habitantes do continente descoberto, como extravagante, maravilhosa e destoando dos typos da organização humana, conhecidos naquelle tempo.

Accresce, tambem, que os primeiros historiadores da America, na maioria espanhoes e portuguezes, escreveram dominados pelos preconceitos e opiniões reinantes em sua patria e sem ter como base, conceitos isentos das influencias antropológicas e sociais da sua raça.

A literatura do resto da Europa, tambem empolgada pelas doutrinas da idade media, accitou, com satisfacão e sem exame critico, essas descripções unilateraes ou erroneas, de modo que devido a isto, ficaram, em sua maioria, perpetuadas até hoje. Como exemplo persuasivo do conceito estranho sobre muitos traços da historia natural do homem americano, citamos o livro do Conego de Chante de Pauw (1) cujas opiniões fantasiosas, oriundas da propensão para o baroco e o extraordinario, não foram até hoje substituidas, embora tenham sido abandonadas; é verdade que outras não são menos falsas, e isto se nota nos primeiros relatorios escriptos, nos portuguezes e nas posteriores compilações allemãs, taes como no livro de Ens, uma vez que a tendencia do espirito da epoca para o extravagante, lhes havia dado alguma importancia durante certo tempo.

(1) Indagações philosophicas acerca dos habitantes da America, Berlim, 1769. (Nota do dr. Martius).

Em nota, o dr. Martius apenas se refere a uma das obras do celebre conego — *Indagações philosophicas acerca dos habitantes da America*. Berlim, 1769. Cornelio de Pauw, escriptor e philosopho hollandês, nascido em Amsterdão no anno de 1739, falleceu a 1799, em Xanten, duquedo de Clèves, onde tinha um canonicato. Era segundo sobrinho do grande pensionario de Witt e tio do convencional francez Anacharsis Cloots. O principe, bispo de Liège, o mandou a Berlim para defender seus interesses, e Frederico II procurou, em vão, retê-lo junto a si. De Pauw publicou três obras, que fizeram grande ruido no seculo XVIII: *Investigações philosophicas sobre os americanos* (1769); *Investigações philosophicas sobre os egypcios e chineses* (1774); *Investigações philosophicas sobre os gregos* (1788). (Nota de Pirajá da Silva).

Assim é que, no conceito anthropologico de qualquer raça humana, sempre se reflete o espirito da epoca de que se achavam impregnados os observadores, e esse ponto de vista não deixa de ter importancia, quando se considera o indio brasileiro como thema de descripção anthropologica, que deve ser estudado, baseando-se em ampla observação sem preconceitos, como o fizeram: von Humboldt, Rush, G. S. Morton, d'Orbigny, etc.

Além disto, taes investigações assumem ainda mais elevado interesse, se considerarmos que os primitivos brasiliícolos serão lançados no grande remoinho social e civil de onde, mais cedo ou mais tarde, surgirá uma população remodelada e quasi nova — a do Imperio Brasileiro; que nesse torvelinhar elles não de perder, a mais e mais, suas características proprias e, finalmente, se extinguirão por completo, como membros independentes da grande familia humana — conforme parece ter determinado o Espirito Universal.

Por conseguinte, es relatorios que em certa epoca descreveram a natureza physica do autóctone brasileiro, podem ser considerados documentação, focalizando historicamente, naquelle tempo, o fato notavel de uma raça que tende a desaparecer.

A população aborigene do grande Imperio Brasileiro apresenta um aspecto autonomico e proprio, em todas as suas características corporaes.

Até que ponto esta constituição característica do autóctone brasileiro reaparece ou varia em outras regiões do continente americano, e até quanto poderios ou não

reconhecer nella um typo mais generalizado ou mais limitado, em relação a todo o continente, é uma investigação mais ampla a que, no momento, não pretendo me dedicar.

Observando, imparcialmente, tem-se a convicção exacta de que o indio brasileiro, quer se apresente nas matas virgens, quer nos extensos campos do Brasil, é o mesmo nos seus traços característicos e, por toda parte, se mostra como representante da mesma raça.

Depois de tê-lo observado num vasto territorio, desde o tropico de Capricornio ao Equador, desde as costas do Oceano até aos limites do Perú e Popayan, em circumstancias mui differentes e em varios graus de evolução civil, sempre encontrei os mais accentuados característicos, na estatura e proporções dos membros, na fisionomia, na côr e no revestimento piloso. Assim pois, aqui me oppo-
nho á opinião que admite não se observarem nesses indios, as variações dos traços physionomicos, notados nos povos cultos.

E' verdade que eu e o meu fallecido companheiro de viagem, *von Spix*, no começo da nossa convivencia com os indios brasileiros, supuzemos não haver differença alguma apreciavel. Isto, porém, era apenas devido á surpreendente novidade de todas as circumstancias, ás quaes a nossa vista não estava acostumada e pelas quaes fomos influenciados, como acontece a outros viajantes, no começo de suas investigações.

Somente depois que o sentido de observação se libertou das impressões mais gerues e se habitou a entrar em minucias, reparámos que as fisionomias individuaes dos

índios brasileiros são tão variadas e acentuadas como as de qualquer povo do mesmo gráo de baixo desenvolvimento moral, civil e intellectual.

Naturalmente, a falta de occupações differentes, e de todos aquelles varios estados de excitação do espirito e dos sentimentos aos quaes está sujeito o homem civilizado, se reflecte no rosto, espelho da alma, privando-o da gradativa escala das mais delicadas expressões.

O mesmo se dá com os negros, a respeito dos quaes alguns escritores, tambem injustamente, negaram fisionomia propria e variada em suas miuncias. Outro tanto se pode dizer da estatura, da cor da pelle e da barba; estes caracteres apparecem sob multipias variedades e não se acham tão uniformemente distribuidos em todos, de modo a se poder dizer, que a natureza, vazou tudo num só molde.

No Brasil, se vêem índios altos e baixos, esbeltos e corpulentos, vermelhos acobreados, amarellados e até quasi brancos, com pouca barba ou, se constantemente não a depilam, apresentam-na regularmente basta. De modo que, de todos os caracteres physicos attribuidos a essa raça, restam quasi somente como predicados invariaveis, que se repetem nas differentes circumstancias, a brilhante cabelleira lisa e negra, invadindo bastante a testa e a barba.

Nunca vi indio algum com cabelos anelados, castanhos, vermelhos ou ruivos, nem com barba crespa.

Isto nos deve indicar, principalmente, que os caracteres peculiares dos brasis não podem ser vistos e concebi-

dos de modo exclusivo, como também os de qualquer membro das outras raças humanas. Acontece portanto com os homens, exactamente o mesmo que se observa nas chamadas famílias naturaes da flora, que a sciencia moderna procura designar e fixar, não por meio de uns tantos caracteres exclusivos, mas, pelo conjuncto de muitos delles, ditos caracteres collectivos.

O primeiro encontro do viajante quando vê o filho das selvas em liberdade, nú, em seu primitivo lar, é por assim dizer, de importancia decisiva, por isso que o cunho de uma formação humana particular e independente não é constituído por um caracter singular e sobresaliente, mas pelo conjuncto de todas as particularidades physicas, tal como se observa no amerindio em geral e no autóctone do Brasil. Promptamente se gravam as impressões de tão interessante espectáculo; a attenção concentrada apreende, rapidamente, todos os traços, reunindo-os num quadro, cujo colorido jamais se apagará da retentiva do observador.

Assim é que, depois de tantos annos, a imagem do primeiro encontro com o indio brasileiro, ainda se conserva incóclavel na minha imaginação e julgo a descripção feita por mim e pelo meu fallecido companheiro *von Spix*, sob a impressão do primeiro encontro, capaz de dar uma idéa exata da constituição physica daquelles homens. Por isso aqui inserirei o que de mais importante daquella narração; mas, devo assinalar que os Coroados, os primeiros por nós encontrados, pertencem a uma tribo, relativamente debil e degenerada, e que, tanto a expressão

individual do rosto, mais pronunciada, como um maior desenvolvimento dos systemas osseo e muscular, notados entre muitos indios, emprestam ao conjuncto physico desses homens, traços mais favoraveis do que os encontrados pelo leitor, em nossa relação de viagem (Reise, I, pag. 375).

ASPECTO GERAL DA CONSTITUIÇÃO PHYSICA DO INDIO BRASILEIRO

Os indios brasileiros são, em geral, de estatura pequena ou mediana, em relação com á dos europeus. Os homens têm de 4 e meio a 5 pés de altura (medida parisiense) e as mulheres de 4 a 4 e meio (2).

(2) Francisco Rodrigues do Prado, commandante do presidio de Coimbra, diz que são os *Guaycurús* homens de seis a seis e meio pés de altura (vd. *Revista Trimestral de Hist. e Geographia*, T. I, pag. 26). — João de Lery que, prescindindo das idéas religiosas, é exacto narrador, diz no Cap. VIII da Relação de sua viagem, falando dos *Toupinambouits*, com quem viveu, familiarmente, quasi um anno: - - n'étés point plus grands, plus gros ou plus petits de stature que nous sommes en l'Europe, n'ont le corps ny monstrueux, ny prodigieux à notre egar", etc. — No Cap. LVIII, da *Noticia do Brasil ou Descrição da Costa*, delle, lemos: "É este gentio (os *Tamoyos*) de grande corpo e mui robusto", etc. No capitulo LXII da mesma obra, lemos: "os *Goayanases* são na côr e proporção do corpo como os *Tamoyos*", etc. No Cap. CLXXXIV, lemos: "os *Maracás* são homens robustos e bem condicionados", etc. Os *Botocudos* ou *Engeräkung*, são dados por *Nenoued* como homens de elevada estatura; o manuscrito da *Bibliotheca Imperial* concorda neste facto e a

São todos de constituição robusta, espadados e corpulentos. A estatura é bastante igual, particularmente, na mesma tribo, e, só raras vezes, se notam alguns que excedem aos companheiros, na altura, apenas meia cabeça.

Em conjunto, á observação do europeu, parecem mais altos do que na realidade o são, por andarem nus.

A cabeça é relativamente grande, o tronco taureo, o pescoço curto e grosso, o thorax arqueado e musculoso, os seios femininos turgidos e não pendentes como nas negras, o ventre muito abaulado e bastante desenvolvido, com umbigo saliente; os membros viris muito menores do que em qualquer outra raça, e não em continua turgescencia como no negro. Têm as extremidades curtas,

grandura de suas armas tambem o rebora. Muitas outras citações pudera reunir; mas, julgo que são bastantes estas, para fazer ver que os limites do desenvolvimento physico dos brasis não se accommodar talvez nas raças que lhes impoz o dr. Martius. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Francisco Rodrigues do Prado só se refirio ao principal capitão dos Caycuris, que media seis pés e meio de altura. *Rev. Inst. Hist. e Geogr. Brasil.*, T. I, pag. 26.

Alguns indios altos da tribo Caingang medem de 1,m00 a 1,m75 e as indias, geralmente, de 1,m55 a 1,m65. Vd. *A Tribu Caingang-Indios Bugres-Botocudos* — Dr. Simoens da Silva, pag. 11.

Ouvimos do Cel. Jaguaribe de Mattos, em sua conferencia, realizada na Faculdade de Direito de S. Paulo, a 26 de Setembro de 1936, que os indios Boróros da Rondonia, região do Pantanal, mediam communmente 1,m75 de altura, attingindo alguns até 1,m95. (*Nota de Pirajá da Silva*).

sendo as inferiores delgadas, especialmente nas panturrilhas e nadeças. Os hombros e os braços, porém, são roliços e musculosos.

Dotados de pés e mãos pequenos, costumam trazer as mãos quase sempre frias, com dedos relativamente finos e unhas muito curtas, pelo costume de roê-las. O pé é estreito para traz e largo para diante, com o respectivo dedo grande muito afastado dos outros.

Em correspondencia com o thorax amplo, se distinguem na cabeça, especialmente pela largura, os parietaes e os malares salientes.

A testa baixa, arqueada na base, pela proeminencia dos seios frontaes, estreita em cima e bastante rampada, é pilosa até muito em baixo.

Apresentam o occipital muito menos inclinado do que os negros, cujo cranio é em geral mais estreito e muito mais oblongo.

O rosto é largo e anguloso, não tão saliente como o dos negros, porém mais do que nos calmukos e europeus. Orelhas pequenas, de forma elegante e apontando um pouco para fóra; olhos pequenos, pretos ou castanhos escuros, afastados, inclinados para o nariz, formando com elle angulo um tanto agudo, e ornados por leves e arcadas sombrancellhas; nariz curto, levemente comprimido em cima, chato em baixo, e ventas largas um pouco viradas para fóra; labios muito menos espessos do que os dos negros, sendo o superior, e não o inferior, um tanto saliente ou ambos iguaes; bocca menor e mais fechada do que a dos negros; dentes muito alvos, os incisivos largos,

regularmente implantados e os caninos salientes; queixo arredondado e curto.

A côr dos brasis é mais ou menos avermelhada como a do cobre polido (3) conforme a differença de idade, occupação, estado de saúde e tribu. Os recém-nascidos são quase brancos ou um tanto amarellados como os inu-

(3) Não acho mais apropriada comparação para exprimir a côr dos índios que a do cobre polido; contudo ella varia desde o castanho claro até o esbranquiçado, quasi semelhante á côr do europeu. São as cellulas novas e os nucleos das cellulas da camada profunda da epiderme situadas acima da derma que impregnadas com mais ou menos pigmentos, produzem, principalmente, a côr da pelle. E' sabido que os anatomicos chamam a esta camada, rête de Malpighi. Na raça branca aquella camada granulosa e pigmentada apparece, evidentemente, apenas em alguns lugares, por exemplo, no bico do peito; porém, nas raças americanas e africanas, é visivel por todo o corpo. Os histologistas duvidam a este respeito da independencia daquella camada. Flourens (*Anatomic générale de la peau et des membranes muqueuses, in Archives du Museum*, T. 3.^o, 1843, pag. 153) sustenta que a pelle dos americanos, negros e mulatos, é formada muito diversamente, da dos europeus. Elle attribue áquellas raças de côr, um apparelho pigmentar que está entre o derma e os dous epidermas (duas camadas de epidermas), o que falta na raça branca e que, como diz, consiste numa pelle especial e numa camada de pigmento que repousa sobre ella. Os histologistas allemães não admittem esta multiplicidade e consideram a camada de pigmentos, o producto do corpo papillar do derma, somente pela parte distinguida pelo residuo mais rico de pigmento da camada interna mais nova, ainda não endurecida e mais molle do epiderma. (*Nota do dr. Martius*).

latos; os enfermos, em alguns casos, mostram a tez amarello-pardacenta ou pallida.

Em uma palavra, os brasís são tanto mais retintos, quanto mais sadios, fortes e trabalhadores. Talvez tambem muito contribua para torna-los mais trigueiros, a influencia da luz solar, bem como a fumaça das choupanas; mas esta gradação não é fixa, porque produzida por circumstancias passageiras.

Na face interna das articulações, a côr é mais clara. Os brasís coram raras vezes de pejo (4), porém sim, de raiva. No mais, a pelle é finissima, macia e lustrosa. Estando expostos ao sol, transpiram e o cheiro do suor

(4) O Dr. Martius nota que os brasís coram poucas vezes de pejo, e os escriptores em geral, quasi á unta, dizem que elles não têm vergonha, porque não coram pelas mesmas causas que ordinariamente coramos; mas, se reflectirmos, veremos que os brasís não são naturalmente menos sensiveis á repugnancia das idéas vergonhosas. As idéas, porém, que impressionam homens civilizados e submettidos, por assim dizer, a uma mesma norma de educação moral, têm limitada a significação, pelo circulo dos que têm idéas diversas. A idéa do hem e do ma' é universal, porém varia grandemente na applicação; entre os mesmos povos cultos e subordinados ás mesmas doutrinas moraes e philosophicas, muitas modificações soffreria a regra que se firmasse na uniformidade da acção physiologica das idéas no seio da humanidade. A embriaguez é entre um grande numero de povos reputada torpeza, porém, entre um povo civilizado da Europa, é apenas quasi um costume; por isso, a exprobração dirigida pelo mesmo motivo a individuos destes dois grupos, produzirá nelles effeitos diversos. Quer-se que os brasís sejam *menos sensiveis* ou, mesmo, que não tenham vergonha da nudez em que vivem,

é particularmente urinoso, porém, não penetrante como o do negro.

Os longos cabelos duros, pretos e lustrosos caem-lhes bastos e em desordem pelas espaduas; nunca os têm crespos, bem que para tal empreguem muito cuidado e arte. Muitas tribus os cortam e servem-se disto como particular distinctivo.

Só encanecem em muy avançada idade, e, raras vezes, os veremos com a cabeça de todo branca. Igualmente é raro calvejarem, e entre milhares se deparará um calvo.

porque são estranhos a esse modo de sentir as conveniencias ou inconveniencias; e, os que taes reparos fazem, são os que santificam a nudez no Paraizo terreal, como inherente á primitiva do homem.

Se exprobrarmos um brasil, por entregar sua mais bella filha ao forasteiro que chega á cabana, ou a essa moça, por ter-se prestado á prostituição, não faremos com que ás faces do pae suba o typo da vergonha, nem ás da filha, as rosas do pudor; mas não será isto por desvergonha natural. A humanidade inteira não tem idéas universaes fixas acerca do bem e do mal; as circumstancias em que se acham os povos, suas religiões, sua maior ou menor civilização, relações ou isolamento, dão lugar a idéas particulares que se tornam entre elles acc'etas, e desde então, os que a ellas estiverem sujeitos enrubescerão por algo que não o que até então os fazia envergonhar; a escola cynica produzia esta mudança em homens e mulheres, mesmo no seio da civilização da Grecia, e, se fomos mais longe, veriamos quanta, de povo a povo, é a diversidade no modo de ver e de sentir. Queremos ver corai os brasis? Mestremolhes que foram covardes em presença do inimigo, pois, são para elles uma virtude, a coragem e a bravura;

Nas axillas e no peito não ha em geral pello algum; nas partes pudendas e na barba dos homens, existem raros cabellos; ás vezes se vê um indio com barba preta, bastante cerrada, porém, jamais crespa.

Eis os caracteres exteriores dos brasis; este quadro constantemente se reproduz de uma extremidade á outra desse vasto paiz, de sorte que, difficilimo se torna, não tendo signaes outros mais distinctivos, differençar, á primeira vista, as innumeradas tribus que habitam em sua extensão.

Dá-se no Brasil o mesmo que acontece na Europa, onde, creio não haverá physionomista a'gum que, á pri-

fazendo-os sentir sua inhabilidade como archeiros ou caçadores; busquemos conhecer a direcção de suas vistas acêrca do bom e do mau, e então applaudamo-los ou exprobramo-los; mas, não esperemos que elle core mais de engendrar um filho aos nossos olhos, do que corariamos de plantar uma couve em sua presença.

No nosso indio a acção pungente da vergonha deve ser impetuosa, por isso que a plena liberdade em que vive não põe limites á explosão dos seus affectos, e porque, sua sensibilidade menos exercida deve ostentar, nas occasiões em que for provocada, todo o elastorio de que é susceptivel; por estas razões, talvez passe por uma rapida transição do sentimento de um facto vergonhoso, á acção do despeito, e mesmo do desejo de vingança, e confunda o rubor do pejo ou da vergonha com a purpura da ira; porém, quanto ao mais, creio que, a seu modo e segundo suas idéas, coram, quando o caso e a consciencia os impellem a isso.

Tenho por vezes tratado com indios nascidos e educados no seio da nossa sociedade, e os tenho visto corar de tudo o que faria envergonhar qualquer individuo de raça branca, em analogas circumstancias. (*Nota de Ignacio José Malta*).

meira vista, possa determinar a origem de qualquer individuo, embora sejam conhecidos os caracteres peculiares ás diversas raças, por exemplo: a romana, celtica, germanica ou judaica.

Tenho, expressamente, a notar, que encontro o conjunto das particularidades somaticas sem variações importantes no indio brasileiro de todas as Provincias do Imperio, e que as diferenças dominantes só dependem do gráo geral de civilisação das diferentes tribus e hordas ou do desenvolvimcnto individual da intelligencia.

Por esta circumstancia sou levado a duvidar que se possa, como pensa Aic. d'Orbigny, differenciar no tronco do homem primitivo da America do Sul, tres subdivisões ou como elle chama, raças (5).

Este escriptor, que graças á sua posição, teve tantas occasiões de observar muitos aborigenes do Continente Sulamericano, pretende distinguir uma raça Ando-Peruana, outra Indio-Pampa, e outra a que chama de Brasilio-Guarani.

A primeira raça ou a dos autóctones Ando-Peruanos (que se subdividia em Peruanos, Antisios, a leste dos Andes bolivianos e araucanos) distingue-se das outras pela côr azeitonada, estatura baixa, testa pouco elevada e inclinada, olhos horizontaes, com os cantos externos mui pouco rasgados; a segunda, dos chamados Indio-Pampas (subdividindo-se em Pampas, Chiquitos e Mexós), dis-

(5) *L'homme américain (de l'Amérique meridionale) considéré sous les rapports physiologiques et moraux.* Par d'Orbigny, 1839, pag. 118. (Nota da dr. Martins).

tingue-se pela côr azeitonada, muitas vezes pela elevadíssima estatura, testa arqueada e não reclinada, olhos horizontaes e muy rasgados nos cantos; e, finalmente, a terceira ou Brasilio-Guarani, que tem por caracteres distinctivos: côr amarellada, estatura mediana, testa pouco arqueada, olhos inclinados, de modo que os cantos externos são mais elevados do que os internos. Segundo nossas proprias observações, na multidão de povos que se estende sobre uma superficie de mais de 20 grávs de latitude, não podemos concordar com tal asserção, nem ousamos, tão pouco, fazer semelhantes divisões.

Vimos muitos aborigenes da America em varias localidades, e alguns ora se aproximavam, ora se afastavam dos caracteres apontados por d'Orbigny; por isto é que julgámos não dever desprezar a convicção que temos de que os característicos somaticos de qualquer povo ou de uma borda, dependera, principalmente, das influencias de clima, modo de vida e do gráo de cultura. Por consequente, não ha signaes característicos physicos exclusivos entre os membros de uma população que, segundo a comprovação de muitos outros factos, se acha actualmente bastante misturada e abandonou os caracteres de povos independentes, com prejuizo inimaginavel da sua historia e particularidade nacional. Depois destas observações geraes, que nos pareceram necessarias para marcar o ponto de partida na investigação a que nos propomos, vamos agora traçar o quadro das relações physiologicas mais importantes do autóctone brasileiro.

VIGOROSO DESENVOLVIMENTO DO SYSTEMA MUSCULAR

A presença de um indio já indica que temos diante dos olhos um individuo, cujo systema muscular se achia fortemente desenvolvido.

Uma figura larga, atarracada e carnuda, principalmente no tronco e extremidades superiores; braços curtos, em relação ao corpo, grossos e musculosos; peito largo e arcado; a nuca reforçada é curta; movimentos ligeiros, elasticos e uniformemente continuos que, mesmo a passo curto, vencem inercíveis distancias em pouco tempo; admiravel capacidade para carregar pesos, ou continuar horas a fio o mesmo exercicio muscular, são qualidades que já surpreenderam os primeiros descobridores da America, e que igualmente encontrámos no indio brasileiro, quer habite em espessas matas virgens, ou em campos abertos. Contudo, a diversidade no modo de vida produz notaveis differenças em seu exterior: o habitante das matas é muito mais corpulento, mais largo e mais robusto; o que habita as varzeas, pelo contrario, mostra um corpo mais esbelto e sobretudo membros mais finos; tem os movimentos mais livres e flexiveis, parecendo dar grande apreço ao desenvolvimento da força muscular dos pés.

Por isso, este, mais frequentemente do que aquelle, adorna as pernas com cordas de algodão e penas e pro-

cura, não raro, auxiliar o desenvolvimento das panturrilhas, pondo nos adolescentes, em torno dos tornozelos (6), antes da idade adulta, ligas estreitas que dahi em diante não mais devem ser retiradas.

Nunca vimos brasil algum que tivesse as barrigas das pernas da grossura das dos nossos montanhezes europeus. A maior exercicio dos pés corresponde tambem maior magreza da bacia.

O indio que habita as espessas matas, onde apenas pode caminhar a passos curtos e, raras vezes, o faz rapidamente em linha recta, é quase sempre dotado de um surpreendente desenvolvimento dos musculos do thorax e dos braços. A força que desenvolve na nuca e nos braços, carregando pesos ou cortando gigantescos troncos, surpreende o europeu.

O indio incunbe-se com prazer de levar uma carga de 100 libras durante 10 a 12 horas, tendo a esperanza de uma garrafa de aguardente ou de qualquer dadiua que para elle tenha valor. Trabalhar de machado num tronco de madeira dura e resistente durante 10 horas, e, depois do trabalho, dançar e se regalar com a embriagante bebida — o *cauhy* (7). até alta noite, é um esforço diante do qual, até mesmo o mais robusto negro recua.

(6) Tenho lido em todos os que têm tratado dos brasis, que elles costumam ligar fortemente as pernas logo abaixo do joelho e não logo acima do tornozelo. (*Nota de Ignocio José Malta*).

(7) Os dictionarios da lingua geral dizem: *Caohm* ou *Caoh*. (*Nota de Ignocio José Malta*).

ROBUSTEZ DO REVESTIMENTO CUTANEO

A par da grande força muscular, os brasis nos apresentam tambem, uma força e resistencia admiraveis do revestimento cutaneo.

Esses homens são sujeitos a uma transpiração regular e imperceptivel, mas, não obstante, suam menos do que os negros e os proprios brancos. Entregues a movimentos ou trabalhos fatigantes, a transpiração torna-se visivel e toda a superficie da pelle reluz.

O affluxo do sangue á periphèria não é nelles muito activo; mas, ainda assim, tornam-se vermelhos, segundo as gradações, semelhante a cobre polido; e, quando se vêem os indios dançarem assim, a côr e o brilho da pelle dão-lhes o aspecto de figuras vivas de bronze, que o olhar maravilhado do europeu observa com prazer, especialmente, quando os cabellos revoltos, negros, brilhantes ou os enfeites de pennas multicores, augmentam ainda mais a estranha novidade daquelle espectáculo. Nesta occasião o indio não excreta a incrível quantidade de suor, que nas regiões quentes corre pelo rosto e peito dos demais ho-

mens, causando uma perda de forças, que o branco só com vagar recupera.

Esta menor transpiração ou, em muitos casos, a completa ausencia della, mesmo por occasião de trabalhos violentos, dá aos brasis uma expressão de força apathica. Entretanto, tivemos occasião de observar, que a transpiração é forte e abundante em alguns dellos, mas isto só acontece, quando estão sujeitos a fortes emoções interiores.

Quando os assustam ou intimidam, essa apathia ou impassibilidade desaparece, e então, cae-lhes da testa, em grossas bagas, o suor, e, por tal modo, que parecem victimas de uma immediata colliquação.

Esta particularidade, que o sabemos, não é referida em nenhuma das relações dos viajantes, e nella entreve-mos um caracteristico psychologico muito notavel e commum entre os amerindios, que é o desaparecimento (8)

(8) Consta de um grande numero de escriptores que era bastante que um pagé predissesse a morte de qualquer indio de quem fosse desaffectedo, para que este se retirasse á sua rêde e se deixasse morrer de inanção e de terror; consta mais que estes homens arrancados á vida das florestas, cahiam em tal abatimento, que muitas vezes a morte era a immediata consequencia. A applicação delles a trabalhos, como eram os das miras ou outros assim continuados e entretidos pela oppressão, dava iguaes resultados; porém creio que, ver-se votado á morte por um ministro acreditado dos deuses patrios e mediante a intervenção destes, ver-se arrancado áquella natureza e liberdade, que era consentanea com a vida e costumes dos brasis independentes, ver-se despejado do fastigio da soberania individual ao seio da mais horrenda e abjecta escravidão e reduzido á condição de automato,

da coragem), essa fraqueza que delles se apodera, logo que uma pequenina causa destroe o elasterio do seu espirito.

sempre debaixo do azorrague, e obrigado a alimentar-se ao prazer dos oppressores, não poderá ser tido em conta de pequenas causas que afrouxent o elasterio da alma dos americanos. Estes homens que perdiam o elasterio de suas almas robustas, sempre que se suppunham em lucta com entidades sobrenaturaes, e que por isso gelavam e emudeciam pelo encontro de um animal ou de qualquer outra cousa que reputavam agouro ou funesta, não empalidesciam na lucta com tudo o que julgavam ao alcance da humanidade. Elles, apesar da falsidade de suas mulheres, apesar da desigualdade e novidade das armas dos europeus, que a mais dolorosa experiencia lhes mostrava muito mais destruidoras e terribes do que as suas, apesar da differença da tactica e do uso, já dos cavallos que lhes eram desconhecidos, já dos cães de fila que lhes eram lançados, não trepidavam um momento em combater os barbaros invasores da America. As renhidas batalhas succediãr-se de mais a mais encarniçadas, e, ai dos invasores, se só por si tivessem de afrontar a coragem, o valor e a energia de almas, que esmoreciam dest'arte, perante pequenos embaraços. Por muito tempo, em toda a extensão da America, foram vendidas pollegadas de solo por montes de cadaveres e rios de sangue, apesar dos artificios empregados pelos invasores.

Guatimozin, ainda depois de prisioneiro dos barbaros da Peninsula, fult a linguagem de um heroe; a perda de um throno, a escravidão, a patria, a derrota de seus bravos, a perda da liberdade, nada, nada afrouxou o elasterio de sua alma nobre, nesse momento terrivel e solenne, nem sobre o braseiro em que, cannibalmente, a sêde de ouro dos hespanhoes o torturava. Estes homens são os mesmos que, por morte dos monarchas do Perú, Mechoacão e Mexico, iam rindo á sepultura, para em sequito acompanhar seus principes á eternidade; são os mesmos que prisioneiros de guerra em suas questões americanas e contando

Tambem tem lugar esta profusão de suor, quando, em trabalhos que lhe são estranhos ou tediosos; sendo que, o moroso adiantamento delles, o indio costuma attribuir, ora a uma doença repentina, ora a um encantamento.

com uma morte infallível e horrivel, já tendo de ser immolados sobre os altares pelo sacerdote, já tendo de ser victimas e alvo dos motejos barbaros dos vencedores, em meio de suas festas, espantavam o universo pela coragem e impassibilidade com que afrontavam as mais tremendas provanças. A's portas das sepulturas os indios dançavam e folgavam, com o aspecto e tranquillidade de convivas! Para, finalmente, ver-se que não era tão fugaz ou embaciante a coragem americana, lembramos essa desgraçada mulher Guaiba, de quem fala o barão de Humboldt na sua viagem ás regiões equinociaes, e deixemos a Pauw, o pensar de outro modo. Quanto a esse suor em lagas, quando se está entre Scylla e Carybdes, observei que, não suppondo ter mescla da raça brasil, tenho, mais de uma vez, sido victima delle. (*Nota de Ignacio José Malta*).

POUCA IRRITABILIDADE DO SYSTEMA SANGUINEO

A falta de transpiração do indio, por certo, tambem depende da pouca irritabilidade do coração e dos grossos vasos sanguineos ou, talvez, da menor quantidade de sangue. Sobre esta ultima hypothese nada podemos avançar de positivo, por falta de experiencia propria, mas, apesar de tudo, diremos que alguns medicos, no Brasil, nos asseveram com toda a certeza, que os brasis têm menos sangue do que os negros e os brancos, e que, dadas iguaes perdas de sangue, aquelles mais se resentem disso do que estes. Um dos mais minuciosos observadores da natureza dos autóctones norte-americanos, o dr. Rusch, notou que a menstruação das mulheres aborigenes é quase nulla em comparação com a das mulheres européas.

Azara diz outro tanto das mulheres Charruas e Guaranis, e segundo as informações colhidas, podemos dizer o mesmo das mulheres brasis. O catamenio dura nellas, poucas vezes, mais de tres dias, sendo, além disto, pouco abundante, e reaparecendo regularmente, como na Europa, com as phases da lua, apesar de vir, ás vezes, acompanhado de complicações hystericas.

E' imperceptivel a differença da quantidade de sangue rejeitado, durante o estio e o inverno. Póde-se muito bem presumir que estes fluxos periodicos durem apenas, em poucos casos, até á idade de 50 annos, e que, na maior parte das vezes, cessem dos 42 aos 47.

Se quizessemos avaliar, como em outros casos, a quantidade do sangue contido em suas veias, naturalmente concluiríamos ser menor que a das outras raças, attento o uso de alimentos crús (9), e, ás vezes, pouco nutritivos.

(9) Se a quantidade e o preparo dos alimentos são o que determina a maior ou menor quantidade de sangue que nos gira nas veias, não vão absolutamente mal todos os indigenas, bem que sejam, ás vezes, vexados por fome, e mesmo que, segundo seus costumes, se dêem a asperos jejuns em muitas occasiões.

Os indios não eram, em geral, tão selvagens que se alimentassem de carnes e peixes crús, como parece dever-se entender do que diz o dr. Martius e, quando ninguem disto tivesse tratado bastaria, para saber do contrario, olhar para os vocabularios da lingua geral, e ahí deparar-se-ia com uma multidão de termos que exprimem processos culinarios variados, muitos dos quaes passaram para o portuguez dos crioulos, assim como os mesmos processos para a cozição delle. Simão de Vasconcellos tratando deste assumpto diz (á pag. 87 e 88 das *Noticias Curiosas acerca do Brasil*, edição fluminense de 1824): "No coizer são tambem singulares. E, supposto que todos usem dos mesmos mantimentos (comummente falando), de raizes de plantas, mandioca, aipim, batata, inhame, cará, mangará, legumes, carnes de caça, peixes e fructas do campo, são contudo diversos os modos entre elles, porque uns coment assados e outros cozidos ao modo ordinario; e que é de assar-se, sobre brasas, e o que é de cozer-se, em panelas, a que chamam *Nhaémpepô*, de cujo caldo com farinha de mandioca

Poder-se-ia mesmo dizer que os brasis, apesar de serem habitantes de paizes quentes, têm o sangue frio, e que, por isso, só se lhes deposita sobre a pelle uma pequena exsudação fria.

Deste phenomeno muito se admira o europeu, principalmente quando aperta a mão dos aborigenes. Em taes

fazer papas, a que chamam *Mingáu* ou *Mandipirô*. Outro basta tostar carne ou peixe ao sol e dá-la por cozida e assada; é pasto savoroso. Outros usam de melhor artificio, o que em verdade torna a carne (e ainda o peixe) salerosissimo: fazem na terra uma cova cobrem-lhe o fundo com folhas de arvores, e logo lançam, sobre estas, a carne ou peixe, que querem cozer ou assar; cobrem-na de folhas, e uenos de terra; feito isto, fazem fogo sobre a cova, até que se dão por satisfeitos, e então a comem; e chamam a este modo *Biariby*. Os peixes miudos entrubham em folhas, mettidos debaixo do borralho, em breve tempo ficam cozidos ou assados... Além disto, as fructas savorosas eram comidas cruas; as raizes, em geral, eram cozidas, assadas ou reduzidas a farinha, como a mandioca".

Quanto á fome por que tinham de passar homens, cujas roças e campos de criação de gado estavam nas produções espontaneas do solo e na ponta da flecha, observei que é mister que não fossem muito comezinhos, pois que o dr. Martins gaba a força physica a ligeireza e competencia dos indios, visto que não são taes qualidades compatíveis com a fome quotidia. E, demais, não vivendo os indios em geral e continuamente debaixo do açoite da fome, nem se alimentando de substancias completamente cruas e innutrientes, parece que claudica a hypothese de lhes provir daquellas rejeitadas razões, a pouca abundancia de sangue presunçã e, ainda mais, porque causas momentaneas peculiares a uma ou outra tribu, parece não devem dar resultados geraes e permanentes. (*Nota de Ignacio José Malta*).

cumprimentos sempre sentimos uma impressão comparavel ao toque de um objecto frio e humido, absolutamente ao contrario do que succederia com um africano, cujo sangue se mostra quente, até nas proprias mãos.

Nisto, os brasis podem ser talvez comparados com os Malaios, cujas mãos se conservam tambem frias e humidas. Correspondendo á frialdade das mãos, nota-se que naquelles o pulso é fraco e vagaroso, escapando ao tacto do observador por sua pouca elasticidade.

Nos homens são contei de 55 a 68 pulsações por minuto, e, nas mulheres, que se distinguem mais pela vivacidade do que os homens, de 76 a 80 e, até mais (10).

(10) Durante muito tempo se acreditou que os brasileiros, mesmo os normaes, eram uma raça de anemicos. Nelles era menor o numero de globulos vermelhos e o seu teor de hemoglobina. A excellente these inaugural do Dr. Josias F. de Andrade — *Hematologia Tropical*, defendida na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1892, marcou uma época para os estudos da hematologia brasileira; em 150 individuos normaes encontrou elle: globulos vermelhos 4.000.000; globulos brancos 6.000; hemoglobina 0,70 a 0,75%.

Estudos posteriores, seguindo methodos modernos e com aparelhos aperfeiçoados, demonstraram ser maior o numero de hemátias por mm³. Ezequiel Dias encontrou 5.542.000 — vd. *Hematologia Normal no Rio de Janeiro* e Oswaldo Barbosa 6.746.800, vd. *Estudo Clínico do Sangue Normal*, especialmente na Bahia. O numero global normal de leucocytos por mm³ é equivalente a 8.000, segundo a media das medias brasileiras estabelecidas no Rio por Ezequiel Dias e na Bahia por Oswaldo Barbosa. A media em hemoglobina orça por 74 a 80%. Cf. *Hemodiagnostico nos Tropicos*, Prof. João A. G. Frócs.

Não conhecemos trabalho científico sobre a hematologia normal dos índios brasileiros. Seria curioso, original e, pensamos, ainda estaria em tempo de ser feito, aproveitando-se os remanescentes das tribus não miscigenadas, que habitam a hinterlândia brasileira. Como vimos, a hematologia desfez o preconceito da decantada anemia brasileira e demonstrou não haver apreciáveis diferenças entre a erase sanguínea do europeu e a do brasileiro sadio. (*Nota de Pirajá da Silva*).

INERCIA DAS FUNCÇÕES VITAE

ALIMENTAÇÃO

Tudo quanto até qui temos dito a respeito das particularidades somaticas dos brasis, nos leva a concluir que occorrem nelles deficiencia de sensibilidade e retardamento das funcções vitae.

Uma observação mais minuciosa demonstra isto. Comparativamente, a força assimiladora dos brasis é muito menor. E' facil a digestão das comidas que lhes são usuaes, embora se componham de raizes e fructos verdes, ou de carnes mal preparadas; o mesmo, porém, não acontece com alimentos não habituaes e adubados.

Esta gente come devagar, porque tem de romper as fibras das viandas com os dedos e mastiga tambem lentamente. Come muito de cada vez e dali lhes advem uma laboriosa digestão, que não é perturbada com novos alimentos, por terem pouca abundancia delles.

Geralmente, deixa correr vinte e quatro horas de um a outro repasto. Sua refeição é vagarosa, compassada e uniforme.

Elles só apreciam o sabor das coisas que lhes são conhecidas, e que por assim dizer, já se identificaram com sua natureza e conseguem com este modo de viver, sempre methodico, conservar as forças.

Fóra destas condições de vida, os brasis mostram-se logo incommodados e aborrecidos por tudo que os affecte de modo contrario á sua vida anterior; em breve definham, em consequencia de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o appetite e a agilidade dos membros; caem num abatimento geral, e, quase sempre, acabam victimas de diarrhéas coliquativas.

Os colonisadores e fazendeiros que empregam os indios como criados ou escravos nos trabalhos de suas fazendas, trazidos por expedições bellicasas ou pacificas, os chamados — *descimentos*, podem muito bem, dar testemunho desta grande prostração, desta carencia de energias das funcções nutritivas, principalmente, nos logares onde faltam ao indio os encantos da alma (11), e em que

(11) O amor da terra natal nem sempre emmudece em logares apraziveis: os inglezes tinham levado á Inglaterra um esquimau que, depois de parecer habituada, foi bastante ver um pouco de azeite de peixe, para que a idéa da patria lhe renascesse com toda a frescura. A Copenhague levaram, em 1730, alguns groenlandezes, e ali foram cobertos de beneficios, porém foram inuteis todas as attenções, pois morreram de tristeza. Outros viram com maior indifferença todas as magnificencias da côrte da Dinamarca, e afinal tiveram a mesma sorte. O filho do famoso chefe supremo das nações selvagens colligadas contra os Estados-Unidos, que o Congresso tinha feito educar á sua custa desde a mais tenra idade, e para cujas despesas e fantasias concorria, em

se vê sujeito a um modo de viver, de todo contrario ao que levava anteriormente.

Poucas semanas bastam para reduzir o indio mais robusto a um esqueleto, levando-o fatalmente á morte, se não vóltar pela propria vontade, pelo auxilio dos companheiros ou, raras vezes tambem, pelos cuidados humanitarios do patrão, á sua primitiva liberdade nas matas.

Essa rapida decadencia da nutrição sempre se realiza sob a influencia de profunda melancolia e isto com razão

1796, renunciou a todos os prazeres e luxo de Philadelphia, para voltar ao seio das selvas, em companhia de alguns selvagens, que tinham vindo em deputação a esta cidade, etc. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Permitta-se-nos aqui intercalar uma observação de nostalgia das selvas, feita pelo proprio Martius, referente ao seu guia — o indio Custodio, na qual bem se evidencia a grande força do poder atavico: "O indio Custodio, que havia oito meses nos acompanhava desde o Presidio de João Baptista, em Minas, desaparecera, quando iamos partir. Voltara ás florestas de sua tribo, segundo informações, aliás equivoacas, dos indios do Almada. Provavelmente, a vista do estado primitivo dos *Camacans* lhe despertara os sentimentos de nostalgia, de que o consideravamos tanto menos capaz, quanto não só eram inequívocas as provas de delicadeza que nos havia dado, como era, ao mesmo tempo, grande o desejo de ver o paiz, onde, como costumava dizer, todos os homens eram pallidos e usavam calças. Nesta resolução de nos acompanhar para a Europa havia grande parte de vaidade, porque muito se ufanava da adoração que iria causar. Entretanto, como ficou demonstrado, taes considerações nada conseguiram contra o poder dos velhos habitos e do atavismo do pensamento." (*Nota de Pirajá da Silva. Através da Bahia*, pags. 205, 206 — 3.^a Ed. 1938).

é mencionado, como prova do grande domínio que têm as influencias psychicas sobre o indio.

Julgamos poder attribuir como causa disto, a debili-
dade do seu systema plastico. O que dizemos torna-se
ainda mais evidente, quando comparamos os brasis com
os negros, em identicas circumstancias, isto é, sob a influ-
encia do soffrimento denominado — *Banzo* (12), tão
conhecido dos possuidores de escravos. Essa nostalgia
manifesta-se tambem nos negros, por um profundo abati-

(12) *Banzo* — Nostalgia ou melancolia de que eram acom-
mettidos os escravos africanos. Banzar quer dizer ficar pensativo
e em estado de cogitação sobre qualquer noticia ou acontecimento,
que não é de facil explicação. Diz Moraes que banzar significa
pasmar de peza e magua. Tem sua origem no verbo *cu-banza*
da lingua buda, que significa pensar. "Dice. de Vocab. Brasil.
Baurepaire-Rohan." *Banzeiro* — diz-se do mar que faz peque-
nas ondas e se agita vagarosamente. "*Banzo*, em quimbundo
mbanza é aldeia e dahi pensamos ter vindo banzo, saudade da al-
deia e, por extensão, da terra natal. Propomos esta etimologia
em vista do silencio dos autores. "Uma molestia estranha que é
a saudade da patria, uma especie de loucura nostalgica, suicidio
forçado, o *banzo*, dizina-os pela inanición e fastio, ou os torna
apaticos e idiotas". João Ribeiro — *A influencia africana no
Português do Brasil*. Renato Mendonça — 1935 — pg. 177. A-
creditamos que eram de doença do somno, muitos casos de *banzo*.
A doença do somno é produzida pelos *Trypanosoma gambiense*
Dutton e *Trypanosoma rhodesiense* Sth. et Fanth. transmittidos
pelas *Glossina patpalis* e *Glossina morsitans*. Este terrivel morbo
não se radicou no Brasil, por não existirem aqui moscas do genero
Glossina, nem insectos outros hematophagos que pudessem substi-
tuí-las como hospedeiros definitivos do *Trypanosoma gambiense*.
(Nota de Pirajá da Silva).

mento que na maioria dos casos acaba com a morte. Enquanto o indio quase não exteriorisa o que se passa no seu intimo, e trabalha, se bem que sempre só, embora mandado, parecendo ter-se tornado um automato que não tem outra idéa sinão talvez fugir, no banzo do negro, se reflete uma excitação extraordinaria de todas as sensações, que se acham em relação com seu estado de espirito.

Este desgraçado se entrega então, inteiramente, e com prazer, a suas tristes idéas; a lembrança do passado, que a cada instante se lhe apresenta revestida das mais vivas côres pela exaltação da imaginação, o extasia; abstem-se de todo e qualquer alimento, e parece querer com estas torturas, dar mais realce ao seu lento e horrendo suicídio. Apesar disto, porém, o negro resiste mais do que o indio aos estragos produzidos por esses sentimentos dolorosos; arrasta, por muitos mezes, languida existencia, até que, por fim, uma repentina hydropisia ou tuberculose galopante, o arrebatá á vida torturada, que elle parece sentir mais do que o aborigene da America.

Muitos outros factores concorrem para o enfraquecimento da nutrição e debilitação dos indios, como por exemplo: a lenta cicatrização das feridas e ulceras, especialmente as dos pés, muitas vezes chronicas, de que são portadores, sem manifesta repercussão sobre o estado geral (13).

(13) Que possam soffrimentos individuaes modificar a constituição dos individuos pacientes, concebe-se; mas que as ulceras ou feridas dos pés de alguns individuos possam modificar a orga-

nização de uma raça de homens, é espantoso, e faz-me suspeitar da lealdade desta traducção, que não obstante publicaremos para excitar a que algum medico que saiba o allemão tente-se a fazer outra melhor, caso esta tenha peccado. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Estas palavras do dr. I. J. Malta attestam não ter sido elle o traductor dos primeiros capitulos desta obra, como já dissemos na introdução. A suspeita neste particular não nos parece fundada. Sabemos, hoje, que as larvas do *Necator americanus*, causador do amarelião, *necatoriose*, penetram pela pelle dos membros inferiores, produzindo dermatoses e ulceras chronicas. Os individuos depauperados pelos parasitos alojados nos intestinos se apresentam desanimados, incapazes de trabalhar, anemicos, edemaciados e causam ao menor esforço. É um dos grandes males que assolam os nossos campos. Acreditamos tratar-se de ulceras phagedenicæ tropicaes os casos a que se refere Martius, por não serem manifestas nelles as modificações do estado geral, o contrario do que se observa nos portadores de ulceras chronicas, ligadas ao parasitismo interno pelo *Necator americanus*. (*Nota de Pirajá da Silva*).

TORPOR DO SYSTEMA NERVOSO

Semelhante condição só pôde provir de um systema nervoso inerte e pouco irritavel; por isso, daremos, como segundo caracteristico somatico dos brasis, essa notavel inercia e torpor que lhes são tão peculiares.

A intima ligação de todas as actividades organicas entre si, com a vida psychica superior, constituindo um caracteristico essencial do homem de refinada sensibilidade, não se observa nos brasis, nem mesmo comparativamente aos negros, e, menos ainda, aos homens de raça caucasica. Tanto as forças phisicas como as moraes, se acham nelles separadamente dissociadas, e ficam em completa passividade ao lado uma da outra. Por isso, suas funções são mais lentas, suas sympathias unilateraes e menos fortes, — todos os antagonismos menos acéentuados.

LONGEVIDADE

Estas particularidades que temos notado, ácerca dos brasis, devem necessariamente dar logar a uma grande longevidade, como é geralmente attribuida aos amerindios.

Em geral, é mui difficil obter, de um aborigene livre da America, informação exacta sobre a idade que tem. Apenas alguns escassos factos notaveis, pôdem servir aos brasis para delimitar os periodos de tempo, porém não tem correlação com o numero de annos decorrentes.

A sequencia dos annos é entre elles regulada especialmente pela maturação de certos fructos, como por exemplo, nas margens do Amazonas, a da castanha do Maranhão (*Bertholletia excelsa*); mas são, quase sempre, muito vagas e indeterminadas, as indicações por elles prestadas, de referencia ao numero de vezes em que se realizaram essas alternativas.

Em nossa viagem ao Amazonas, para determinar certas épocas, servimo-nos das mais notaveis expedições portuguezas a esses logares, como por exemplo: a viagem do governador Mendonça Furtado (annos de 1753-1755), a correição (visita) do juiz Ribeiro de Sampaio (1774-

1775), a viagem do Bispo Brandão (1787-1788) e a ultima expedição de demarcação de limites (1781-1791).

Essas épocas ficaram mui profundamente gravadas na memória dos brasis, pelo apparecimento de avultado numero de brancos, o que para elles é facto notavel; tivemos muitas vezes occasião de nos admirar da exactidão com que narram os factos, e até da minuciosidade com que descreveram muitas personalidades.

A primeira destas expedições, que teve logar ha mais de 65 annos, nos foi descripta em: Ega por um aborigene, que na qualidade de piloto a acompanhou rio acima; disse-nos elle que, nesse tempo, já tinha netos.

A' vista disso é provavel que no momento em que nos dava estas informações tivesse pelo menos 105 annos, apesar de tão avançada idade, tinha perfectos os sentidos, cabellos apenas grisalhos; andava mui firme, erecto e conservava ainda muitos dentes. Comtudo é este o unico exemplo por nós encontrado de tão avançada idade. Entre centenas de brasis do sexo masculino que, não poucas vezes, encontrámos reunidos nas margens do rio Japurá, raros apresentavam cabellos completamente grisalhos, e supponho que, poucos delles tinham excedido os 70 annos. Devemos porém, observar que, a repentina decrepitude não é a causa disto, mas a falta de cautela com que, mesmo anciãos, se entregam ás fadigas da caça e da guerra, tendo como consequencia doencas subitas, violentas, e até a morte, por lhes faltar todo o tratamento medico. Ao contrario disto, vimos muitas mulheres de 70 a 90 annos,

Essas velhinhas desceixadas vegetam, por assim dizer, no lôdo e no cinzeiro das choupanas, e ninguem que seja sensível, poder-se-á forrar á pena e ao nojo que ellas inspiram (14).

(14) Era geral a crença na grande longevidade dos brasil-índios. A ella se refere nestes termos, um dos mais antigos e raros documentos: "Dizem tambem que a gente daquelle paiz alcança a uns 140 annos de idade". Die "*Neue Zeytung aus Presilly Landt.*" 1515. Mais tarde escreveu o Pe. Fernão Cardim: "Piratininga é villa da invocação da conversão de S. Paulo; está do mar pelo sertão dentro doze leguas; é terra muito sadia, ha nella grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenarios, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos annos." *Tratadas da Terra e Gente do Brasil*, pg. 355. (*Nota de Pirojô da Silva*).

SENTIDOS

Os sentidos dos brasis são agudos, atilados e de grande alcance, mas não se desenvolvem a par uns dos outros. Seu desenvolvimento está subordinado á satisfação das immediatas necessidades da mesquinha vida das selvas.

Por isso, não se estendem a abstracções, nem ao preterito, nem ao futuro; e, na presença de taes disposições, ocioso fóra buscar nelles providencia e precaução (15).

(15) Pior, e muito pior do que foram, iriam os Brasis se fosse em these veridico o que diz o dr. Martius acerca da sua natural imprevidencia, e mesmo mal iriam os portuguezes, que de muitos delles confiaram até a propria segurança. Não queremos que o desenvolvimento intellectual do indio emparelhe com o de homens em mais altos graus de civilização e instrucção, mas sim que, despindo preconceitos, se lhes conceda o que como homens lhes compete, bem que em maior ou menor escala.

Fabricavam provisões de armas para a guerra e para a caça; provisões de farinha de mandioca para a paz e para a guerra, e esta última passava por mais longos processos do que a primeira, a fim de não se damnificar com o tempo; provisões de peixe secco, de carnes de caça e de farinha dos peixes miudos; cultivavam a

O índio fareja com as narinas dilatadas, se o amigo ou o inimigo passou pela mata; vê, ao longe, a caça que elle persegue, por entre os arbustos; distingue homens e

mandioca, o aipim, o mangará, e inhame, a batata, o cará, o ananaz, etc., etc.

Algumas tribus, em razão de habitarem alagadiços, construíam suas habitações em logares altos ou giraus, e proviam-se do producto da sua pequena lavoura e de caça, para o tempo das cheias. Quasi em geral não comiam os ovos dos passaros para não amesquinhar a producção das especies; preparavam canoas capazes de receber cinquenta e mais archeiros, que ao mesmo tempo eram remeiros para não occupar parte da lotação com homens que não fossem de guerra; empregavam flechas incendiarias para destruir as aldeias inimigas, quando não pudessem ser levadas de subito; faziam estacadas de troncos de arvores e de palmeiras, deixando espaços de que pudessem, de dentro das trincheiras, guerrear o inimigo; faziam flechas de diversas dimensões e formas, tanto para a guerra, como para a caça e pesca; além destas, usavam de outras, armadas de uma cabeça na ponta, em vez de farpa, para a caça dos passaros, cujas pelles não queriam romper; fabricavam as settas da esgaravatana, conforme as caças a que se destinavam; preveniam as ciladas dos inimigos, etc., etc., e nada, nada disto os livra de serem taxados de absolutamente imprevidentes, por isso que não tinham tomado medidas que, em razão de suas poucas necessidades e desenvolvimento intellectual, estavam fóra do seu alcance e cogitações?

As faculdades moraes do homem desenvolvem-se por toda parte em razão de suas necessidades pungentes; e a sciencia é filha das impressões; homens collocados no seio de uma natureza benigna, abundantissima, e como que providente, tem que variar segundo os logares, sem outras relações que as das suas gentes, e girando sempre no mesmo circulo de precisões, como diz o dr. Martius, não podiam naturalmente dar-se a cogitações estranhas

animaes num horizonte vastissimo e, ao perto, é agudissima sua visão para pequenos objectos (16).

Deitado com o ouvido no chão, o aborigene ouve o leve tropel do inimigo disfarçado que o busca surpreender; e, assim, com segurança instinctiva anda nas trevas da noite, através da mata.

Com seus olhos pretos enxerga, na espessa escuridão, objectos que escapariam á vista de qualquer branco.

a esse circulo. Todavia é a esses homens imprevidentes, aos Potigocú, Ararigboia, Tibirecá, etc., que por muitas vezes os portuguezes confiaram o commando de forças militares, e a guarda de suas pessoas. Estudemos a historia dos indios apesar de escripta por homens prevenidos, e que os desprezavam, e veremos jorrar a verdade de momento a momento, dentro essas mesmas narrações apaixonadas, e tanto quanto baste para verificar o dito do immortal Chateaubriand acerca da marcha da civilização americana. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(16) Dobrizhoffer refere que um Abipão, montado num cavallo, vira em um sacerdote que cavalgava ao seu lado uma pulga, apicando-se immediatamente e com toda a ligeireza, apanhara a pulga, e, com gesto e postura joco-seria, exclamara: *Harai Pai, neleguine lôâ pârât*: eis aqui, Padre, a vossa pulga. De Abipone II., pg. 23. (*Nota do dr. von Martius*).

Nos brasilindios são, realmente, os sentidos muito aguçados.

Tatáctâra — cheira fogo, são mancebos escolhidos, alguns de tão bom offacto que, a treia legua de distancia, sentem o fogo ainda mesmo que não lhe vejam o fumo.

Esses bate-dôres, espiões de guerra, vão na frente, encarregados de descobrir o paradeiro do inimigo.

Tambem applicam o ouvido á terra e sobem nas arvores, para espreitar. Cf. Th. Sampaio. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Apesar de tudo isto é meio cego, meio surdo, meio sem tacto, meio sem olfacto.

A sensibilidade superior, não extensiva, porém intensiva que nos leva a folgar e recrear com a natureza, falta-lhes, por isso que jamais tiveram occasião de exercitá-la.

Os sentidos são meros instrumentos de que se acham armado na continua luta vivida com o ambiente, para po-lo em guarda ao grito de alarme.

O que acontece com os animaes, cujos sentidos só actuam instinctivamente, numa unica direcção, se dá com os indios, que os não exercitam de outro modo.

Estando os sentidos unicamente occupados com a satisfação das necessidades da vida, é claro que não lhes podem servir de instrumentos para mais elevadas observações. Falta-lhes aquella sensibilidade requintada, resultante da actividade da observação sensorial, por assim dizer, nessa desconhecida harmonia com o espirito.

Por muitas vezes mostrei aos brasis objetos no microscopio afim de lhes avaliar o alcance visual e intellectual, porém, nunca pude obter a affirmação de terem visto realmente alguma coisa; ao contrario, sempre impacientes e agastados voltavam-me as costas (17).

(17) Mr. Volney diz que mostrando a Michikina kua um mappa-mundi, comprehendendo a parte oriental da Asia e o noroeste da America, elle reconheceu distinctamente os lagos do Canadá, Michigan superior e os rios Ohio, o Wabash, Mississipi,

Ao europeu basta pouco tempo de convivencia com os indios, para aquilatar o refinamento espirital dos seus proprios sentidos, para saber que não dependem somente do desenvolvimento quantitativo, e que estes instrumentos do organismo, somente têm tanto valor quando são capazes de trabalhar para as necessidades superiores do espirito, estando na dependencia de forças superiores e entre si correlacionadas.

O homem vermelho não pode, sequer, pretender possuir a vivacidade dos sentidos do malio e do africano, não obstante a extraordinaria capacidade e agudeza com que os dirige para as cousas mais proximas e necessarias.

etc., e que examinara o resto com uma curiosidade que lhe provou a novidade do objecto para o selvagem. V. *Oeuvres complètes de C. F. Volney*, etc. T. VII, pag. 397. (Nota de I. José Malta).

ESTREITEZA DE VIDA PSYCHICA — FALTA DE AFFECTOS (18)

A insensibilidade dos brasis quadra perfeitamente com a vida monotona do sentimento dessa raça. As paixões fortes e variadas, os sentimentos profundos e multi-formes que determinam a vida e os actos do europeu,

(18) Que haja nullidade de affeições nos indios não é possível conceber á vista dos factos. Elles receberam quasi por toda parte os europeus benignamente, e sómente depois que viram quaes eram as vistas e character destes. é que os repelliram. Nesta re-cepção e rejeição não jogaram affectos? Os objectes mais insignificantes, manufacturados na Europa, os impressionavam tão energeticamente que por elles davam tudo que possuíam, e quando, muitas vezes, os não podiam obter por taes meios, tornavam-se ratoneiros. dr. Martius, mesmo, diz que por uma botelha de aguardente um destes homens passa o dia todo applicado ao mais rude trabalho. Neste facto não se lê a intensidade de affectos destes homens? Tibiroçá recebeu o naufrago João Ramalho, deu-lhe em casamento uma filha; por amor deste recebeu os mais portuguezes que buscaram estabelecer-se em S. Vicente, e finalmente a inconducta destes tendo revoltado contra si, não só as tribus de Piratininga, como as de Niteroi, e se achando á testa

modificando-os de muitas maneiras, são em parte completamente desconhecidos do indio. Elle vive uma vida uniforme, agitada somente por poucas paixões. O odio e o ciurne são as unicas paixões que os exacerbam, porém, nos seus accessos, se assemelham mais ás feras do que aos homens. O aborigene não desconhece a honra, essa poderosa alavanca da mais fina sociedade humana, e muitas vezes age sob a sua influencia; parece-me, porém, que a tendencia para obter distincções e louvores, profunda-

dellas seus mais proximos parentes e amigos, elle põe de parte o numero dos contrarios, esquece as relações de sangue e amizade, e toma a defesa dos estrangeiros, que elle mesmo poderia sem auxilio aniquilar; e não ha aqui affeições? Jaguari, sobrinho de D. Antonio Felippe Camarão, era alliado dos portuguezes quando em 1625 os hollandeses, apoderando-se da Bahía da Traição, lhe aprisionaram a mulher e o filho. Este bravo, vendo-se privado de objectos que lhe eram tão caros, e não tendo outros meios de os resgatar, fez-se passado para os hollandeses, afim de lhes dar liberdade, e traze-los ao campo dos portuguezes consigo, e, tendo conhecido tudo isto, ao entrar no campo destes foi posto a ferros, e por oito annos retido no Forte do Bom Jesus, apesar das instancias e serviços seus e de seu tio. Ao cabo desse tempo, tomando os hollandeses essa fortaleza, ali o acharam e lhe deram a liberdade.

Os portuguezes nesse momento eram por toda parte victimas dos hollandeses; mais apesar da ingratitude e barbaridade dos portuguezes, e do estado de desgraça em que estes se achavam, Jaguari, libertado pelos hollandeses, correu ao seio de sua tribo, chamou-a ás armas e marchou em defesa dos portuguezes! E pôde-se dizer que a affeição é nulla nos brasis? Muito longe iriamos se quizessemos amontoar factos, porém basta. (*Nota de Ignacio José Malta*).

mente arraigada na nossa natureza, nelle se manifesta exclusivamente de modo negativo (19).

O estoicismo com que soffrem os maiores tormentos corporaes e o rude desprezo da morte são os seus pontos de honra (20).

(19) A lingua geral não tem o verbo — louvar — porém exprime esta idéa por meio de diversos adverbios, e assim, não se dirá que por isto são indifferentes, ao menos as tribus numerosas que a falavam, ao louvar, assim como se disse que visto não ter esta, l. f. r. não tinham estes homens nem lei, nem fé, nem rei. Homens de costumes simples, estranhos á lisonja, dados em geral á arte da guerra, fazendo consistir quasi todas as virtudes na bravura, na coragem, na força, na destreza, etc.; homens que galardoavam a velhice, que entregavam o commando unicamente ao mais bravo, e que o despiam d'elle logo que faltava a esta hypothese, não podiam ser estranhos á apreciação do merito, que em taes casos é o mais subido louvor. Os *Tupinambás* praticavam incisões no peito, coxas, braços para memorar o numero dos inimigos mortos em batalha; os *Corôados*, com o mesmo fim, cortavam as cabeças dos inimigos e as espetavam em postes á entrada das cabanas; os *Mindurucis* as traziam á cintura; quasi todas as tribus faziam collares de dentes, não só de feras que matavam, como de inimigos que victimavam, e taes eram seus brasões; e por certo que taes homens talvez sorrissem mesmo á lisonja, quanto mais a merecidos louvores. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Provavelmente, dr. J. José Malta não conhecia o vocabulo tupi — *mambéu catú* = louvar, de *mambéu* = dizer + *catú* = bem. Vid. Dicc. Brasileiro Portuguez. (*Nota de Pirajó da Silva*).

(20) Entendemos que não é a unica prova que dão de amor proprio, porém a mais subida, ao mesmo tempo que ordinaria entre elles, por principios de educação, bem que sómente notada entre os povos civilizados em momentos criticos de exaltação. Mr.

Assim devemos considerar principalmente, os numerosos rasgos de amor materno, que nelles se observam, provavelmente não raro, como manifestação de affectos immediatos e instinctivos (21).

Não ousou negar lhes amor e fé conjugal, taes como são comprehendidos nas mais civilizadas sociedades; porém, os brasileiros que moram perto dos indios não acreditam nisso, e tampouco no sentimento de justiça refinado e poderoso, que o indio muitas vezes manifesta a respeito dos seus companheiros de tribo, porém raramente para com homens de outra raça (22).

Volney, á pag. 448 das "*Oeuvres complètes de C. F. Volney*, diz: "La vérité est que ce phénomène physiologique tient à un état particulier de l'âme, violemment exaltée par des passions; état dont nous voyons des exemples nombreux dans les martyrs religieux et politiques de toutes les nations et de tous les pays, etc. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(21) Guatintozin, dizendo para seu companheiro de martyrio — "E eu estou num leito de rosas?" procedia instinctivamente? Jaguari, mostrando-se mais affecto aos portuguezes, que o conservaram preso no Forte do Bom Jesus por oito annos, do que aos hollandeses que acabavam de dar-lhe a liberdade, procedia instinctivamente? Tibireçá, defendendo os portuguezes contra sua patria e religião, procedia instinctivamente? (*Nota de Ignacio José Malta*).

(22) As indias casadas com europeus deviam ser mais amorosas e leaes para com estes do que para com os proprios compatriotas, e mais de uma razão se dá para isto: 1.^a, os compatriotas as tratavam com maior oppressão do que os estrangeiros; 2.^a, estes eram para ellas uma novidade, ao tempo que aquellas lhes eram familiares; 3.^a, em poder dos europeus eram tratadas mais

O pejo é innegavel nos brasis, mas parece que tem mais em vista certas necessidades organicas do que as relações sexuaes, pois lhes repugna que sejam vistos por terceiros os proprios dejectos (23).

Se observarmos todas estas paixões e affectos na vida dos brasis, vemos que ellas são poucas, uniformes e quase continuamente hereditarias de tribu a tribu. Ao mesmo tempo formam um circulo vicioso, dentro das occupações rudes e invariaveis do caçador nómade e guerreiro, dentro do qual, em continuo movimento, o indio não tem ensejo de desenvolver sua natureza com mais variedade e liberdade.

senhorilmente, e tinham á sua disposição as manufacturas europeas, que tanto apreciavam; 4.^a, os europeus, em razão dos costumes repressivos da sociedade, se lhes deviam mostrar mais eroticos do que os seus compatriotas. Além disto, *Paraguayá, Moêma, a mulher de Rivalho, Murina ou Amazilli, a filha de Colaciki, Capilana*, etc., mostram que os europeus acharam acolhimento nas americanas; e é de presumir, á vista de tudo isto, que a lealdade marchasse a par do apreço que delles faziam. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(23) Os indios apenas acabam de descomer cobrem com fôlhas ou com terra os excrementos. (*Nota de Dr. von Martius*).

O dr. Martius presume que elles se pejam de que sejam vistos seus excrementos, e por isso os cobrem; quando, porém, notamos que essa e todas as mais funcções animaes são por elles exercidas em publico, não podemos acompanhá-lo; pelo contrario, acreditamos que não ha ressa acção mais do que imitação do que praticam muitos animaes: o gato, muitas vezes, antes disso faz covas para esse fim, que ao depois cobre com terra. (*Nota de Ignacio José Malta*).

LINGUA

A lingua que é a expressão mais espirital da alma transmittida pelo corpo, merece que se lhe diga uma palavra.

Não insistirei em attribuir aos differentes idiomas brasis, que ouvi falar, os caracteres de polysynthetics ou polysyntacticos, como o faz Duponceau, tratando das differentes linguas norte-americanas.

Numerosas idéas são reunidas, pela ligação de vocabulos simples, na mais curta expressão possível, juntando-os não somente no seu todo, mas, muitas vezes por assim dizer, entrelaçando-os em seus radicaes. A isto devemos acrescentar que os predicados do sujeito não somente são expressos em suas categorias adjectivas, mais ainda segundo sua conjuncção, relação, condição, numero, local, tempo, etc.; e tudo isto simultaneamente, porque o verbo, em particular, está sujeito a certas e determinadas flexões, augmentos, alterações na vogal e agudeza na accentuação.

Assim surgem de algumas syllabas incompletas, longas palavras, que equivalem a phrases inteiras, tanto nas

línguas chamadas por alguns philólogos de — analyticas como a germanica ou de synteticas: taes como a grega e a latina. A principal característica somatica destas línguas, parece consistir no variado modo de utilização dos órgãos vocaes, manifestando-se nas numerosas sylabas, não somente pela mais rica variabilidade das vogaes e pela transformação facil de uma em outra, como tambem nas multiplas categorias de consoantes, pelo uso de varios recursos organicos: sibilando, dando estalidos com a lingua, nasalando, gemendo, soprando e assoviando, o que dá, ao ouvido europeu, pelo prolongamento do som, a impressão de uma cantilena muito estranha.

Diria mesmo que estas línguas, comparadas com as europeas, comportam-se como a escala enharmonica em relação com a chromatica ou diatonica, pela qual musicamos.

Existem aqui muito mais recursos organicos de pronuncia do que os por nós usados; mas, os sons simples, por causa da sua accumulção particular e da sua grande variação, não attingem á precisão concreta e ao valor a que estamos acostumados em nossas línguas, organisadas segundo mais amplas normas.

Por esta razão nos parece que aquelles idiomas carecem totalmente de harmonia e por isso tambem é difficil reproduzi-los.

No que tange á syntaxe propria do idioma brasilio, o europeu sente um desajeitamento pueril, mas, na propria bocca do aborigene, a grande riqueza de elementos linguisticos curtos, quase fragmentados e rapidamente

entrelaçados entre si, encerra, pela agudeza na accentuação, pela alternativa de força e suavidade da voz, pela intensidade e pela rhythmica, que ora se eleva ora baixa, uma liberdade e força que o philologo não pode deixar de admirar.

A facilidade com que numa lingua assim construida, podem surgir transposições, alterações e entrelaçamentos dos sons e das syllabas, é provavelmente a causa principal da instabilidade e volubidade de certas palavras e da exaggerada quantidade de dialectos em que se dividiram as linguas americanas.

TEMPERAMENTO LYMPHATICO — FLEIMA (24)

Por todas as qualidades innatas e habituaes dos brasis, tanto psychologicas como phisicas até aqui enumeradas, devemos necessariamente concluir serem estes homens de temperamento lymphatico.

Tendo pouco sangue nas veias, pouco calorico e *turgor* no corpo, limitado em todas as suas actividades intellectuaes, que tanto influem para a vivacidade, vivem

(24) Fleima — um dos quatro humores principaes do corpo humano, segundo as doutrinas medicas antigas. E' o que hoje chamamos *linfa*. O vocabulo *flêima* é o mais geral e correcto, nos classicos portuguezes. As formas *fleuma* e *flegma* são menos frequentes e autorizadas. "De cinco especies de fleima fez menção Galeno; — doce, insipida, salgada, azeda e vitrea", *Luz Verdadeira*, Antonio Ferreira.

"Pelos humores não se entende só os quatro humores do corpo, como é o sargue, *flêima*, colera e melancholia, mas todas as inunidades, como..." *Luz da Medicina* — Merato Roma, pag. 30.

Vizira e Manoel Bernardes autorizam o etymo *flêima*. Vd. *Dicc. de Terminologia Medica Portuguesa*, Placido Barbosa. (Nota de Pirajá da Silva).

constantemente mergulhados na monotonia; nutrido-se de alimentos grosseiros, pesados, mal cozidos e não adubados, além de terem fraco systema nervoso, devem os brasis superabundar em humores crús (25). Esses homens são de natureza pesada e fria e, por assim dizer, quasi amphibios humanos. A pouca excitabilidade da sua fibra que é animada só por poucas paixões, o languido movimento do seu sangue frio, a vagarosa assimilação de pouca substancia proveniente da abundancia de alimentos grosseiros e ainda mais o silencio e abatimento da alma, são os elementos determinantes de uma constituição lymphatica.

A isto corresponde o predominio da fleuma e da melancholia no temperamento do indio.

(25) Esta descripção demonstra ainda a influencia do galenismo no campo da medicina daquella época. A doutrina de Galeno, o celebre medico de Pergamo, adoptada pelos arabes, dominou durante a Idade Media. Por essa theoria, o estado de saúde se devia á justa cocção, e á crase ou mistura bem proporcionada dos quatro humores: sangue, pituita, bile e atrabile. A doença era consequencia da imperfeita cocção ou falta de equilibrio desses mesmos humores. (*Nota de Pirajá da Silva*).

DOENÇAS

Do que fica ponderado, facilmente se deprehende, quaes devam ser as doenças dessa raça humana. Baseau-se principalmente na assimilação e alimentação: doenças do systema lymphatico. Por isso que são de constituição pouco excitavel, as doenças desenvolvem-se nelles mui lentamente; affectam mui pouco sympathicamente os orgãos que não são séde da doença; raro tomam caracter agudo; não mostram grande exactidão de periodicidade, e findam a maior parte das vezes, sem que tenham attingido o systema nervoso, salvo poucos momentos antes da morte. Um medico portuguez que por espaço de trinta annos viveu entre os indios, asseverou-nos: "a morte é nelles mui lenta, e apodera-se do moribundo, por assia dizer, por partes".

Só raras vezes e tardiamente se dá a perda dos sentidos em consequencia do deposito de serosidade no cerebro, ou da paralisia.

O doente na maioria dos casos, morre gradativamente; e se a euthanasia consiste numa tranquilla expectação da morte, ninguem disto nos dará mais estu-

pendo exemplo do que elles, pois esperam-na em tão apathico socego, que só pôde ser comparado á fria indifferença dos circunstantes.

Em parte alguma se encara a morte com mais tranquillidade, nem em qualquer outra se exprime menos dôr e temor, do que no leito de morte de indio. Só depois de desprendido o ultimo suspiro, quando o cadaver pallido e lizo se apresenta inanimado aos circunstantes, rebenta no seio de todos uma lamentação brutal, como para assignalar esse momento solene, no qual os sobreviventes, em sua inexperiencia infantil, pareciam não ter pensado.

As doenças mortaes dos brasis são, pela maior parte, chronicas e se manifestam na esphera da assimilação: engorgitamentos, inflamações e supurações das glandulas mesaraicas, do epiplon, do figado, do baço, hydropsias e febres consumptivas.

Antes da chegada dos europeus ao Novo Mundo eram estas as doenças de que mais morriam os indios.

Depois ajuntaram-se-lhes a variola, como nos asseveraram os proprios indios, e tambem o sarampo.

Estes exarthemias agudos produzem actualmente horriveis estragos entre os aberigenes; porém, nos parece mais apropriado tratar delles na segunda parte desta rezenha, por isso que foram importados da Europa.

As doenças chronicas dos orgãos digestivos, acima referidas, encontram disposição favoravel na compleição organica propria dos indios; ao mesmo tempo não lhes faltam causas occasionaes. Assim, mencionamos, particularmente, a influencia dos alimentos.

ALIMENTO

Este se compõe de caça, pescado e vegetaes, ora crús ora grosseiramente preparados. Destes, os principaes são o inhame (*Dioscorea*), o cará (*Caladium*), a batata (*Convolvulus*), a raiz mansa do aipi (*Manihot aypi*) e a raiz brava da mandioca (*Manihot utilisssimæ*) cujas qualidades venenosas se eliminam por meio do fogo.

Dentre os vegetaes mais delicados apontaremos o milho, unico cereal que conhecem. Algumas ervas, especies de amarantos, como o caruru e a portulaca, tambem entram no rol dos alimentos, ora simples, ora misturados com outros ingredientes, principalmente com os fructos de sapucaia pulverisados (*Lecythis, Bertholletia*).

Comem cruas as bananas, assim como as demais fructas do paiz ou então cozidas na agua e reduzidas a papa. Todos estes vegetaes são consumidos sem o menor tempero. As carnes são ou assadas em espetos ou cozidas na agua e quasi não são temperadas (26).

(26) Não conheciam o espeto, nem usavam de cousa que se lhe assemelhasse, antes do commercio dos europeus; mas depois da conquista do Brasil, não só usaram dele aquelles que se

Muitos índios desconhecem por completo o sal de cozinha.

Só as tribus já algum tanto civilizadas do Jaurú, em Matto Grosso, onde o sal sae em efflorescencias, da terra, usam delle ha muito tempo (27).

communicavam com os portuguezes, como, na falta de tão simples instrumento, o substituíam por equivalentes de pau. Até então uma especie de grelha quadrangular, feita de varas, e suspensa do chão por forquilhas, era o machinismo de que usavam para assar, moquear, seccar as carnes, os peixes, etc.; e, a este instrumento chamavam, segundo Lery, Ferdinand Denis, etc., *bucan*; creio porém que este nome não pertence á lingua geral, já porque era, por este mesmo nome, designado um instrumento semelhante na Ilha de S. Domingos, e ali deu lugar a chamarem bucaneiros aos europeus que delle usavam, já porque o não deparo nos vocabularios da lingua geral, mas antes acho giráu ou juráu, designar-lo toda especie de artefacto semelhante ao *bucan* dos selvagens do Haity; além disto vejo que á grelha dos portuguezes, os índios chamaram *itajuráu*, isto é, giráu ou juráu de ferro, o que mais roborá o que fica dito. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Maquem — *mocacn* — *mbacacn*, quer dizer seccar ao fogo, assar. Diz R. Garcia que o vocabulo provem de *mbocai* — o que faz assar. É um gradeado de varas que serve de grelha. A lingua franceza assimilou o etimo tupi e formou os neologismos *boucan*, *boucaner*, *boucanier* etc., Cf. Johann von Lery. *Reisen in Brasilien*, ed. 1794, pag. 171, e Hans Staden — *Viagem ao Brasil*, ed. da Acad. Brasileira, pg. 144. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(27) Os Tapuyas, da Serra de Yhyapaha, obtinham sal para seus usos, lixiviando terras de alguns logares da mesma serra, e alguns de *Niteroy* o fabricavam evaporando em panelhas de barro a agua do mar até completa seccura. (*Nota de Ignacio José Malta*).

As margens do Amazonas algumas tribus recebem dos Maynas, seus vizinhos, sal em pedra, vindo do Perú. A maior parte, porém, das tribus que ainda estão segregadas do commercio dos brasileiros, servem-se, em lugar de sal, de uma especie de potassa inapura, que extraem das cinzas de cascas de diversas arvores (principalmente, especies de *Lecythis*, *Eschweilera*, *Couratari*, *Licania*). O continuado uso destes saes enfraquece muito a digestão. A unica especiaria vegetal que os brasis conhecem são as pimentas espanholas. Ha diversas especies dellas, e as mais usadas são: *Capsicum frutescens* (Quiya cumari) (28) *Capsicum cerasiforme* (Quiya-apuá), e a *Capsicum pendulum* (Pimenta Malagueta); plantam-nas perto das habitações, e com ellas, verdes e maduras, temperam as comidas de carne.

O çumo venenoso (*tucupí*) (29), expremido da raiz da mandioca, perde, quando cozido até a consistencia de

(28) No *Diccionario Portuguez e Brasileiro*, acha-se *Kyynha*, pimenta em geral, e no manuscripto da Bibliotheca Imperial, *Quiyynha*; além disto a *Grammatica do Padre Figueira* e outras obras de nacionaes trazem todas a mesma lição. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(29) E' sem duvida venenosissimo o çumo da mandioca brava ou amarga, porém, as experiencias de dr. Fermin, que muito tempo residiu em *Surinam*, provam ser de natureza volatil a parte deleteria desta planta; além disto, o uso continuado e immesurado da farinha de mandioca, sem que delle venham damnos apreciaveis, prova em favor do que disse o dr. Fermin. O *tucupí* era usado pelos nossos indios, bem como pelos aborigenes das Antilhas, Nova Hespanha, Denerara, etc., sem que o

um extracto fluido, suas propriedades nocivas. Neste çumo o indio dissolve grande quantidade de pimentas secas hespanholas, especialmente do *Capsicum cerasiforme*, preparando com isto um molho do qual se servem exa-

accusassem de nocivo. O Barão de Humboldt submetteu-se à sua acção, bem como muitos outros viajantes, e, em vez de queixumes, proclamaram o quanto este adubo torna saborosas as carnes. Geralmente preparam o tucupy, fervendo o çumo da mandioca, depois de separado o polvilho ou tyyvoca, e espumando-o até que tome a consistência de mel, e, depois de estar neste ponto, temperam-no com pimenta e sal, e guardam-no em cabaças, etc., para uso.

E' possível que, mal preparado, o tucupy possa ser nocivo, e mesmo venenoso; mas, fóra deste caso, o reputo correndo parellhas, em salubridade, com a farinha de mandioca, com o polvilho bem lavado e secco ao sol, a tyyvoca, a farinha crua ou feita da mandioca cortada em aparas e secca ao sol, e a carinain, bem que o dr. Mure estigmatizasse a farinha de mandioca e permittisse o uso da tyyvoca, não obstante se não dar razão alguma em favor desta, que não milite em favor daquella. (*Nota de Ignacio José Malto*).

Tucupí — corr. *tycú-pí*, a decoada picante, molho feito com o çumo da mandioca — Amazonas. Vd. *O Tupi*. *Tucúpy* — molho cu çumo de mandioca. Hoje *tucupim*. Vd. *Dicc. Brasileiro*. Rev. Museu Paulista. T. XVIII. *Tocapi*. Vd. *O Caderno da Lingua* — de Fr. Arronches, Plínio Ayrosa.

Tucupí, especie de molho feito de manipucira, ou succo de raiz de mandioca, o qual depois de exposto ao calor do sol ou ao fogo, além de perder, pela evaporação, suas qualidades venenosas, e sendo convenientemente temperado com pimenta e outros condimentos, se torna inoffensivo, e é muito usado em todas as

geradamente, em todas as comidas de carne. O *tucupy* é muito quente e produz nas pessoas que não estão acostumadas a usa-lo, todos os *symptom*as de forte envenenamento (30). Não ha duvida de que o abuso do *tucupy*

mesas. A este molho engrossado com farinha, cará ou outro tuberculo dão o nome de *caissuna*. (J. Verissimo).

O *tucupi* perde as qualidades venenosas, porque o acido cyanhydrico existente na manipueira se evolvi pela cocção ou pela exposição ao sol.

Tacaé é um mingán feito de tapioca e temperado com *tucuni*. Seixas o menciona como vocabulo da lingua *tu*pi, significando *gomma*. *Dicc. de Vocabulos Brasileiros*. Visconde Beaurepaire Rohan, pgs. 134 e 142.

O *tacaé* sobre o qual deitam *tucupi* temperado com sal, alhos e pimenta, é iguaria bastante apreciada no Pará e Amazonas. Diz José Verissimo que *tucupi* vem de *tycu*, destillar, escorrer, na forma principal *tycupyr* = *tycupy*, destillado, escorrido, com significação especial de çumo de mandioca. *Scenos de Vida Amazonica*. (Nota de Pirajá do Silva).

(30) Nada affirmarei baseado em facto isolado, principalmente quando milhares de factos contrarios se offerecem, mas, referirei um facto que me pareceu notavel, e não tirarei consequencia. Um casal de pessoas, filhas da Colonia do Sacramento, e que nesta provincia residiram muito tempo em Niteroi, bem que nada tivessem de indio, porém, talvez, por uma mystificação de gostos e de sentimentos proveniente do commercio dos indios com os colonos e crioulos, ainda residindo aqui no Rio de Janeiro, preparava, sempre que tinha occasião, porção de *tucupy* para seu uso; e, este era feito de laizo, das immediatas vistas e direcção do chefe da familia. Este casal compunha-se de um homem de estatura ordinaria, temperamento sanguineo, refeito, gosando de florescente saude, e de uma senhora, tambem de estatura ordina-

origina grandes desordens, mesmo nos brasis, grande atonia e plethora abdominaes, para o que, além disto, ha grandes predisposições naturaes. Por outro lado, o uso de carnes cruas e sem adubos torna-se tambem prejudicial, principalmente, o que não é raro, quando já estão com cheiro ou começando a se alterar.

Bem que o olfacto dos indios seja mui delicado, e estejamos certo de que, enquanto houver carne verde, não tomarão esses alimentos alterados, é preciso attender que a fome, a que muitas vezes se veem sujeitos, os arrasta ao uso de carnes já em começo de putrefação. Em circumstancias taes, lançam mão de tudo, até mesmo do que reputamos insalubre, v. g.: de sapos e vermes.

As formigas seccas e misturadas com farinha não parecem conter substancias nocivas, antes talvez sejam saudaveis, em consequencia do acido formico que contém. Não diremos o mesmo por exemplo, das larvas do besouro da palmeira (*Calandra palmarum*) ou de outros; procuram-nas com avidéz não só para refogar, como para chupa-las, após ter com os dentes tirado as cabeças. As provisões de carne que os indios costumam armazenar são, ou grosseiramente aseadas em uma especie de girau

ria, temperamento sanguineo-lymphatico-bilioso, refeita, e tambem sadia; com o andar dos annos, porém, uma tão demasiada nutrição foram apresentando ambos, que em 1835 pesavam o marido 11 arrobas e 12 libras, e a mulher 9 arrobas e 8 libras. O ventre dos dois era sumamente desenvolvido, e mal se podiam mover de um lugar. (*Nota de Ignacio José Malta*).

feito para esse fim, o chamado *moquem* (31), ou simplesmente secca ao sol, ao modo dos urubús, quando a seus raios se aquecem — *urubú moquem* (32), ou guardadas em folhas de palmeira ou da pacova sororoca (grande Musacea), na cuniceira da cabana, invadida pela fumaça. A mais estimada e procurada caça para esse fim é o macaco, cuja carne é mui semelhante ro gosto á dos nossos coelhos; no entanto o methodo de preparar a torna muito secca e resistente. A caça estripada e esfolada não é salgada. Das aves, as que mais gostam são as cegonhas (33), patos, mergulhões, garças,

(31) A palavra *moquem* parece ser corrupção do verbo activo da lingua geral — *ai-mo-caê*: eu curo ao fogo ou asso mal; o qual infinitivo faz *mo-caê*, curar ao fogo ou assar mal; e ainda dahi vem o verbo *moquear*, que é o mesmo infinitivo apertuguezado. (Nota de Ignacio José Malta).

(32) Este nome não parece da lingua geral na significação em que é empregado, pois seccar diz-se nesta lingua *molimig*; mas, não obstante, compõe-se de dois vocabulos della, que são, *Urubú*, nome que os indios dão ao *Vultur aura* de Linnæu, e de *moquem*, corrupção do verbo *ai-mo-caen*. Se os tomar em suas accepções naturaes, como formando nomes compostos ou, antes, phrase, terci *Urubú-mo-caê*; isto é, curar ao fogo, moquear, assar mal, a ave chamada *Urubú*. Nos escriptos do Padre João Daniel e de outros acho *Urubu-moqueni*, com a mesma significação que lhe viu dar o dr. Martius, mas isto não sana o vicio que supponho existir. (Nota de Ignacio José Malta).

(33) Martius refere-se ás nossas cegonhas, da subordem *Ciconiæ*: o jaburú moleque — *Mycteria americana* L., o magoary, cegonha — *Eurymura gaicata* (Molina), o tuyúyú — *Jabirú mycteria* (Lichtenstein). A cegonha commum, ave de arribação

maçaricos, etc. Os peixes meúdos, sem outro preparo, depois de seccos ao sol, são arrumados em cestos, guardados na fumaça da cabana. Os grandes, e principalmente o pirarucú (*Sudic gigas*), estripados e postejados, são depois guardados. Por occasião de taes preparativos, reina quasi sempre entre elles grande tumulto.

A caçada dos macacos é feita na estação secca, e isto, para terem provisão na epoca das chuvas; muitas vezes, durante mezes, são guardados nas cabanas. Passado algum tempo, esta carne torna-se tão dura e resistente que só o estomago dos indios é capaz de digeri-la.

O mesmo acontece com a das aves. Na maioria, são aves de arribação que os indios espreitam, quando passam pelos logares onde elles moram.

As vezes é tal a abundancia, a caça tão farta, que não cuidam da preparação do que excede. Nessas occasiões os brasis fazem grande provisão de gordura indigesta e nociva á nutrição, principalmente nos climas quentes.

Do mesmo modo e com igual grosseria, preparam o pescado que nunca salgam, mas sómente seccam ao sol; deve naturalmente soffrer alguma deterioração e só pode ser agradável ao paladar dos brasis.

Em consequencia de tão indigestos e gordurosos alimentos, vemos, muitas vezes, reinar durante a estação das

europæa, a *Ciconia alba*, esta não existe na avifauna brasileira. (Nota de Pirajó da Silva).

chuvas, graves diarrhéas ou fluxos chylosos (34). Accresce ainda mais o uso de fructas verdes; assim, povoações inteiras são, ás vezes, acomettidas por disenterias que, sem tratamento e, principalmente devido ao mau habito de entrarem os índios na agua corrente, por causa de affecções dolorosas ou quando febricitantes, assumem caracter maligno, causando grande mortalidade.

(34) *Fluxus coeliacus* — diarrhéa que, ás vezes, apparece sem causa apreciavel e se attribue a disturbios das funcções do estomago, dos intestinos e do figado. As lézes são brancas, semelhantes ao chylo, fazendo isto suppor que, não sendo elle absorvido, se elimina pelas evacuações. O *fluxus coeliacus* é uma diarrhéa chylosa. (*Notas de Pirajá da Silva*).

BEBIDAS

A agua actua desfavoravelmente, augmentando a predisposição para as doenças do aparelho gastro-intestinal.

Os brasis raras vezes se estabelecem perto de uma fonte; preferem um regato e, ainda mais, gostam de se fixar ás margens dos rios. As razões que os induzem a preferir as margens dos grandes rios e lagos são: a facilidade de pescar, de comunicação, e de atacar ou fugir de inimigos. Assim, acontece, especialmente, nas grandes regiões do Amazonas, Tocantins, Madeira e Paraguay.

Nas regiões onde não ha rios notaveis como estes, preferem construir suas moradas em terrenos mais afastados.

Dahi se segue que a maior parte delles bebe agua fluvial, tanto na estação secca em que a agua é pouca e limpa, como nas enchentes. Nasocas quasi nunca se encontra vasilha destinada ao repouso da agua, afim de purifica-la das substancias terrosas que possa conter.

Ordinariamente, a bebem tirada immediatamente do rio, e lhes é offerecida em cuia (*Crescentia cujete*), pela mulher ou por algum dos filhos. A agua assim tomada

é quasi sempre quente, turva e muito suja. O indio remador, no Amazonas, não se levanta do lugar para buscar a agua fresca e pura da vasilha de barro da qual se serve o patrão; tira-a directamente do mesmo rio e a bebe assim, sem nojo, não se lembrando que esses rios são o esgoto de quasi toda a America Meridional.

Em consequencia disso vemos multidão de pessoas acommettidas de ascaridos, quasi sempre toda a tripulação e, ás vezes, aldeias inteiras, situadas á margem de rios. Com a entrada da estação quente das chuvas, esses parasitos augmentam prodigiosamente e em todas as aldeias se desenvolve a febre verminosa que, pela negligencia ou tratamento bastante grosseiro, rapidamente mata crianças e meninas no inicio da puberdade. Eu mesmo soffri de uma discrasia verminosa, durante muitos mezes; vi entre os nossos companheiros todas as doenças se transformarem em nojentas complicações verminosas. É muito coomum ficarem os doentes inquietos durante toda a noite, devido a estertores e roncos; os vermes vão ter ao estomago e provocam violentos vomitos, até serem expellidos.

O uso dessa agua impura dos rios traz ainda consigo outros males. As aguas do Tocantins correm sobre um espesso leito de gesso; acarretam grande quantidade de particulas calcareas, e predispõem extraordinariamente á formação de calculos, de modo que, talvez não exista outra região no mundo, onde mais se encontrem doentes de lithiase.

Esta qualidade malefica das aguas do Tocantins é tambem attribuida ás do Guamá e Mojú, confluentes do rio Pará.

Em resumo, a calculoze e outras doenças renaes que frequentemente se observam no Brasil, devem, sem duvida, ser attribuidas ao uso das aguas fluviaes polluidas (35). Em algumas regiões centraes e do nordeste brasileiro, como nas provincias de Goyaz, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, é muito frequente a predisposição á calculoze de natureza calcarea, e ahí tambem ha falta de agua corrente, pelo desapparecimento dos riachos, durante as seccas longas e continuas.

Quando isto acontece, os indios, para mitigar a sêde, cavam fôssos nos leitos dos mesmos rios e assim obtêm agua muito mais salubre do que a que usam os brasileiros, que geralmente a tiram de cisternas, das quaes lhes vêm diversas afecções morbidas, principalmente verminoses e diarrhéas (36).

Em paiz algum se dá maior apreço á agua fresca, limpa, e saborosa do que nessas piragens aridas, onde es-

(35) Martius se refere á febre typhoide, ás dysenterias bacilares, verminoses, etc. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(36) As aguas impuras transmitem as febres typhoides, paratyphoides, dysenterias bacilares, dysenteria amebica, algumas verminoses, etc. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(37) O uso das aguas impuras pode produzir febres typhoides, dysenterias bacilares, amebicas, etc., porém jamais o paludismo, que só se transmite pela picada de alguns pernilongos ou moriçocas, pertencentes á sub-familia dos Anophelinos, que, por

te elemento simples é o mais apreciado recurso para mitigar os ardores da sede. Por isso vemos os colonos empregarem tanto cuidado na escolha da agua potavel, como, entre nós, os gastrônomos na do seu vinho de mesa.

Os indios ao contrario são neste pouco pichosos e se habituaem ás aguas mais nauseabundas, cujo sabor purificam e melhoram; pingam dentro, para clarifica-las, mucilagem obtida por expressão de folhas carnosas (*Bromeliceas*) ou succo de fructas, por exemplo: de puruma ou de cacto.

Nalguns rios rolam aguas saborosas e leves que podem ser bebidas sem receio, usando-se, não obstante, da precaução de toma-las do meio do alveo, por ser ali a agua mais batida pela propria correnteza.

Nisso tambem se deve attender ás estações. As aguas dos rios S. Francisco e Madeira, no tempo das secas, se bebem sem damno algum da saude, porém dizem que durante as cheias produzem febre (37).

O Japurá corre no seu leito superior, em parte sobre depositos argilosos com pirites sulfuricas. Ali sua

ocasião das enchentes, proliferam nos extensos alagadiços marginaes.

Nesses pernifongos, moriçocas ou carapauans, se desenvolvem os tres protozoarios responsaveis pela malaria: *Plasmodium vivax*, *Plasmodium falciparum* e *Plasmodium malariae*. Deve-se ao sabio francês Laveran esta notabilissima descoberta em 1880. Ao sabio italiano Golgi se deve o conhecimento da evoluçao destes hematozoarios nos Anophelinos — 1839. (*Nota de Pirajá da Silva*).

agua é pernicioso e até mesmo os indios lhe attribuem as disenterias e diarrhéas disentericas que frequentemente grassam nessa região.

As bebidas que preparam para seu uso são em parte fermentadas, em parte não. Entre aquellas, a *chicha* (38), preparada com milho cozido, occupa o primeiro lugar, tanto pelo sabor, semelhante ao da cerveja de trigo, como por sua qualidade embriagante.

O modo de prepara-la é de ha muito tempo conhecido em todo o continente americano e illas adjacentes, onde se cultiva o milho. Para pôr em fermentação esse decocto, vimos as velhinhas mastigarem os grãos de milho, cuspindo-os no decocto. (Reise, T. I, pag. 371).

Por um methodo semelhante deixam tambem o decocto de outras frutas e raizes saccarinas entrar em fermentação alcoolica, por exemplo, bananas, cajús (*Anacardium occidentale*), batatas e mandioca (macaxeira) (39). Algumas destas qualidades de vinho se conser-

(38) O nome *Chicha* não pertence á lingua geral do Brasil, mas sim á mexicana, pois, segundo o Barão de Humboldt, é por elle que, na Nova Hespanha, os natuaes designam os licores feitos com o *mais* no milho. Na lingua geral, vulgarmente chamada Tupi, segundo Simão de Vasconcellos em suas *Noticias Curiosas do Brasil*, para designar os licores fermentados feitos com milho ou abati, usam os indios dizer *abatium*. (Nota de Ignacia José Malta).

(39) Em Maregrave e Pison lê-se *macaxera* (qualidade de mandioca doce ou aipim), bem como em Vasconcellos e outros. (Nota de Ignacia José Malta).

vam em logares frescos por alguns dias sem azedar. Em lingua tupi são geralmente conhecidos sob os nomes de caôhy (40) ou caim.

O caldo de qualquer fruta do mato, tomado após fervido, chama-se *caxiri* (Cajiri) (41).

Para isto preferem os índios os cocos das palmeiras assai ou patauá (*Eutorpe* e *Oenocarpus*), e os fructos da pupunha (*Guilicma speciosa* Mart).

O caldo dos cocos da especie *Oenocarpus* se assemelha no gosto a um chocolate ralo e é tão nutritivo, que os índios engordam com o seu uso continuado.

Mais engenhosa é a preparação do chamado pajuará. Beijús de mandioca, ligeiramente torrados no alguardar, são ora cozidos, ora postos de infusão nagua para fermentar. Sabem tambem preparar por tratamento continuo, de succo de fructa e de decoctos, uma especie de vinagre, chamado em tupi *caimçái*, isto é, vinho azedo (v. Reise. Spix e Martins T. III, pag. 1220) (42).

(40) Acho nos vocabularios Caôê ou Caim. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(41) O nome Caxiri não é tambem da lingua geral, mas sim da que falam as tribus da Guyana, e, nesta região, designa uma especie de bebida que é feita com a farinha fresca da mandioca-caxiri, batatas, etc., tudo cozido em agua, e depois fermentado. (*Nota de Ignacio José Malta*).

(42) O conhecido pajuará ou *caim beixigara* é modificado pelo modo variado de prepara-lo com beijús de mandioca, maiores e grosseiros, ou menores e mais fiços, mais ou menos torrados, juntando-se-lhe çumo de fructos doces.

Fazem grande uso dessas bebidas nas festas e danças nocturnas, e nem sempre guardam regra para se furtar aos effeitos da embriaguez.

Caum, corr. *caui*, bebida fermentada, vinho. Também pôde provir de *acajú-y* — o succo do cajú, de que se fabricava o vinho.

Há varias especies de *caum*. Do aipim os amerindios preparavam uma especie de *caum*. As raizes depois de cozidas, piçadas e recozidas eram expremidas e mastigadas pelas indias moças. A impregnação pela saliva apressava a fermentação que se fazia em grandes talhas de barro — *camotim*. *Abaty-gy* — *caum* de milho; *nana-iti* — *caum* de amannaz; *caum-cabaiguara* ou *pirauça* — vinho da banda de além, do Reino de Portugal, vinho tinto; *caum tati* — bebida que parece fogo, aguardente, pinga. O *pajaurú* ou *caum beinxiçara* é bebida espumante feita de beijús fermentados. Sabiam preparar o vinagre — *caum-gói*, do çuno de muitos fructos doces.

Vejamos agora o que a respeito escreveu o sabio bahiano Conego Francisco Bernardino de Souza, na sua excellente obra *Pará e Amazonas* — “Para todas as suas festas usam os índios das bebidas fermentadas, a que dão o nome de *Caissuma*, e *Pajaurú* ou *Caixiri*. A *Caissuma* é preparada com pupunha socada e humedeçada com agua. Também preparam-na com pacova e macachera ou aipim. Dizem ser bebida muito agradável. Quanto ao *pajaurú* ou *caixiri*, preparam-no do modo seguinte: rãam a mandioca, espremem-na no *tipiti*, desprezam o caldo e da massa fazem grandes beijús, que torram no forno de fazer farinha de mandioca. Quando cozido, preparam sobre tabuas ou taboecas uma cama de folhas de bananeiras, da espessura de uma pollegada sobre a qual collocam em ordem os beijús. Borrifam-nos com agua e espalham sobre elles folhas picadas de mandioca, a que chamam ma tissoba, e cobrem-nos com outra camada de folhas de bananeiras, da mesma grossura que a inferior. Collocam por cima e dos lados, tabuas de pêsso sufficiente, de modo a não des-

moronar-se a pilha. Passados tres ou quatre dias, descobrem-nos e depositam os beijús, já cobertos de mófo, em grandes panellões, que tapam hermeticamente com folhas sobrepostas umas ás outras e amarradas com cipó. Dois dias depois descobrem-nos e encontram os beijús humidos tendo deixado correr um liquido de cor amarellada e crystallino e com o sabor de vinho branco. Cada panellão dá do tal liquido um copo de meio quartilho. Estes beijús, dissolvidos n'agua, tornam-se, segundo a qualidade da mandioca, de cor de gema de ovo ou pardocenta e formam um caldo da espessura do creme de leite, de sabor agradavel, muito refrigerante e d'uretico. A esta bebida dão tambem os indios o nome de *Cañiri*. Dois ou tres dias depois, quando já a fermentação se tem effectuado, torna-se então a bebida inebriante, de gosto desagradavel e só accommodada ao paladar, já muito habituado, dos indios. Destillada, dá excellente aguardente chamada de *beijú*". (*Nota de Pirajá da Silva*).

INFLUENCIA DA ATMOSPHERA SOBRE A PELLE

Não podemos deixar de mencionar outras causas predisponentes ás doenças: tratamento desfavoravel e cuidado deficiente que os indios dão á pelle. Como sabemos, elles andam nus. As tangas leves de entrecasca de vegetaes, de tecidos de algodão ou de cordeis que especialmente usam as mulheres pertencentes a tribus de mais elevada cultura, não merecem de modo algum o nome de vestuario, pois, servem de adorno ou bastam ao seu sentimento de pejo (43).

(43) Alguns indios brasileiros usam a *tacanhôba* para encobrir suas naturas genitalias. Nisto se excectam em pudor aos modernos e civilizados nudistas em nossas praias de banho. O vocabulo *tacanhôba*, vestido ou atadura do membro viril, provem de *tacóuha* = *membraum genitale* + *ôba* = vestido, roupa, folha. Differia na forma e no material de que era feita, conforme as tribus. Os Tupys usavam um simples pedaço de folha de palmeira enrolado. *Tacururá* quer dizer: virilha inchada, ingua. *Yubão* inguinal em tupi *tacôenôí*, adulterado em *tacanhô*. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Tambem trazem a cabeça descoberta. Os que já tiveram maiores relações com os europeus usam de camisas e ceroulas, e as mulheres, de camisa e saia; cobrem a cabeça com carapuças de lã ou chapéus.

Por mais ameno que seja o clima do Brasil, todavia existe grande variação thermica, principalmente nas regiões montanhosas e perto do mar ou dos grandes rios.

Ahi, o indio, nas 24 horas, é frequentemente exposto a uma temperatura que oscilla de 15° a 20° Réaumur (44).

E' claro que uma tal variedade deve poderosamente influir para o estado hygido e predisposição morbida. A pelle dos indios é, como já notámos, extraordinariamente grossa, mais espessa e resistente que a dos europeus: repousa sobre espesso pannelo adiposo e além disso está fortalecida pelo habito, desde a infancia.

Portanto, com razão, podemos asseverar que não é muy propria para servir no processo therapeutico natural, como orgão de reacção para produzir crises e servir de emunctorio favoravel. Observada attentamente, a pelle dos indios é muito mais irritavel do que forte e dotada da energia vital que deveramos suppôr, pelo enrijamento constante. E' esta a causa das continuas constipações que reinam entre elles.

(44) O termo medio da temperatura da atmosphera, nas margens do Amazonas, é 22° a 22 5° R; o da agua, na sua superficie 21°. Nesta varagem as mudanças são menos frequentes, o que não acontece em outros logares mais elevados do Sul do Brasil. (*Nota do Dr. Martins*).

São mui sensíveis á acção perniciosa do sereno e do luar (45).

Em consequencia disto vemo-los pressurosos evita-las, apesar da sua habitual indifferença. Muito custoso lhes é deixar o calor da cama e se expôr a humidade da noite, e, para se preservarem do luar, usam uma especie de carapuça.

Na choupana passam a noite nús em suas rêdes, onde não se cobrem com roupas, mas sim com fogo, como costumam dizer; por isso, em todas as estações o têm acceso junto das rêdes. Se circumstancias os fazem pernoitar ao ar livre e se estão ás margens dos rios, enterram-se na areia até o pescoço, ou procuram um logar secco entre os

(45) Não negarei este facto, porque se não é exacto em geral, o pôde ser em particular; notareei, porém, que preferem, geralmente, os indios as noites de luar para emprender suas expedições militares, e que os Botocudos, com especialidade, se comprazem com a presença da luz, e deixam entrever uma especie de veneração a este planeta, a que fazem subordinado o systema celeste.

Teni-me parecido que, em noites de luar, os logares sombrios são mais quentes do que os expostos ao luar; mas se esta qualidade da luz reflectida pela lua chega a ser nociva ao ponto de impressionar os filhos das selvas, não asperamente como o refere o dr. Martius, flagrante contradição ha na conducta dos indios, pois, ao tempo que se furtam á influencia do astro da noite, expõem-lhe os recém-nascidos, e lhes offerecem como á Divindade, crendo que, se as miseras criancinhas não forem assim apresentadas, serão pacientes de pungentes colicas, etc. (*Nota de Ignacio José Malta*).

pranchões verticaes e salientes das raizes — *Cepô-apêba*; (46) collocam folhas por baixo e por cima de si e constroem um fragil tecto abaulado de leques de palmeira sobre os leitos. Se isto lhes acontece em descampados, envolvem o corpo com galhos de arvores ou folhas de palmeiras, formam ligeiras coberturas e se não conseguem fazê-lo, procuram pelo menos evitar o sereno no rosto, cobrindo-o com ramagens ou folhas de palmeira. Se, porém, acontece haver alguma baixa extraordinaria de

(46) *Cepô-apêba*, como escreveu o dr. Martius, e *Çapô-pêma* ou *Çapú-pêma*, como muitos dizem, me parecem corrupções de *Çapô-pêba*, nome dado pelos indios a uma grande arvore, cuja raiz é notavel por, de certa altura da parte inferior do tronco, brotarem braços verticaes ao solo em fórma de cossociras nessa posição, enterradas em torno do tronco. (*Nota de Ignacio José Malta*).

Cepô-apêba — raiz chata, é curiosa formação encontrada em troncos de algumas arvores da flora brasileira. "Muitos destes gigantes vegetaes se distinguem, ainda, pelas ramificações que se irradiam dos pontos unis baixos dos troncos, para apoiarem cada vez mais ao solo o immenso péso. Essas irradiações, salientes na base do tronco, tanto são prolongamentos delle para baixo, como o são da raiz para cima. Elevam-se, ás vezes, a uma altura de dez a doze pés; o tronco cylindrico assenta sobre uma pyramide profundamente sulcada, o que difficulta a derrubada, porque o machado tem de cortar pelo tuco superficie dupla". *Através da Bahia*. pag. 134.

Os amerindios se aproveitam dos grandes espaços formados pelos pranchões do *cepô-apêba*, como a'rigos passageiros. *Sapô-pêmba* e *sápopêma* são corruptela de *cepô-apêba*. A majestosa castanheira do Pará *Berthoelia excelsa* H. B. K. apresenta grandes *sapupemas*. (*Nota de Pirujá da Silva*).

temperatura durante a noite, que os desperte, então, não têm mais socego, e remexendo-se continuamente, esperam que desponte o dia.

Talvez não haja meio mais efficiente para fazer velar os brasis, do que o frio. Estes traços do seu modo de viver, nos devem provar que não são elles tão endurecidos e insensíveis ás intemperies do clima, como geralmente se presume. Até diríamos que, nisso, o europeu lhes é muito superior. Seu natural frígido, nervos apathicos, circulação lenta, parece-nos que explicam bastante sua comp'eição.

Assim, não deveremos extrachar ve-los encolhidos, tiritar de frio, pela baixa da temperatura, e pagar com affecções catarrhaes as intemperies.

AFFECÇÕES CATARRHAES

Estas, especialmente, se desenvolvem na esphera intestinal, e se manifestam por complicadas diarrhéas, pleurisia, inflammações d'olhos, garganta e ouvido, ou tambem por parotidites. As inflammações catarrhaes da garganta, da cavidade buccal e dos olhos, produzidas por taes causas, são menos raras do que as do baixo ventre.

Estas affecções principiam sempre com febre; contudo, não são os brasis em geral muito propensos a esta manifestação reactiva da natureza. A parotidite é sempre acompanhada de violentissima febre; abate-os e elles temem muito esta doença que quasi sempre se termina com demorados processos supurativos e, ás vezes, até com febre consumptiva (47).

(47) *Febre hectica* — febre continua de exacerbações vesperaes ou remittente, simulando o typo quotidiano; acompanha-se de emagrecimento progressivo, suores e diarrheias colliquativas. Frequentemente é motivada pela tuberculose pulmonar, suppuração lenta e profunda dos órgãos internos e por muitas causas outras. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Os que habitam as provincias occidentaes do Brasil são os mais expostos a essas doenças e, ás vezes, tomam character epidemico, sobretudo quando sopram por muito tempo, nessas paragens, os ventos sudoestes seccos e frios, ou quando estes saltam, de repente, para os rumos norte ou leste.

Então apparecem febres catarrhaes, extremamente nocivas ás crianças, que morrem em accessos de tosses convulsivas — grippe maligna. Os habitantes do litoral, soffrem, muitas vezes, de taes mágoas repentinas do vento, especialmente dos ventos frios do mar; o dr. Palva, na Bahia, nos asseverou que os ventos frescos de leste, que lá refrescam o europeu e o homem branco em geral, e que são considerados nas proximidades do mar, até favoraveis para os casos de tuberculose incipiente, são nocivos aos indios, e por isso o antigo Governo preferiu estabelecer as aldeias delles, um tanto fóra da costa.

Com quanto sejam os indios brasileiros muito propensos a semelhantes affecções, soffrem, contudo, muito menos das doenças rheumaticas. Estas, de preferencia, atacam os musculos e as serosas, e é por isso mesmo que esses homens estão menos sujeitos a ellas, do que os brancos e negros.

Além disto devido ao resfriamento, especialmente ao golpe de ar, depois de um abundante repasto, ou na mata humida, á noite, apparecem muitas dores nas articulações, vulgarmente chamadas *corrimento* (48), em português.

(48) *Corrimentos*, no texto. Deve ser *corrimento*, determinação dada ás dores rheumatoides nas articulações. *Corrimento* —

Estas dores variaveis, fulgurantes e lancinantes, que, muitas vezes os privam da liberdade de locomoção, tornando rigida e immovel, uma pessoa que ha poucas horas ainda estava sã, attingem, ás vezes, tal violencia que se tornam um perigo de vida, exigindo os mais cuidadosos tratamentos por energicos diaphoreticos, antispasmodicos e analepticos, ou, em certas circumstancias, abundantes sangrias.

s.m. humor que corre para alguma parte do corpo. Cast. 3. 280. "os pés inchados de corrimento". Dicc. da Lingua Port. por Antonio de Moraes Silva.

Ainda a respeito da significação que, naquella epoca, se emprestava, na linguagem medica, ao vocabulo *corrimento*, veja-se a descripção feita por Piso, do emprego da *cecropira-guassú*, *sucupira-assú* ou *sucupiruçú* *Bauhinia virgiloides* H. B. K., no tratamento da siphilis.

"Existe no Brasil uma casca para uso medico. E' grossa e compacta, parda-escura, de sabor amargo e adstringente e, além disso, quente e sêca no segundo grau. Dela se fazem banhos e cozimentos muito efficazes contra as doenças causadas pelo frio, contra os inchãos dos pés, do ventre e contra as dores dos membros, chamadas *corrimentos* pelos portuguezes.

Os banhos e cozimentos empregados externa e internamente, curam por fim a propria *lues venerea* não inveterada e provocam suorcs.

Como actuam, porém, pela propriedade de limpar e, ao mesmo tempo por certa acidez, servem de remédio contra a sarna, a tinha e outras afecções cutaneas desse genero".

India Utriusque Re Naturali et Medica. Amsteladami — 1658. Guiljelmi Pisonis. (Nota de Pirajá da Silva).

Durante o plenilunio, ou em lugares á beira-mar, e com marés altas, são estes ataques mais intensos e augmentam consideravelmente de noite, repercutindo sobre o figado e os nervos abdominaes, como equivalente de metastases gotosas.

Essas affecções rheumaticas, segundo as noticias que colhemos, não são raras entre os brasis. Parece que a constituição pouco sensivel e pituitosa destes, não lhes predispõe tanto aos achaques rheumaticos como aos catarraes, com abundantes evacuações.

DERMATOSES

Além dessas doenças catarrhaes, apparecem tambem alguns exanthemas agudos, em consequencia de affinidades morbidas, principalmente a urticaria, o pemphigo e a zona. Quase sempre se manifestam acompanhadas de complicação gastrica ou biliosa e evolvem benignamente sem sequelas, com ou sem estado febril pronunciado.

Doença bastante diffundida naquelle clima é a manifestação erysipelatosa (49) a que os portuguezes cha-

(49) *Ecthyma vulgare*, na opinião do Dr. Bateman. Cf. Martius. Reise. II. pag. 649. (Nota de Martius).

Traduzimos e apresentamos completa esta nota, conforme se acha na citada obra: "Outra penosa erupção, a sarna, (*ecthyma vulgare*, na opinião de Bateman?) é tambem frequente e afflige principalmente os europeus recém-chegados, como consequencia de alimentação differente, do calor e do resfriamento. Além disso, se observam nos hospitaes, diversas especies de exanthemas — *strophulus confertus*, *lichen pilaris*, *ichthyosis*, *achores*, *herpes zoster* e *phlyctenodes*, *elephantiasis* e *framboesia*. A elephantiasis dos pés e as boubas manifestam-se, principalmente, nos negros; entretanto, eu as tenho observado menos frequentes que no Rio de Janeiro". (Nota de Pirajá da Silva).

man de sarna, erysipela, e os tupis: *vauráua*. Acommette os brancos que, ás vezes, são mui demorada e penosamente molestados, e tambem os da raça vermelha.

Estes parecem ser menos susceptíveis á doença e se restabelecem com mais presteza, talvez porque raramente se achem em condições de abusar dos prazeres da mesa. A erysipela, tornando-se chronica, produz, ás vezes, úlceras dolorosas; quasi sempre depende das irregularidades da digestão e disturbios da funcção biliar.

Em muitas pessoas, a excessiva irritação produzida pelos insectos causa essa doença, e é principalmente aos temiveis mosquitos que os brasileiros costumam attribui-la.

Ademais, não é para admirar que o indio nú, exposto dia e noite á praga das sanguisodentas muriçocas soffra muito mais que os brasileiros protegidos pelas roupas.

Nas regiões setentrionae. do paiz, especialmente no Rio Amazonas e seus affluentes, o indio durante grande parte do anno é perseguido, de dia, por pequenos mosquitos que os portuguezes chamam *borrhachudo* e os tupis, *piim* (50); de noite, pelos *pernilongos* (51).

(50) *Simulium pertinax* Kollar. e especies outras semelhantes. In Pohl. Reise im Innern von Brasilien. 1817-1821. (Nota do Dr. von Martius). *Piim*; — corr. *pi-û*, o que pica derreçado, agachado. O Tupi. *Piim* é o mosquito que pica. *Mornim* ou *marcim* são corruptelas de *mberui* — o mosquitinho, mosquito polvoroso, mosquitinho de mangue — pertencentes ao gen *Culicoides*. *Motuca* — corr. de *mô* + *tuca*; que punge, aguilhoa. São grandes moscardos da Fam. Tabanideos. (Nota de Pirajó do Silva).

(51) *Mosquitos* — *carapaná* em tupi. *Culex molestus* Kol-

Devido a repetidas picadas e inevitável coceira, frequentemente em todo o corpo, apresentam-se regiões ensanguentadas com o aspecto de uma doença eruptiva idiopática. A essa dermatose chamam *piera* (52).

lar. n.a.O. (Nota do Dr. von Martius). No vale do Amazonas chamam de *carapanã* e *morocoro* ao mosquito pernilongo. Na Bahia e em Pernambuco — *muricoca* — de *mbiricóg* = *uberú* + *y* + *cóg*: mosca perfuradora, terebrante; no Ceará e no Rio Grande do Norte — *savêla* ou *pererêra*. *Muricoca* corr. de *uberú* = *merú* + *sôra*: mosca que dá ferroadas. Cf. O Tupi. Th. Sarrniao, e o Voch. Tupy-Guarany. Bapt. de Castro. Dicc. Bras. R. Garcia. (Nota de Pirajú da Silva).

(52) A respeito da *piert*, ainda escreveu von Martius: "Palavra alguma pode exprimir o tormento que esse infernal inseto inflige ao viajante, quando, em enxame denso, o assalta. Se por grande numero de picadas é atingida uma parte qualquer do corpo, em que se sente ardor de queimadura, só um banho morno é que o alivia um pouco. Se as picadas se aprofundam muito, produzem tumores externos, que, com a continua tomieção e irritação da pele podem tornar-se graves; contam-se até casos fatais de índios, que foram vítimas da *piera*, denominação com que designam o exantema. Nenhum viajante pode no Alto Amazonas escapar a essa praga, e, pôr semelhante razão, encontra-se quase sempre nas casas dos colonos, um criado especial, á disposição do patrão, para que, á noite, na hora de lavar os pés, fure com uma agulha fina as hó'has, que dão particularmente ás mãos, e aspecto de uma erupção de pele, tal como, nas provincias do sul, se oferecem os bons serviços de uma escrava, para tirar bichos de pé". *Viagem pelo Brasil*. O bicho de pé — *Tungu penetrans* (L.), ás vezes, se manifesta de modo epidemico. Em Novembro de 1936, a terrivel praga atacou um numero assustador de moradores da "Favela da Gavea", da margem da Lagoa Rodrigo de Freitas, mutilando e carcomendo-lhes os pés. Vd. *A Patria*.

Observam-se logares da pelle que se acham descobertos, seccos ou superficialmente suppurantes, e outros cobertos de leves crostas sanguinolentas e de fissuras. Essas lesões se manifestam por todo o corpo, ás mais das vezes nas costas, nas virilhas, na região interna da coxa e nas panturrilhas. Dôr ardente, insupportavel comichão, fazem desta doença um tormento, que o europeu protegido pelas vestes não pôde ver sem a mais viva compaixão, pois elle, por si mesmo, pôde calcular a intensidade da dôr penetrante, experimentada nos pequenos pontos hemorrhagicos, com os quaes tambem o piim o assignala, em cada parte descoberta do corpo. Esse mosquito é provido de aparelho sugador muito calibroso. Pousa sobre a pelle, e a epiderme logo se eleva, formando pequena vesicula, semelhante á da ventosa, onde se extravasa uma gotticula de sangue. Este, logo secca, e assim, pôde ser retirado no terceiro dia, com agulha, como se fôra uma pustula secca.

O insecto, que só pica durante o dia, não causa dôr de especie alguma no primeiro momento da sucção. Só depois se manifesta cocira ardente que, proporcionalmente ao numero das picadas, se torna insupportavel e leva ao desespero o europeu desacostumado a semelhante

5-11-1936. Rio. *Piréra* quer dizer: pele, escama, casca. *Pirúera* significa pele já esfolada e *pira*, a pele enquanto está na carne. Vocab. da Lingoa Brasilica. É possível que *piéra*, seja corr. de *pirúera*, isto é: pele estfoliada, esfolada, em consequencia do demasiado coçar as partes do corpo, onde é mais intenso o prurido. (Nota de Pirajá da Silva).

tormento; entretanto, o indio o suporta com silenciosa resignação. Não é raro que repercutindo sobre todo o organismo elle venha a soffrer as consequencias disto.

Manifestam-se febre, fastio, dôr de cabeça, tumefacção dos ganglios inguinaes que, em muitos casos desfavoraveis, suppuram, desaparecendo porém, depois de alguns dias (53).

Esta *piôra*, em virtude de sua grande disseminação nas extensas regiões do Brasil e pelo modo quasi epidemico que o pium costuma atacar povoações inteiras, deve ser citada entre as doenças proprias daquellas regiões. Além disso, os indios frequentemente tambem soffrem de varias erupções herpeticas.

E' communum apparecer uma psoriasis chronica, indolor, chamada *curúba* (54) em tupi, a qual ataca de preferencia as articulações, nos indios moradores dos campos, e

(53) Tambem produzem semelhantes inchações sympathicas, as picadas dos mosquitos e dos pequenos carrapatos — *Ixodes americanus* e *Ixodes crenatus* Kollar (a. n. O.), e do vermelho e quasi invisivel *muçum*, acaro (*Trombidium*) provido de longa tromba: talvez seja este, relativamente, o mais venenoso animal, porque em sua minimez, escondido na pele, produz inflammação superficial de muitas linhas de diametro, que só termina quando o muçum morto é expellido pela supuração. (Nota do Dr. von Martins). *Mocoim*, corr. *Mocoó-i* o que pange ou roc miudinho. E' a larva minuscule, vermelha e quase invisivel de *Trombididos* que atacam o homem e os animacs. Carrapato em tupi á *jatiúca*. (Nota de Pirajá da Silva).

(54) *Curúba* — sarna, brotoeja. Dicc. Brasl. Port. (Nota do Pirajá da Silva).

o rosto, mãos e pés, nos que habitam as matas; quando se manifesta em animaes, como por exemplo nos cachorros, é denominada *pyruçú* (55). Em geral se observa que as erupções nos moradores das matas se apresentam mais humidas e, ao contrario, mais seccas, nos que vivem nos campos.

Uma doença chronica bem caracteristica, que deve ser considerada com *ichthyose*, observei nos indios da tribu dos *Purú Purús* (56).

(55) *Piruçú* é *pireraoçú* ou *pyraoçú* = gafeira do cão. (Nota de Pirajá da Silva).

(56) *Purú-purús* — corr. de *piru-porú*, de *pirera-poroc*, que quer dizer: a pelle se descama. Os indios *Purú-purús* tiveram este nome, que significa foveiros, em portuguez, devido a uma dermatose endemica. Toda a superficie cutanea desses indios amphibios, communmente está semeada de manchas anegradas, ora isoladas, ora confluentes, um tanto endurecidas ao tacto. Essa rara anomalia da qual, entretanto, tambem participam os demais habitantes, costuma ser, ainda hoje, considerada como o distinctivo da tribu. Além disto enfeitam o septo nasal com um pequeno fragmento de taquara, perfuram os labios e os lobulos da orelha, para adorna-los nas occasões festivas; pintam-se de branco com a argila das margens do rio; untam-se com banha velha e rançosa de jacaré, adquirindo um cheiro almiscarado, tão repugnante que mesmo de longe, já são presentidos pelo olfacto. No minimo, uma vez ao anno, no quarto minguate ou na lua nova de Agosto, submettem-se a tão desnorado e rigoroso jejua, que só põem na bocca pequenos peixes cozidos e, muitas vezes, se deixam morrer de fome. Para evitar a sensação de fome, trazem um cinto de embira, tirada do tronco de certas *Lecythidiaceas* (*turiri* ou *tauari*). (a) Affirma-se que raras affecções cutaneas os atacam

e que nenhuma acção exercem sobre seu primitivo estado de saúde. Entre os índios que tivemos occasião de observar, encontramos o fígado dolorido e hypertrophiado. A periferia das regiões mais escuras da pelle, que eram menos brilhantes e secas do que as sãs, mostrava-se branca; de modo que a coloração branca se manifesta como o primeiro grau da doença. Logo depois da puberdade, a dermatose costuma manifestar-se e é, sem duvida, consequencia do modo de vida e da localidade. A região do Purús é baixa, nevoenta, coberta de matta virgem e extensamente alagada nas enchentes. Os Purú-Purús se dirigem para o rio e pousam sobre troncos de arvores arrastados pelas enchentes que, amontoados nas enseadas, offerecem base fluctuante para suas miseraveis ocas, tão pequenas, que elles mesmos as podem levar nos barquirhos (montarias, como são chamados na Amazonia). Ali soffrem a friagem da noite, pelo que, em compensação, devem aquecer-se por uma permanencia mais demorada nagra. Como quasi não cuidam de agricultura, utilizam-se de fructos silvestres, como o cacau sómente cru; raramente comem carne de animaes de sangue quente; usam trechos ou moqueados, peixes, tartarugas, ás mais das vezes peixe-boi e até jacaré; a não ser a agua do rio, só bebem caldo de cocos cozidos.

Assim se poderá esclarecer a doença endemica por um conjunto de tantas causas desfavoraveis. (Vd. Spix und Martius — *Reise* III 1176). (b) Os colonos recommendam para a doença (em tupi - *Vaurána*) o uso continuo de decoctos de saísaparrilha e o peixe *caudirá* assado — (Cetopsis). (c) "Não sómente os Purú-Purús, Cataquixis, Amamatis e Ita-Tapuijas são os únicos indios sul americanos victimados dessa dermatose. No rio Yapurá vimos muitos Uaimunús, que apresentavam placas redondas, confluentes, de côr preta azulada, no rosto, mãos e thorax; além disso, o corpo era semeado de verrugas um tanto endurecidas. Mutaçõ para manchas brancas, talvez o primeiro estado da dermatose, notamos nos indios do Yapurá e em muitas pessoas de côr, em Minas e Bahia. Dermatose hereditaria, semelhante á

ichthiosis, se manifesta nos Manacicas, tribo de Chiquitos, (*Gesch. Der Chiquitos*. Wien 1729, S. 288); e Harcourt (*Relat. of Trav. to Guiana* 1613, S. 201) se refere á observação de um caribá com a pelle espessa, semelhante á do bufalo sendo que "lá occorrem muitos casos idénticos".

Spir. und Martius Reise III. 1175. "Vista a particular importancia que, para as pesquisas anthropologicas a pelle representa no estudo da differenciação das raças, consideramos justificada a minuciosa referencia a esta affecção". Acrescentamos estas observações de Martius que julgámos interessantes. Vd. *Beiträge zur Ethnographie*.

Hoje está demonstrado ser o *purú-purú* uma dermatomycose.

Quem observou o *purú-purú* na Bahia foi o insigne Prof. Prado Valladares, que apesar de não conhecer *de visu* a referida dermatose dos indios Purú-Purús amazonenses, chamou a attenção para um caso em doente seu, estudado em 1915, dando-lhe a precisa designação clinica de *pityriasis nigra centro albicans*. Após a leitura da bellissima conferencia do Prof. Carlos Chagas, sobre a *Epidemiologia do Valle do Amazonas*, identificou o Prof. Valladares a *pityriase negra de despigmentação central* com o *purú-purú*, por elle pela primeira vez estudado e observado nos hospitais bahianos.

Outro assumpto de pathologia tropical — a *schistosomose*, que podemos incluir na lista dos serios problemas da saúde publica nacional, desde logo, foi apprehendido pelo sabio Prof. Prado Valladares. Seu espirito lucido e penetrante abrangeu as mais variadas manifestações clinicas da gravissima doença e, com a mão firme de mestre, traçou-as com afamado esquema, sancionado pela pratica, em todas as suas minucias. Data de 1915 seu brilhante curso de Pathologia Tropical, com especial desenvolvimento do estudo da schistosomose. Na cidade do Salvador, em diversas localidades do interior da Bahia e Estados outros nordestinos, é apavorante a porcentagem desta doença — hoje considerada como uma calamidade nacional. Assim pensavamos desde que desco-

brimos a *schistosomose* e sobre ella fizemos a primeira publicação no Brasil — *Contribuição para o estudo da Schistosomose na Bahia. Brasil Medico* — 1-8-1908. Na época em que procedemos a taes pesquisas houve, na escola medica bahiana, notavel surto de enthusiasmo pelas questões da pathologia tropical, graças á intelligente e patriótica orientação do sabio Prof. Anisio Circundes de Carvalho, mestre exímio de muitas gerações de medicos, e uma das glorias da famosa Faculdade de Medicina da Bahia, tão rica de gloriosas tradições.

Dentre as valiosas contribuições da escola medica brasileira destacamos as dos tropicalistas — Dr. A. Sampaio Tavares "*Em torno da exploração funcional do figado na Doença de Manson-Pirajá da Silva*". Bahia 1927. Dr. J. Baptista Marques — "*Das Formas Clínicas da Doença de Manson-Pirajá da Silva*". These, Bahia, 1928. Dr. Possidonio da Silva Bem "*Histopatologia pulmonar na doença de Manson-Pirajá da Silva*". Bahia, 1928. A. Leal Costa "*A Doença de Manson-Pirajá da Silva*".

Dr. Heraldo Maciel de ha muito se tem dedicado ao estudo da *Schistosomose*; seus trabalhos vieram esclarecer pontos obscuros e são dignos de nota. Os Drs. Prof. Leoncio Pinto, Edgard Falcão e outros possuem preciosas publicações sobre o assumpto.

Voltando a tratar do *purú-purú*, que ataca tribus inteiras na Amazonia, citamos a opinião do Prof. E. Brumpt que identificou estas dermatophytoses produzidas por diversos cogumelos, com os *caratés, paumús caratés, mal del Pinto, liña*, etc.

Com o prematuro passamento do sabio Professor Prado Valladares, perdeu a Bahia um dos seus mais notaveis filhos e se apagou um dos maiores luzeiros da medicina brasileira. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(a) *Tauari* — *Lecythidaceas: Couratari Martiana* Miers., etc. *Tauari* — Espatha da inflorescencia do *ubussu* -- *Manicaria succifera* Gaertn. Vd. A. J. de Sampaio — *Nomes Vulgares de Plantas da Amazonia*, com anotações de A. Ducke. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(b) Em Manaus ouvimos attribuir a causa da dermatose dos Purú-Purús, ao uso que esses indios faziam da carne da tartaruga — *Tracajá* — *Emys tracajá*. (*Nota de Pirajá da Silva*)

(c) *Candirú* — *canderú* — Na região amazonica esta denominação vulgar comprehende dois generos de pequenos peixes de couro, das familias: *Trichomycteridae* — genero *Vandelia*, e *Cetopsidae* — genero *Cetopsis*. Citamos as especies: *Cetopsis Candirú* Spix e *Vandelia cirrhosa*. 'Reunidos em legião, como se fossem pequenas piranhas, descarnam não só os animais mortos, como tambem a caça ferida, que venha procurar refugio na agua. O pior é que em certas occasiões penetram nas aberturas anal e vaginal das pessoas que se banham nas aguas por elles frequentadas e torna-se difficil extrahi-los, porque os terriveis espinhas se encravam nas carnes". Parece ser do genero *Vandelia* a especie incriminada. Cf. *Diccionario dos Animaes do Brasil*. R. von Ihering. In *Archives de Parasitologie* se encontra um estudo sobre *candirú*.

O primeiro relator da historia do candirú foi Martius, em 1829, que julgou ser o peixe uma forma joven, quer do *Cetopsis Candirú*, quer do *C. caecutiens*.

O Dr. Alfredo da Matta, de Manaus, esclarece a questão do candirú estudada por Martius, dizendo não se deve confundir com o *candirú nasséc*. O *candirú nasséc*, comquanto tambem sem escaras, attinge um tamanho muito maior e é o nome commum da especie, *Cetopsis caecutiens*.

E' o candirú urinophilo? Diz Martius que estes pequenos peixes são attrahidos pela urina. Schomburgk relata que a penetração é especialmente facilitada, se a urina é emitida durante o banho.

A referencia de Castelnau (1855) é mais precisa, quando diz que os pescadores do Araguaya advertem ser perigoso urinar dentro do rio, porque este pequeno animal (*Trichomycterus pusillus*) salta fóra d'agua e penetra dentro da urethra subindo a

corrente líquida. Por causa desse tropisimo pela urina considera-se imprudente urinar dentro do banho. Dr. Ammerman relata haver no rio Madeira a crença de que o peixe penetra na vagina e na urethra somente quando a urina é emitida dentro d'agua. Essa urinophilia do candirú foi asseverada pelo Dr. Lacerda e Dr. Castro. Entra o candirú na urethra humana?

Martius (1829) diz que antes de entrar na agua, os ribeirinhos amarram o prepucio com um cordel. Jobert (1898) ainda não havia estado um dia no Pará, quando foi obrigado a seguir a pratica dos indios Tapuyos, usando a ligadura protectora. No seu segundo relato Martius (1831) nota que os ribeirinhos advertem que "os orgãos devem ser cuidadosamente resguardados", mas não dá nem uma discrição do meio de protecção. Em dados sobre os balitos do candirú no Rio Juruá, recolhidos e enviados pelo Dr. Baeh, refere elle que os nativos dessa região "raramente entram no rio sem cobrir os orgãos genitales, por meio de uma bainha, formada de pequena casca de côco, provida de minúscula perfuração para evacuar a urina e mantida numa especie de bolça de fibra de coqueiro do mesmo material".

Nos trechos mais altos do rio Xingú, Steinen notava o perigo do candirú para os banhistas; e, quanto á finalidade dessa bainha protectora diz: *Atque cum urethra prorsus conclusa sit, insecta intrare non possunt.*

A ligadura do prepucio era applicada aos meninos que attingiam á puberdade. Os homens tambem usam esta bainha que, nas occasiões de festas, tem um apendice em forma de bandeira.

As mulheres igualmente, não dispensam esse modo de se proteger. O objecto se chama *uluri* e é feito de cascas dobradas e amarradas. Pelos Kanayós e Tapirapés — esse estojó protector é tecido de tiras de folhas de palmeiras.

O maior desiderato para estabelecer o facto da penetração da urethra humana pelo candirú é o testemunho dado por homens de sciencia, especialmente medicos. Martius, teve conhecimento do candirú pelas informações extravagantes, irrisorias, dadas pelos

índios remadores; entretanto, só lhe mereceram credito depois da affirmativa do seu amigo Dr. Lacerda, testemunha ocular da veracidade de taes factos. Vd. *Reise in Brasilien*, T. III, pag. 955, 1831.

Poeppig da Universidade de Leipzig diz que Spix e Martius eram muito scepticos até quando o notavel naturalista e medico do Pará, Dr. Lacerda lhes expoz o fundamento da verdade. O proprio Poeppig accrescenta sua observação directa: "Em Yurimagua, uma mulher indigena depois da penetração do *candiru* na vagina, soffreu tão terriveis dores e hemorragias, que esteve na imminencia de morrer. Entretanto, depois da applicação interna e externa do succo da planta chamada *vagna*, o pequeno peixe foi expellido e a paciente se restabeleceu".

Jobert assim cita o Dr. Castro do Pará, a quem repota um "medico de grande consideração e pessoa muito interessada em historia natural". "Acredito firmemente na possibilidade de tal accidente porque eu mesmo extrahi da urethra de uma negra um pequeno candirú, que penetrou durante a micção enquanto se banhava no rio. A paciente experimentou dores cruéis até que retirei com difficuldade, deixando a mucosa lacerada".

Outra testemunha é Le Coite (1922), que depois de ter discutido o perigo da penetração da urethra pelo peixe diz: "Eu conheci pessoalmente 3 casos deste curioso accidente." O livro de Le Coite é feito de observações de primeira mão, sobre a historia natural do Amazonas.

Dr. Campos que viveu muito tempo em Obidos, no baixo Amazonas, escreveu-me o seguinte: "Não tive nem uma observação pessoal de accidentes causados pelo candirú. Uma senhora que conheci em Obidos, dona J. S. disse-me que um candirú entrou-lhe na vagina e foi necessario chamar um medico para extrahi-lo. Em Obidos, Santarém e Alemquer, ouvi muitas referencias da penetração do candirú, no ouvido, no nariz e no anus. É facto que esta supposição e esse temor são communs nessas localidades acima citadas".

Todo o corpo se mostra semeado de placas irregulares, ás mais das vezes arredondadas, isoladas ou confluentes, escuras, de varios tamanhos, e se revelam ao tacto por ligeiro espessamento da pelle. Não mostram excreção alguma dactrosa, se bem que a superficie seja desigual e mais secca do que o resto da pelle.

A peripheria das manchas é, muitas vezes, mais pallida do que a parte sã, as vezes quasi branca. Os doentes soffrem de hepatomegalia (aumento de volume do figado).

A dermatose dizem ser hereditaria e é considerada pelas tribus vizinhas como caracteristica nacional dos *Purú Purús*, dos *Amamatis* e *Cataxis*, que por isso, são apellidados de *Pinipimna Tapuüja*: os machados.

Dr. da Matta, refere-se a ambos os sexos, mas diz que as mulheres são mais sujeitas a essas aggressões.

Dr. Ammerman testemunha ter operado por candidú duas ou tres vezes, numa das quaes extrahiu o peixe da bexiga do doente. Ha os casos enumerados pelo Dr. Campos, Escola de Medicina do Pará, aos quaes elle evidentemente deu credito, tanto que teve a gentileza de m'os transmittir e, finalmente, temos o testemunho do Dr. Alfredo da Matta, de Manaós, sobre um caso na sua propria clinica.

Cf. *On The Alleged Penetration Of The Human Urethra By An Amazonian Catfish Called Candidú* — By S. W. Gudger, Ph. D. *The American Journal of Surgery*. Vol. VIII, n.º 1 January — 1930.

Unter den Naturvölkern Zentral Brasilië — Karl von den Stein, 1894, pags. 194, 195. (*Nota de Pirojú da Silva*).

Talvez a doença provenha da vida amphibia desses selvagens, de sua má alimentação e do habito de se untarem com banha de jaçaré e de peixe-boi.

Na mesma região tambem vimos um indio cachetico, da tribu dos Catauixis, que apresentava no rosto e nos braços muitas manchas e pontos esbranquiçados; além disso, se distinguia por uma cabelleira exuberante, quasi anormal. Dizem que essa doença é hereditaria, e mesmo infectuosa (57).

Individuos que de ha muito são acommettidos por estas multiformes erupções cutaneas, apresentam estado geral cachetico, pelo que, á primeira inspecção, se differenciam dos seus companheiros sadios. Sua côr acobreada uniforme passa ao amarello opaco ou a uma palidez livida mui caracteristica, e se apaga o brilho tristonho e melancolico de seus olhos escuros.

Em taes pacientes sobrevém logo a canice prematura, ao contrario do que se dá na raça americana. Geralmente o indio brasileiro conserva cabelleira basta, de côr negra brilhante, até aos 70 annos, sem notavel modificação. As mulheres encanecem mais cedo que os homens. Aproveitando-nos da opportunidade desta exposiçáo, ainda que

(57) Martius, *Reise III.* pag. 1147. Nos indios do Japurá tambem observei uma especie de antraz (*Pynhá*) e furunculos dolorosos, nascidas, leicença, cabeça de prego (*Mungá*). a a O. pag. 1282.

Chanam pungú, pulmão, inchaço, bubão venereo, muita doença nascida do corpo. Dicç. Brasiliano Português. (*Nota de Pirajá da Silva*).

remos mencionar uma doença característica do cabelo, que observámos não propriamente nos índios, mas numa mulher de origem mestiça, indio-europeá.

Debaixo da pelle no braço e no joelho nasciam longos cabellos que surgiam em consequencia da suppuração; e, apesar de depilados, tornavam a crescer. Isto observámos em Joazeiro, no rio S. Francisco, onde o sal de cozinha emerge do solo em efflorescencias.

Essa doença lembra a de Wolosez, que se manifesta no Don, no Tscherkask, e regiões outras do sul da Russia, onde tambem ha muito sal no solo; consiste no crescimento de cabellos que surgem de dentro das feridas.

DOENÇAS FEBRIS

Passemos a considerar as doenças febris. Entre estas devem ser citadas, primeiramente, os exanthemas agudos, a variola e o sarampão, pois constituem os piores flagellos dos aborigenes brasileiros.

A ellas, á syphilis e ao abuso da aguardente se deve, antes de tudo, attribuir a grande lethalidade na raça vermelha.

VARIOLA

De accordo com todas as informações fidedignas, a variola era completamente desconhecida pelos indios, antes do povoamento portuguez. Agora, porém, com a mais tremenda rapidez e deshumanas consequencias, se alastra até aos mais remotos ermos, e cada tribu conhece e teme essa doença, como se fôra o mais pernicioso veneno para seu sangue. Na lingua tupi é chamada — *Mereba-ayba* = doença maligna.

Infelizmente se deve dizer que os imigrantes europeus, em algumas regiões, no interior das Provincias do Maranhão e de Pernambuco, têm contribuido para isto, com malicia diabolica, afim de alastrar a peste entre os selvagens e, por meio della, votar á mais cruel das mortes uma população ingenua.

Nos logares em que os indios perseguem os estabelecimentos portuguezes por invasões, roubos, pilhagens, assassinios, ali, alguns colonos dependuram nas matas, camisas, peças outras do vestuario inficionadas; e, a fabula de Nessus se transforma em tremenda realidade. O indio, por sua natureza já descripta, é pouco resistente

ao desenvolvimento da variola. A erupção do exanthema se processa lenta e difficilmente. Atormentado por forte dôr de cabeça e consumido pela temperatura ardente, costuma isolar-se em sua rêde, amedrontado por qualquer golpe de ar, augmentando desse modo a febre; ou tambem, se apressa em procurar agua corrente, onde suppõe poder apagar o calor interno. Frequentemente, ali morre de apoplexia.

Noutros que se conservam mais calmos, ás vezes a erupção exanthematica não se manifesta, porque são logo arrebatados por violento delirio.

Em outros casos apressam, por meio de banhos frios ou beberagens quentes, a erupção do exanthema, que irrompe em tão formidavel abundancia, a ponto de parecer toda a superficie do corpo uma só ulcera gangrenosa. Outros manifestam ainda grandes focos inflammatorios sub-cutaneous que, ora suppuram, ora produzem metastases para o cerebro ou para os orgãos respiratorios e morrem em consequencia de uma serie de horriveis symptomas. As manifestações exanthematicas mais communs já são bastante graves; as pustulas turgescentes, uniformemente coloridas, são muitas vezes acompanhadas de tosse dolorosa e accidentes anginosos. Em alguns individuos se notam, ao lado de pustulas bem desenvolvidas, outras que são atenuadas, murcias, escuras, ponteadas de preto, ou todo o corpo semeado de erupção confluyente negra.

A doença não respeita idade nem sexo; entretanto, para as pessoas mais idosas, de temperamento atrabiliario e melancholico, para as mulheres gravidas e parturientes,

de preferencia, é perigosa; e, ao contrario, se torna mais facilmente supportada por individuos moços e fortes. As indias gravidas, atacadas de variola, frequentemente abortam; as parturientes transmittem-na ao recém-nascido. Por isso, não é de admirar que o indio, estarecido, fique succumbido pelo pavor da morte, logo que se sente enfermo ou vê seus parentes atacados.

Assim, a variola representa na raça vermelha o mesmo papel da peste oriental. Onde explode, separam-se os membros da familia; muitas vezes, os pacientes são deixados ao desamparo; os sãos, dominados por cego terror e desnorreados, fogem, em debandada, para as matas.

O governador geral do Estado do Pará, Mendonça Furtado, irmão de Pombal, certa occasião se achava, com seu estado maior, a bordo do navio que devia conduzi-lo do Pará a Macapá.

Remavam uns vinte indios, quando, inesperadamente, se atemorizaram pela noticia de que a bordo havia um varioloso; todos se atiraram em alto mar e, a nado, preferiram alcançar as praias, a tentar ficar em companhia dos brancos, que do melhor modo possivel, foram obrigados a se esforçar e levar o barco a um porto da ilha de Marajó. Referindo-se aos indios rudes de Tucuman, os Lules, Isistines, Vilelas, Homoampas, conta Dobrizhofer (o. c. O. 259), que, ao terem noticia da erupção da epidemia, não fogem de casa para o esconderijo distante, em caminho recto, porém fazem toda sorte de voltas, imaginando deste modo, escapar ao inimigo perseguidor.

Em 1819 explodiu no Pará uma epidemia de variola que pouco a pouco atacou cerca de 4.000 pessoas e, na pior phase, falleciam diariamente, de 36 a 48. Horriavel foi a que em 1734 surpreheendeu trinta missões jesuiticas no Paraguay. Da população, naquêlle tempo avaliada em 140.000 almas, pereceram 30.000. Em 1765 falleceram 12.000 pessoas em 32 missões (58).

Geralmente se observa que, onde os indios vivem aldeados, a variola grassa mais intensa do que entre os livres, isolados, esparsos, isto é, que apenas mantêm poucas relações com os europeus. Demais, a experiencia actual ensinou que, no Brasil, as mais graves epidemias de variola, as que produziram maiores devastações nos indios, se originaram entre os negros recém-chegados, e se irradiaram, por conseguinte, das populosas cidades litoraneas.

Foi o que aconteceu com a do Pará em 1819, importada por um navio negreiro, chegada da costa noroeste africana.

Veem-se muito poucos indios com signacê de variola, porque a maioria succumbe á esta epidemia. Indios cegos e surdos que encontramos algumas vezes no Rio Negro, eram os unicos remanescentes de toda uma antiga taba. Os medicos brasileiros admittem, que dos indios doentes, na melhor hypothese, se salva a quarta parte. Além d'isto, está demonstrado por muitas experiencias que

(58) Dobrizhofer. *Hist. de Abipon*. II. 256. (Nota do Dr. von Martius).

as raças mixtas negros e brancos, supportam muito mais facilmente a variola do que os gentios e, assim se justifica o terror panico que estes guardam dessa doença.

Apparece tambem entre elles o pernicioso sarampo, em epidemia alastrada. O sarampo, *mixúá-ráua*, em tupi, quer dizer falsa variola.

Um missionario brasileiro nos asseverou que esta doença tambem era desconhecida dos brasis antes da imigração européa, e as indagações que fizemos entre os indios do *Yapurá* parecem confirma-lo; porém, as declarações do dr. Lacerda (59), physico mór do Pará, e as de outros medicos, tornaram mais verosimil a idéa de que antes tambem já grassava entre os indios.

O mal se manifesta, de preferencia nas crianças antes da estação quente das chuvas; rapidamente se estende com grande impetuosidade e, no primeiro periodo, mata, geralmente com symptomas de violentissima febre inflammatoria.

(59) Dr. Antonio Correia de Lacerda, filho de Manoel Correia Dias de Lacerda, nasceu em Portugal na villa da Ponte em 1777 e falleceu no Maranhão a 21 de Julho de 1852, sendo cidadão brasileiro pela constituição do Imperio. Era bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra e cirurgião do exercito portuguez. Veio para o Brasil em 1818 e exerceu o cargo de physico-mór. No Pará tomou parte em questões politicas, depois da independencia, sendo obrigado a fugir para os Estados Unidos, perder o que possuia. Voltou ao Maranhão em 1836 ou 1837, onde exerceu a clinica e se dedicou aos estudos das sciencias naturaes, especialmente, aos de botanica. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Coqueluche e hydropisia são as doenças que frequentemente se seguem. Na margem do rio Amazonas ou do rio Negro, de quando em quando, apparece epidemia de escarlatina ou de doença exanthematica que llic é muito semelhante; é, porém, mais perigosa para a população branca e mestiça.

FEBRE

No que propriamente se refere á febre, já dissemos que a natureza apathica e indolente do indio e a pouca energia das funcções nervosas não correspondem ao desenvolvimento das formas morbidas, supportadas ou reflectidas pelo *systema nervoso*. Como caracter mais geral pôde, neste particular, ser citado que o selvicola brasileiro não apresenta periodicidade muito decisiva em todas as suas doenças. Por isso, as febres intermittentes — *taçúba*, em tupi, são mais raras do que as remittentes — *taçúba-ayba*. A febre terçã — *taçúba-ryry*, é ainda mais rara do que a quartã.

Nas exacerbações é mais frequente observar o estado de estupor ou manifestações comatosas do que o da *febris versatilis* (60).

(60) *Febris versatilis* — A febre nervosa, conforme predominava depressão ou excitação mental e delirio, dividia-se em: *Febris nervosa stupida* e *Febris nervosa versatilis*. Vd. Walter Guttorm. *Medizinische Terminologie*. 1920. pag. 383. (Nota de Pirajá da Silva).

As febres typhoides com affecções nervosas puras, bem desenvolvidas, são mais raras do que as que possuem o caracter da *febre synocha* (61). São ligadas ás erupções e, muitas vezes, a complicações gastricas e biliosas. Quando o exito é desfavoravel, apparecem subitamente co'iquação e evacuações dysentericas. Entre os indios é commum a crença de que as doenças periodicas muito dependem das phases lunares; ameaçam mais na lua

(61) *Febre synocha* é uma febre continua continente, na qual a temperatura do corpo é sobremaneira elevada; o pulso frequente, forte e duro; a urina muito corada, e as funcções sensoriaes pouco ou quasi nada perturbadas.

Mostra a experiencia que a causa excitante que mais ordinariamente põe em acção esta qualidade de febre é a supressão da transpiração, ou seja por se exporem imprudentemente ao vento fresco, estando suado; ou seja por beberem agua fria nas mesmas circumstancias; ou enfim por qualquer outro motivo capaz de produzir constipação repentina. O exercicio violento, principalmente ao sol ardente é tambem causa assaz poderosa.

Os symptomas da synocha são pelo comurum tão simples, como os do typho são complicados. De modo geral, se denominava synocha, toda febre que durava algum tempo, sem intermitencia accentuada. Alguns autores descreveram como typho febril especial, sob o nome de *synocho* ou febre synoca, um conjunto de symptomas passageiros, acompanhados de febre, que se ajusta no quadro da febre ephemera ou do embaraço gastrico febril. Synoca era nome outrora dado a doenças febris de curta duração e de etiologia desconhecida. Vid. *Ensaio sobre as febres com observações analyticas acerca da topographia, clima e demais particularidades, que influem no character das febres do Rio de Janeiro*. Por Francisco de Mello Franco. Lisboa, 1829. (Nota de Pirajó da Silva).

nova e na cheia, do que nos quartos crescente e minguante. Nas regiões do rio Amazonas também existe a opinião de que todas as doenças febris se tornam mais graves nas épocas das grandes enchentes, de Dezembro até Abril, do que nas demais estações do anno. Um tanto analogo é a crença popular nas costas orientaes do Brasil que, em toda febre, as exacerbações são mais fortes durante o fluxo do que no refluxo da maré, e que as marés grandes, quando a lua passa pelo meridiano, são as mais perigosas. Dizem que é frequente succumbirem os doentes, devido a ataques apoplezicos que sobrevêm repentinos. Piso já tratou destas relações.

HEPATITE CHRONICA

A febre mais commum, de caracter maligno, a que estão sujeitos o indio e toda a população do Brasil, se manifesta com os symptomas de uma *synoca*, acompanhada de complicação biliosa.

É, porém, em última analyse, uma hepatite chronica que em certas circumstancias adquire caracter agudo; de novo retrocede ao estado latente e, ás vezes, exacerbando-se, tem exito letal, devido á desorganização somatica do figado, cirrhose e suppuração chronica, ora com febre hectica, ora com hydropisia lenta, raramente com ruptura dos grandes vasos ou com gangrena subita.

Todos os factores nocivos anteriormente citados e o clima quente predispõem a essa doença. É uma das mais observadas entre os indios e a população civilizada, especialmente nas regiões baixas, humidas e quentes, como no rio S. Francisco, na bacia do Madeira, do Tocantins e do Amazonas. Desde o simples fastio, com sensação de compressão no hypochondrio e ligeira febre remittente, até ás manifestações da mais intensa inflammação e de suas mais terriveis consequencias, apresenta essa

doença uma serie ininterrupta de variados symptomas conforme o individuo, a localidade, as manifestações perniciosas intercurrentes, accidentaes, e a duração do mal. Ella ataca varios órgãos e, por isto, se manifesta de modos differentes.

Emquanto no inicio, pôde ser facilmente combatida com poucos medicamentos resolutivos simples e cuidadosa dieta, em periodos mais adeantados zomba, muitas vezes, de todo recurso medico; a grande mortalidade dos indios deve ser attribuida, de preferencia, a ella, por não saberem: se furtar á sua influencia maligna, por medicamento de especie alguma, ou meic dietetico. As esplenomegalias, sequellas mais frequentes da febre, semelhantes ás escorias de um abrasamento subterraneo, se patenteiam de tal modo constantes entre os indios de muitos logares, como da região do Amazonas, que se é levado a considerar tão endemica essa doença, como o bocio noutras regiões.

Toda a nossa tripulação de remadores, no Japurá, era portadora de hepatomegalias tão desenvolvidas que, mesmo á simples inspecção do corpo nú, podiam ser observadas sem auxilio de palpação (62). A facies dos

(62) Era deploravel o estado em que viviam os indios do Japurá, em grande numero portadores de baço e figado tão extraordinariamente aumentados de volume, que esses engorjamentos se tornavam perceptivos á simples inspecção.

Para se fazer uma idéa leia-se este relatorio feito pelo Dr. von Martius na sua inestimavel obra — *Viagem pelo Brasil*:

pacientes denunciava o mais profundo sofrimento. Eram pallidos, lívidos, indolentes, tristes, enfasiados e tímidos; além disto, tinham manifesta repugnancia pelos alimentos costumados: peixe secco, carne salpresa, feijão,

“As doenças predominantes nessa bacia são: as maleitas, a hepatite e a verminose. Quanto ás maleitas (em tupi, *taçubã-ayba*), é o Japurá muito desacreditado, visto nas suas margens reinarem todas as doenças do tipo da febre, particularmente a terçã e a quartã.

Pequenas feridas, perebas, produzidas por picadas dos pius (*piêra*), resfriados por encharcamento, indigestão, demorado jejum, desregramentos sexuaes, o tragar rapidamente a bebida, estando o corpo aquecido, — todas essas causas determinantes, ou indisposições, nas regiões mais saudaveis, são facilmente reprimidas; aqui, logo tomam character de febre intermitente. Viajar em tão inhóspitas regiões expõe frequentemente o organismo a essas causas inevitaveis, mas tambem sem esses influxos exteriores se contracta a febre, pela simples atuação da insalubridade do lugar. A posição baixa, a quasi total falta de vento, cuja circulação é impedida pela densidade da vegetação, os miasmas das evaporações, que, de quando em quando, se exalam da lama das margens descobertas na vasante, talvez tambem, o uso de beber a agua do rio, na qual se dissolvem substancias vegetais e minerais, podem concorrer para o desenvolvimento das endemias. O insidioso engurgitamento do figado, que a principio se manifesta por quasi imperceptiveis anomalias da digestão, quasi só com isso, ou com a febre intermitente crônica, entrega insensivelmente o enfermo a um estado em que qualquer socorro da medicina não chega mais a tempo.

Esses casos apparecem, principalmente, entre indios moradores do rio; apenas poucos escapam de monstruosos ingurgitamentos ou endurecimento do figado e do baço (*perê*) que determinam

farinha de mandioca e invencível pendor para a aguardente.

Para nós era doloroso quasi nada poder fazer em favor desses infelizes, que careceriam de cuidados cons-

afinal a morte por hidropisia, postemas, febre pútrida ou consunção.

Realmente contristador era para mim observar o aspecto desses indios, ás vezes mais de cincoenta, entre os quaes, não havia um cujo ventre não fosse estufado por monstruosa hipertrofia do fígado; de longe, muitos pareciam mulheres grávidas. Tambem as crianças já sofrem, ás vezes, de tais enfartes dos orgãos do ventre, especialmente das glandulas mesaraicas; emagrecem-se-lhes as extremidades, aparece a vontade de comer terra, pau, couro, cêra e outras substancias, e elas definham até morrer. Nas raparigas, essas doenças influem no sistema uterino e as tornam cloróticas. A verminose desenvolve-se aqui de modo terrivelmente violento, sobretudo, nos individuos jovens. Multiplicam-se extraordinariamente as lombrigas (em tupi, *cebuí*). Com essa complicação de vermes as febres tomam um perigoso character pútrido. As causas desse mal de vermes devem ser attribuidas especialmente ao uso da agua do rio, á falta de variedade nas comidas, á falta de tempero de sal e á preponderancia, na alimentação, de bananas cruas e frutos silvestres, insetos e peixes pequenos. Nota-se, ademais, que os indios são atacados dessa doença, sobretudo durante a estação chuvosa do anno, em que ha continuadas noites frias". Abi se veem referencias ao paludismo, a suas modalidades chronicas e sequellas. Menciona: as hepatites, a febre typhoide, as dermatoses, a furunculose, as ulceras, as verminoses como a ascaridiase, o amarellão, revelado pela geophagia, um dos seus mais impressionantes sintomas, etc.

Na epoca de Martius a medicina ainda desconhecia a etiologia do paludismo. A crença nos miasmas era a então reinante e a

tantes, desvelados, mas, em vez d'isto, fugiam para a mata, onde mais depressa eram ameaçados de morte certa. Os homens, entre 30 a 50 annos, eram sujeitos a essa doença, provavelmente pelo inquieto modo de viver; as mulheres menos.

Por fim, também vimos adolescentes e até crianças atacadas desse mal.

elles attribuiam-na. Somente em 1860, o sábio Laveran descobriu o plasmodio causador da malária e em 1898, Grassi, Bastianelli e Bignami demonstraram a transmissão dessa doença, pelas moscicidas pertencentes á sub-familia das Anofelinas. (*Nota de Pirajá da Silva*).

EMBARAÇOS GÁSTRICOS CHRONICOS

Alem dessa doença que a principio tem marcha insidiosa e depois com manifestações agudas, arrolamos ainda duas outras affecções dos orgãos digestivos, sobre cuja natureza não nos sentinos esclarecidos.

Os brasileiros chamam de engasgo a uma fraqueza especial na digestão que se manifesta por incommoda sensação de fartura do estomago, eructações incessantes, engulhos e soluços acompanhados de borborismos, cardialgias depois da refeição, em tupi — *cururúca, marica-tyepú*, e uma progressiva perturbação da hématopoése.

As mulheres são de preferencia muito sujeitas a este estado morbido que é diagnosticado como dyspepsia ou anorexia hysterica.

A alimentação grosseira, crua, usada em excesso, parece causar essa doença na maior parte dos casos, bem assim a nostalgia, quando os indios, forçados a permanecer entre os brasileiros, como trabalhadores, são obrigados a um modo de vida que lhes é estranho e desagradavel; então se apodera delles a propensão para comer terra,

barro dos rios (63), cal das paredes ou madeira. Esta perversão doentia se observa ainda mais frequente nos negros ou nos mestiços de sangue preto, e, mesmo nas regiões litoraneas, no meio da civilização européa, arrebatada epidemicamente aos lavradores, muito escravo moço que, uma vez atacado do vicio geophagico, d'elle não se afasta, nem pela admoestação, nem pelo castigo.

(63) A argila que vimos os indios comerem no Solimões, em Coari, conforme a observação microscopica do sr. Ehrenberg, contém involucros siliciosos de infusorios polygasticos: *Eumotia bidens*, *turgida*, *Gallionella granulata*, *Himantidium Arcus*, e de residuos vegetaes siliciosos: *Amphidiscus Martii*, *A. Rotula*, *Spongiolithis aspera*, *Sp. inflexa*, *Sp. rudis*, *Spongilla lacustris*, *Thylacium semiorbiculare*. Ehrenberg — *Verbreitung und Einfluss des Mikroskop. Lebens in Svd-und-Nord America*. S. 15. (Nota do Dr. von Martius).

Pela minuciosa descripção clinica vemos que se trata da necatoriose, do amarellão, a doença a que se refere von Martius. (Nota de Pirajá da Silva).

ESPINHELA

Outra doença chronica da digestão que por vezes observamos, nos indios, principalmente nos civilizados, descendentes dos tupis, nas Proviuicias da Bahia, Pernambuco e Maranhão, foi a reentrancia do appendice xiphoide. Piso já havia mencionado esse mal como doença endemica, — *espinheia*, assim chamada pelos portuguezes, e por elle — *prolapsus cartilaginis mucronatae*. (Edit. 1658. pag. 36) (64).

(64) *Prolapso do appendice xiphoide*. Esta doença, mencionada por Codronchius, Sennertus e outros, chamada *espinhela* pelos portuguezes, grassa com caracter endemico frequentemente nestas regiões.

Fernelius se refere (IV. Patholog. Cap. 3) ao soluço de origem gastrica, pela compressão da extremidade da costella.

Hoffmann (Institut. pag. 494) julga que esta cartilagem não possa cair, mas sim, encurvar-se.

Provoca abatimento em todo o organismo, com gastralgia, ás vezes com vomitos e grande difficuldade de respiração, causada pelo resfriamento dos musculos do thorax e depois princi-

palmente pela queda e compressão da cartilagem mucronada (appendice xyphoide).

Desde então, logo se segue grande quebrantamento de forças, pela anorexia, sobrevindo atrophia. A doença é chronica, apyretica, entretanto não é letthal, a não ser accidentalmente; invade paulatinamente e é de difficil diagnostico, em começo.

Os medicos empiricos hespanhoes (curandeiros), conforme pensam, deduzem o principal symptoma da doença pela inspecção e palpação dos braços do doente, nos quaes, se elles observam nodulos, á feição de valvulas, affirmam tratar-se dessa doença. Differe da opilação cachetica porque os affectarlos por essa doença do *sternum*, embora fiquem com o semblante abatido e triste, não se mostram anemicos e lividos, nem sentem pezo ou dureza dos hypochondrios; depois, tambem diminue o appetite e se enfraquece o estomago.

É, talvez, affecção frequente, porque poucos são os que julgam dever cumprir escrupulosamente a prescripção de Celso Liv. I, Cap. 2, que diz: se alguem se alimentou em demasia, durante o dia, não se deve expor nem ao frio nem ao calor, nem dar-se ao trabalho, depois da refeição.

Com effeito, expor-se aos ventos noturnos com o thorax descoberto, produz n resfriamento do peito, do estomago e perturbação da digestão.

A cura requer a administração interna e externa de resolutivos, revulsivos e tonicos.

Administram-se, internamente, pilulas estomachicas, mel silvestre, xarope de tabaco, bolos de diarrhoião (a), aromaticos e semelhantes; vinho generoso e algumas gotas de balsamo de copaliba (b) diluido, decocto de salsaparrilha (c), açafvão (d), com sementes de ariz (e), canela (f) com uma pitada de pó de iribacé (g) e inhambi (h).

Os caldos que o doente usa, temperem-se com o açafão indígena, — urucú, (i) a pimenta brasileira hortense e silvestre e, se nada impedir, com cebolas e alho. Externamente, se aplicam muitas ventosas secas repetidas na região mamaria, logo em seguida fazem-se fomentações no epigastrio e thorax com tabaco, óleo de casca de laranjas, arthemisia (j) e mentrasto (k). Empregam-se cataplasmas sobre o epigastrio comervas fortificantes e em seguida um emplastro confortante, composto de resina de icariba (l), gema de ovos, açafão, óleo de copahiba e balsamo de cubereiba (m) misturados.

Não é para desprezar a necessidade de ser observado o emprego de todos estes remedios topicos e externos, cujos efeitos apreciaveis se notam nos principios desta doença: não só porque penetrar, com a sua acção, nos poros abertos da pele e dos musculos, mais intensamente do que nas regiões frias, senão também, para que as visceras mais nobres, extremamente debilitadas pela molestia, se restabeleçam com os cerótos, as fomentações e adquiram, manifestamente, as forças. Do mesmo modo, todos os aborigenes usam, com optimos resultados, de ventosas feitas de chifre, que aspiram pela sucção, através de pequeno orificio praticado na extremidade.

Levado pelo grande numero de resultados favoraveis, recomendei aos nossos cirurgiões o seu uso nos casos de colicas violentas, para sustar hemorragias intestinaes, e com grande proveito, também no começo da atrophia dos membros".

Pela traducção do cap. VI — *De Prolapsu Cartilaginis Mucronatae*, existente na primeira e segunda edições de Gulielmi Pisonis, e que acabamos de apresentar apreciamos o modo pelo qual a primitiva medicina popular indígena encarava este estado morbido, vulgarmente conhecido por *espinhela calida*. Damos também a systematica botanica das plantas empregadas na respectiva therapeutica.

(a) *Diarrhodão* — antiga formula pharmaceutica na qual entravam: rosas rubras, sandalo vermelho e branco, canella, terra sigillada, boto da Armenia e substancias inertes.

(b) *Copaiba* — *Copaifera langsdorffii* Duf. etc.

(c) *Salsaparrilha* — *Herrerca salsaparrilha* Mart.

(d) *Açafrão* — *Crocus sativus* L., açafraão verdadeiro.

(e) *Aniz* — *Pimpinella anisum* L., herva doce.

(f) *Canella* — *Cinnamomum zeylanicum* Nees.

(g) *Iribacé* — ou *ibiracé*, *hivouré* de Lery, *yuiracém* de Martius é o *burandém* — *Pradosia glycyphloea* (Mart. & Eichl.) Kuhlmann. A casca é poderosamente adstringente, de sabor adocicado e medicinal, empregada nas hemorragias, dysenterias, ciorlerinas, etc. Ainda se emprega como tanante de primeira ordem.

(h) *Nhambi* — Cremos que o nhambi a que se refere Piso é o *nhandi* ou *nhandú*, *pimenta dos indios*, *betre* ou *melhor betle*. *Piper caudatum* Vahl. (*Arthante caudata* Miq., *Piper nhandi* Rich.). Vegeta em Pernambuco e outros Estados do Norte. Os fructos excitantes e aromaticos são usados principalmente pelos indigenas; a raiz é muito gahada como carminativa. Vd. Caminhoá, op. cit.

A nosso ver o nhambi descripto por Gabriel Soares pertence a outra especie vegetal. *Eryngium foetidum* L. — "nhamby", "coentro do sertão", "coentro do pasto", na Bahia. Trataremos, mais detalhadamente deste assumpto em aurotação ao *Traatlo Descriptivo do Brasil*.

(i) *Urucú* — *Bixa orellana* L. Açafroeira.

(j) *Artemisia* — *Artemisia vulgaris* L.

(k) *Mentrasio* — *elgeratum conizoides* L.

(l) *Icicariba* — *icica-r-yba*: arvore de resina — *Protium icicariba* D. C.

(m) *Caburciba* — *Myroxylon peruiferum* L. Filho., oleo vermelho.

(Nota de Pirajá da Silva)

Provavelmente é a manifestação de uma dyscrasia rachitica, assim como consequencia immediata de alterações organicas da nutrição. Disse-nos o dr. Paiva (65) que se notam grandes varizes da veia coronaria do estomago, nos cadaveres de individuos que soffreram dessa doença; e Piso accentuou que se diagnostica logo, primeiramente pelos ganglios nos braços. Muitas vezes os doentes se queixam durante meses e annos, de uma dor pungitiva, ardente, na região epigastrica, que peora sempre, quando o estomago está cheio, tornando-se ás vezes insupportavel. Augmenta depois de cada refeição copiosa, e de movimentação corporal mais agitada.

(65) Dr. Manoel Joaquim Henrique de Paiva era filho do boticario Antonio Ribeiro de Paiva e D. Isabel Aires. Nasceu em Castello Branco, Portugal, a 23 de Dezembro de 1752. Em 1769 veio para o Rio de Janeiro, com a idade de 17 annos. Com seu pae estudou: historia natural, clinica e pharmacia. Depois cursou a Universidade de Coimbra. Conhecido pelos seus trabalhos de medicina clinica, materia medica, botanica e chimica, foi notavel professor de pharmacia, materia medica e therapeutica do Collegio Medico Cirurgico da Bahia. Scientista de grande valor, trabalhou nos laboratorios de Barruel e Gay-Lussac, onde mereceu applausos dos mais entendidos. Editou o seguinte trabalho:

Da febre e da sua curação em geral. Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva — Bahia 1813. Publicou mais cerca de cincoenta obras e deixou outras ineditas. O dr. Mello Moraes possuia seus escritos especiaes sobre *jalapa*, *mucuna* e *guaxima*. Falleceu na Bahia a 10 de Março de 1829.

Cf. *Através da Bahia* — Pirajá da Silva, pag. 78. *Estudos de Historia da Medicina Peninsular.* Maxiriano Lemos. *Dicc. Bibliogr. Bras.* Sacramento Blake. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Ao mesmo tempo se apresenta no estomago uma secreção mucosa abundante, noutras pessoas ha propensão para a hyperchlorhydria. Para repousar das dores incommodas, o doente procura collocar-se em decubito dorsal ou lateral. Muitas vezes parece que o pancreas tambem está compromettido, o que se revela pelos violentos engulhos de saliva e mucosidade. O habito externo do doente é cachetico e lembra o do hypocondriaco; após muitos annos de marasmo se manifesta hydropisia ou febre consumptiva.

Além desta extravagante doença, cujo fato etologico mereceria minuciosa pesquisa dos medicos brasileiros, não temos observado modalidade morbida alguma nos indios, que se possa considerar de natureza rachitica. Ao revés disso, não raro se veem crianças atrophiadas, cuja impressão geral lembra a da escrofulose dos europeus.

São victimas da falta de cuidados, especialmente se lhes morrem as mães.

Entre esses selvagens, os lactentes e as crianças são quasi exclusivamente, entregues aos cuidados maternos.

A não ser a mãe que com exagerado amor, não só dedica seus cuidados ao pequeno lactente, como ainda continua a amamenta-lo até quatro e cinco annos, ninguém mais, na familia, tem compaixão das crianças; e, se são roubadas das mães, caem na mais profunda miseria e decadencia physica.

Esses pequenos infelizes acabam morrendo de fome e, se prolongam sua lastimavel existencia, ficam num estado de fraqueza e atrophia, semelhante ao das desamparadas crianças das populações fabris europeas.

Se vivem até adquirir capacidade e traquejo para cuidar espontaneamente da própria nutrição, recuperam pouco a pouco o tempo perdido; pelo menos não vimos, em parte alguma, meninos de 10 e 12 annos, jovens e moças que não demonstrassem o vigor habitual e a vivacidade do homem primitivo. Exceptuavam-se apenas as moças que, devido a um habito extravagante, costumavam ser maltratadas, no inicio dos catanientos — em tupi, *jemondyára* (66).

(66) *Jemondyára* é o catanienio inicial; os outros se chamam *torica*. "Quando, pela primeira vez, se apresenta esse phenomeno physiologico a joven india é logo suspensa numa rêde ou num girão, a grande altura, onde passa o tempo necessario, findo o qual, depois de três dias de descanso, se reúne o conselho de familia — *ipotaia*.

Ao som de terés é agarrada a joven por dous parentes, que a conservam segura pelos braços abertos, enquanto o pae a vergasta três vezes. Depois, collocando nos seios um pequeno *parý* (esteira) cheia de formigas (apará), estas os sangram terrivelmente com o ferrão duro e peçonhento. Tirado do seio, applicam o *parý* no abdomen e nas costas, conservando-se a moça por alguns dias em dieta. É creença que esse martyrio fortalecer e faz com que possam as mulheres supportar os mais duros trabalhos."

Os jovens brasilindios submettem-se a varias provas afim de se educar para a virilidade e se preparar para o casamento.

Veja-se o que escreveu von Martins a respeito dos Mundurucús e Maués: "Reunem-se os vizinhos, para beber em potes cheios de *cajiri*; vestem os meninos de oito a nove annos, com mangas de algodão, que possam ser amarradas pela parte de cima e pela de baixo, e mettem dentro algumas das grandes formigas de violenta ferroada, a *Cryptocerus atratus* F., *tocanteira*, talvez

mais corretamente *tucanquibura* "formiga tucano", pela semelhança com a ave. Logo que o rapaz, soffrendo atrocemente, começa a berrar e a queixar-se, o bando faz roda em torno d'elle, pondo-se a dançar e a bradar-lhe palavras de animação até o pequeno cair exausto no chão. E' elle então entregue, com as extremidades terrivelmente inchadas, ás velhas, para o tratamento com applicação de succo da folha de mandioca. Quando o menino de novo recupera as forças, começa a experimentar quanto pode retesar o arco.

Estas cerimoniaes barbaras são continuadas até a idade de quatorze annos, quando o rapaz aprende a suportar a dôr, sem dar signal de soffrimento, visto que se acha emancipado e pode casar-se".

Taes provações fazem parte do seu calendario. Ao visitar, em Outubro de 1938, a exposição do material ethnographico da Bandeira Anhangüera e das Missões de Catechese, muito apreciei uma curiosa luva de palha colorida, toda emplumada e utilizada pela tribu dos *Andirás* e outras do Baixo Amazonas, nas cerimoniaes que realizam para conferir os direitos de maioridade aos jovens brasíndios, quando a ella allingem. Essa luva é um verdadeiro instrumento de tortura; cada peça do par de luvas é dupla como se fôra calçada uma na outra, e no espaço entre ellas, são collocadas as terriveis formigas tocandiras.

O candidato ao casamento deve densar diante da tribu, com as mãos metidas nessas luvas. Se, assim exposto ás ferroadas tremendas que lhe dão as tocandiras, através desse trançado de palha, á guisa de lava, não resistir impavido, á cruel prova pre-nupcial, será julgado incapaz das responsabilidades de cabeça de casal.

Dr. J. Barbosa Rodrigues assistiu a um simulacro da festa da tocandira que para obsequiá-lo, fizeram os indios Maués. Fal-taram aos folguedos dous elementos principaes: a tocandira e o *cachiry*.

O vocabulo tocandira é modificação de *tuca-ndi*, que vem de *tucaba-ndi*, isto é: o que fere, o que ofende muito.

Não está certa a classificação de Martius, quanto a essa formiga. Na systematica a tocandira é a especie unica do genero *Dinoponera* — *Dinoponera grandis* Guérin. Essa "injecta, provavelmente, com o seu liquido caustico uma toxialbumina ainda indeterminada, quiçá especifica, que talvez se consiga isolar algum dia".

A ferroada produz dôr terebrante por espaço de 12 a 24 horas, por isso, diz Koch-Grünberg, que os brasileiros tambem dão á tocandira o nome de *víte quatro*. Vd. *Voss Roraima zum Orinoco*. Vol. I. pag. 183. Tambem se acredita que a ferroada dessa grande formiga possua qualidades afrodisiacas.

Descrevendo a tocandira escreveu o Conde Hermann Stradeli no seu *Vocabulario Nheengatu*: "*Tocandira* — grossa e comprida formiga preta, armada de um esporão, como o das vespas, cuja ferroada muito dolorosa chega a produzir febre. Bicho nascido das cinzas de *uairi*, conforme conta a lenda do Jurupari, se torna inocua para as mulheres gravidas e os indios sustentam, e com elles muitos civilizados, que a ferroada da tocandira deixa de doer, quando lavada com a urina de um individuo de sexo diferente".

Ainda hoje se aconselha passar urina sobre a pelle para sedar o prurido causado pe'a urtiga ou cansunção. Nas ferroadas de formigas se applica o ammoniaco diluido. Conhecemos, hoje em dia, a "Festa da Tocandira" graças a Fr. João das Mercês por ter esse benemerito missionario permittido que os Maués livremente praticassem as cerimoniaes sociaes do seu costume. A intelligencia dos indios descobria na intoxicação pela formiga um meio de proceder a selecção humana; é o que significa a referida cerimonia. Ha muito preconizaram em therapeutica as propriedades tonicis e excitantes dos formiatos. — Fizeram mesmo,

certos medicos de fama, grande ruido em torno dellas. A prova da tocandira, tal como a descreve Martius, parece demonstrar que os Maués já tinham, empiricamente, apreendido sua ação excitante sobre a fibra muscular, visto que, depois da inoculação do liquido venenoso das grandes formigas, os indios deviam ensaiar suas forças num arco, verdadeiro dynamometro primitivo. Vejam-se a respeito a excellente memoria — *Dinopouera Gradis*, por E. Roquette Pinto e *Viagem pelo Brasil*, por Spix e Martius, proficientemente revista e annotada pelo Dr. B. F. Raniz Galvão e o Prof. Dr. Basilio de Magalhães.

Outras provas havia. A da flagellação consistia em supportar pavorosa surra de chicote de couro de anta; outra era introduzir nas narinas dos mancebos "um cordão feito de merity embebido no succo de pimenta, que passando-lhes pela fossa nasal sac na bocca, por onde outro individuo o tira". Feita esta operação, para poderem os moços bem arremediar a caça, sarjani as pernas para fortalece-las, de modo a faze-les bons corredores, e os braços, afim de facilmente manejarem e entezarem o arco '.

Os indios Maués tambem preparam e tomam o *paricá*, porém, de um modo differente e muito mais barbaro.

Antigamente esta festa celebrava-se, quando algum indio atingia á maioridade; porém, hoje, celebra-se, em algumas malocas ainda não tocadas pela agua do baptismo e civilização, no mês de junho de cada anno.

Caçadas e orgias, acompanhadas de libações de *cachiry* e *cay-suma*, precedem á festa do *paricá* (*a'-uin*) enquanto se prepara e casa ou randa especial para ella (*birupica*). Quando começa o *paricá*, como geralmente dizem os indigenas, as mulheres preparam as bebidas e o heijú de mandioca puba, *payavará*; ficando o fabrico do *paricá*, reservado ás mais velhas da tribu.

A dança é só privativa dos homens. Antes de descrever a festa convém mostrar como é elle preparado, para que se possa notar a differença que ha do dos índios Mané.

Colhidas as sementes maduras do *paricá* — *Mimosa acacioides* Benth, são socadas em um pilão de madeira (*tuá-ain*), até que estas pelo óleo que contem, não formem mais do que uma pasta. Juntam cinza da casca do *cacão-rãna* — *Theobroma sylvestre*, e depois de bem amassada, formam uma especie de beijú de 3 pollegadas de comprimento. Posto entre a abertura de um pão firo rachado, é levado ao calor do fogo para seccar. Depois do que, é novamente socado em outro pilão chamado *quên-utê* e o pó guardado em um buzio, denominado *tirapêõ*.

Começa a festa por uma flagellação, em que dous índios se fustigam mutuamente com galhos seccos ou chicotes feitos com couro de anta, peixe boi ou veado.

Outrora arrastavam na ponta, uma pedra ou outra qualquer coisa que ferisse. Enquanto um fustigava á vontade, o outro de braços abertos, recebia as chicotadas, esperando a vez de passar de paciente a algoz. Durava esta cerimonia ás vezes seis dias, conforme o numero de rapazes que tivessem atingido a virilidade.

A' noite todos os que foram açoitados, tomam o *paricá* aspirado em nó, ou dissolvido n'agua, em clysteres. No meio das danças, as velhas que preparam o *paricá*, enchem um tubo de taboca com pó, passando-o a' um dos dançantes; este applica uma das extremidades do canudo em uma das ventas de um companheiro e sopra pela outra, ou recebe uma seringa de borrachia cheia de *paricá*, dissolvido em agua fria e, no meio da dança, applica o bico da seringa no companheiro, fazendo desaparecer todo o liquido.

Quer de uma, quer de outra forma, os effeitos são horriveis e tão violentos que muitos morrem suffocados, outros caem sem sentidos e os que resistem continuam a dançar. Pelos esteios da rãna dependaram arcos e mólhos de flechas para aquelles, que,

Em varias tribus, especialmente entre os Maués, a moça, quando entra na phase catamenial, é obrigada a jejuar durante três semanas. Afastam-na das relações com a horda; fica isolada sobre um girão, na parte supe-

suffocados pelo paricá, não podendo continuar a dançar, passeiem pelo terreiro com estes instrumentos.

Geralmente o effeito do clyster é produzir uma embriaguez feroz.

Felizmente, este uso barbaro vaç desapparecendo, porém, ainda é usado nas malocas dos Urubús, para onde affluem nessa epoca, grande numero de indios de outras malocas dos rios Amazonas e Madeira. *Exploração dos Rios Urubú e Jatapú*. J. Barbosa Rodrigues.

O *paricá* em pó é preparado das sementes torradas e moidas do paricazito, angico branco ou nipú — *Piptadenia colubrina* Benth. Possuimos esse material offerecido pelo projecto botânico F. C. Hochne. Basta insignificante quantidade do pó, applicado á mucosa nasal para provocar o effeito esternutatorio. A *Piptadenia peregrina* Benth, niopo do Alto Amazonas, paricá, angico ou paricá de cortume tambem se emprega para o mesmo fim. Pode ser aspirado ou então insuflado nas fossas nasaes, por occasião do ceremonial das festas, celebradas pelos Murás. Para isto se servem de um instrumento especial feito de osso da perna de ave, geralmente do grande socó — o *uagari* — *Ardea cocoi* L. Os ossos soldados com cera apresentam o feitiço de forquilha para facilitar a insuflação nas narinas. Na pharmacopeia indigena, o paricá é aconselhado como reconstituente e antidiabetico. Vd. *Vocab. Nheêngatú*. Stradelli. "Embriaguês inteiramente identica tambem produz o uso do pó do ipadú, tirado das folhas da coca, *Erythroxylon coca* L.", conforme observa von Martius. Ao terminar esta nota, convem citar alguns vocabulos da lingua

rior da oca; é escassamente alimentada com agua, um pouco de peixe cozido fresco, de modo que, ao deixar esse triste logar de penitencia, reduzida pelo emmagrecimento a um estado esquelético, soffrerá por muito tempo as consequencias daquelle estiolamento antinatural.

tupí, referentes á espinhela caída, entidade morbida ainda acreditada pelo povo: *muçũã* = espinhela; *muçũã afira* = ponta da espinhela, apendice xiphoidé; *muçũãara* = espinhela caída; *xepuãar* = ter a espinhela caída.

A respeito da espinhela escreveu Clermont de Miranda: "Tambem a enraizada crendice de o esterno ou espinhela deslucarse e cair sobre o estomago, produzindo serias perturbações na saude, creença tão gera' no sertão, é anterior á descoberta da America.

Antes que o genovez de immorredoura memoria aportasse a uma das Antilhas, já a espinhela caia — *pissuan hod* e já os pagés chupadores ou esfregadores a levantavam collocando-a no seu logar — *pissuan upi*". Glossario Paraense, pg. 109. Para melhor elucidação do assumpto recomendamos a original obra do projecto Prof. Fernando São Paulo. *Linguagem Medica Popular no Brasil*. (Nota de Pirajá da Silva).

SYPHILIS (67)

Como é sabido, a syphilis actualmente se tem propagado bastante entre os indios. Penetrou nas regiões mais remotas, e, semelhante a um venime corrosivo, consome a vitalidade dessa desleixada raça humana que, sem

(67) Assumpo vastissimo; pensamos apresentar esta nota tão interessante, extrahida da monumental obra de Piso, e, a nosso ver, pela primeira vez trasladada do latim a portuguez, por um illustrado amigo, que muito gentilmente a isto se prestou.

“*Sobre o mal venereo* — Consequencia da alimentação deteriorada e salgada, bem como de bebidas rançosas e corrompidas, ha uma doença que se contracta pela copula, não tanto por herança, que dos paes se transmite aos filhos, como tambem de modo immediato por contacto mais leve. Grassa intensamente não só entre os africanos e indigenas, mas tambem entre portuguezes e belgas, e infesta todo o corpo com tumores cancerosos e ulceras virulentas. Esta doença, aqui endemica, é chamada pelos espanhoes e brasileiros — *Bouba*. E assim como, apenas com applicação de medicamentos communs dos indigenas, mais facilmente se cura, tambem mais facilmente contamina do que a outra, vulgarmente chamada *gallica*, que se transportou para os habitantes desta terra. Desta ultima não é minha intenção fazer uma dissertação completa, mas

sim da primeira, que, embora se assemelhe com esta em alguns pontos, differa muito, tanto nas manifestações como no tratamento.

Os emméricos, a principio, de industria, absteem-se de trata-la, por isso que julgam impossivel qualquer therapeutica antes de cinco ou seis mezes de desenvolvimento, pois crêem que a virulencia dos humores, onde precisamente se encontra a fonte do mal, para ser atacada, exige uma preparação durante aquelle espaço de tempo.

Nesse intervallo, prohibem vida desregrada, prescrevem banhos quentes, grande resguardo contra o frio das noites, para que se não impeça a transpiração, e, no alimento, vetam o peixe de qualquer especie, e aconselham o uso de carne fresca, principalmente caça assada. Permittem o vinho, visto que, com grande alivio do doente, expelle pelos poros suores e immundicies. Os que se afastam deste tratamento, no começo, conseguem fazer desaparecer os symptomas do mal, convencidos, entretanto, de que voltará a doença com as dôres nas articulações.

Preparado assim o corpo, applicam purgantes: desde logo enviam, especialmente os de condições inferiores, para os engenhos de assucar de fogos acesos, isto é, em trabalho; e terminam com exito a cura de modo muito semelhante ao do europeu, só com cozimento, cuja base são: *caaroba* (a) e *salsaparrilha*. As ulceras, igualmente as curam, apenas com fricção ou loções de caaroba e outraservas succosas, que seccam e purificam. Os indigenas, por sua parte, seccam as úlceras que por si não desaparecem, e elles tiram o caracter maligno por meio de banhos de cozimento das folhas de caaroba, ou então mastigando-as em jejum. Este mesmo systema tivemos occasião de observar, porque, a mandado dos cirurgiões, algumas vezes o applicamos em hospitaes. Para que ninguem se engane, esta doença, quer na sua manifestação mesclada com a espanhola, quer na forma endemica, especialmente nos europeus, não deve ser descuidada nem no começo, nem durante seu curso.

Nem se pense, como alguns o julgaram, que nos tropicos, graças ao sol, pe'a continua exalação de humores, seja esta doença menos grave do que nas regiões setentrionaes, admittindo-se que o mais leve frio nocturno pudesse, não sem grave damno para o enfermo, fechar os poros abertos durante o dia, pelo calor solar, e impedisse a destruição dos vapores negros que seriam impellidos para o periosteo, onde apparece a dôr.

Isto aliás, é commum, sempre que por descuido dos medicos ou dos doentes não se tomam em consideração as differenças entre o dia e a noite. Então acontece que as ulceras de mau character, pullulando no corpo dos atacados por este mal, uma vez que os vapores malignos não transpiram, causam carie nos ossos, e outros symptomas analogos aos que se observam na metropole.

Acrescentarei o que sobre a gonorrhéa, chamada em portugûes — *esquentamento*, julguei digno de registo.

A gonorrhéa simples, que é de facil cura, tambem com facilidade se contrae, até mesmo pela equitação ao sol meridiano. No começo de qualquer gonorrhéa, os enfermos evitam purgativos: empregam apenas lavantes muito brandos, em xaropes, feitos com a Cassia de Marma (b), para que se não provoque ou irrite algum humor maligno. Em ensa, conseguem os habitantes remedios tão efficazes contra este mal, que, raramente, têm necessidade de recorrer aos preparados estrangeiros, que se vendem nas boticas. Preferem a *guabipocacubiba* (c), em portugûes, pau pôdre, a que denominei arvore siliquosa no tratado dos simples. Sua raiz cortada em pequenos fragmentos, esmagada em aguardente de canna e exposta ao ar, adquire propriedades seccativas e diureticas. Tomada pela manhã e á tarde, contribue poderosamente para a purificação dos uretères e dos rins. É preciso, no entanto, que não se tome em excesso esse medicamento forte, para que não se venha a expellir sangue. A isto se acrescentem a *juribeba* (d), a *canna jacuacanga*, chamada silvestre, tambem a raiz de *jaborandi* (e), que macerada á noite, ao relento, e diluida em agua potavel constitue uma solução, que bebida na dose de quatro ou cinco onças, durante uns quinze dias, purifica os rins e a bexiga.

Depois disso, usam como bebida quotidiana um decocto de canna silvestre. E, alternadamente, devido aos calores que desperta, acmaristram-se pela manhã tizana ou peção de tapioca. Solução de raiz de malvaisco (f), pagimiricóba, fedegoso, capomonga (g), emulsões de tapioca preparadas com côco fresco e sementes frias, em garapa de canna de assucar, são remedios familiares a esta gente.

Contra as retenções e ardores da urina, depois de uma fricção fria no dorso e perineu, fomentam os órgãos genitales com unguentos emollientes, a saber: cozimento das sementes da bassourinha (h) e imbaiba (i), e das flores da malva americana (j), das favas vulgares ou de plantas deste genero. Por outra parte, prohibem tanto medicamentos, como alimentos quentes, para não se aggravarem a virulencia e os ardores. Eu, porém, percebi que o excesso de refrigerantes é ás vezes prejudicial, pois tem como consequencia a debilitação do vigor dos órgãos genitales.

De facto, sempre se deve desculpar aos empiricos, mais preocupados com a applicação de medicamentos exóticos do que com o distinguir as causas das doenças, pois, como se deduz destas formulas de medicar, parecem confundir corrimentos dos genitales com a gonorrhéa. Ademais, quem quizer certificar-se do que affirmo, consulte Plat. Ob. pag. 729. Lang Epist. 2. l. 5. Solennad. pag. 199, v. 45. Hof. pag. 540. Pelo que, no tratamento da gonorrhéa virulenta e maligna, os peritos combatem-na com prescripção de adstringentes, fortificantes e seccativos.

Neste caso é cousa optima o uso do balsemo de copahiba, dissolvido em assucar ou no oleo de olivas e ministrado por via buccal ou em injeccões urethraes".

Para ainda mais corroborar o parecer de von Martius, no que tange á debatida questáo da proveniencia da sífilis, vejamos uma de suas notas na "*Viagem pelo Brasil*"; "Desgraçadamente já se encontram na Japurá vestigios de molestias sífilíticas; sem duvida, contractaram esse mal os índios que tiveram transações com os colonos brancos, ou foi elle trazido por estes mesmos. Cuida-

dosa investigação sobre o assunto, que em todas as oportunidades procurei fazer, confirmou-me na certeza de que essa doença não era primitivamente indígena entre os Peles-Vermellas brasileiros. As formas que aparecem aqui, são de caracter mais brando, e limitam-se quasi somente a doenças cutaneas". Pelo que escreveu von Martius, vê-se que sua abalizada opinião foi contraria á controvertida questão da origem americana da sífilis.

Concordamos com o sábio bavaero neste modo de pensar.

Tivemos em 1921, ocasião de fazer reações de Wassermann em crianças não miscigenadas, pertencentes á tribo Cauroca, sul da Bahia, sendo todas negativas.

No sangue de uma dessas crianças logo depois de chegada da mata e com 5 annos de idade, encontramos o *Plasmodium vivax*.

Vacinada contra a variola só se immunisou depois da quarta inoculação que foi seguida de forte reacção, igualmente se tendo observado com o sarampo e as cataporas. Veja-se o seu exame hematologico aos 24 annos de idade, feito a 20 de julho de 1937, pelo Dr. Luis Salles Gomes.

1) Taxa de hemoglobina	60%	(Dare)
2) Erythrocytes por mm ³	4.265.000	(Buerker)
3) Leucocytes por mm ³	5.600	(Buerker)
4) Valor globular	0,71	
	peq. 8%	
5) Hemogramma: Lymphocyte:	28,0%	
	med. 20%	
Monocytes	9,0%	
	jovens	0,5%
P. Neutroph. bast. 5,5%	58,0%	
	segmt.	52,0%
P. Eosinoph:	5,0%	
P. Basophil	0,0%	

NOTA — Não ha anisocytose, poikilocytose nem polychromatose dos erythrocytos. NÃO ENCONTRAMOS HEMATOZOARIOS de Laveran.

- 6) Tempo de coagulação 2' 30" — Normal (Tubo capillar)
- 7) Tempo de sangria 3' — Normal (Dukes)
- 8) Prova de hemo-iso-agglutinação : Grupo sanguíneo: 4 (Moss).

MATERIAL : SANGUE colhido em jejum.

RESULTADO: Dos glycose no sangue — 0,77 grs. por 1000cc.

Dos. de uréa no sôro — 0,33 grs. por 1000cc.

Em outubro de 1933 as mensurações obtidas no Departamento de Educação Física de S. Paulo foram as que se seguem:

RESPIRAÇÃO	P. Tor.	{	Repos. 1000
			Insp. 1001
			Exp. 970
		El. Toracica 31	

ALTURAS	{	Jug. 1260	CRANEO	{	Trans. Max. . 150
		Xif. 1110			Ant. Post. Max. 185
		Epig. 1005			Alt. Aur. 140
		Pub. 785	NARIZ	{	Largura 40
		Joelho 433			Comprim. 55
		Mal. int. ... 72			
		Acro n. 1286			
Cotov. 1005					
Punho 795					

COMPRIMENTOS	}	Jug. Xifoidéa	150
		Xif. Epigast.	95
		Epig. Pubico	220
		Braço	281
		Antebraço	210
		Memb. Sup.	591
		Coxa	352
		Perna	361
		Memb. inf.	713

DIAMETROS	}	TRANSV.	Toracico	290
			Hipocondriaco ..	255
			Bi-Acromial ..	305
			Bi-Crista	310
		SAG.	Toracico	210
			Hipocondriaco ..	215

	<i>Valor</i>
Altura	1.495
Enverg.	1.495
Busto	: 0,985
Val. Tronco	28,8
Val. Membros	130,4
V. Torax	9,1
V. Abdominal	19,7
V. Abb. Superior	5,2
V. Abb. Inferior	14,5
I. Nasal	82
I. Cefalico	81

ANALISE DA FICHA DE GUARY, CRIANÇA DE 6 ANNOS, DO SEXO MASCULINO, DA TRIBU "CAMACUANS", SUL DO ESTADO DA BAHIA, RIO DAS CONTAS.

Peso e Estatura — Pela sua supposta idade de 6 annos, o individuo em questão apresenta peso inferior ás médias de individuos brancos de sua idade. O mesmo se dá e de uma maneira mais accentuada, em relação á estatura, o que está de accordo com as observações anthropometricas já feitas entre os nossos indios que, como se sabe, são em geral mais baixos que altos.

Envergadura — Apresenta uma envergadura de 99.0 maior que a estatura 95.0, ao contrario do que acontece em filhos de europeos.

Altura do tronco-cephalica — Comparado este dado com individuos do mesmo sexo e idade, verifica-se estar muito abaixo destas médias o que revela um tronco positivamente curto.

Diametro bi-acromial — Diametro bi-acromial inferior á média, igualando, porém, o valor minimo encontrado dentro do grupo de individuos brancos do mesmo sexo e idade (23,1% da estatura).

Diametro bi-cristiliaco — Esta medida coincide quasi rigorosamente com a média dos individuos brancos do mesmo sexo e idade.

O elevado indice de largura do tronco — 81 — traduz um forte desenvolvimento da bacia, e, proporcionalmente, predominancia do diametro bi-cristiliaco sobre o bi-acromial, o que, ao lado da pequena altura tronco-cephalica, depõe em favor de um tipo brevílineo, um picnoide na concepção de Kretschmer.

(Ver Bastos de Avila — Os tipos de Kretschmer na infancia escolar. Brasil Medico — Setembro 1936).

Perimetro thoracico — O perimetro thoracico apresenta-se ligeiramente inferior á média, quando todos os outros dados se

apresentam muito abaixo da média, o que denuncia um valor favorável para esta medida, de accordo, aliás, com as pesquisas deste dado, já realizadas entre nossos índios: individuos cotados de grande circumferencia thoracica. (Roquette Pinto — Rondonia). A relação 50% entre a estatura e o perimetro thoracico (regra geral nos typos normaes de raça branca) não é regra, entretanto, entre nossos índios.

No caso presente esta relação igual a 79, confirma as pesquisas anthropometricas já realizadas em torno deste dado.

Comprimento do membro superior — Um comprimento de braços notoriamente inferior á media de sua idade, confirma tambem as pesquisas em torno deste dado.

Os ameríndios de um modo geral apresentam braços curtos (Bastos de Avila em *Desenvolvimento physico do escolar no Districto Federal*, Boletim de Educação Publica — Anno V — Ns. 3 e 4).

Analisados separadamente os seguimentos do membro superior, patenteiam-se valores pequenos em relação á média de individuos brancos, sendo digna de especial menção a inferioridade do valor para o comprimento da mão, o que, como se sabe, é um importante carácter diferencial da raça americana (Deniker, Bälz, Weisbach, apud Roquette Pinto — Rondonia).

Comprimento do membro inferior — Um membro inferior curto, característico tambem encontrado em nossos ameríndios. Quanto ao comprimento do pé, um valor abaixo da média, entretanto, equivalente a 16,3% da estatura, o que evidencia um valor não muito pequeno (em média este valor é 15,5% da estatura).

Perimetro cephalico e Índice cephalico horizontal — O perimetro cephalico é quasi igual ás médias de individuos brancos. Um diametro antero-posterior maximo bem elevado, superior ás

médias de sua idade, correspondendo a 18,9% da estatura, quando normalmente em sua idade (5 annos) corresponde a 15% (Bastos de Avila — *Desenvolvimento physico do escolar no Districto Federal*) e ao contrario um diametro transverso maximo bem proximo da média, falam em favor de uma franca dolicocephalia.

Indice nasal — Um indice nasal igual a 75,0 classifica-o entre os mesorrhinos,

Diametro bi-zigomatico e indice facial morphologico — Um diametro bi-zigomatico igual a 10,0, coloca-o um pouco abaixo da média dos individuos brancos. Entretanto pela altura morphologica da face (9,5) elle se acha com a media igual ás dos referentes individuos.

A relação centesimal dessas duas medidas, o *indice morphologico da face*, é igual a 95,0, o que o classifica como um hyperleptoprosopo, portador de um esqueleto facial muito longo e estreito.

A falta do valor do segmento neural impede uma comparação de proporções entre este dado e a altura morphologica da face, (soma dos segmentos nasal e mastigador) o que daria uma impressão sobre a oval da face e a altura do cranio. O mesmo acontece em relação aos valores dos perimetros abdominal e pelvico que, por não terem sido tomados, não nos permitem uma comparação com o perimetro thoracico, o que daria uma idéa significativa da forma do tronco. (*Vide ficha annexa*).

As mensurações nesse pequeno indio Camacam foram feitas pelo Prof. Fróes da Fonseca e o relatorio pelo Prof. Bastos de Avila. Agradeço-lhes as valiosas contribuições.

"Em fins do seculo XV, quando a sífilis começou a ser mais conhecida na Europa, cada estado procurou attribuir as culpas da doença ao estado vizinho. Foi assim que a sífilis recebeu nada

menos de 400 nomes, dos quaes 140 com marcado caracter geographico, por exemplo: morbus gallicus, mal francês, french pox, morbus italicus, mal de Napoles, etc. Na Polonia a sífilis tem a designação de doença alemã; na Russia, de doença polonesa. Na Turquia, Persia e India encontra-se ainda a raiz "francesa", significativa da origem europeia. No Japão conhece-se a doença com o nome de ulcera portuguesa e na China com o de ulcera de Cantão, o que assigna'a a importação do mal por intermedio dos commerciantes brancos estabelecidos em Cantão. Em Tahiti usa-se a designação de doença britannica. A esta salada de nomes veio por fim o medico Hieronymus Fracastorius (1483-1553), designado pelo Papa Paulo III como medico do Concilio de Trento. Na sua obra "De contagione et contagiosis morbis", publicada em Veneza no anno de 1546, este autor tratou pela primeira vez em forma scientifica da teoria do contagio. Nesta obra acha-se referida a poesia, escrita em 1521, mas publicada em 1530: "Syphilis sive morbus gallicus", de modo que o nome sífilis é conhecido desde ha 400 annos. A palavra foi objeto das mais variadas interpretações. Crê-se que deriva do grego (Syphilos), mas deve ser difficil demonstra-lo.

A disputa sobre a origem da sífilis não terminou ainda, mas cada dia parece ser maior a razão que assiste aos investigadores que repelem a hypothese de ser ella originaria da America. A mudança de data do Edicto contra a blasfemia, do Imperador Maximiliano, de 1 de Fevereiro de 1497 para 7 de Agosto de 1495, é repellido como falsificação, por Sudhoff e outros. A indicação de que o Informe de 25 de Julho de 1436 de Dijon considera como "gros mal" a epilepsia, é considerada por Vorberg como não demonstrada, se bem que tambem se não possa provar que com a designação de "gros mal" se tivesse em vista a sífilis.

Holcomb repele com grande energia a suspeita de que Cristovão Colombo tenha podido trazer a sífilis para a Europa. Vemos pois que são numerosos os investigadores que repelem a origem americana da sífilis. Por outro lado, cada dia merecem mais in-

S. N.º

LABORATORIO DE ANTHROPOLOGIA
MUSEU NACIONAL

/ 193.

♂ Sexo Nome *Guany (trib. Comacuaes - sul do Rio da Palua - Rio das Contas)* Idade. *62 (?)*
 Nacion.: dos país: *♂ da Bahia - ♀ Rio das Contas* Peso. *16.000*
 Profis. Estat. *950*

	Altura do nasion	Pelle cabel.: t..... d..... c.....	Compr. pé c..... d.....	<i>15.2</i>
	» <i>trag. d/e</i>	Olhos, c..... palp.....	Compr. tibia c..... d.....	
	» subnasion	Cranio, n. vertic. - face: n. fr.....	Diam. bicristilico	<i>18.0</i>
	» <i>gnathion</i>	Perfil: front..... nariz..... labios	Compr. radioc..... d.....	
<i>76.0</i>	» <i>acrom. d/e</i>	Orelha; nel..... trag..... anti-tr.....	D. basith. transv.....	
<i>75.0</i>	» <i>suprasternale</i>	Pêlos: face..... tron..... memb.....	D. biacromial	<i>22.0</i>
	» <i>infrasternale</i>	Cult..... Espir..... Resp.....	D. biygonalico	<i>10.0</i>
	» <i>epigastr. (V.)</i>	Pres. s. mx..... mn..... pulso.....	D. ceph. transv. mx.....	<i>13.5</i>
<i>54.5</i>	» <i>radiale d/e</i>	Dyn. d..... e..... Gr. Hem.....	D. ceph. ant-post. mx.....	<i>18.0</i>
<i>50.8</i>	» <i>omphalion</i>	Aug. nas. s. fac..... n. if.....	D. bi-orbital int.....	<i>3.0</i>
<i>48.8</i>	» <i>iliosp. d/e</i>	(Envergadura)..... <i>99.0</i>	D. bi-orbital ext.....	<i>8.4</i>
<i>46.6</i>	» <i>symphision</i>	(D. bi-trochanterico).....	Alt. nariz.....	<i>4.0</i>
<i>41.5</i>	» <i>stylion d/e</i>	(Diam. bi-manillar)..... <i>12.0</i>	Larg. nariz.....	<i>3.0</i>
<i>33.2</i>	» <i>ductyl. d/e</i>	Perim. cephalico..... <i>50.0</i>	D. buccal mx.....	<i>4.0</i>
<i>23.5</i>	» <i>tibiale d/e</i>	Perim. thoracico..... <i>52.0</i>	Alt. bi-labial.....	<i>1.5</i>
<i>3.6</i>	» <i>sphyr. d/e</i>	Perim. abdome.....	Alt. orelha.....	<i>3.5</i>
<i>55.0</i>	» <i>tronco-ceph.</i>	Perim. panturrilla..... <i>20.5</i>	Larg. orelha.....	<i>2.6</i>

75.0	35.7	37.5	45.0	75.0	75.0	57.8
Ind. nasal	Ind. bi orbital	Ind. buccal	Ind. facial (m.)	Ind. ceph. hor	Ind/ceph vertic	Ind. lat-e-lat.

PHOTO

PHOTO

Alt. morf. da face - 73.5
 Alt. aur. cabeça - 9.5

Obs. - As notas numericas não
 metricas são de referencia ás tabelas
 syntheticas do Museu Nacional.

Obs. suppl.

Mesomachus
Leptoproscops
Dolichotarsus
Hypsicorymbus

Comp. memb. sup. e.	d.	42.5
» braço esq.	d.	15.8
» antebraço esq.	d.	15.5
» mão esq.	d.	11.2
» memb. inf. esq.	d.	49.5
» coxa esq.	d.	
» perna esq.	d.	
» furculo-xyphoideo		
» xypho-umbilical		
» umbilico-pubico		
Alt. segm. neural da face		
» » nasal » »		4.0
» » mastigat. da face		
Abert. sub-thor.		

Antropometrista

Peltyger direito do observado

l. tibio-pelv.	l. corp. (Kau.)	l. pond. (Oeder)	Cap. cran.
	177		1336 c.c.

teresse os dados relativos á existencia da sífilis na antiguidade. Haeser e outros supõem que esta doença era dantes muito menos frequente e mais pobre em sintomas do que a partir do seculo XV. Demonstrou-se, quanto á era pre-colombiana, que muito antes da descoberta da America existiu nos países latinos uma doença interpretavel como sífilis, a qual se foi espalhando pela Europa em virtude das numerosas guerras. Certas observações dos medicos da antiguidade, certas esculturas, permitem suspeitar a existencia da sífilis em tempos pre-cristãos. E' possivel que a sífilis se confundisse com outras doenças de pele. O tê-la tirado da confusão das dermatoses e descrito como doença independente é, segundo Sudhoff, um merito da escolastica. O conhecimento da ação do mercúrio sobre esta doença — as fricções mercuriaes parecem provir dos medicos da Arabia; o mercúrio era já conhecido de Aristoteles — considera-se como fruto desta observação do seculo XIV. A sífilis era provavelmente uma das doenças, cujos portadores eram isolados. A possibilidade de tratar a sífilis transformou os centros de reclusão em centros de tratamento". *Acerca dos nomes e da origem da sífilis.* — Dr. Ernst Seckendorf (M. m. W. 1930, n.º 28), Dr. Stratmann-Thomas, Nova York (California West Med. 1930, t. 33), Dr. G. Vorberg (Med. Welt 1931, n.º 25), Dr. Holcomb, Filadelfia (U. S. Naval Med. Bull. 1934, t. 32), Rev. Terapeutica — Maio-Junho, 1937.

(a) *Caroba* — de *caí* — herba — *rob* — amarga. *Jacaranda caroba* D. C. Salsaparrilha — *Herrera salsaparrilha* Mart.

(b) *Marna Cassia* — *Marna*, cidade da Arabia Feliz. *Cassia de Marna* é a causa fistula — *Cassia fistula* L., planta exotica. A cassia brasileira é a *Cassia leiandra* Benth.

(c) *Guabipacacabiba* — *gaabi pocaca biba* = *Goaiuiu* — *pac* — *acab-ibo* = arbor anus, ramis fragilibus — *Mimosa*. Arvore velha de galhos quebradiços. Martius.

No pensar de von Martius, a *guabipacacabiba* é uma especie de mimosacea brasileira conforme vem mencionada no seu artigo

— *Nomina Plantarum in Lingua Tupi* — in Beiträge zur Ethnographie.

Eis a descripção que della fez Piso: "Denominei esta arvore Siliquosa, porque os indios mal lhe sabem o nome.

Disseram alguns portuguezes que a casca é muito molle e difere sobremodo da arvore, que é chamada por Dodoens siliqua doce. Com effeito caíndo-lhe as fôlhas, o que se dá no mês de Março, a ellas succedein siliquas doces, tortuosas e feias, primeiro verdes, e depois de amadurecerem, tornam-se pretas e apodrecem.

Esta arvore não gosta de matas sombrias, mas de lugares descañpados, e deleita extraordinariamente os viajantes pela elegancia e perfume das flores, pelo lenho, casca, êmula do sabugueiro na fragilidade.

Nas pontas dos ramos deita longos rebentos, folhas duras ao tacto, como follas de papel, de um verde esmaecido na parte superior.

Em redor dos raminhos de folhas (circa foliorum ramulos) nascem pediculos, em cuja extremidade brotam, reunidas em umbelas, muitas florinhas de côr flava, de cheiro suavissimo.

No centro, porém, em lugar dos estames, pendem numerosos filamentos crespos, semelhantes no aspecto e na côr, ao açafraão nesmo.

O miolo da raiz, entre branco e flavescente, livre da casca mais leve, cortado em pedaços e macerato de noite, ao sereno, em agua da fonte e bebida de vez em quando, serve de zemedio para mais de um mal.

De feito, faz sair a urina quando se demora, emprega-se nas obstruções dos rins e da bexiga, e vi só com o decocto ainda mesmo simples, curar gonorrhéias.

O succo da casca fresco, applicado sobre os olhos, desinflama-os. A infusão é de sa'or um tanto amargo, mas não desagradavel, é de partes muito tenues e deixa um certo travo.

De Indiæ Utriusque Re Naturali et Medica. — Gulielmi Pisois. Amsteladami. Ed. 1658.

orientação, só tem como recurso poucos medicamentos vegetaes, contra inimigo tão violento; não obstante, aproveita mais do que com o tratamento dos medicos europeus, que ainda concedem ao mercurio applicação vasta demais.

Nos indios do Amazonas observámos infecção rapida e veloz propagação do mal. Quando o auxilio medico

(d) *Jurubeba* — *Solanum paniculatum* L., da familia das Solanaceas. As folhas, os fructos e a raiz, são desobstruentes e uteis contra a ictericia, hepatite chronica, syphilis e febris intermittentes. Encerra a *jurubebina* e duas resinas: *jurubina* e *jurubebina*.

(e) *Laborandi* — *Monnieria trifolia* L., *alfazena de cobra* na Bahia.

(f) *Malvaisco* — *Urena lobata* L. var. *americana* Guerke — guaxima roxa, carrapicho redondo, na Bahia, e malvaisco no Sul do Brasil. A *Urena sinuata* L. e a *Sida micrantha* St. Hil., tambem são chamadas malvaisco na Bahia.

(g) *Caapomonga* — de *caá* — folha — *pamong* — pegajoso, viscoso, que gruda — *Plumbago scandens* L. A esta planta o povo dá o nome de louco, porque as folhas causticas são applicadas na região cervical dos loucos, no dizer do Prof. Caminha. No Ceará é conhecida por *amanta senhor*, talvez por ser confundida com a *Pitiveria alliacea* L., o tipi, a gerataca ou caá-gambá, na Bahia, ou por conter algum principio activo semelhante ao desse vegetal. O emplastro das folhas de louco ou herba do diabo, pisadas abortam parariclos e umbigos.

(h) *Vassourinha* — *Scoparia dulcis* L., *tupeçaba*. Algumas especies de *Sida*, tambem são chamadas *vassourinha*.

(i) *Imbaiba* — *Cecropia adenops* Mart., *imbanba* ou *imbaiba verdeleiro*.

(j) *Malva Americana* — *Sida rhombifolia* L. *Sida cordifolia* L., malva branca. (Nota de Pirajá da Silva).

não era prompto e decisivamente manifesto, os infectados, desesperados, costumavam fugir para as matas, de onde não mais tínhamos informações de cura.

E' crença geral dos índios que a doença foi introduzida pelos europeus. A *sypphilis* é desconhecida nas tribus até hoje inacessíveis aos brasileiros; por isso, não hesitamos confessar-nos decidido pela opinião que a considera como doença do velho mundo.

Soffrem muito pouco de outras doenças, especialmente das que dizem respeito á nutrição. Vimos alguns casos de tumores lymphaticos nos braços, na articulação dos joelhos e ankyloses dos membros inferiores, em alguns índios velhos; eram, porém, consequencias de ferimentos e não de dyscrasias internas.

AFFECCÕES OSSEAS

O esqueleto dos brasis evolve lentamente em fortaleza e resistencia notaveis. Conforme dizia Heródoto, os ossos cranianos dos negros são mais rijos que os dos brancos. Os escriptores espanhóes affirmam que o mesmo se dá com os dos indios. Os primeiros conquistadores e os observadores que vieram depois (Ulha. II. 99.) acharam que os ossos cranianos dos indios eram consideravelmente mais espessos que os dos christãos, pois resistiam melhor aos golpes dados por estes.

Sem duvida, entre os selvagens brasileiros tambem se nota que os ossos da bacia e do cranio adquirem solida estructura e extraordinaria espessura. Nos cemiterios e nos ossuarios, se pretende, por esse modo, fazer a distincção entre os ossos dos gentios e os das outras raças.

A odontogenia é bastante forte. A dentição começa vagarosa e tardia. Os dentes da segunda dentiçãe se distinguem por falta daquella côr leitosa, diaphana, que se observa nos europeus, especialmente nos nordicos; são de matizes mais amarellados, pouco transparentes e o es-

malte se conserva por mais tempo. Nos velhos os dentes caem naturalmente; poucos os perdem pela carie parcial, devendo influir favoravelmente para isso a circunstancia de quasi nunca usarem alimentos quentes; assim, as osteopathias e odontopathias são muito raras entre os huastecas.

Apenas observamos poucas affecções osseas, especialmente exostoses do peróneo, que eram proveitosamente curadas com leite de *Euphorbiaceas* e fomentações com folhas de uma *Piperacca*.

As dôres de dente eram devidas a alguma causa rheumatica, raramente á carie (68). Escoliose, "pied-bot" e

(68) Quando os hespanhoes, pela primeira vez, pisaram o solo americano, observaram, entre os americanos, muitos costumes estranhos á mentalidade européa.

Diogo de Landa, em viagem pelo Yucatan, observou nos indigenas o costume que tinham de praticar a decoração dentaria, dando aos dentes a forma de serra e os espontavam. Para isto os limavam com certa pedra e agua. Como distinctivo, algumas tribus extraíam os dous dentes medios do maxillar superior, como as dos *Guanacatiles*, cujo nome significa isto. Varios chronistas affirmam que a extração dentaria dos *Guanacatiles* provém de uma punição infligida pelo Inca, por se terem elles sublevado ao seu dominio, sendo adotada depois, acrescentou Cieza de León, como distincção honrosa. Noutros povos, os caciques e principaes encrustam os dentes com pontas de ouro.

Em peças archeologicas encontradas no Mexico, no Yucatan e Equador predomina a decoração dentaria chamada *incrustação*, que consiste em fixar na face frontal do dente, discos de algumas substancias preciosas: jadeite, hematite, turquesa, cristal de rocha,

deformações outras do esqueleto não observámos em parte alguma. Provavelmente, quando essas deformidades são hereditárias, o que é admissível, sacrificam as crianças aleijadas, ao nascer. Além disto é singular, e se poderá apresentar como característica da história dos costumes daquela raça, que tantos enigmas nos offerece, que o índio represente o *Curupira* (69), producto de sua superstição, o assombro da matta, sempre niau e hostil ao homem, com

obsidiana ou um cimento verde-lho. Estes pequenos discos eram fixados em escavações de forma idêntica, produzidas no esmalte.

Outro modo de inscrustação dentaria consistia em fixar sobre quasi toda a extensão do esmalte frontal, uma laminula de ouro de forma retangular. Recentes achados archeologicos permitiram comprovar o costume das mutilações dentarias, numa população, hoje extinta, na Patagonia central.

A tecnica empregada pelos antigos mutiladores dentarios da America é um enigma, ainda não de todo decifrado; entretanto, a julgar pelas experiencias de Müller, feitas em 1908, parece que taes mutilações foram produzidas por fragmentos cortantes de sílex. Tão interessantes estudos e investigações vieram descortinar novos horizontes, incitando os especialistas a pesquisar nas peças fósseis encontradas em territorio, onde, até então, não havia indícios da pratica das mutilações dentarias. Vê. Rev. Geogr. Americana n.º 41. *La decoration dentaria en el America aborigene.* Adolfo Dembo. (Nota de Pirajá da Silva).

(69) *Curupira* — de *curú* + *pira* = o individuo coberto de pustula. Nome de um genio da credence indigena, o diabo das mattas, que presidia aos maus pensamentos e pesadelos. Na Bahia, ha mais referencias á *Caipora* de *caá* + *pora* = o habitante do matto, do que mesmo ao *Curupira*. E' o genio silvestre, o gnomo, anão de um pé só, ou de uma banda só. Cavalga, ás vezes,

"pied-bot" ou pé torto, voltado para trás, saindo do tho-
 rax. Às vezes, apparecem paralyticos e coxos; sua de-
 formidade é sempre de origem traumatica. A coxalgia
 espontanea infantil, consequencia da nossa civilização, é
 desconhecida entre os indios.

um *caitetú* ou *taitetú* e transmite a desgraça a quem o avista.
Sacy-pererê é outro genio malefico. *Sacy supererê* -- vem de
ca cy -- um dos olhos doente + *çá-pererê* -- o outro vivo, buli-
 çoso. O passaro chamado *sacy*, sem fim, e na Baía secco-fico ou
sêde-sêde, é o *Tapera naevia* (L). (Nota de Pirajá da Silva).

DOENÇAS DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS

As doenças dos órgãos respiratorios não são comuns entre os indios brasileiros; rarissimamente são sujeitos á tuberculose chronica, ao passo que a tuberculose galopante é, ás vezes, consequencia de affecções thoracicas agudas: pleurisia e pneumonias.

A conformação larga do thorax, o constante exercicio do indio, fortalecido pelas caçadas ou por occupações outras ao ar livre, clima favoravel e brando, permitem que essa doença pouco se manifeste.

G O T T A

A gotta, reconhecida mente uma das principaes doencas da raça vermelha na America do Norte, é rara aqui no paiz e era quasi completamente desconhecida, quando o uso da aguardente não se achava tão espalhado. Esse veneno tambem actua perniciosamente sobre os indios que, embora afastados dos brancos, continuam em relações commerciaes com elles.

Toda expedição traz a cachaça com suas tristes consequencias para as tribus isoladas e em malocas; entretanto, ahí se sente menos o effeito pernicioso das bebidas alcoholicas, especialmente da aguardente de assucar, recentemente preparada, do que nas povoações de indios civilizados dos districtos litoraneos da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Pará. Ahí, onde ha maior população de indios civilizados, a aguardente tambem exerce influencia nociva em maior escala. Além da perversão moral para a raça, tambem traz real contingente á crescente mortalidade, á surpreendente esterilidade, á recrudescencia dos *soffrimentos* hepaticos e hemorrhoidaes.

(70)

(70) Na magnifica obra de von Martius notamos alguns trechos referentes ao pernicioso e entranhado vicio da cachaça,

nos infelizes brasilíndios. "A aguardente, cuja produção no Pará monta anualmente a 500 pipas é conservada no pavimento baixo de uma casa grande, em monstruosos troncos ocos de angelim".

"Os maus índios, nada dispostos a serviço esforçado, afirmam que nestas regiões não era costume remar contra a maré cheia; entretanto, deixaram-se persuadir, com dupla ração de cachaça a remar para diante". "Agora, nós nos alegrávamos, pois tínhamos a canôa em segurança, sob a copa de altas arvores, uma alegre fogueira no mato, e víamos a animação dos nossos índios, que, após dupla ração de cachaça, se puzeram a cantar; escureceu-se, então de repente ainda mais o céu, e de nordeste veio, com um pé de vento, terrível trovoadá, que, em breve, se estendeu por toda parte".

"Uma boa ração de cachaça, que nessas ocasiões nunca deixávamos de dar-lhes, tinha o salutar efeito de torna-los alegres, sociáveis e activos". "De regresso á Barra, recompensávamos os homens com alguns garrações de cachaça e os incitávamos a exhibir-se nos seus jogos de sociedade". "Os Muras, estabelecidos na vizinhança de Maracará, mal se aperceberam da nossa chegada, acorreram, através a escuridão da noite, em grande numero, com o intento de obterem alguns garrações de cachaça, em troca das manifestações de regozijo pelo regresso do patrão". "Apesar de tudo, foi o acampamento aterrorizado, antes da madrugada, pelo ataque de um grande jacaré, que vinha á espreita das galinhas, e só com a gritaria dos índios pôde ser espantado".

— Daí em diante, foi em geral crescido sempre mais a frequencia desses monstros; em grandes banhos, jaziam na praia ou nadavam pelas aguas tranquilas das enseadas. Por isso, só nos arriscávamos a tomar banho em agua rasa, onde ínziamos os índios formar circulo em torno de nós. Entre esses, havia alguns, para quem a luta com um jacaré era divertimento. Atiravam-se, com um cacete numa das mãos e na outra um facão comprido, ás enseadas tranquilas do rio, nadavam ao encontro do monstro, mergulhavam por baixo dele, e golpeavam-no, abrindo-lhe o ventre. Como a primeira vez recompensamos com um garrafão de

cachaça essa proeza heroica, feita sem a nossa licença, foi necessario, depois, uma prohibição expressa, para que não se repetisse".

Depois da calamitosa e deshumana expulsão dos jesuitas, os directores civis designados para as aldeias só visavam a cubiça. "Muitos indios fugiam para as suas tabas; outros eram vitimados por doenças que adquiriam no contacto dos brancos e nas suas depravações. Nada faziam para dissuadir os seus subordinados do vicio da bebedeira; tinham até, por conta propria, bodegas para extorquir dos desgraçados o que ainda de outro modo lhes poderia restar; em suma, toda a aldeia era meio para os monopolios do director". "Cachaça, a poderosa panacéia para todas as disposições de animo do indio, não tinhamos mais que bastasse para conserva-los perto de nós".

Viagem pelo Brasil, von Spix e von Martius. (*Nota de Pirajó da Silva*).

HEMORRHOIDES

As hemorrhoides se manifestam de varias formas e, frequentemente, se relacionam com as hepatites, como prodromos das mesmas.

Citamos como doença característica e temivel dessa categoria, a conhecida doença do bicho ou bicho do cú, nas regiões nordestinas, principalmente nos logares humidos, baixos, das provincias do Maranhão, Piahy, Pernambuco e Bahia, tendo sido já descripta por Piso (71) como flagello daquellas populações.

(71) *Macilo, mal del culo*, é uma rectite gangrenosa de etiologia desconhecida, na opinião de *Castellani e Chalmers — Manual of Tropical Medicine*, 1919. Essa doença foi importada da Africa por occasião do trafico negroiro. Tambem era conhecida por *mal do bicho*. A doença inicia-se por um prurido nas margens do anus, a que se seguem symptomas de dysenteria aguda, até chegar a descargas de liquido sanguinolento, fetido, ou esverdeado. Podem occorrer: prolapso, gangrena do recto e convulsões, caso em que o paciente não resiste. Dizem alguns autores que, por vezes, se desenvolvia a myiase, ou bicheira, no recto prolabiado; dahi, talvez, a denominação de *mal do bicho*, ou tambem por julgarem que vermes intestinaes. *Oxyurus vermicularis* e outros, fossem a causa do morbo.

Emregavam os mais absurdos medicamentos. Aconselhavam clystères de sumo da herba de bicho ou cataia — *Polygonum acre* H. B. K. Quem primeiro tratou do assumpto foi o autor dos *Dialogos das Grautezas da Brasil*. Consulte-se esta obra magistralmente annotada pelo dr. Rodolpho Garcia, publicada pela *Academia Brasileira*.

Aos interessados aconselliamos os excellentes trabalhos: Piso — *Hist. Nat. et Med. lib. II. c. 14*, edit. 1658. 41. *Vergil-Schmurrer, Geographische Nosologie*, pag. 340. Citado por Martius. — Pisonis, G. et Maregravi — *Historia Naturalis Brasiliae* 1648. *Histariologia Medica no Brasil* — dr. João Rodrigues de Abreu, 1714 *Erario Mineral* — Luiz Gomes Fereira, 1735. *Dicc. de Med. Domestica e Popular*. Rio — 1873, dr. Theodoro Langgaard. *Borbas, Macúlo e Dracontíase no Brasil* — dr. J. F. Silva Lima. Bahia, 1891. *Doenças Africanas no Brasil* — Octavio de Freitas, 1935.

Da obra de Guilherme Piso apresentamos o Cap. XIV, pag 14, que trata da úlcera e da inflamação do anus, tra leção que devemos á obsequiosa e delicada attenção de outro amigo latinista.

"Exporei aquillo que já pelos barbaros, já por minha propria experiencia vim a saber sobre tão funesto e lamentavel mal. A esta doença chamam os indigenas de *teicooraiba* e os portuguezes (abusivamente) *doença do bicho* ou *bicho del culo*, quer porque no começo se sintia um prurido doloroso, quer porque os bichinhos tragam a gangrena. Discutem os discipulos dos medicos sobre a novidade ou a antiguidade deste mal epidemico. Eu sou levado a crer que elle faz estragos tambem em outras partes do mundo ainda que insidiosamente, e por isto de modo alguma pode ser considerado novo. Provavelmente é antiquissimo e parece a elle referir-se a passagem do I Reg. V, 6:

"A mão, porém, do Senhor descarregou pezámente sobre os d'Azoto e os reduziu á ultima miseria: e ferio tanto os d'cidade como os do seu termo, com um mal na parte mais occulta

do seu corpo" (a). Delle tambem parece lembrar-se David quando diz no Ps. 77,66:

"É feriu os inimigos nas partes trazeiras". Não é endemico este mal nesta terra, mas ataca frequentemente os nativae e os forasteiros. Consta ter sido longo tempo conhecido em Angola e noutras partes quentes das Indias e terem sido antigamente os habitantes do Brasil completamente immunes. Não é outra coisa senão um incendio e uma corrupção do anus, sem ou com fluxo de sangue, assolando principalmente no tempo de estio. Precedem á doença, fluxos dysentericos, com calores intestinaes ou então accomette por si mesmo e sem nenhuma manifestação previa. Si houve dysenteria precedente e si por causa dos medicamentos empregados cessarant os symptomas e as exereções, nem por isso pode haver confiança. De feito, o humor acre assim retido e aquecido pelo calor demasiado e principalmente pela grande quantidade de iluxo infecto e sordido, conservado no interior, attinge tal grau de putrefecção com tão atroz dôr e inflamação, que rompe o musculo sphincter e as bocas das veias hemorrhoidaes.

Quando começa o fluxo sanguinolento e sobe mais nas tunicas dos intestinos é de tão deforme aspecto que, o anus, largamente dividido, parece uma cloaca de livida e plumbea côr. As vezes este mal se manifesta pela dôr devida á retenção de excrementos em demasia, que, seccoos e endurecidos pelo calor, não são expellidos, senão com grande difficuldade e dôres. Outras vezes, porém, apesar de todos os esforços, e com o anus muito procidente, nada é expellido (como eu mesmo experimentei). Daqui, frequentemente, atrozes dôres, devidas ás fêzes retidas, ás quais dôres se seguem alquebramento de forças, insomnias, vomitos e principalmente dôres e ardores na cabeça. Por isto, antes que o mal faça progressos, socorra-se o doente com laxantes e refrigerantes. Appliquem-se clysteres da mesma natureza. Deve-se persistir nos suppositorios, nas unções, nas lavagens, na applicação de alhos e nas fumigações. Não esquecer, precipuamente, as sangrias. Si

a todos estes remedios não ceder o mal com brevidade, então será certamente mortal.

Muitas vezes, além disso, acontece que sem nenhuma doença intestinal, nem signal algum precedente, se insinue o mal nas partes pudendas das mulheres; de inicio passando despercebido á doente e ao medico. E visto como, raro traz consigo a gangrena, torna-se incuravel. Si o mal porém se revelar, é costume, em todo o caso, fazer a seguinte diagnose: espontaneo quebrantamento, dôres de cabeça e dos membros, falta de appetite, calores por todo o corpo, insomnias, arhythmia e tachycardia do pulso das arterias, sem manifesta doença do anus, a não ser algum forte prurido ou um falso testesmo. Por isso em todas as affecções, principalmente intestinaes, os medicos costumam indagar do estado do anus.

Não contentes com isto os empiricos naturaes da terra exploram o anus com a vista e com o tacto, afim de ver se existe algo de anormal. Depois, com fricções da polpa de limão esfregam aquellas partes, despertando assim dôres. Diverge esta doença das hemorrroides, principalmente pelos seguintes signaes. Ha grande dôr de cabeça e forma-se abertura no anus dilatado. Depois, si considerarmos o prognostico, esta doença traz por vezes a morte rapida. As hemorrroides, ao invés, melhoram com os mesmos medicamentos que na Europa; antes, curam-se com a applicação frequente das sanguesugas brasileiras e com o leite de coco podre applicado ás partes. De resto, quem desejar defender-se contra esta doença, lave acuradamente o anus, toda vez que evacuar, com agua do mar fria ou morna e com succo de limão fresco. E' bom lembrar que *iaborandi-miri* (b), com sal e pimentas brasileiras, é preferivel a todos os remedios. Quando porém as partes sensiveis e escoriadas do anus não supportam tão fortes remedios, sejam elles temperados com gemma de ovo e com caldo de canna de assucar e principalmente com suuidade da herba, grandemente purificadora, chamada *iacucanga* (c). Si a debili-

dade das forças contraindicar as sangrias, applicem-se atraz das costas pequenas ventosas. Depois se passe aos clysteres refrigerantes, fortificantes e adstringentes, que sejam anodynos e mesmo estupefacientes. A seguir, conforme o costume dos velhos habitantes, lavem-se bem as partes posteriores, introduzindo o dedo embebido em agua assucarada, em gomma de *toreroquí* (d) e em amido de tapioca de mandioca.

Depois deste banho, toma-se uma solução de alvaiade, agua de rosas e flor de *ibabiraba* (e), preparada em assucar mascavo, com clara de ovo, leite e uma pitada de opio; molha-se nesta solução um sacatrapo e introduz-se profunda e frequentemente no anus.

Para isto empregam-se tambem certas hervas naturaes, já receitas e aprovadas por longo tempo, antes que outras, contra esta doença. São ellas: as folhas e os fructos da *pagimariôba* (f) e da *topia* (g), arvore muitissimo util. Acrescentem-se *aguara-guya* (h), tantas vezes introduzida quantas forem retirados os sacatrapos e os suppositorios. Se a parte doente não supporta o contacto das mãos, devem estas ser substituidas por defumadouros de emolientes e de seccativos. Quarto á dieta: convem muito usar dos alimentos frios e reconstituintes. Os alimentos irritantes, ao invés devem ser evitados como si foram peores que cães ou cobras. Si os vermezinhos juntamente com o principio da putrefacção infestarem a parte affectada, devem ser elles combatidos com um unguento que contenha o pó amargo da fruta do *angelin* (i), com cinza de tabaco.

Gulielmi Pisonis — Medicej Amstelædamensis de Indiæ Utriusque re Naturali et Medica Libri Quatuordecim, quorum continetur pagina sequens exhibet. Amstelædami, Apud Ludovicum et Danielem — Elsevirios. C. T. T. C. LVIII.

(a) Na parte mais occulta, etc. Gracio, com o commun dos Rabbins, o entende do mal das hemorrhoidas: Lyra seguindo a José, da dysentheria: outros com Eusebio, do cancer ou mal venerea. — Nota de Pe. Antonio Pereira de Figueiredo — Bi-

blia Sagrada — 1854. As passagens do Livro dos Reis e do Salterio, que lemos com cuidado e na integra, autorizam-nos a pensar na peste bubonica, attenta a referencia do texto á extrema quantidade de ratos e á grande mortandade que assolou a cidade. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(b) *Polygonum acre* H. B. K. (*Polygonum antihæmorrhoidale* Mart), *erva de bicho, cutaia, persicaria do Brasil*. O succo acre, vernicida, excitante, dá-se em clysteres nas febres perniciosas, congestões cerebraes, no começo do maculo, doença do bicho. Tambem era empregado em banhos e cataplasmas, nas artrites e incommodos hemorroidarios. O sumo da planta fresca servia para clarificar a garapa nos engenhos de assucar.

(c) *Jacnacauga* — *Heliophytum indicum* De Cand., *crista de Gallo*, na Bahia e Norte de Minas. *Fedegoso*, em Pernambuco. Cicatrisante ou vulnerario. Contra aphtas, stomatites e em varias dermatoses. E' usado como béchico.

(d) *Tarçroquí* — *tarerôqui, tiririçum, mata-pasto* — *Cassia sericea* Swartz.

(e) *Ibabiliraba* — *guabiraba* — *Psidium Cattleyanum* Sabine

(f) *Pagimarioba* — *pajomariçba, mangerioba, fedegoso verdeira* — *Cassia occidentalis* L.

(g) *Tapiá* — *Crotalaria tapia* L. (*Cleome arborea* Schrad). Familia das Capparidaceas. As cascas e flores têm applicações medicinaes. E' caustica. As raspas da casca, humedecidas com agua são usadas em emplastos para abortar pauaricos e unheiros. Tambem servem como sinapismo contra as cephalalgias. Aconselham o succo das folhas nas hemorroides e como maturativo. Casca acre amarga, fructos comestiveis. *Tapiá-guassú* é a *Alchornea tricurana* Cav.

(h) *Aguaraguya* deve ser a *aguará-quidá* dos brasilincolas — e *Solanum Aguara-quidá* Pison. (*Solanum diffusum* Vell., *Solanum oleraceum* Rich.).

Aguari-quidá, aguará-quinhá — *Heliophytum elongatum*?

Dizem ser originario da India e transportado para o Brasil, onde é hoje espontaneo e goza de reputação no tratamento das ulceras syphiliticas.

Botanica Geral e Medica. Caminhoá. Deve ser o *Heliophyllum indicum* D. C., que contém suco de grande valor contra as doenças cutaneas. E' a *borragem brava*, existente em quasi todo o Brasil, conforme escrevea Pio Corrêa.

(i) *Angelim* — *Andira anthelmintica* Benth. *Notas de Pirajá da Silva*).

— A mais antiga referencia ao macúlo é a que vem no livro de Pisão — *De Utriusque Indiae re naturali et medica*, e tratada no capitulo — *De ulcere et inflammatione ani*.

Affirma entretanto, constar-lhe que a doença era desde muito tempo conhecida em Angola e em outros paizes quentes das Indias, e que, antigamente eram isentos della os habitantes do Brasil. Por esta affirmativa parece provavel que elle a reputava inportada da Africa; mas, nem o declara expressamente, nem, no que diz respeito ás Indias Orientaes, se é a estas que allude, encontrei passagem que justifique essa opinião no livro de Bontius, apperso ao seu, no qual se encontram capitulos separados em que se trata de *dysenteria-vera*; de *fluxo alvi hepatico*, de tenesmos e de cholera, pags. 19 a 21. Luiz Gomes Ferreira, cirurgião portuguez em seu livro "*Erario Mineral*", consagra um extenso capitulo á "*Enfermidade a que chamam corrupção do bicho*", e que é a mesma descrita por Pisão. João Severino affirma que a doença existia em todos os logares do Brasil onde se recebiam negros novos e o Sr. Agostinho Dias Lima, contava que a doença era muito frequente nos escravos negros amontoados nos trapiches.

Diz Martius que os indigenas chamavam o macúlo de *ti-coaraba* — "*O mal del culo*, de onde por contracção proveio *maculo*. A corrupção do bicho não é outra coisa senão uma largueza e relaxamento do intestino recto e seus musculos, e nota que esta largueza ou relaxação (buraco lhe chamam em Matto Grosso, como diz o dr. Sabino) é de diversos graus, desde a sim-

ples laxidão, até a uma abertura que pode admitir o punho, e de tal modo ampla, que nada absolutamente pode reter a cavidade do recto, sem o auxilio de uma atadura perineal contentiva. A este estado de cousas acompanha uma secreção de mucosidades viscosas e fetidas; e expellidos estes humores viscosos, accrescenta elle, ficam visiveis algumas ulcerações ou chaguinhas, sendo o ultimo termo da molestia a gangrena. Ha prolapso do recto que parece ser constante". Peço que diz respeito á presença real ou supposta de parasitos que parece ter motivado a denominação de bicho, não foi confirmada com factos de observação pelos autores que trataram do assumpto. Diz Silva Lima que a origem deste nome de bicho, talvez proveniente do de bircha, nome que o povo deu á epidemia de febre amarella em 1686, em Pernambuco e na Bahia, não procede, desde que Pisão já havia mencionado aquella designação em 1658 e Antonio da Cruz em 1601. O Dr. Moutinho diz apenas que ao menor descuido desenvolvem-se no recto bichos de vareja.

Dr. Moutinho em relação a Matto Grosso, diz que as febres intermittentes e malignas são sempre acompanhadas de corrupção ou *el bicho*, dando a entender haver intima ligação entre estas affecções. Dr. João Severiano fala numa *entero-proctite*, costumeira, local, raras vezes essencial, mas, quasi sempre consequencia de febres intermittentes rebeldes ou de outro character, o que já notara o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. Gabriel Soares de Souza se refere ao maculo, no seu "Tratado Descritivo do Brasil", em 1587. pag. 186.

Eram empregados os mais absurdos agentes therapeuticos: camphora, o limão em quartos ou o sumo da fruta a mangueira — *Cassia occidentalis* L., o fumo — herva santa — *Nicotiana tabacum* L., sal, aguardente, polvora, pimenta e, no Brasil, a *herva de bicho* ou *cataia* — *Polygonum acre* H. B. K., em clysteres do decocto ou em massa, pisada com um ou mais daquelles ingredientes, em bolos ou suppositórios, contidos por atadura perineal,

Os índios do litoral chamam-na de *Teicoaraiba*, isto é, *anus rubens*, *anus vermelho*. No começo consta de relaxamento, de prolapso, e, finalmente, de gangrena do recto.

O exito é sempre letal, se desde logo não forem empregados os mais energicos meios therapeuticos. Essa doença repellente é observada nos índios quasi sempre na fim de uma epidemia de dysenteria. Na Provincia do Piaulhy tambem verificamos uma forma carcinomatosa em cavallos. *Reise in Brasilien*. II. pag. 779.

para não sairem da cavidade largamente aberta do recto. Por causa desta difficuldade de introduzir e conter *in situ* estes medicamentos no intestino, conta Luiz Gomes que, em caminho de Minas, em 1708, tratara um doente que encostara a uma parede, de cabeça para baixo, e seguro por dous pretos, até lhe encher o recto com buchas ou bolos de massa composta dos remedios classicos, e demais como verdete, caieças ou maçãs ou olhos de algodoeiro, etc.

Elle aconselha este tratamento, que se deve repetir em regra, de duas em duas horas, nos casos de corrupção grande! A este composto chama elle a *massa forte* para as grandes corrupções. O Dr. Sahino verbera severamente este barbaro tratamento que viu praticar pelos curandeiros e curandeiras de Matto Grosso, armados com o que elle chama uma *lanada*, enbebida ou guarnecida com estes ferozes estimulantes, e brandida e introduzida no recto, por mãos vigorosas e selvagens. Vd. *Pathologia Historica e Geographica e Nosologia das Bonbas, do Maculo e Dracontiasc na Brasil*. Dr. J. F. da Silva Luna, Bahia 1894.

Vd. Alexandre Rodrigues Ferreira — *Diario da Viagem Philosophica pela Capitania de São José do Rio-Negro*. Rev. Trind. do Inst. Hist. Geog. Bras. T. LI. pag. 76. (*Nota de Pirajá da Silva*).

DOENÇAS DOS ORGÃOS DOS SENTIDOS

Do que acima citei a respeito da função sensorial dos ameríndios e do seu modo de vida próprio, tão pobre, em relação á nossa civilização, faz com que, *a priori*, se conclua serem apenas acommettidos de poucas doenças dos órgãos dos sentidos; effectivamente assim o é, pois, só raramente, nelles se encontram.

Os olhos pretos, castanhos, ou então os rarísimos azul escuros do selvagem brasileiro, reflectem, no seu brilho, a triste e sonhadora abstracção da raça.

Por causas traumáticas ficam muitas vezes cegos, porém a catarata só raramente os ataca; a amaurose e o glaucoma, ainda menos. As ophtalmias, devidas á excessiva irritação da luz e á fumaça das ocas, apparecem de preferencia nos logares onde o indio se recolhe em habitações escuras, por causa dos incommodos enxames de pernileiros, como se acentecer no Rio Negro e muitos afluentes do Solimões. Além disso, nos recantos verdes da matta, sobre os campos illuminados das montanhas, afastado das irritações prejudiciaes da erudição e da civilização europeas, jamais fatigado com a letra miuda dos

livros escolares, com a tecitura das meias ou importunado com a leitura de romances, o orgão nobre do rosto, nunca tendo usado cullos, binoculos ou microscopios, goza de uma liberdade feliz, que só póde trazer beneficio ao seu vigor e saude.

O que observamos com mais frequencia naquelle paiz, quer nos índios, quer nos negros, foi o arco senil (72), espessamento circular da cornea em redor da pupilla, e isto não só em consequencia de idade avançada como de conjunctivite catarrhal. Devida á má alimentação, especialmente de peixe salgado, nas longas viagens, os índios são frequentemente acommettidos de ligeiras ophthalmias, para as quaes usam communmente banhar os olhos com sumo fresco, extrahido dos brotos foliaceos da imbaúba (*Coccoloba*).

Os autóctones brasileiros soffrem mais do ouvido que dos olhos. Observámos muitos homens e mulheres

(72) O *arco senil*, *arcus senilis*, *gerotaxo*, opacidade grisalha em torno da periphéria da cornea é frequente nos velhos.

A amaurose, naquella epoca, era a cegueira sem lesão apparente dos olhos. Posteriormente com a descoberta do ophthalmoscopia feita por Helmholtz, apurou-se serem as amauroses devidas a lesões do fundo do olho (atrophia do nervo optico, choroidite macular, etc.).

O trachoma é uma doença importada para o Brasil, assegurou-nos o everito oculista Dr. Penido Burnier.

Há mais de 20 annos que entrou, até em Mato Grosso, e va se espalhando, conforme observou o Dr. Peri Alves Campos. Vejam-se os trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Brasileiro de Ophthalmologia. (*Nota de Pirujá da Silva*).

completamente surdos; mais numerosos ainda, eram os casos de meia surdez.

Em alguns individuos, grandes cicatrizes indicavam provir de graves inflamações das parotidas e provavelmente do conducto auditivo interno. Sobrevieram por metastase, depois de febres exanthematicas. O indio liga muito pouca importancia a esse delicado aparelho: não conserva a cabeça coberta; é muito raro usar chapéo; por isso, o sol abrasador produz, ás vezes, influencia prejudicial sobre o ouvido externo que, durante á noite, ora demasiadamente se aquece á beira do fogo, ora se resfria nas folhagens humidas ou na areia; assim, pois, não é raro se manifestarem otites catarrhaes rheumaticas e otorréas chronicas. Em geral, aqui tambem se observa a sympathia (73) subtil, existente entre os órgãos que segregam a bile e o amargo cerume. As manifestações morbidas erysipelatosas e até mesmo a irritação, a principio bastante topica, provocada pelo bicho de pé, cujo ninho de ovos, como se sabe, produz inflamações muito dolorosas, frequentemente tambem se reflectem na esphera dos ouvidos.

(73) Em physiologia pathologica, entende-se por sympathia a relação existente entre as acções morbidas de dois ou mais órgãos afastados, o que faz com que a affecção de um se reflecta sobre os outros. (*Nota de Pirajá da Silva*).

DOENÇAS MENTAES

Os selvagens brasileiros rarissimamente são sujeitos ás doenças mentaes. Suas idéas apathicas, mania melancholica, intelligencia circumscripta, em relação a tudo que diz respeito á mais alta e requintada vida espiritual, explica porque lhes são estranhas as alienações da psyché, que entre nós provêm das extremadas emoções e das imaginações morbidas.

Se excluirmos o delirio passageiro da embriaguez, a raiva do ciúme ou do odio, quasi não existe paixão que possa levar o indio a um desarranjo mental. Porém, muita vez, se notam: demencia e idiotia, provavelmente consequencias de traumatismos graves ou de doenças internas que evolveram desfavoravelmente. A unica doença mental de que ouvi falar deveria ser comparada com a lycanthropia, isto é, com a alienação, na qual o individuo, fóra de si de raiva, corre ao ar livre, imita a voz e os modos do cão ou do lobo, transformando-se em lobis-homem.

Dobrizhofer, detalhadamente, descreve esta alienação (de Abipon II, pag. 249) (74) e nota que ella só se manifesta na horda dos *Nakaiketergehés*.

Ouvi descrições muito semelhantes pelo indio governador, capitão *Marlière*, e por muitos missionarios do Amazonas.

O indio, pallido, taciturno, interiorizado, com o olhar fixo e incerto, vagueia ou se isola de todo o convivio. Uma tarde, depois do sol posto, repentinamente irrompe nelle uma sede insaciavel de sangue humano (*Pyâ-ayba* em tupi) (75), com todos os signaes de uma raiva extravagante. Corre desabaladamente pela aldeia, e quem quer que o encontre se expõe a ser atacado; uivando se dirige para os logares onde ha cadaveres enterrados, revolve a terra, deita-se no chão ou involuntariamente vagueia pelos ermos. Este mal se repete durante 8 a 14 dias e termina por completo abatimento, ou se transforma em febre.

Este facto se pode observar, epidemicamente, nos homens e nas mulheres, e isto principalmente depois de continua licenciosidade, embriaguez, danças e excitações de outra natureza. Os indios acreditam que a feitiçaria

(74) *Abipão* — do latim abipones. Antigo povo guerreiro do Chaco, Paraguay, a Oeste do Paraná, que desapareceu no estado puro; só existem mestiços de Abipões com outros indios. Dialecto falado por esses povos. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(75) *Pyâ ayba* — quer dizer raiva, angustia, coração mau. Dicc. Brasileiro e Portuguez. 1759. Rev. do Museu Paulista. T. XVIII. (*Nota de Pirajá da Silva*).

seja causadora disto. Os missionários consideram sempre necessario separar logo os doentes da sociedade, para que o mal não se alastre mais. Eis o que de essencial annotamos, e tivemos occasião de ouvir dos entendidos, a respeito das doenças dos selvícolas brasileiros (76).

(76) Uma das medalidades da zoantropia é a licantropia, mania caracterizada pela crença que tem o doente em se imaginar transformado em lobo. A lenda do lobishomen — *licantropo*, não existia só entre os primitivos; era uma antiga superstição européa, já citada nas Bucolicas de Virgilio e conhecida no folklore de povos antigos. Os povos primitivos da Oceania, Africa e da propria India, de longa data acreditavam no homem tigre, no homem lobo, homem leopardo e homem hyena. Disse muito bem Arthur Ramos que o "lobishomen brasileiro é uma concepção onde intervêm velhas crenças européas accrescidas de crenças totemicas e mythicas, de origem amerindia e africana". Foi importada de Portugal para o Brasil. No Japão se observa em individuos neuropathas uma psychose chamada — *kitshone-tsuki*, possessão pela raposa.

Os pacientes quando acometidos desse delirio reconhecem e acreditam firmemente na possibilidade de taes accidentes.

Ha desdobramento da personalidade com estado de possessão suggestivo. Vd. Dr. B. Morel. *Sur un delire neuropathique avec dedoublement de la personnalité observé au Japon, le Kitshone-tsuki, ou possession par les renards. Annales medico-psychologiques* — 1892. Vol. I. *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. Nina Rodrigues.

Observa-se, em Java e nas ilhas malaias, um estado pathologico denominado *amok*. E' caracterizado por allucinações visuaes com impulsos homicidas e seguillo de profundo abatimento.

Os fanaticos amoks se excitam com hebidas, fazem votos de correr, matando todos quantos encontram diante de si.

Os agentes policiaes andam munidos de forquilha, para deter na carreira estes loucos ou malfeitores, matando-os immediatamente.

Na credence do lobishomem, no Brasil, se admite que o individuo ou coerte de amarellão, se transforma em espantalho, com o feitio de lobo e sae, á noite, pelos campos, a praticar os maiores desatinos no cumprir a triste sorte.

"Ha um fundo de verdade nesta credence. A ancylostomíase, acarretando disturbios cenesthesicos pode provocar em debéis e predispostos mentaes, symptomas de allucinação da cenesiopathia, podendo levar até aos phenomenos de transformação da personalidade.

Será interessante um estudo de conjuncto sobre todas estas formas delirantes archaicas, estes delirios "medievaes", estas psychoses de colorido "fetichista" no Brasil". Vd. *O Negro Brasileiro*. Arthur Ramos.

Neste capitulo accentuou o sabio von Martius, que os nossos antigos missionarios julgavam sempre necessario separar logo os doentes da sociedade, para que não mais se alastrasse a psicose licantropica. Assim praticavam mui racionalmente a profilaxia, evitando o *contagium psychicum*, factor de alta influencia na propagação desse delirio archaico, na expressão do Dr. Wahl.

Bechterew analysou minuciosamente factos de contagio psiquico em adeptos de seitas politico-religiosas, principalmente nos russos e em varios outros povos. Muitas dessas seitas se acham nas fronteiras da loucura e, ás vezes, levam os seus adeptos á alienação confirmada, conforme observou o Dr. Wahl, em populações incultas da França, arrastadas "á alteração cenesthesica da lycanthropia e á loucura, pela crença morbida em sortilegios e feiticiosos".

Consultem-se: a excellente these inaugural de Arthur Ramos — *Primitivo e Loucura*, apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926 e a obra do Dr. Wahl — *Les delires archaïques*.

"Ainda não foram desvendadas as perspectivas psiquiátricas da bibliographia sobre os nossos indígenas. Uma incursão paciente e bem orientada neste terreno, poderia revelar um sub-solo fértil em achados psicopathologicos de alto interesse. Os obstaculos são multiplos, não resta duvida. Mas os resultados talvez compensassem os esforços." Assim se externou o competente psiquiatra Dr. J. Mariz em seu artigo — *Rumos da alma amerindia*. Archivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria. Nov. e Dez. de 1936. pag. 232.

Diz o autor ter encontrado serias difficuldades nos mais antigos documentos deixados pelos primeiros observadores, isto devido a falhas de observações naturalísticas e bem assim resultantes de criticas pessoais e parciais, quasi sempre fundadas em interesses economicos e em horror ás crenças "demoniacas" dos lugres, etc.

Certos sintomas psicomotores produzidos pelo *canim* poderão lembrar quadros typicos de manicos da embriaguez e do alcoolismo chronico, acompanhados de alucinações visuaes e visões demoniacas. Nada pode apurar de introversão, nem de elementos esquizotimicos. Na vida activa do brasilicola predomina a cyclothymia; é provavel não existam quadros esquizophrenicos. "A patoplastia delirante amerindia é tipicamente manica sempre extroversiva".

As cerimoniaes das abusões ou credices, correchidas por *santidades*, eram episodios de manifestações delirantes colectivas, onde a suggestão preponderava. Vd. *Perspectivas Psiquiátricas de Alguns Rascos Totemicos e Tabús do Indigena Brasileiro*. José Mariz. Arch. da Assistencia a Psicopathias de Pernambuco. 1938. Nos. 1 e 2.

Jean de Lery observou e descreveu casos de possessão, comparando-os com ataques de epilepsia. "Ficamos no ar, e mais inda quando as mulheres, com voz tremula entraram a repetir: hê, hê, hê... isso por espaço de um quarto de hora. Depois já urravam, e entraram a saltar com grande violencia, e agitar as

mamas, a espunhejar pela bocca e por fim a cahir desmaiadas, como pacientes de *gota coral* (epilepsia), dando-me a impressão de possessas do diabo".

O tabú da virgindade vigorava em certas tribus, bem assim o da fidelidade conjugal. Diz Lery "que o adulterio feminino lhes causava tal horror que o homem pode não só repudiar com ignominia a esposa, como ainda mata-la". "E' certo, entretanto, que antes de casa-la pode o pae prostituir a filha com qualquer varão".

Isso poderia se dar com o prisioneiro condemnado á morte, para quem a india virgem ia servir de esposa, ou etão uma prostituição com algum padre degenerado, "pois que se tem em conta de muito honrada com isso".

ACAUAN

Acauán, uacauán, cauán, é uma especie de gavião que se encontra na Amazonia e em todo o interior do Brasil. E' tida como ave agoureira e persiguidora das cobras. Nas localidades da Amazonia dizem que a uacauán é temida pelas mulheres, porque se apossa do espirito dellas, e as obriga a cantar repetidamente: *ua-cauán! ua-cauán!*

E' provavelmente, uma das omnimodas manifestações do hystericismo. Vejamos como o sabio Dr. Barbosa Rodrigues descreveu essa curiosa nevrose das nossas brasilindias. "Ficam impressionados os tapuyos e logo vaticinam algum acontecimento funesto, quando ouvem cantar o *acauán*. E' uma pequena ave de rapina *Falco cachimans*. L., que geralmente se alimenta de cobras, que mata quando as encontra, lutando com ellas. Dizem que quando feridos, buscam a folha do guaco — *Mikania guaco* Humb. que é antidoto. O nome da ave é tirado das syllabas que parece pronunciar quando canta.

Entre os índios é tida por agoureira, circumstancia que influe sobre algumas tapuyas nervosas, a ponto de adquirirem uma doença conhecida pelo nome de *uacauan*, no municipio de Faro, sobretudo no Lago Grande, onde communmente apparece.

Vou referir um facto que presencié. Por uma bella noite de luar, estando assentado á porta da casa, com o meu amigo, o Sr. Camillo Lellis Pereira de Barros, gosando o lindo aspecto do rio, prateado pela lua, ouvi cantar o *uacauan*.

Apreciava o canto que interrompia o silencio, quando o mesmo senhor me disse: Quer ver o *uacauan*? Como ve-lo agora, dentro da mata? Respondi-lhe. Sorrindo-se da minha ignorancia retorquiu-me. O *uacauan* é uma molestia, que faz com que o indio tome a voz do passaro. Davidando, tal era a propriedade do canto, acompanhei-o a uma choupana distante, onde encontrei deitada em uma rêde, uma jovem tapuya, que com o sorriso nas faces, mollemente reclinada, parecendo dormir um sono tranquillo, cantava como o *uacauan*.

A familia impassivel, como se natural fosse aquelle estado, não procurava remediar o mal, quando sem sentidos e sem interrupção a jovem tapuya não cessava o canto, que a enfraquecia.

Laurinda! Laurinda! Chameia-a eu, tal era o seu nome. A continuação do canto mostrou-me que ella não me ouvia. *Uacauan! Uacauan!* continuava ella a pronunciar estas syllabas, interrompendo-as, para soltar uma como que gargalhada estridula, como faz o passaro. Veuldo ser um ataque nervoso, procurei applicar-lhe algum dos medicamentos aconselhado: em taes casos, porém, nenhum havia. Aquelle estado me incommodava; lancei mão da agua fria e horrifici-lhe as faces. Como que se assustou e parou de cantar.

Dei-lhe então alguns goles que com custo bebeu, produzindo-lhe ancias. Logo depois, porém, estendeu convulsivamente os braços, dobrou para traz o pescoço e como que espreguiçando-se entreabriu os olhos. Tinha-se reanimado. Lançando os olhos desvairados, em torno de si, deu conmigo, que não conhecia e tapou o

rosto com as mãos. Perguntando-lhe o que soffria, então responde-me: que uma ligeira dôr de cabeça, oppressão e muito cansaço no peito. E' notavel esta molestia, pela maneira propria, que arremeda o passaro, a pessoa atacada dessa affecção nervosa, não só na entonação, como na pronancia das syllabas. Durante o accesso os musculos ficam no seu estado normal; não se nota contracção alguma nos nervos; o pulso fica pequeno e contrahido; a pelle torna-se secca, apenas a fronte humedece de suor; as extremidades ficam frias e o peito arqueja. Começa geralmente por tristeza, por dores de cabeça ou por alguma affecção moral.

E' um modo de apresentar-se o hystericismo, digno de estudo. Quanto a mim, julgo que a imaginação supersticiosa do tapuyo é a causa que leva esta affecção nervosa a apresentarse, fazendo com que o indio só arremede o dito passaro. Dá commumente só nas mulheres, e é vulgar quando uma adoce, apparecerem logo outras affectadas do mesmo mal; de modo que parece ouvir-se diversos *Uacanas* a cantar a um tempo. E' propria esta molestia do Rio Yamudá, e quasi está localisada no Lago Grande ou Algodal.

Algumas pessoas, porém, para seus fins fingem esse mal, o que faz crer a outros que tal molestia não existe! *Exploração do Rio Yamudá*. J. Barbosa Rodrigues. pags. 67 a 69.

As minucias desta observação, em a qual se nota assignalado, até o contagio psiquico da nevrose, trazem á lembrança recordações dos antigos tempos em que, era bastante um ataque histerico para desencadear outros, na propria casa, quando ali existam pacientes e, até, na mesma rua. A esse capitulo das doenças mentaes, observadas pelo Dr. von Martius nos brasilindios, acrescentei esta nota que apenas terá o valor de lembrar aos especialistas o estudo das doenças nervosas nos brasis, pois estão a desaparecer os poucos e restantes typos puros daquella tão desamparada e infeliz raça, digna de melhor sorte. Não fóra a relevante e altruistica assistencia missionaria catholica, nem mesmo teriam o conforto espirital. Merece justas homenagens o benemerito scienista

brasileiro. Gal. Cândido Mariano da Silva Rondon, pelos inestimáveis serviços prestados ao Brasil e patriótica protecção aos Brasilíndios.

Vejamos, ainda mais, o que em sua recente obra, "*Odisseia de um medico americano*", escreveu o Dr. Victor H. Liser, a respeito do *puri-puri*. "Como em toda a parte, nos mares do Sul, saúde e doença dependem dos *puri-puri* — bruxarias.

O *puri-puri* não é coisa que se aprenda ao acaso: os pontos mais lidos são expostos em uma escola que diploma seus discipulos formados em feitiçaria.

O que deve morrer recebe um aviso de que lhe foi rogada uma praga e não ha mais esconjuro. Se não sobrevém a morte, é a falta attribuída á intervenção de outro feitiçeiro rival daquelle e mais poderoso que elle. Em Queensland existem centenas de *canacas*, plantadores de cana, para os trabalhos da lavoura. Ali se pode observar facilmente e, em primeira mão, o *puri-puri*.

Chegou um dia um *canaca* (indígena das ilhas Sandwich), trabalhador de uma dessas plantações, ao pequeno hospital de Mossman, dizendo que o dêdo fôra apontado para elle — e que ia morrer na quinta-feira, ás 11 horas. Apondo para o horizonte, foi erguendo o braço lentamente e dizendo: o sol elle subir; elle subir até lá. Tinha a mão erguida quasi até o zenith. Com o braço erguido e imóvel declarou: Depois elle parar naquelle logar. Quando elle chegar em cima, eu morrer.

O Dr. Philip Clark, medico do serviço, examinou-o cuidadosamente — sangue, urina, fígado, pulmões e nada encontrou em más condições. Contudo, persistia o homem em dizer que ia morrer; e ali ficou deitado de lado, se recusando a sair, a sair da cama.

Já o medico tinha tido outros casos da influencia da suggestão mental sobre os *canacas*.

Não podendo arredar a vítima do encantamento da sua idéa fixa, mandou chamar o administrador, para persuadir o homem de que não estava doente, que não ia morrer. Veio o capataz, olhou nos olhos do homem, sacudiu a cabeça e saiu, dizendo-lhe: Oh! Sim, doutor: quando o sol chegar lá em cima elle morrer. Precisamente ás 11 horas de quinta-feira, o coração do homem que o Dr. Clark verificara estar trabalhando normalmente, cessava repentinamente de bater.

ção Rockefeller, em Queensland, entrou mais uma vez, em con-

O Dr. S. M. Lambert, então encarregado do trabalho da Euncto directo com essa forma de *puri-puri*.

Na mesma obra se lê o seguinte sobre a neuropathia conhecida por *latah*. "Contou-me o governador Pearson um caso muito interessante, o occorrido com uma paciente malaia, sujeita á affecção nervosa chamada *latah*. A característica dessa perturbação é que o doente imita involuntariamente todo o movimento que vê outrem fazer.

A mulher malaia viajava num vapor. Em certo momento, em que tinha nos braços o fillinho, viu um homem que se achava perto, lançar alguma coisa ao mar. Ella fez o mesmo gesto, atirando a criança, que morreu afogada. Sustentou o tribunal que o homem era criminoso, visto como sabia que a mulher sofria de *latah*". (*Nota de Pirajá da Silva*).

PROPAGAÇÃO DAS DOENÇAS NAS VARIAS REGIÕES DO PAIZ

Essas doenças são especialmente as da população tropical, dos nomades, dos caçadores, dos inimigos da civilização européa.

São endemias em muitas regiões e dellas compartilha o selvagem, em grau mais ou menos elevado, com os vizinhos de outra raça.

E' natural que um paiz de tamanha extensão como o Brasil não offereça em toda parte o mesmo regime climatico, e, por isso, o caracter local morbido tambem está sujeito a certas variedades.

Se considerarmos todo o Brasil tropical sob este ponto de vista, então, com razão, distinguiremos, neste vasto territorio, um triplo caracter nosographico.

1 — A immensa bacia do rio Amazonas com seus confluentes do norte e do sul.

Esse valle fluvial, o maior do mundo, em sua principal direcção de leste para oeste, seguindo o equador, e tambem na do mais importante confluente, o Madeira, a contar do 19º, de latitude sul para o norte, partici-

pando em geral de um clima equatorial, é constituído de terreno baixo e húmido.

As mundações dos rios, das innumerables lagoas e tanques a elles ligados, perduram com desigual distribuição de tempo, conforme a posição das aguas durante dois terços do anno. Ahi, absolutamente não se encontra uma estação secca, semelhante á das outras principaes regiões. As densas mattas sempre verdes, que constantemente attraem húmidos nevoeiros, apenas nas regiões altas, são substituidas por campos. Durante todo o anno, o dia e a noite, com pouca differença, são quasi de igual duração. Jamais reinam ventos frios. Nos últimos mezes do anno, na bacia principal do Amazonas, sopra o chamado *geral*, vento leste, que as mais das vezes não tem influencia prejudicial sobre a saúde; refresca sem resfriar e, além disto, diminhe a praga dos mosquitos.

Ahi toda a natureza é dominada pela tranquillidade propria, pela regularidade em todas as manifestações da vida da terra e bella harmonia dos elementos, o que imprime tamanho encanto ás regiões equatoriales.

As doenças dominantes estão de accordo com essas condições. Exanthemas febris, dysenterias, hydropisias, ingurgitamento do figado, do systema porta e hepatites chronicas, ahi assolam. Todas as inflamações adquirem character venoso ou passivo; resolvem-se com menos intensidade do que nas regiões meridionaes.

Grande abatimento de forças e consecutiva colliquação tornam graves as diarrhéas (em tupi — *toryca* ou

caá-caáo) e as dysenterias (tupi, *tepoty-piranga*) (77), devido a resfriamentos e uso de frutas verdes.

Os exanthemas contagiosos se propagam com extraordinária violência. A hydropisia, sob as mais variadas formas, é a doença da qual morre a maior parte dos selvícolas. A verminose (tupi — *caicoaruoçú*) geralmente se manifesta com variadas complicações.

2 — Totalmente diversa é a condição physica das provincias nordestinas do paiz: Ceará, Rio Grande, Pa-

(77) *Caá — caáo* = evacuações — diarrhía.

Tepoty piranga de *tepoty* = fezes + *piranga* = vermelho; evacuações sanguinolentas, dysenteria. Tivemos ensejo de demonstrar, pela primeira vez, na Bahia, a existencia da dysenteria amebica — causada pela *Entamoeba dysenteriae*. Este trabalho foi confirmado pelo sabio dr. Oswaldo Cruz. Cf. Archivos Brasileiros de Medicina — 1912. *Dysenteria amebica na Bahia*.

Beauchamp, quando se refere á ipecacuanha e ao seu emprego na dysenteria — *tepoty — piranga*, em tupi, escreve o seguinte:

“Os hesparhoes tambem trazem esta planta do Perú. A que se dá no Brasil é de tres especies, e differença-se pelas côres; branca, parda e escura, sómente a ultima é a que tem mais uso na medicina, pelas qualidades adstringentes e purgativas; os gentios applicam-na na molestia a que chamam *Tepoty piranga*, que são as camaras de sangue”. Hist. do Bras. de Beauchamp. Trad. de Pedro Cyríaco da Silva. O methodo de tratamento das dysenterias, pela infusão de raizes da verdadeira ipecacuanha preta ou annelada — *Cephaelis ipecacuanha* A. Rich., *poaya, ipca*, é, de longa data, conhecido em therapeutica por — methodo brasileiro. Depois que se isolou a emetina, alcaloide existente na raiz da ipecacuanha, o Prof. Rogers empregou as injeções do *dichlorhydrato de emetina*, no tratamento da dysenteria amebiana. (*Nota de Pirajá da Silva*).

ralhyba do Norte, Alagôas, Pernambuco e Bahia. Esta vasta região é talvez a mais saudável de todas; presentemente, no litoral, é habitada apenas por poucos índios, na maioria descendentes, civilizados dos Tupis e, no interior, por pequenas aglomerações decadentes.

É uma terra quente, secca, de vegetação menos luxuriante. A estação chuvosa que se distribue, por assim dizer, durante todo o anno na bacia do Amazonas ali se faz num restricto espaço de tempo. Varias vezes falha completamente, por muitos annos consecutivos. Os rios não são relativamente caudalosos, como os das regiões anteriores; as enchentes são de pouca monta e não exercem tão grande influencia sobre a vegetação e phenomenos outros geraes, com ella relacionados. Aqui e acolá, a terra se eleva formando montanhas ou planaltos; muito mais do que nas regiões equinoctiaes, é varrida pelos ventos, que costumam trazer febres e diarrhéas, quando sopram do litoral; quando do oeste ou sudoeste, trazem doenças rheumaticas e catarrhaes, até mesmo inflammções, principalmente de olhos.

A luminosidade constante e o calor da atmosphera fortificam o systema nervoso; a secura impede a predisposição á colliquação e ás febres typhoides. Esta constituição favoravel da terra e da meteorologia é quasi geral; apenas alguns dos maiores rios, como o principal dessa região, o S. Francisco e o Parnalyba fazem excepção.

Nas proximidades desses rios, de preferencia até onde se está sujeito ás enchentes, aos effluvios putridos

que dellas emanam, grassam as hepatites chronicas, já mencionadas sob a forma de febres typhoides ou biliosas; começam depois da vasante e dizimam terrivelmente a população, tanto mais quanto ellas não são convenientemente tratadas. Vêem-se muitos individuos esplenomegálicos sereni, ás vezes, arrebatados por hydropisias ou febre hectica. Outrona, os indios eram reunidos em numerosas aldeias, nas margens daquelles rios; foram, porém, muito dizimados pelas malinas (*), assim como mais tarde, os colonos brancos immigrados. No alto Tocantins, no Aragnaya, rios que ainda pertencem a essa região, no seu curso inferior semelhantes á constituição do Amazonas, vivem ainda hoje numerosas tribus, entre as quaes as temíveis malinas, de tempos em tempos, causam grandes devastações. Em compensação, essa bella terra é muito saudavel no que diz respeito ás affecções pulmonares.

Mui raro apparecem e só em algumas regiões menos vantajosamente situadas: altas e ventosas. Pernambuco, neste particular, -se salienta. E' a *Pisa do Brasil*, onde a salubridade do clima para tuberculosos já é muito bem conhecida, principalmente na Inglaterra, de modo que os hecticos de lá, transportados para Olinda,

(*) Neste livro Martius faz referencia ás malinas ou febres Malignas — "syndrome febril, ordinariamente forte, por vezes grave, mortal. Seu agente re n sempre o mesmo. Bacteriemias do grupo colityphico. Paludismo, momente quando a forma clinica é função do *Plasmodium falciparum*." Cf. *Linguagem Medica Popular no Brasil*. Dr. Fernando São Paulo. (Nato de Pirajó Silva).

mesmo em estado já muito adiantado, conseguem estacionar a doença.

3 — A terceira região para certas manifestações morbidas, no Brasil, dentro dos tropicos, comprehende as elevadas provincias de Minas e S. Paulo, a parte montanhosa da Bahia, cuja constituição se assemelha á de Minas, e as montanhosas provincias litoraneas de Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo e S. Catharina, ricas de mattas. Os pontos elevados ao longo do litoral bahiano, como a capital, Bahia de Todos os Santos, tambem podem ser mencionados, porque, devido á proximidade do mar, estão sujeitos a rapidas mudanças de temperatura, o que caracteriza essa região em geral.

Este districto, relativamente o mais populoso, porém ainda habitado só em trecho florestal nordestino, por numerosas tribus de indios, é todavia dotado de verdadeiro clima tropical, identico ao das duas regiões já citadas; faltam-lhe, entretante, a constancia e regularidade que, na bacia do Amazonas, se costuma designar pela expressão — quente e humido, e nas provincias do nordeste, pela de quente e secco.

Os brasileiros chamam a este clima de agreste e ao outro de mimoso. Nesta parte do Brasil tambem se tem elevada temperatura durante as estações secca e humida; ambos os periodos revezam-se com a maior regularidade e nelles se experimenta, ás vezes, rapida baixa de temperatura, que não deixa de influir sobre o estado sanitario geral, antes o modifica de modo notavel.

A elevada posição de muitos logares, especialmente em Minas, terra em geral montanhosa pela conformação escarpada da Serra do Mar, massiça e coberta de mattas, que atravessa a maior parte dessa região, apresentando, aqui, valles profundos, sinuosos, ali, extensos tabuleiros e planaltos, finalmente a falta do vasto systema fluvia! e a preponderancia de vegetação florestal, tudo concorre para dar a esse trecho da terra, uma constituição pathologica peculiar, mixto dos paes propriamente tropicaes e extratropicaes.

Por isso, ali, o character catarrhal e rheumatico é mais pronunciado e de certo modo acompanhado do bilioso. Catarrhos vioentos, diarrhéas, que se transformam em dysenterias e as enterites, apparecem com frequencia. Os ventos fortes provenientes ora do litoral, ora do interior, do sul e sudoeste, trazem myalgias agudas, pleurisias e pneumonias. São tambem frequentes as doenças, com pronunciados soffrimentos do figado e do systema porta, e uma dolorosa inflammação crisyipelatosa, especialmente das extremidades inferiores (sarna), é peculiar ás mais frequentes doenças endemicas.

A sarcocele e a hydrocele são quasi endemicas no Rio de Janeiro. Os indios pertencentes a essa região habitam, em maior numero, nas mattas ao norte do Rio de Janeiro, entre o rio Parahyba, rio Doce e Belmonte. Entre elles a variola e o sarampo têm causado grande devastação e parece produzir maior mortalidade do que nos seus parentes da região amazonica. Podem ser

causa disto, não só o clima instavel, como a circumstancia de se locomoverem menos livremente, contrariando assim seus hábitos primitivos e tendencias arraigadas, comprimidos como se acham pela população dos brancos, cada vez mais diffundida.

O Brasil extratropical, que comprehende uma parte das Províncias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, considerado como quarta região nosographica, pôde ser dispensado nesta descripção.

E' habitado por poucas tribos que na maioria pertencem ao ramo sul dos Tupis, os Guaranis, mais ou menos influenciados pelas vizinhas missões espanholas, das antigas Reducções Jesuitas.

Nesses logares a nosologia se approxima muito mais da ultima região descripta; entretanto, predomina a constituição medica rheumatismal inflammatoria.

RESUMO GERAL DAS DOENÇAS DOS INDIOS BRASILEIROS

Se reunirmos os traços do ligeiro quadro que aqui procurámos esboçar sob o ponto de vista geral, resalta como essencialmente característico o seguinte:

1.^o — O primitivo habitante do Brasil é difficilmente acometido por uma doença que lhe seja exclusivamente peculiar.

2.^o — Pelo contrario, como as demais classes da população, elle só participa dos males ahí reinantes e dependentes do clima.

Reage contra as insalubridades locais do mesmo modo que os europeus. Só diverge no que concerne á sua natureza primitiva e, no quadro das doenças que entre elles grassam, se reflectem os traços característicos da sua raça.

3.^o — Assim como os brancos num país relativamente muito saudavel, são acometidos pela peste negra, cholera morbo, febre amarella das Indias Occidentaes, pela terrivel febre typhoide da costa oriental africana e

pela "*Vena medinensis*" (78), o indio brasileiro tambem o é.

(78) *Vena medinensis*, dracontíase ou dracunculose é devida ao desenvolvimento no corpo humano, de um parasito nematoide, a filaria de Medina, o famigerado bicho da Costa — *Dracunculus medinensis* (Velsch. 1674).

Já os historiadores gregos, 150 annos antes da era christã, mencionavam a filaria de Medina sob o nome de *Dracontium micron* (Plutarcho), ou pequena cobra. Os latinos verteram a palavra pelo equivalente — *Dracunculus*, parasito que vive no tecido conjuntivo sub-cutaneo do homem.

Os symptomas da sua presença geralmente só apparecem quando a filaria procura sair nalgum ponto do tegumento cutaneo. O paciente começa a sentir prurido e dôr; sobrevem depois pequena intumescencia semelhante a furunculo ou bolha, circundada por mais ou menos extenso rubor, inflamação da pelle e do tecido cellular, simulando erysipela ou lymphangite, que chega, ás vezes, até ás proporções de fleimão, com frio, febre, cephalalgia etc. Quando se abre a phlyctena, situada frequentemente nos membros inferiores, a filaria fereza começa a evacuar embriões que, facilmente caem na agua, onde se acham os hospedeiros intermediarios — *Cyclops coronatus* — e nelle começa a evoluir.

A parasitose é propagada pela ingestão da agua poluida pelos *cyclops* inficionados. Desde 1584 se suspeitava este modo de penetração do bicho da Costa, conforme se lê num antigo livro em hollandês, escrito por *Huygen Van Lingschoten* e numa edição latina posterior á hollandesa. "Est in insula Armerio (Ormuz) morbus epidemicus, seu popularis vermes praelongus in cruribus generari, quos ex aqua potu causari existimat". Gazeta Médica da Bahia — 1873 — pag. 167. No Brasil o parasito era conhecido por *bicho da Costa* e os negros Minas chamavam-no de *subiá*. Essas denominações dão a entender que a proveniencia é

africana, tendo sido introduzido no Brasil com o tráfico dos escravos africanos. Vid. Gaz. Med. da Bahia, 1877, pag. 301.

Luiz Gomes Pereira, cirurgião português, que clinicou em Minas no primeiro quartel do século XVIII e descreveu no seu "*Erario Mineral*", muitas doenças peculiares aos negros, não se refere à dracontíase, que devia ser frequente nessa época. Martius apenas se limitou a mencionar o bicho da Costa. Em sua these inaugural disse Manoel Victorino, que a filaria de Medina foi importada pelo negro, no primeiro século da colonização do Brasil — 1525. Nos índios não consta que existisse e muito menos haja sido observado o bicho da Costa, disse elle. Feira de S. Anna, na Bahia, era um foco, na fonte publica, onde muita gente se inficionou. Silva Lima se admirava porque as aguas do Dique, constantemente poluidas pelos negros doentes, não conservavam os germes, que a Feira de S. Anna, lagôa de S. José das Itaporocas, Tanque da Nação e Pojuca, acimataram a 20 legoas no interior. Escreveu o mesmo sábio clinico bahiano que, de 1885, não se registou mais caso algum de dracontíase na cidade do Salvador e seus arrabaldes. A dracontíase extinguiu-se provavelmente devido ás secas, aos esgotamentos dos tanques, focos onde se desenvolviam os *Cyclops coronatus* infectados e á cessação do tráfico da escravatura africana.

A extracção do bicho da Costa pelo methodo popular era bastante curiosa. Os negros extrahiam o verme enrolando-o numa pequena haste de madeira; esse processo permittia extirpar, dlaricamente, de 3 a 4 centímetros dessa filaria, que media cerca de 90 centímetros de comprimento.

Nos casos favoraveis a cura se processava em 15 dias. A extracção requeria muito cuidado e paciência, pelo perigo de se partir o parasito, em consequencia de tracções mais fortes, cujas consequencias poderiam ser: fleimões, artrites supuradas, etc.

O azeite de dendê — *Elaeis guineensis* L., era muito util no tratamento da filaria de Medina. A titulo de curiosidade trans-

crevemos este trecho do Prof. Caminhoá: "Entre outros factos interessantes, lembraremos o seguinte, que testemunhamos na casa de saúde do Professor Dr. Antonio José Alves, na Bahia: varios negros, cujas pernas estavam edemaciadas, havia bastante tempo, sem causa apparente, e sobretudo na região malleolar, foram por uma preta africana, examinados, reconhecendo ella que havia *bichos-de-tornozillo* (animacs parasitas muito communs n'Africa — Vermes de Médica.), rebeldes a todo tratamento empregado; então, a pedido nosso, e mediante promessas, encarregou-se de tratá-los á nossa vista.

Para isto, começou empregando sobre os tornozellos dos pacientes, cataplasmas de farinha de mandioca com *aceite de dendê* (oleo de Palma do commercio); no dia seguinte tirou as cataplasmas, havendo em quasi todos, 2 filamentos brancos e pequenos, que ella segurou cuidadosamente e amarrou cada um com uma linha fina e forte, sem despedaçá-los, e prendeu-a r'um fragmento de palito; poz de novo a cataplasma de azeite de dendê e farinha de mandioca, no dia seguinte havia outra porção fóra, que ella enrolou tambem no palito, e assim procedeu durante 7 ou 8 dias, até que sahia todo o animal parasito, o qual reconhecemos ser a *Filaria Medinense*, ou variedade d'aquella (?).

Dizia a curandeira que sem aquellas cautellas o animal se partia e determinava a formação de tumores que suppuram fortemente, e de lenta, e não impossivel cicatrização. Botanica Geral e Médica, pag. 1842.

Béclère aconsella a chloroformização da filaria, para extrair a inteira, e Emily, medico da missão Marchand, empregou a solução de sublimado a 1:1000.

Assim como se extingue o *bicho da Costa* — *Dracunculus Medinensis* (Velsch, 1674), seria para desejar que outro tanto se desse com a *Wuchereria Bancrofti* (Cobbold, 1877), filaria de embriões sanguicolas, causadores de elephantiasis, varises lymphaticas, chylurias, febres, etc. Conhecemos um foco no Barricó,

4.º — A maior mortalidade é causada por uma peste introduzida pelos europeus, a variola; e a esterilidade inerente á sua raça é particularmente favorecida pela syphilis, que tambem lhe era outrora desconhecida.

5.º — Com razão se pôde indicar a raça vermelha como sendo muito sadia, e conhecidamente possuidora de grande longevidade, mas isto, só enquanto habita exclusivamente sua terra e não está em contacto com a civilização europeá.

6.º — Como se modificassem as condições depois da immigração portuguesa, pela actual posição social e o inferior desenvolvimento espirital dos índios, é de esperar uma mortalidade sempre progressiva. Conforme os factos expostos, a unica raça humana sobre a qual se pôde fazer um prognostico geral é a americana; dessa

arredores da Cidade do Salvador. O perigo que representa esse fóco de *wuchereriose* foi démontrado pela valiosa these inaugural do Dr. Gualberto Vicente Paulo Magalhães. *Contribuição pessoal ao estudo da Bancroftose na Bahia* (Índice da filariose no Barreiro") Bahia. Outro excellento trabalho é a these inaugural do Dr. Miranio do Amaral - - *A Bancroftose — Bahia 1916*. O Prof. Almir de Oliveira tambem apresentou interessante contribuição como these inaugural — *Índice Endêmico de filariose na Bahia*. Magistraes foram os estudos de Wucherer, Silva Lima, Victorino Pereira, Paterson, Silva Araujo, Severiano de Magalhães, Rodrigues de Moura e outros.

E' de vantagem a extincção deste fóco do Barreiro, dos de Maceió e logares outros onde grassa a *wuchereriose*, termo este

sentença que condemna à morte a raça vermelha, também participam os primitivos brasileiros. Esta visão melancólica das cousas, contra as quaes se oppõe o sentimento dos philantropos, fundamenta-se no estado da arte medica entre aquella raça selvagem, pois, se o considerarmos mais de perto, veremos claramente que o indio está inteiramente impossibilitado de achar, por si, o verdadeiro e sufficiente auxilio, para as doenças phisicas ás quaes está sujeito.

Além disto, em virtude de sua condição social, está também fóra do alcance de uma influencia benfazeja, por parte da sciencia medica européa.

que lembra uma homenagem ao sábio brasileiro dr. Otto Wucherer, a quem cabe a prioridade destes estudos no Brasil. (*Nota de Pirajá da Silva*).

ARTE MEDICA DOS INDIOS BRASILEIROS

Este mister está em mãos de alguns homens, que se distinguem pelo espirito de observação, astucia, laboriosidade e, ás vezes tambem, nas de mulheres velhas.

O medico, chamado pagé na lingua tupi, é sempre um individuo de ascendencia, de influencia na tribu, e as possue talvez maiores do que, actualmente, costuma ter um professor, entre os medicos europeus. Não faz parte de corporação nem de gremio particular; não é doutor nem mesmo mestre, não recebe, por diploma, o direito de curar; entretanto, lhe assiste um grande e illimitado poder.

A actividade do pagé, a estupidez e ignorancia da multidão, fazem no valer e sobreahir como se elle fôra de natureza privilegiada e mais elevada.

É, ao mesmo tempo, conselheiro e legislador da tribu. Faz-se ouvido nos assumptos mais heterogeneos, aconselhando, auxiliando; e, quanto mais a idade, a experiencia e a dignidade da apparencia lhe favorecem as attitudes, tanto mais alta confiança gosa entre os doentes. Communmente é tambem zelador das cousas sagradas,

sacerdote, propheta, adivinho e, mais ainda, magico e feiticeiro.

Comparando-o com o xamanista (79) dos nómadas asiaticos se encontra uma chocante semelhança entre estas personalidades características; ambas constituem por assim dizer, o indice do estado intellectual e moral dos povos entre os quaes actuaem. Indubitavelmente subsistem no xamanismo, os restos de um culto desaparecido e vestigios esparsos de uma comprehensão mais elevada da

(79) Chaman, xaman ou xamanista, é o nome do magico, que pratica o xamanismo, denominação dada á religião das tribo não budistas da Siberia e da Mongolia Occidental. Esta forma religiosa bastante grosseira, intermediaria entre o animismo primitivo e o feiticismo dos selvagens, tem por base o culto da natureza e dos espiritos que a governam. Estes espiritos, muito mal definidos, residem no céu, em alta sphaera, na terra, nas montanhas, nas aguas, nas cousas materiaes, nos animaes, etc. São poderosos, bons ou maus porém principalmente maus; causam as doenças e as desgraças. Inaccessíveis ao commun dos homens, apenas são accessíveis a uma pequena classe de privilegiados: sacerdotes, feiticeiros, exorcistas, prophetas e xamans, com os quaes entram em communicação. A adoração aos espiritos, junta-se tambem o culto de certos animaes e arvores, não frequente entre os não civilizados. A concepção mística da doença origina processos correlativos de diagnostico. Por elle, antes de tudo, se trata de saber qual é a força ou influencia maligna que se apoderou do enfermo, que maleficio se exerceu sobre elle e qual o ser vivo ou morto, que tem interesse no soffrimento ou morte do doente.

Esse diagnostico tem que ser feito por algum com qualidades especiaes, para entrar em contacto com as forças misteriosas, com os espiritos e com poder para combate-los e expulsa-los.

natureza. O mesmo se dá com a arte medica dos selvícolas brasileiros.

No officio de curar, exercido pelo pagé, reune-se: superstição e crença nos milagres, extravagancia e penetração de pensamento.

Elle acredita nos remedios e methodos de cura que propõe; e nisto é tão consciencioso, quanto os verdadeiros medicos europeus; mas, não despreza, como fazem alguns da nossa faculdade, certas formalidades que exclusiva-

 Este é o medico feiticeiro — o xaman, cujo primeiro cuidado será collocar-se em estado especial, para communicar-se com as forças, os espiritos e sobre elles exercer os poderes que possui. "Dahi, diz Levy Bruhl — toda uma serie de operações preliminares que duram muitas horas ou uma noite inteira: jejuns, intoxicações, arjes especíes, ornamentos magicos, encantamentos, danças extenuantes, transpiração excessiva, de tal modo, que o xaman chega a perder o conhecimento ou a ficar fóra de si, realisando-se, assim, o que se chamaria um desdobramento da personalidade. Torna-se insensível a tudo o que o cerca, mas, pelo contrario, se sente transportado ao mundo dos espiritos, ou pelo menos, entra em communicação com elles.

Nesse momento o diagnostico se faz por intuição e, por conseguinte, sem erro possível. Conscante sua mentalidade, o paciente e os seus, acreditarão cegamente."

Assim, o diagnostico não se faz mediante um exame ou comparação dos symptomas phisicos ou mentaes, senão por intuição no estado de transe, por magia adivinhadora ou por methodos oraculares ou aruspiciosos. São indifferentes ao exame dos symptomas phisicos, porque "não é o corpo, nem são os órgãos visiveis que determinam a causa do mal. é a alma ou o espirito que está doente e, por isso, não ha motivo para a observação dos

mente visam a superstição do publico ignorante e servem para auxiliar, pela persuasão subjectiva, a incerteza do remedio e a elevada confiança do paciente. O mesmo caracter de ruina e de dissolução, que nos surpreende nas relações sociais e juridicas e em todo o patrimonio do homem americano, a singular desorganização que se observa em suas numerosas linguas, entre si decadentes, tambem se encontra na medicina.

Assim é que podemos considerar, separadamente, todos os factos que se relacionam com a theoria e pratica

simptomas visíveis". Nes casos difficeis, o primitivo se utiliza como auxiliares do diagnostico e do prognostico, não só dos presagios, augúrios, consultas aos oraculos, mas, ainda, do hipnotismo e das visões em êxtase

O medico provoca o estado de êxtase em si mesmo e no enfermo, por meio de suggestão, hipnotismo ou por meio de drogas que fazem sonhar e são estupefacientes.

Ao tratar das substancias illusogenicas e estupefacientes do indio americano, veremos como esses usavam, para entrar em transe, ao fazer o diagnostico e o prognostico, o *peyotl* — *Anhalonium Williamsii* ou *Lophophora Williamsii* —, no Mexico, o *ayahuasca* — *caapi*, *yagé* — *Banisteria caapi* Spruce, no Nordeste do Amazonas, as *daturas*, entre os actuaes Zaparos e os Mayos; o *paricá* ou *cevil* — *Piptadenia peregrina* Bth., *Piptadenia macrocarpa* Bth., entre os antigos Tupi-Guaranis e os actuaes Matacos, entre outros numerosos exemplos. Vd. *Medicina Aborigene Americana*. Ramon Pardal. pag. 38, e a excellente monographia — *A planta que faz sonhar — o Yagé*. Oswaldo de A. Costa e Dr. Luiz Faria. Rio, 1936. Nas mais civilizadas capitães, inicialmente, ainda se observam muitas e variadas manifestações de pagelança curandeira. (*Nota de Pirajá da Silva*).

medicas desses homens, tão somente como tradições isoladas e confusas, únicos remanescentes de uma sabedoria natural, cuja conexão organica e fundamento espiritual, precederam a violentas catastrophes, tão problemáticas, de cujas épocas historicas e causas, não possuímos ainda a menor idéa, no estado actual dos nossos conhecimentos historicos e ethnographicos.

Não resta, porém, a menor duvida que exactamente esta relação é necessaria, para encarecer o interesse da sciencia européa, pela actual medicina dos autóctones brasileiros.

Antes de tudo devemos dizer que o medico dos brasis, em todo tratamento, emprega remedios que são forças mysteriosas para elle e para os doentes. No que diz respeito á natureza desses remedios, sobre os modos como actuam e curam, não tem elle, absolutamente, idéa clara e precisa; por isso, em todo caso clinico, sua conducta medica é vacillante; o prognostico incerto e o exito duvidoso.

O que o decide na escolha de determinado medicamento não é a methodica inducção das bem conhecidas analogias, nem experiencia alguma provada, nem verdade que tivesse herdado das mais genuinas tradições. Possue, ao contrario, uma noção obscura da acção dos medicamentos, ou ainda menos, talvez só um tenor supersticioso delles; assim, a medicina dos brasilucolas, nos parece magia ou feitiçaria.

MAGIA OU FEITIÇARIA

Não é sem razão que temos o direito de admittir ser a essencia da magia um esforço para atrair as forças desconhecidas (os espiritos), encerra-las dentro de uma determinada limitação (circulo magico), rete-las, exorcisa-las e applica-las.

Portanto, isto se dá, sempre pela libertação da força desconhecida, de sua primitiva ligação (espiritual), isolada até certo ponto, por meio da renegação e fixação della. Por isto, o feiticeiro que apostata, apparece sempre como uma pessoa hostil, contraria á ordem geral, dominando-a de certo modo; frequentemente afastado das ligações sociaes, é causa de medo e pavor dos demais.

Fomos levados a ajuisar deste modo, so'bre as actividades do pagé; e, se quizermos apreciar o indio como medico e taumaturgo, teremos que nos aprofundar no abysmo daquelle estado de obscurantismo, em que o homem impellido pela força demoniaca, de origem para elle desconhecida, age alheio ao destino geral da humanidade.

De todos os indios com quem falámos sobre este assumpto, o mais intelligente era o velho tubixaba Grego-

rio (80), da tribo dos Coerunas, (Reise III, pag. 1202), o qual nos acompanhou na subida do Jupurá (81). Uma noite, quando o interrogamos: "que fazes para curar teus doentes?" poz a lingua para fóra da bocca proeminente, muito aberta, fez com as mãos um movimento indecente, indicando os órgãos genitacs e sorriu com expressão de maliciosa astucia.

Não satisfeito com este gesto, pedimos uma explicação mais ampla.

Com grande admiração nossa, desenhou um circulo na areia, dentro d'elle um lingam e disse com a mais solemne expressão: "toda feitiçaria provem da voluptuosidade e do odio; com isto tambem se cura".

Esta phrase muito nos deu que pensar. Se nos não enganámos, ella indica, de facto, não só a origem de toda magia, como tambem da arte medica dos indigenas. Esta arte é um uso cego e sensual de forças naturaes desconhecidas, occultas e, achando-se actualmente desprovida de todo conhecimento scientifico, constitue attribuição dos pagés ou médicos, que sem duvida, têm della uma noção obscura, visto como illicitamente, conseguiram sua pratica ingenua e grosseira.

Devemos assignalar que o conhecimento dos remedios, em muitos casos, só é transmittido pelo pagé mais

(80) Tubixaba tem o mesmo significado de mborucháb: o rei, principe, chefe. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(81) Yupurá é o rio Japurá, no Amazonas. (*Nota de Pirajá da Silva*).

velho aos seus discipulos mais novos, á custa da prostituição ou pelas curandeiras, *maracaimbára*, mediante seu asqueroso abraço.

Arte secreta, voluptuosidade e vicio contra a natureza, reciprocamente se unem; assim, a magia se transmite por sensualidade, e predominará por muito tempo ainda nos povos selvagens, enquanto não se tornarem castos. O seductor, na qualidade de portador de um espirito mau, no acto da copula carnal, simula, em vez de gozar, comunicar em recompensa disto uma força desconhecida.

Entre os indios brasileiros o velho pagé escolhe um rapaz com o qual fica algum tempo em lugar solitario. Enquanto a tribu considera esta ausencia como iniciação nos segredos da feitiçaria, serve ella, apenas para entregar, sexualmente, o alumno a seu mestre.

Por tal ligação recebe o iniciado, ordinariamente, algum objecto, uma raiz, carvão de madeira ou de osso, uma garra de animal, um dente, etc., como signal de aliança (*enóngçangába*), que traz consigo como amuleto e auxilio immediato, nos casos de doença.

Nem sempre o aprendiz de feitiçeiro recebe do seu mestre ou mestra, este simbolo de aliança, simultaneamente com uma força superior. Terá conhecimento disto por um sonho ou visão. Os indios ligam alta importancia aos sonhos, e alguns são effectivamente visionarios. Não só affirmam ter visto o espirito maligno, como se gabam de copula carnal criminosa com o mesmo.

Não precisamos accentuar que todas estas idéas devem basear-se na convicção da existencia de um espirito maligno. Muitos povos representam este ser malevoio á humanidade, por certas formas tradicionaes, e assim é que, entre os selvagens brasileiros, surgiram as figuras de *Anhá* ou *Anhanga* (82), *Jurupari* (83), *Curupira* (84), etc.

(82) *Anhá* — *Anhanga* — de *ã-nhau* = a alma errante, o espirito mau, o diabo. O Tupi. *Anhang* = o diabo, alma do mal. Bat. Cact. *Anhanga* = a alma que corre, a sombra que passa; era materialmente representada pelo veado, o mais veloz dos animaes brasileiros. *Princípios Noções de Tupi*, pag. 134. Plínio Ayrosa. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(83) *Jurupari* ou *jerupari* corr. de *yurú-pari* = a boca fechada. Nome de um genio da mythologia indigena e quer dizer: aquelle que fecha a nossa boca — referencia esta á instituição do segredo. E' o diabo ou demonio. *Jurupary* — "satanaz quasi inexpressivo, sem a força do tihoso christão, uma especie de lobishomem..." Raymundo Moraes — *Amphitheatro Amazonico*, pag. 72.

A grande *Scolopendra morsitans* é chamada pelos tupis — *jurupari-kiváta* = pente do diabo. Martius. Diz Th. Sampaio que deve-a ser *yurupari kiba* = o piolho de diabo. Na Bahia as escolopendras tambem são conhecidas por *piolho de cobra*. Na lingua tupi se chama *jurupari* ou *jerupari*, ao poderoso espirito maligno que age em toda parte, traduzido por diabo ou demonio, pelos brasileiros e *jerubiar-pari* = o coxo arrogante, pelos cohecedores da lingua. Martius. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(84) *Curupira* — é o duende galhofeiro das matas. Martius o chama *gurepura* ou *curubira*. *Beiträge zur Ethnographie*, pag. 468. No Dicc. Bras. Port. o vocabulo *cunha* quer dizer: sarna,

Não se tributa veneração a este ser mau, porém temor supersticioso e os pagés disto se aproveitam. Muitos povos admittem uma serie extensa de espiritos maus; outros só temem um.

Os Abipões ao espirito mau chamam seu avô e consideram o Sete-estrello sua manifestação material.

Haveria muito a dizer se quizesse discorrer sobre idéas mythologicas dos indios, as quaes, por certo, estão em intima relação com estes assumptos. Limitemo-nos porém a observar como as palavras do velho Gregorio: "*toda feitiçaria vem da sensualidade e do odio e com isto tambem se cura*" nos lembram a degradação assignalada no Velho Testamento, da prostituição com os falsos Deuses.

A idéa de impureza se accentua na feitiçaria dos brasilincolas, da mesma forma que nas relações sexuaes. O indio considera impuro tudo o que é expellido do organismo: excremento, excreção feminina, e principalmente o semen, julgando-os forças magicas decaidas, e utilizaveis nas artes diabolicas. Alguns excretos, de prefe-

brotoeja, borbulha. Genio dos pensamentos — *namen mentium*, no dizer de Maregravi e no de Olavo Bilac. Habita as florestas; extravia os caminhantes, arrasta-os e suga o seu sangue; é um tapnio pequeno, de dentes verdes; tem os pés ás avessas, com as pontas voltadas para traz; ás vezes nú, outras vezes vestido de tanga e cocár de plumas. A sua mulher é a *Caigara*, caboela anã, quasi negra, que chicoteia animaes e os homens, com cipós de japecanga. Cf. *Mythos Amerindios* — Oswaldo Orico. O Tupi — Th. Sampaio, etc. (*Nota de Pirajá da Silva*).

rencia a saliva e a urina do feitiçeiro, desempenham papel importante em muitas curas.

Aquella, considerada como substancia curativa, zno-dyna e calmante, é bastante empregada externamente; esta é administrada internamente, como energico excitante e vomitivo. Ao halito, expellido do interior dos pulmões do pagé, attribuem força vivificadora, contraria á doença. Pelas palavras de exorcismo que o feitiçeiro, articula e pronuncia, com grande emphase, se communica, por assim dizer, uma forma aparente ao halito, esse mais subtil principio curativo.

Por taes preconceitos se explicam o tenor que o indio tem da influencia nociva da mulher, mormente na época dos catamenios, e a fé na innocencia e na capacidade expiatoria das crianças, dos adolescentes castos e das donzellas. Conforme accentuou Gregorio, o odio tem um papel na feitiçaria e nos methodos curativos dos indios. Com maliciosa pantomima elle symbolizou a soberba preponderancia do pagé sobre a multidão desprezivel. Esta teme seu medico, como necromante e nas suas mutuas relações ha sempre algo de hostil.

Os Abipões chamam francamente o medico de *Keebit* (demonio), porque com elle o identificam. Para a tribo o medico é um mal necessario. Quando trata de um doente, este fica ao seu exclusivo arbitrio. Por palavras magicas ou symbolos domina-o, priva-o de todo trato com pessoas de suas relações costumeiras e o colloca sómente sob a influencia de suas mysteriosas forças magicas, incomprehensíveis, até para elle. De accordo

com este modo de ver, quando o doente está sob os cuidados do pagé, não é mais tratado pela propria familia, que muitas vezes nem mesmo tem permissão de visita-lo.

Esta idéa tão extravagante da acção do medico sobre seus doentes, tambem decorre da opinião de que toda doença é obra de uma força hostil, obscura ou poder magico.

Num caso de doença, por mais proximas que estejam as causas internas e occasionaes, o doente e os parentes não attribuem a ellas o accidente morbido, mas a qualquer força pessoal inimiga. O doente é considerado como enfeitizado, e, se tem inimigos conhecidos, estes levam a culpa, sem mais aquella. Se não os tem, a suspeita recae sobre determinado individuo, que por qualquer motivo attrahiu o reparo ou talvez o seu odio e de seus parentes.

Para livrar o doente desta supposta força nociva, não raro se sacrifica uma vida innocente, matando os suspeitos, perfidamente ou em aggressão franca. Mais frequente era trucidarem os proprios medicos e depois delles, as velliinhas tidas por necromantes, pois com isto, esperavam obter a cura do paciente.

Entre os *Paiaguás* (85), no Paraguay, o pagé, em cujas mãos morre um doente, paga o infeliz tratamento

(85) *Paiaguás* — no original. Quando os brasileiros, pela primeira vez, penetraram o curso dos rios de leste, até á bacia fluvial do *Paraguay*, conheceram amerindios que, em pequenas hordas, habitavam os intrincados rios e canaes daquelle vasto caudal. Em canoas tripuladas até por 40 homens, navegavam com bastante habilidade e ousadia.

com a vida. Os Chiquitos matam a mulher cujo marido soffre de doença chronica, attribuindo-lhe a culpa de seus males.

Entre os Abiões, tambem está geralmente espalhada a superstição de que toda doença é consequencia dos artificios malignos de um terceiro. Morto o doente, o pagé retira do cadaver o coração e a lingua, cozinha-os e dá ao cachorro da casa, firmemente convencido de que logo em seguida morrerá aquelle que o enfeitçou. Ao praticar este acto, *suppõe* que a influencia nociva foi igualmente transmittida, porque o inimigo do fallecido tinha

Eram astutos saltadores, bem familiarizados com os esconderijos dos juncaes ou das espessas e sombrias enseadas fluviaes donde, inesperadamente, investiam os navegantes. Das margens os perseguiram a flechadas. Somente conhecidos como inimigos, eram, em geral, apelidados — *Payagoá* ou *payagoá*, vocabulo, talvez proveniente dos *Guaranis* que serviram de remeiros nas viagens dos europeus.

Diz von Martius que o vocabulo *Payagoá* deve ser contração de *Paracudhygoatá*, que quer dizer: andarilhos ou galhofeiros nas aguas do *Paraguay*. O nome do rio *Paraguay* provém do dialeto guarani, *para-cua-hy* = rio dos papagaios; *para-gaio* de: — *para* = variegado, multicolor + *cua* ou *qua* = cauda

Assim, o *Payagoá* se tornou um espantallo para os moradores e viajantes daquela região. Ha poucos decenios, ainda, eram elles considerados como nação das mais cruéis, segundo informações que nós, Dr. Spix e eu, ouvimos, de viva voz, dos paulistas, quando atravessámos aquelles canaes.

Todavia, uma nação *Payagoá*, jamais existiu; esta, porém, é uma designação geral para os indios inimigos, que infestam as margens do *Paraguay* e seus affluentes.

atirado ao cachorro deste, uma caça por elle morta. Estas idéas supersticiosas tiveram tamanha força, que muitos povos, como os Abipões, acreditavam não morrer, se sentimentos hostis de outrem, unidos a forças occultas, não lhes dessem cabo da vida. Toda morte para elles é motivada pelo odio. Quanto mais longa e melindrosa é a doença, tanto mais o indio e sua familia attribuem-na á influencia do inimigo; e, assim, a morte do adversario suspeito é muitas vezes o ultimo recurso de que se lança mão.

Sem duvida, eram representantes de varias tribus que habitavam, não só o *Paraguay*, como os afluentes do *Chaco*, do *Pilcomayo* e *Rio Vermelho*. Todas essas hordas nômades faziam grandes correrias, por agua e por terra. Talvez a maior parte daquelle apelido, se refira aos representantes das nações, actualmente conhecidas por *Guayacurús*, *Leaguás* e *Mbayas*.

A horda dos *Cadigue* (Water, *Mithridates* III. 488), que devia pertencer á nação dos *Payagoá*, reconhecemos como sendo os antepassados da horda *Guayacurú*, hoje chamada *Cadiého*.

Outros que foram aldeados pelo governador Raphael de la Morcda, nas proximidades de *Assumpção* (Dobrizhofer, *Geschichte der Abiponer* I. 147.), extinguiram-se com os *Leaguás*.

Além disto, provavelmente tambem os *Guatós*, que ainda como nação de navegantes e, sem duvida, com um canho altamente característico, appareceram no curso daquelle rio, para entrar em ligação com os antigos *Payagoá*. Explica-se deste modo, como já depois de um seculo, no *Paraguay*, não mais se fale de uma nação dos *Payagoás*, quando ainda existem parentes delles.

Vd. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's und Brasiliens*. pag. 225. Martius. (*Nota de Pirajá da Situa*).

Numerosos exemplos nos foram citados por missionários, segundo os quaes uma doença demorada, particularmente num homem estimado, causára uma serie de barbaros assassinios. Uma vez fallecido o doente, a morte fora attribuida á vingança de familia interessada, ou ao predominio de um espirito mau, ao qual não tinham bastado as outras victimas. Assim, o espirito do indio se agita no labyrintho do negro odio e da superstição. Incapaz de, pela trilha esclarecida da pura observação, estabelecer a verdadeira relação entre causa e effeito, entrega-se, exclusivamente, á força occulta da feitiçaria; e, assim, a acção do seu medico, em todos os sentidos, é uma lucta contra o mal, ás escuras, sem noção de causa e sem conhecimento das proprias armas — a magia, em seu mais grosseiro e imperfeito estado.

Realmente nada está mais em condições de brilhantemente realçar a dignidade e os beneficios da nossa pura investigação naturalistica, do que esta imperfeição do julgamento e este eclipse do conhecimento. Nós tambem exercitamos a magia, somos feiticeiros e necromantes no manejo de innumerables forças naturaes, que nos envolvem completamente.

O physico que, de uma solução de sulfato de cobre, precipita nova placa de cobre sobre modelo prateado, ou delineia, rapidamente, um retrato em daguerreotypo, ou, pelo vapor elevado á mais alta tensão, desenvolve força moltriz prodigiosa, é magico ao nosso modo de pensar acima exposto; isola e domina uma força natural

desconhecida, num estreito círculo magico de finalidades concretas. Que abundancia de phenomenos inteiramente conhecidos, que interminavel serie de leis descobertas pela sciencia, através dos seculos, já foram desvendadas e se acham collocadas peio scienista, entre suas concepções praticamente realizadas e a concepção de um Ser Superior, para elle ainda imperscrutavel e intangivel, *ultimum movens* de sua acção maravilhosa!

Se compararmos o estado de adiantamento da sciencia moderna com o intricado jogo de credices e superstições, que representa a actuação medica do indio pagé, chegaremos á extraordinaria conclusão de que, na historia da conquista espiritual do mundo civilizado, tudo, sem excepção, por contingencia necessaria, se originou separadamente; assim, podemos conhecer exactamente como chegamos a este adiantamento. Mas, nos é absolutamente incompreensivel, e continua a se-lo, a razão por que a raça americana, tão velha quanto a nossa, nada absolutamente tenha podido produzir de seguro e claro.

Por isto, os caminhos da superstição e os profundos abyssos da ignorancia daquella raça, constituem ainda para nós, complicação enigma. Esclarecer pelas razões psychologicas, historicas e naturalisticas, como se desenvolveu e diffundiu o actual estado de obscurantismo espiritual por todo este grande continente, é uma das investigações mais interessantes e difficeis.

A unica evidencia, de cuja luz nunca podemos prescindir, deve ser, antes de tudo, a convicção de que aquelle

obscurantismo americano seja um eclipse do espirito, um estado inferior. Sómente com esta ordem de idéas, se poderá estabelecer uma genese necessaria no chãos das idéas obscuras, dos factos duvidosos e das experiencias vacillantes, encontradas na raça vermelha. Como contribuição para resolver esses empolgantes problemas, desejamos aqui expor algumas das idéas e conhecimentos mais geraes, coordenados sob pontos de vista mais amplos, e que, especialmente, se encontram dominando o campo das sciencias naturaes e medicas, entre os indios brasileiros.

PHYSICA DOS BRASIS

Como idéa fundamental dominante em toda a sciencia dos indios sobre as cousas naturaes, podemos assignalar a sua crença na unidade da natureza. Todas as cousas terrestres são connexas.

Cada ser está em relação reciproca com outro ser. Muito de accordo com este modo de ver está, além disso, a persuasão de que a acção reciproca das cousas encerra algo de mysterioso e, um passo a mais os leva á these: tudo quanto é terreno se relaciona com o sobrenatural. Por mais rude e grosseiro que seja o indio, não se pode negar, seja tal modo de pensar, realmente geral em todas as esferas do seu limitado conhecimento.

Assume, porém, o aspecto de uma cega superstição, porque entre factos isolados faltam os elos de ligação. Nem mesmo o pagé logrou seriar factos com bastante clareza e muito menos pôde representar o papel de um exoterico, perante a multidão dos selvícolas.

De accordo com a idéa do indio, todos os seres da natureza e todas as manifestações dos elementos naturaes, existem para mutuamente se auxiliar ou prejudicar. Cada qual tem que servir ao outro, e dahi lhe advem a idéa de

que na natureza ha um principio bom, salutar, e outro mau, pernicioso.

Estes dois principios elle vê representados por toda parte e os anthropomorphiza. Povoa, assim, florestas e campos com seres inimigos que lhes são nocivos, e se torna visionario.

Todas as forças hostis, taes como animaes venenosos e feras, são para elle unicamente manifestações dos principios maus. A estes procura combater com outros principios amigos. Deste modo chega ao conhecimento do especifico. Propriamente, só conhece o remedio especializado. Ainda não conseguiu ter uma idéa generalizada sobre principios activos communs. Assim como reconhece um dualismo entre o que é amigo e inimigo, tambem admite haver antagonismo entre os effeitos do masculino e do feminino. Considera principalmente o feminino em contraposição ao masculino, como causa nociva e venenosa. A mulher é para elle, em determinadas circumstancias, um veneno positivo; assim, por exemplo: foge de uma mulher menstruada, especialmente quando é mordido ou ferido por animal peçonhento ou quando está com febre (86). O habito tão vulgarizado existente entre os

(86) *Brasiliiani pro nobilissimo remedio uti solent ipsa femina humana, quippe quam pro venenosa habent atque aliena venena in se absque jactura attrahente. Indus senex, qui me aegrolanteur vidit; febre laboras ait; sed nullius hoc est momenti.*

Sumas tibi mulierculam, quaecum per totam noctem jaceas. Illi materiam peccantem inuitendo, quam in te habes, sanitatem tibi recuperabis, nec illi noceris, nam mulier tota venenum est.

indios americanos de, em vez de conceder o sobreparto á mulher, o concede ao marido, que se mantém afastado della, tem evidentemente sua origem neste ponto de vista. A seu modo de ver, o lactente está tão intimamente ligado com a mãe, que até uma pitada de tabaco que o pae toma é considerada nociva ao filho (87). Na observancia desse principio evitam elles, no caso de algumas doenças, comer carne de animaes femininos, taes como: macacas, antas, etc.

Contra fetus fornicarum cumum muliebrem remedium putantes, illi digitos morsu inflammatos immittunt.

Smegma illud olidum, quod a glande virile excernitur, colligunt in fila gossypina præputio circumligata et vulneribus a morsu serpentium imponunt (*Nota do Dr. von Martius*).

(87) Refere-se Martius á *covada*, termo procedente do verbo francês -- *covrer* -- chocar. Na gíria popular, estar de chôco também significa estar de cama. A covada, ou melhor, chôco, era um acto symbolico para afirmar os direitos dos paes sobre os filhos.

Após o parto, a india se levanta para cuidar das occupações domesticas; o pae, ao contrario, se acama e leva a simulação do seu estado morbido, até o grotesco de gemer e se contorcer. Guarda resguardo de deterridos alimentos e jejua, até quando cae o umbigo do recém na cida.

A lingua brasilindia também possui um vocabulo para significar *covrade*, que é = *ecô ucô* dos tapuios, correspondente á incubação. chôco.

"*Ecô ucô* é corruella de *ecô* = estar + *ycog* = encostar-se, descansar, que corresponde ao *niúriai* dos *Ipuracotós* e dos *Crichanás*, ao *arimogué* dos *Macuchys* e ao *urajara muchapan* = resguardo". *Pacificação dos Crihanás*, pag. 157. Barbosa Rodrigues.

No Dicionário Brasileiro Português também se encontram: *oicô* = estar · *ojokôc* = encostar-se. Este costume dos ameríndios, de se considerarem em puerperio, substituindo a parturiente, também tem sido assignalado desde a antiguidade, entre os Thracios, os Scythas, os Iberos, os Bascos, etc. Marco Polo o encontrou no Turquestão Chirês.

Na Geographia de Estrabão, vol. I. Livro III. pag. 271, o autor referindo-se aos costumes das mulheres da Iberia diz que eram os homens que guardavam o leito, quando as esposas enriqueciam a prole. Traços da *couvade* foram reconhecidos em muitos lugares, por viajantes contemporâneos. Leon Donnat observou vestígios na pequena ilha de *Marken*, no *Zimlensee*.

Admiramos semelhante uso entre os brasilíndios, e não sabemos explicar esta coincidência.

"A própria *couvade*, complexo de cultura tão característico das tribus brasílicas, talvez possa alguém arriscar a interpretá-la pelos critérios da bi-sexualidade.

Notada entre os povos que em geral respeitam, em vez de desprezar ou ridicularizar os effeminados e euzérgicos nelles poderes ou virtudes extraordinarias, é possível que o costume da *couvade* se tenha originado desses diferenciados sexuaes: individuos de forte influencia e sugestão mystica sobre a maioria. Wissler observa que certos traços de cultura incorporam-se, ainda que raramente, á pratica geral de uma tribu ou de um grupo, por influencia de individuos excepcionaes que os iniciam".

R. R. Schuller explica a *couvade* pelo "egoísmo paterno, acompanhado de uma boa dose de rivalidade com a parida". *A Couvade*. Boletim do Museu Goeldi. vol. VI. 1910.

Em geral eram os dois, homem e mulher, que ficavam de resguardo e dieta, e não o homem só, como vulgarmente se pensa.

Entre os primitivos, raramente havia a conexão indispensavel entre o intercuro sexual e a concepção. Tribus havia que acreditavam na interferencia de duendes: o bôto vermelho — *Yiara* —, a sercia Lorelei da Amazonia, etc.

Na compreensão do marido tupinambá, "o filho lhe saio dos lombos e as mães não põem, de sua parte, mais que terem guardada a semente no ventre, onde se cria a criança". Gabriel Soares. *Tratado Descritivo*. pag. 285. O ventre da mulher era um saco, no qual o homem depositava o embrião. Essa era a crença dos brasilindios a que também se referiu o Padre Anchieta.

Acreditam os Bakairi ser o homem quem deita o ovo; a mulher apenas o incuba, durante a gravidez. "Für ihn ist der Mann der Träger der Eier, die er, um es klar zu sagen, in die Mutter legt und die diese, während der Schwangerschaft, brütet". Karl von den Stein. *Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens*. pag. 337.

"Dahi supor o selvagem, que os males que affectam os paes possam affectar, por effeito de magia sympathica, ao filho recém-nascido. Sociologicamente talvez represente a *couvade* o primeiro passo, no sentido de reconhecer-se a importancia biologica do pae na geração". Leia-se, a respeito a magistral obra de Gilberto Freire — *Casa Grande e Senzala*.

— "Considerando o pae, que lhe pertencem os filhos e não sendo a mãe mais do que o saco onde são estes guardados, segundo a phrase do Pe. Anchieta, logo que a mãe dá á luz uma criança, o pae recolhe-se á rêde por espaço de 30 dias, mais ou menos, pondo-se em dieta e não fazendo trabalho algum, porque acreditam, que todo e qualquer cansaço, dôr ou sofrimento do pae, recae sobre o recém-nascido que, exclusivamente, d'elle descende. Isto fez com que o Dr. Letourneau dissesse que "la couvade équivaut à une adoption; par elle l'homme affirme sa paternité". Barbosa Rodrigues. *Rio Juary*.

A título de documentario transcrevemos algumas citas de escriptores antigos e modernos relacionadas com o assunto: Pe. Fernão Cardim, Barbosa Rodrigues e Raymundo Moraes.

"As mulheres parindo, (e parem no chão), não levantam a criança, mas levanta-a o pai, ou alguma pessoa que tomão por

seu compadre, e na amizade ficão como os compadres entre os Christãos; o pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe caia o umbigo, que é de ordinario até os oito dias, e até que não caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com flechas, e lho aia no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas que são os contrarios, que seu filho ha de matar e comer, e acabadas estas ceremonias fazem vinhos com que se alegrão todos.

As mulheres quando parem, logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar á creança de ordinario anno e meio, sem lhe darem de comer outra coisa; amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nas pedações de redes, que chamão *typoia* e os levão ás roças e a todo o genero de serviço, ás costas, por frios e calmas, e trazem-nos como cigarras escanehados no quadril, e não lhes dão nenhum genero de castigo. Para lhes não chamarem os filhos têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, penna de passaros e paus, deitão-nos sobre as palmas das mãos, e roçõ-nos por ellas para que cresçam. Estimão mais fazerem bem aos filhas que a si proprias, e agora estimão muito e amão os padres, porque lh'os crião e ensinão a ler, escrever e contar, cantar e tanger, cousas que elles muito estimão". *Tratado da Terra e Gente do Brasil*.

"A proposito não posso deixar de mencionar aqui um facto que se dá entre os selvagens e mesmo entre muitos índios civilizados, como o observei entre varias tribus e agora ainda tive uma confirmação apreciada por mim cuidadosamente.

Em geral a mulher selvagem quando sente approximar-se o termo da gravidez dirige-se para o matto longe da maloca e ali, solitaria, dá á luz, ás vezes sem dór, os filhos, cortando-lhes ella mesma o umbigo. Depois de inteiramente livre do trabalho secundario do parto, dirige-se para o rio, banha-se assim como ao recém-nascido e volta para a maloca, onde entrega o filho ao pai,

que entra logo de *resguardo*, enquanto a mãe continúa em seus trabalhos caseiros e de roça, como si nada tivesse acontecido.

O facto mais notavel é a desaparição do corrimento lochial, immediatamente ou no dia seguinte, sendo raro aturar quatro dias, mesmo os lochios serozos.

Sabe-se que em paizes baixos e humidos observa-se o facto do aumento do leite, que diminue o fluxo. Ainda mais: a posição em que desde a infancia se senta a mulher selvagem, com as pernas afastadas, contribue para a dilatação da bacia e facilidade dos partos. Porém o que não posso explicar é si a suspensão dos lochios, abruptamente, é devida á augmentação quasi sempre animal, si ao modo de vida trabalhoso e exposto ás intemperies, ou ainda si ao habito transmitido pelas gerações. Só a acção muscular e tónica do utero basta muitas vezes para expellir o producto total da concepção, sem dôr, auxiliado já pela natural dilatação da bacia, já pela pouca resistencia que offerece o segmento inferior do utero á passagem do feto, phenomenos que occorrem na selvagem, pelos seus habitos de vida. Porém o facto da supressão dos lochios é mais notavel.

Quando se annuncia a approximação do parto, a mulher ajoelha-se, espera pelas contracções uterinas, e firmando então o perineo sobre o calcanhar para impedir sua ruptura, segura com ambas as mãos o galho que lhe passa pela cabeça, de proposito escolhido, e forcejando nelle, e inclinando a cabeça para traz, por esforço proprio, auxilia as contracções e expelle o feto que fica cahido sobre algumas folhas de palmeira, até expellir a placenta, o que acontece acto continuo. Tomando então a criança, amarra o cordão umbilical e corta-o com uma faca de taboca, enterrando em seguida a placenta. Em geral, durante o parto não ha hemorragia alguma, porém me'a hora depois esta apparece abundantemente. Então, a mulher se levanta e todo o sangue que se accumulara no utero corre por alguns minutos. Apenas pára a hemorragia, a mãe toma o filho nos braços, vá á corrente mais proxima, banha-se com o filho e volta para casa,

sem que appareçam os lochios e sem que sobrevenham os accidentes que a suppressão delles occasiona.

Rara é a mulher que nos tres dias subsequentes ao parto é incommodada pelas serosidades que o utero expelle. Os fluidos que concorrem para o utero, desde que este fica livre do feto, vão immediatamente para os seios?

Apresento o facto ás autoridades. Estas que o estudem e expliquem. Não serão os lochios na mulher civilisada antes uma leucorrhéa proveniente de seus habitos contra a natureza?

Em geral no terceiro dia cae o umbigo das crianças e algumas nações, como a dos Macuchys, o prendem aos pulsos dellas, afim de evitar o tetano, tirando-o só no fim de um mez, isto é, depois do *ccó-ucó* paterno". *Pacificação dos Crichanás.*

"Logo que nasce o primeiro filho, respondeu Diana, meu marido Gavião, veio para a rede com a criança. Achei exquisito esse procedimento e fiz-lhe ver a indelicadeza. Elle riu-se, acarinhou-me e explicou dizendo que era o unico meio, de authenticar na memoria do selvagem a paternidade. Conformei-me. Do terceiro dia em diante, começaram a chegar as visitas, não só de nossa tribo, como de outras tribus amigas. A todos Gavião ia dizendo: *Cairána*, meu filho; eu succederei a meu pae, que é o tucháua, e elle me succederá, na commando geral da nação *Apiacá*.

A formula, commentou Snethlage, é uma especie de registo civil, meio seguro de todos conhecerem a filiação do recém-nascido, não lhe parece?

Perfeitamente, respondeu Diana. Porque se dá um caso interessante, que justifica plenamente este commentario. Nem todos os paes desta maloca fazem isto. Alguns negam-se.

Perguntando eu ao Gavião, porque Fulano e Siérano deixavam de o fazer, meu marido sorriu e disse que era a suspeita de que os filhos não fossem delles. O chéco é pois uma autentica certidão de nascimento, mais real e profa que a fornecida pelos cartorios civilizados, corroborou Snethlage.

E, ao contrario, em casos de febres intermitentes reputam o penis e o clitoris dos macacos como antidoto efficaz (88).

A idéa da natureza antagonica de certos animaes os induziu tambem ao conhecimento de muitos e variados remedios, cujas virtudes não podem attestar como testemunha ocular; entretanto, temos ouvido muitos depoimentos favoraveis a elles; assim, dizem ter observado que as cobras venenosas nunca ficam perto da cotia (*Dasyprocta aguti* Illig.), da anhu na (*Palamedea cornuta* L.) e da jaçanã (*Parra jacana*). Pulverizam o bico, o chifre (89), as garras, bem como os esportes das azas desses animaes e bebem o pó com infuso de certas herbas.

Acreditam no antagonismo e na afinidade de certas plantas entre si; entre plantas e animaes e, até entre determinadas partes da mesma planta. O abacaxi deve ter

De sorte que Você, Diana, é mulher de um indio carahita. Só elles adoptam este uso. Entretanto, accrescentou a naturalista, eu julgava que o costume fosse alguma extravagancia para justificar a preguiça do indio". *Os Igarassas*.

Os primeiros berços dos brasileiros foram a pequena rede, o panacé feito de cipó e a tipia, faixa de panno amarrando a criança ás costas da mãe, como tambem faziam as negras na Bahia. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(88) Este uso lembra o que Plinio contou do leão que procura, quando está com febre, comer carne de macaco. (*Nota de von Martius*).

(89) Chifre, crista ou excrescencia cornea, existente na cabeça da anhu na — *Anhu na cornuta* (L.), cuja significação physiologica não se conhece. (*Nota de Pirajá da Silva*).

afinidade com a cascavel. A mandioca, incompatibilidade com o milho; os maus effeitos do succo toxico da raiz da mandioca dizem ter o seu antidoto no succo das folhas. Muito generalizada, entre esses indios primitivos, é a crença na acção nociva de certos astros sobre o homem, especialmente quando está doente. A pior acção attribuem-na á lua, principalmente no plenilúnio e novilúnio. O luar quando incide directamente sobre um ferimento, dizem provocar fortissima exacerbação.

A luz muito clara das estrellas tambem é nociva ás doenças e, ao contrario, um céu encoberto é vantajoso.

Tambem a luz do sol, de accordo com a pathologia indigena, prejudica especialmente a cura de feridas e febres, razão porque taes doentes se recolhem ao recanto mais escuro das ocas, aguardando ali o restabelecimento. Quasi sempre fazem mau augurio do vento, especialmente quando sopra do sul, durante o periodo secco do anno, ou quando sopra do oeste, durante o periodo chuvoso.

Uma vida como a dos indios que, continuadamente, está na dependencia da enchente e vasante dos rios, da entrada da estação humida ou secca do anno, do apparecimento das aves de arribação, da migração dos peixes e das tartarugas, da floração e fructificação das arvores, precisa, necessariamente, collocar todos estes phenomenos periodicos em relação com sua saúde ou doenças.

Calculam o anno quando amadurecem os fructos do cajueiro e outras arvores, ou quando a tartaruga põe os ovos nas corôas de areia.

Por meio destas épocas fixas, calculam as alternativas da sua vida simples, a gestação das mulheres e os períodos de manifestação da puberdade.

Os phenomenos terrenos i'tes são mais accessiveis do que os sideraes; a estes, ligam pouca attenção e interesse; a periodicidade das doenças se relaciona exclusivamente com as phases lunares, com as enchentes, marés grandes, marés pequenas, ás quaes um ou outro dá attenção. Talvez o capitulo mais interessante da physica rude e muito limitada desta desleixada raça humana, seja o que se refere a suas cosmogonias e geognosias.

Nelle parece estar o fundamento da maioria de suas doutrinas, originarias de uma antiga sciencia natural, embora grandemente mutilada e, muitas vezes, obscurecida.

Entretanto, julgo conveniente silenciar este assumpto, porque não se relaciona com esta exposição e tem muito mais ligações com os seus mythos religiosos.

ANATOMIA

A anatomia permanece na mais rudimentar infancia. Nenhum Vésale, (90) entre elles, pensou em dissecção, e só a colera sanguinaria dos cannibae abriu as grandes cavidades, para arrancar ao inimigo o coração palpitante ou os intestinos; esmagou com a clava o crânio ou despedaçou os membros, para prepara-los como alimento. Por mais doloroso que seja recordar este aspecto hediondo e sombrio da natureza do indio, faz parte do quadro geral de degradação dessa raça, não possuir idéa alguma sobre a magnificencia do corpo humano e se enfurecer contra o corpo vivo, com a ferocidade de algoz para com a vitima.

A desfiguração a que os indios submettem o corpo pela tatuagem, a tosquia dos cabellos, a perfuração da cartilagem nasal, das orelhas e dos labios, a limagem dos dentes, têm em geral como finalidade, caracterizar, exteriormente, as diferenças de nacionalidade, de horca ou de

(90) André Vésale, o maior anatomista do seculo XVI. Nascido em Bruxellas em 1514. (*Nota de Pirajá da Silva*).

tribu e isto baseado na propensão que têm de se occupar com o corpo, como divertimento. A mesma propensão se manifesta sob outra forma, quando o selvagem estripa o cadáver de seus parentes, secca-o ao fogo, e sem arte o mumifica, ou quando raspa a carne dos ossos, para guardar o esqueleto enfeitado com pennas, na sua cabana ou nas cavernas do Ataruipe (91), como fazem os indios do Orenoco.

Os conhecimentos anatomicos dos indios brasileiros se reduzem a estas occupações grosseiras. Conhecem os grandes órgãos no interior das cavidades e lhes dão nomes especiaes, muitas vezes bem significativos. Por exemplo, em tupi, os pulmões são chamados *pya bubú* (fígado fluctuante); o estomago *cigiê-assú* (grande estomago); o intestino *cigiê-mirim* (pequeno estomago).

A admiravel conformação do cerebro (em tupi: *apitiúma*) com suas numerosas circumvoluções não é apreciada isoladamente; mas, que elle percebeu as saliencias de forma e a côr deste órgão, demonstra-o, entre outras cousas, a copia do cerebro em algodão colorido, que muitas tribus, como a dos Maués e dos Mundurucús, costumam pendurar como enfeite, nos crânios mumificados de seus inimigos mortos (92).

(91) Vd. von Humboldt. *Ansichten der Natur*. 2. Ausg. (1826) pag. 234. (*Nota de von Martius*).

(92) Considerando de valor e curiosa a lista dos termos anatomicos, organizada pelo Padre Jesuita Pero de Castilho, o primeiro brasileiro nato, provavelmente, que se deu ao trabalho nobilitante de tratar da lingua dos brasis da costa, reunimos al-

guns desses vocabulos medicos, referentes á economia humana e apresentamo-los aos interessados. Em virtude das divergencias orthographicas das expressões portuguezas e tupis, existentes na copia do manuscrito de Pero de Castilho procuramos cotejar algumas, tendo á vista os trabalhos de Montoya, Fr. Onofre, etc., afim de nos aproximarmos da graphia exacta. Aos que se interessarem por mais ampla explanação aconselhamos: *Arte de la lengua guaraní, ó mas bien tupi* — pelo Pe. Antonio Ruiz de Montoya e as excellentes publicações feitas pelo Prof. Plinio Ayrosa: Os "*Nomes das partes do corpo humano pela lingua do Brasil*" — de Pero Castilho, *Diccionario Portuquez Brasiliano e Brasilino Portuquez* — Reedição integral de 1795, in Rev. do Museu Paulista T. XVIII, *Vocabularia da Lingua Brasilica* — O *Caderno da Lingua*, de Fr. Arronches, *Términos Tupis no Portuquês do Brasil*. Plinio Ayrosa.

Corpo humano — *Tetô*. Cerebro — *Apytûma*. Crânio — *Acanga*. Casco da cabeça — *Acangapê*. Testa — *Gigbá*. Face — *Tetobapê*. Rosto — *Tobá*. Nuca — *Moã*. Pescoço — *Auira*. Olhos — *Teçô*. Nariz — *Ti*. Ouvidos — *Apiçá*. Orelhas — *Nanhi*. Conduto auditivo — *Apiçá*. Boca — *Jurá*. Dentes — *Tajã*. Labio superior — *Apoã*. Labio inf. — *Tembê*. Lingua — *Apecã*. Braço — *Jybá*. Mão direita — *Écatuiba*. Mão esq. — *Açú*. Mão — *Bô (Pô)*. Dedo da mão — *Moã (Quã, Muã, Puã) Pô*. Dedo Polegar — *Paám, Moã guaçú*. Dedo mequinho da mão — *Moã mirim*. Unha — *Pô apém*. Pé — *Big*. Dedo do pé — *Biçá*. Dedo grande do pé — *Miçá guaçú*. Dedo mequinho do pé — *Miçá mirim*. Unha dos dedos da mão — *Moãpê*. Unha dos dedos dos pés — *Miçãpê*. Perna — *Tupã*. Espada — *Gibapecanga*. Ventre interior — *Tiguê ou Tiê*. Intestinos — *Tiguê poi* (Tiepni). Excremento — *Epoti ca Poti*. Costellas — *Arucanyo*. Coração — *Miã, Miãq*. Sangue — *Tuarú*. Arteria — *Cajica oçú*. Veia — *Ayú* (guarani) *Ajára* (tupi da costa). Pulso — *Tayk-nyny*. Fígado — *Piã, Mbiá*. Bile — *Pya upiá*. Baço — *Peré*.

Devemos acrescentar que, esfolam e estripam com grande destreza a caça que abatem e, por mais rudes que sejam, não atormentam os animaes, pois cuidam de sacrificá-los immediatamente, antes de começarem a se utilizar deles para as suas necessidades.

Rins — *Piriquytyi*. Virilha — *Tacô*. Bexiga, o interior — *Tiquê*. Bexiga — *Tiriri*. Podex — *Teicoâra* — Placenta — *Aupâba*. Peitos — *Botigã*, *Potiú*, *mbotiú*. Têta, mamilla — *Cama*. Ossos — *Canga*. Braço — *Gibá*. Biceps do braço — *Gibá ipig aya*. Membro — *Tendibã*. Nervos — *Taijca*, *taii*, *çajica* ou *çajua*. Pelle — *Pirêra*, *pira*. Cordão umbelical — *Muruçana*.

Sobre ser de interesse, conhecer os termos anatomicos no brásilo idioma, ha tambem que considerar o alto valor delles utilizados como *palavras-fio*, conforme tradução do vocabulo teuto — *Leitwörter*, feita pelo sabio Capistrano de Abreu.

De não menos utilidade são os termos que designam os grãos de parentesco e os phenomenos naturaes, para a solução de problemas inherentes a etimologia dos Brasilícolos. O systema utilisado para a classificação dos selvicos brasileiros e empregado pelos versados no assumpto, foi o linguistico, entretanto, outros o aconselham com reserva, quando só encarado desse ponto de vista. "Os caracteres somaticos só deviam ser usados com muita reserva, porque tipos antropologicos coincidem frequentemente em grupos linguisticamente estranhos uns aos outros". *Os Indigenas do Nordeste*, pag. 91. Estevão Pinto. (*Nota de Pirajá da Silva*).

PATHOLOGIA E NOSOLOGIA

Conforme o referido, ficaríamos surpresos se o selvagem brasileiro não se achasse, nessas doutrinas, no mais baixo gráu de conhecimentos, pois estes, de certo modo, são apenas possíveis como fructo de observação exacta, simples, adquirida de ha muito, por uma experiencia racional, e até ahí não attingiu o brasilicola.

Por isso, o indio só distingue poucos estados mórbidos e apenas obscuramente discrimina seus signaes característicos essenciaes.

Conhece um certo estado a que chama febre; indica algumas especies de erupções cutaneas que differencia por determinados caracteres externos; tem para certas affecções nomes apropriados, ás mais das vezes deduzidos de regiões do organismo, onde ellas habitualmente apparecem. Dentro destes estreitos limites está comprehendida toda sua nosologia propria. Assim, possui apenas as mais elementares e confusas idéas a respeito da natureza da doença, suas causas proximas, remotas, etc. Tem visão obscura da periodicidade de algumas doenças, subordina a

manifestação dellas a phases da lua, ás quaes, como já disseiros, attribue, em geral, uma influencia morbida.

Procura as causas de suas deformidades e doenças, nos acc'identes recentemente occorridos e suas circumstancias, no vento, na chuva, na insolação, em certos alimentos, no contagio pelos brancos e negros, dos quaes se arreceia, especialmente daquelles, como portadores de certas enfermidades. Se não pode descobrir explicação sufficiente para o apparecimento ou duração mais prolongada da doença, no conhecido circulo de causas, procura-a na feitiçaria e na acção de certas forças hostis, que estão á disposição de outros individuos. Esta idéa da força demoniaca do seu inimigo arraigou-se-lhe, profundamente no espirito. Não pôde elevar-se a nenhuma comprehensão outra da natureza que o cerca, a não ser a demoniaca. Queremos com isto dizer, no sentido da phrase aristotelica: "a natureza é demoniaca e não divina", que o selvagem, na sua comprehensão da natureza, enxerga por toda parte, exclusivamente a lucta egoista de seres e forças, que se lhe apresentam hostis. O adversario odiado serve-se destas influencias contrarias e com ellas hostiliza, por meio de affecções enigmaticas (pela feitiçaria). A idéa já citada da natureza demoniaca da doença, desenvolveu entre os indios, ainda outra, que especialmente exerce influencia sobre o tratamento e cuidados dos doentes.

Quando a causa da enfermidade não se apresenta bem clara, o paciente é considerado outro ser, que não mantem

mais com a família as relações de outrora, ou como se fosse um possesso, dominado por forças inimigas.

Fica prostrado num estado de miseria, do qual só se pôde livrar pela propria energia, ou auxiliado por forças naturaes amigas. Sua vizinhança tem algo de sinistro e perigoso. Por isto é desprezado, entregue a si mesmo, e delle todos se afastam furtivamente; por outro lado, tal idéa se baseia no terror panico que acommette uma população selvicóia, quando assolada por epidemia e pela grande mortalidade della decorrente.

MATERIA MEDICA

Embora não tenha nenhum conhecimento puramente scientifico, é no dominio material da pharmacognosia, da materia medica, que o indio possui numerosas experiencias, em grande parte, talvez, restos de uma antiga sciencia natural ou tradições de uma época, ha muito esquecida.

Em todo tempo o homem costumava arrimar-se em analogia, dahi o systema dos signaes na medicina, cujos vestigios são tão frequentes tambem entre os indios brasileiros. Entretanto, só no mais alto gráu de cultura espiritual, poderá elle dispensar aquelle auxilio e progredir de analogias isoladas, esparsas, para a verdadeira sciencia inductiva e organizada; por isso, todos os conhecimentos especiaes sobre a acção de certos productos naturaes, no organismo doente daquelle homem rúde, não têm connexão; ficam sem ser experimentados e desordenadamente juntos; tem, pois, o medico scientifico, tanto maior obrigação de enfrentar as indicações da materia medica dos indios, com moderada prudencia, como de só as applicar em sua pratica, após madura verificação.

Antigamente, os portuguezes immigrados pouco fizeram neste assunto. Actualmente dominam tambem no

paiz numerosos preconceitos, em parte infundados, sobre os remedios dos indios; e, se deveria accusar de grande negligencia a classe medica local, se, outrora, tivessem ido de Portugal, muitos medicos scientistas, para a colonia brasileira. E' de admirar que o numero deles, no fim do seculo passado, fosse muito pequeno.

Asseveram-nos que no anno de 1799, em todo o paiz, clinicavam apenas 12 medicos formados. A consequencia disto foi ficarem as tradições dos indios quasi exclusivamente nas mãos dos barbeiros, dos autodidactas e das mulheres velhas; muitos factos, ainda hoje, esperam as verificações criticas dos medicos scientistas.

A idéa da acção quente e fria das substancias naturaes sobre o organismo, está espalhada por toda a America.

Na opinião do vulgo, a banana e o arroz são alimentos quentes, a farinha de mandioca e os carás alimentos frios. A divisão de medicamentos em quentes e frios tem igual valor entre elles e a maicria dos curandeiros. Seria erro attribuir aos indios essas apreciações. Evidentemente, é mais uma idéa da medicina arabe que, na peninsula iberica, ainda goza maior influencia do que geralmente se suppõe; os brasis, de maneira alguma, fazem tal distincção entre medicamentos frios e quentes.

MEDICAMENTOS DO REINO ANIMAL

Onde sua materia medica mais se assignala é no grande valor que o indio attribue aos medicamentos de origem animal. Em certas condições, todos os excretas animais são impuros e nocivos, ou puros e medicinaes.

Cuidadosamente enterram as fézes humanas, logo depois de expellidas. Attribuem qualidades impuras ao muco nasal, ao sangue, ao cerumen, e deiles se utilizam no preparo de feitiço. Em compensação, a saliva e a urina servem de remedio. O *smegma* é empregado como antidoto do veneno das cobras e da mordedura das grandes formigas. Dão grande importancia ao poder medicinal de certos ossos, bicos, garras e espinhas das azas de alguns passaros (*Parva, Palamedea*). Os dentes de onça, as unhas dos grandes tamanduás, uma rodela de concha fluvial, etc., são usados como adorno e amuletos no pescoço e nas extremidades; como preventivo contra a picada de cobras venenosas, trazem dependurados os dentes de jacaré; as raspas desses dentes são ingeridas com agua, contra a mordedura de cobras. Com a banha, semelhante ao almiscar, que o jacaré segrega nas duas bolsas situadas em

baixo do pescoço, preparam remédio eficaz contra a mordedura da cascavel.

Coriam a armação do veado (*Cervus paludosus* Desm., *Susuapára* -- na lingua tupi), em pedaços quadrangulares, de uma polegada de comprimento, reduzem-nos quasi a carvão, e nelles gottejam aquella banha. Os pedaços de chifre, assim preparados, são amarrados sobre as mordeduras de cobra, das quaes absorvem todo o veneno.

Este remédio é levado em consideração e tido como infallivel por muitas pessoas de descendencia européa, que o trazem sempre consigo. Os índios usam o bezoar do veado (93), como excellente remédio nas indigestões e empregam a banha fresca do jacaré em fricções nos tumores rheumaticos e em pomada, nas feridas.

(93) *Bezoar*, ou *lapis bezoardicus*, é vocabulo de origem persa, de *pad* = preservar e *zehr* = veneno: antidoto, alusão ás pretensas propriedades alexiármacas dessas concreções calcúlozas, encontradas nas vias digestivas e urinarias dos quadrupedes.

Ha o bezoar oriental, encontrado no quarto estomago da gazella da India, e o bezoar occidental achado no quarto estomago da cabra selvagem do Perú ou da camurça. O bezoar facticio é preparado com oitos de lagosta, poans ou pinças de caranguejo, tudo pulverisado e misturado com almuiscar e ambar gris. Encontra-se no estomago dos ruminantes, uma concreção esferica — *egagrophilo*, formada de pellos deglutidos por elles, quando se lambem.

Finalmente, chamam bezoar, todas as substancias, nas quaes acreditam existir as virtudes attribuidas ao verdadeiro bezoar. (*Nota de Pirojá da Silva*).

A carne de um sapo preto muito asqueroso (*Pipa cururú* Spix, *Ranæ* T. 22), torrada num espeto e pulverizada, serve de preservativo contra a feitiçaria e é usada pelas parturientes, para alliviar o trabalho do parto. As presas da cascavel, moidas, são prescriptas nas ulceras malignas. Cortam a cabeça e a cauda de uma cascavel viva e cozinham, durante muito tempo, juntamente com um frango, até que tudo se transforme quasi em geléa. Esta iguaria, comida de uma vez, cura conforme dizem, erupções cutaneas chronicas e syphilis.

Assam e comem as grandes formigas (94) com farinha de mandioca, julgando-as poderoso excitante na dyspepsia. O estomago de jacaré, secco e pulverizado, serve para as affecções calculosas; usam as pedrinhas encontradas no estomago desse amphíbio, na lithiase renal, e o pó de espinha de peixe, na estranguria. Obturam os dentes cariados com cinzas das unhas de onça, para alliviar a dôr.

(94) *Içá* é a formiga alada, femêa da *Atta sexdens* L., formiga de mandioca chamada *cortadeira*, *carregadeira*. Na Bahia e em Minas chamam-na de *tanajura*. O macho, tambem alado, é conhecido por *içá-bitú* ou *ritú*. *Içá* é contracção de *içaba* significando gordura, pois os indios consideravam por tal, o que se continha no abdômen dessas formigas e as comiam torradas. Vejamos o que disse o Padre Anchieta a respeito de tal iguaria: "Quão delectavel é esta comida e como é saudavel, sabemos-lo nós que a provámos". *Cartas Jesuíticas*. T. III. pag. 122.

Disse Gabriel Soares que os brancos e mestiços a gabavam, comparando-a, em sabor, a passas de Alicante. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Dizem que o pó do chocalho de cascavel, posto nos dentes cariados, os faz cair. O bezoar do guanaco é negociado desde o alto Perú, até ás planícies do Amazonas e, como o do veado, é muito empregado pelos índios no embaraço gastrico. Attribuem grande efficacia a diversas especies de gorduras animaes, para resolver tumores e dar melhor granulação ás ulceras malignas. Isto não se refere sómente á banha do jacaré, mas tambem á da onça, do veado, do gado e da gallinha. Empregam-n'as, ora puras, ora misturadas com varias qualidades de carvão de madeira ouervas frescas.

A banha de onça é empregada para destruir os vermes das ulceras malignas. Contra a dor sciatica applicam a pelle de cachorro, recentemente esfolada. Já dissemos que o indio do Amazonas masca o penis e o clitoris crus do macaco, para se preservar do paludismo e prescreve urina fresca como vomitivo (95).

(95) Os índios da Amazonia preferem a carne do macaco — *caiarara*, *Cebus gracilis* Spix., talvez pela singular ideia de sua força curativa de certa parte do corpo, o que tambem será o motivo por que mais raramente o amansam. "Dizem elles que com isso se excitam e fortalecem (já os antigos, Plinest., "Vita. Apoll.", III. c. 4., contam que o leão come carne de macaco, quando se sente adoeccer). Sobre outro remedio, que o tubixaba me aconselhou contra a febre, relato em latim: "Foeminam tibi, inquit adducam, quacum per hanc noctem jaceas; nihil enim contra febrim praestantius. Sunt foeminae nobis pejores et virulentae (cunhaetá gaç' oçé) ubique omne. quod nobis inest, malum deriverunt minime ipsis ex eo malum inferentes, accedit tunc veneno venenum". Inter horum Indorum mores et alium

latino sermone commemorare lubet, alvi scilicet dejectiones, eo quo posuerant loco, terra obruendi. Me ipsam, quoties, ut hoc naturali negotio fungerer, sylvam intrarem, continuo puellula irsequebatur, matris jussu, quae oculo curaret, ne immunditiae quid superesset. Pediculos pro veris hostibus habent, quos pectine capios non digito opprimunt, sed, ut graviore supplicio eos officiant, non sine iracundia, dentibus mordent". Empregam com eficacia, a vertebra superior do boto e a do peixe boi, reduzidas a pó, contra as hemorragias. Martius. Viagem pelo Brasil. pag. 233, 236 e 346 T.III. Afirmam as indias que as larvas de bezouros comidas cruas ou assadas, augmentam o leite das mulheres que amamentam, op. cit. pag. 270. (*Nota de Pirajá da Silva*).

MEDICAMENTOS DO REINO MINERAL

O selvagem brasileiro quasi não se utiliza delles no seu arsenal therapeutico. E' usada, como annuleto, a *pedra amazonense* ou *Lapis nephriticus* (96) cuja proce-

(96) Vd. Martius, Reise III, S. 1099. *Pedra amazonense, pedra divina, lapis nephritico.* As chamadas pedras da Amazonia representam as variedades de nephrite que von Werner chamou *jade nephritico*.

Os mineralogistas franceses o chamavam *jade* e consideram como uma especie delle, o mineral que constitue a quasi totalidade do *saussurito*, que geralmente foi adicionado ao grupo do feldspatho.

Diego de Ordaz na sua expedição ao Amazonas, em 1530, encontrou entre os indios duas pedras que os espanhões julgavam ser esmeralda. (Herrera, IV. 10. c. 6.). Se essas pedras realmente pertencem áquellas de que tratamos, cousa que parece provavel, em vista do seu tamanho e da informação dos indios, que affirmaram existir dellas grandes rochedos, então é esta a mais antiga noticia dessa rocha.

Evidentemente, os actuaes moradores não podiam dar a essa dura pedra sua forma; tambem ouvimos, assim como antes de nós, de la Condamine e von Humboldt, a explicação dos indios, de que a pedra teria sido formada de argila dentro da agua e

dencia, até hoje, ainda é inexplicavel, assim como a historia de muitos pedaços de pedra, ora grandes, ora pequenos, trabalhados e polidos com mais ou menos arte, e espalhados quasi por toda a America do Sul. Os indios de quem indaguei, não conheciam sua applicação medicinal na lithiase renal, na sciatica, na gotta e no rheumatismo; entretanto, com este fim, foi ella celebrizada pelos

endurecida, quando exposta ao ar. Asseveraram-nos que além da forma, que a nossa pedra apresenta, existem ainda outras com o feitio de varias especies de animaes, de cylindros ou de ladrilhos quadrilateros. Deste formato são as placas outrora enviadas para a Europa, pelos Jesuitas, nas quaes mandaram gravar os signaes do culto christão.

Como lugares contendo jazidas primitivas dessas pedras, foram mencionadas pelos referidos viajantes, ora a Amazonia, ora as nascentes do Orenoco ou do Rio Branco. Afirmaram-nos que os indios do Tapajoz, Madeira e Purús traziam-nas mais frequentemente consigo e, por isso, aventuramos a opinião de que fossem trabalhadas pelos indios do Purús, já conhecedores do uso do bronze. Muitas cousas da historia e dos costumes dos indios amazonenses revelam ligações destes com as tribus do sul; as migrações do sul para o norte já se tornam explicaveis pelo curso dos grandes afluentes do Amazonas, e os testemunhos dos indios logram maior valor, porque os moradores das encostas sul da Cordilheira de Paríma, têm muito poucas relações com os do Amazonas e, ao contrario, as entretêm com os de alto rio Negro. Demais disto, não repugna admittir a hypothese de terem sido as pedras trabalhadas e transportadas de varios lugares, para as mãos dos indios da Amazonia. Devemos admittir, pelo menos, dois centros de cultura antiga na America do Sul: entre os Muyscas, em Nova Granada, e os Peruanos. Semelhantes pedras verdes foram conhecidas pelos antigos Mexicanos, com o nome de

jesuitas no seculo passado. Igualmente, empregam como amuleto, a pedra pomes, que, das fronteiras peruanas, desce fluctuando pelos rios, e por esta propriedade estranha, causa admiração. De outros mineraes que serviam de medicamento, o indio só conhece o sal e o bolus (agarico mineral) (97), ambos empregados nas affecções intestinaes. Não tem conhecimento algum de preparo por processo chimico, nem sequer sabe extrair a potassa das cinzas brutas, obtidas por incineração de madeiras.

xouxouque-tecpatl, e isto talvez mereça ser assignalado, porque a nossa pedra amazonense, de certo modo, se assemelha na forma, com o signo do *tecpatl* (*silex* instrumento cortante) dos monumentos astronomicos mexicanos.

Os indios a quem indagámos não conheciam o uso dessa pedra para fins therapeuticos. Na Alemanha, ha cerca de um seculo, eram celebres para o tratamento das affecções renaes, gota, rheumatismo, ciatica (por isso, *jade*, ou *pedra nephritica*); e a inclusão sub-cutanea de uma pequena leuzilha bem polida dessa pedra, no braço, abaixo do deltoide, ainda é recentemente recommendada por medicos notaveis. Von Martins. — *Jade* é um silicato natural de aluminio e calcio; pertence ao genero amphibolio. Pelo interessante da nota, transcrevemo-la por completo. Quando tratarmos do *myrakytau*, em outra nota, voltaremos a este assumpto. (Nota de Pirajá da Silva).

(97) *Bolus* é o silicato de aluminio natural — argila, kaolin, *Bolus alba* — Silicato aluminico hidratado, de procedencia natural e de composição variavel. *Pharmacopendium*. Hugo Rosenberg. pag. 106. *Bolus zemea* — Silicato aluminico natural, que contém oxydo de ferro. *Bolus alba* — argila. *Pharmacopéa dos Estados Unidos do Brasil*. pag. 98. (Nota de Pirajá da Silva).

Assim fica assignalada a inferioridade da medicina dos indios, comparada á européa, especialmente pela absoluta falta de chimica scientifica em sua *Materia Medica*.

Euquanto empregamos os mais delicados processos chimicos, para extrair da materia os principios medicamentosos, no seu maior estado de pureza, o medico selvagem abandona esta acção ao proprio organismo doente, administrando-lhe as drogas sob a mais grosseira forma.

O mesmo acontece com os medicamentos vegetaes.

MEDICAMENTOS DO REINO VEGETAL

Estes são colhidos frescos, das arvores ou dos arbustos, pelo pagé, e empregados internamente, em infusão e decocto, ou externamente em cataplasmas e lavagens. Está completamente fóra do seu círculo visual a manipulação de outros preparados. Estas plantas medicinaes têm além disto, no estado fresco em que são empregadas pelo medico selvagem, a mais efficaz virtude medicamentosa, e em muitos casos substituem, com feliz exito, as composições clinicas da medicina européa.

Noutro ponto já chamámos attenção sobre este assumpto (98); seja-nos permittido aqui accentuar que isto é uma face do mais grosseiro empirismo, que merece toda attenção da medicina racional.

O effeito das compressas de hervas frescas que algumas vezes vimos os medicos indigenas empregarem nas ulceras malignas, foi tão rapido e efficaz, que attingiu as raias do maravilhoso. Em 8 dias cicatrizaram-se as ulceras do pé de um negro escravo, da minha comitiva, que

(98) Vergl. Martius, *Systema Materiae medicae vegetabilis, Brasiliensis. Einleitung.* S. XXI. (Nota do Dr. von Martius).

se achava invalido, ha mezes, e haviam resistido a muitos medicamentos. Durante esse tempo, as ulceras foram pensadas com papas feitas de uma planta fresca, machucada, *Julocroton phagedenicus*, arbusto pertencente á familia das Euphorbiaceas. Com os mesmos vantajosos resultados vimos tratar em condylomas, com cataplasma de *Euphorbia cotinifolia*. Tambem vimos cicatrizar em velhas ulceras do pé, num rapaz doente de dyscrasia verminosa, por meio de compressas de flores esmagadas da planta aquatica — *Pistia occidentalis*.

As cataplasmas do algodão americano *Gossypium vitifolium* curam ulceras malignas chronicas com a mais surprehendente rapidez. Os índios do rio Doce machucam a herva *Tillandsia recurvata* e empregam nas fracturas osses das extremidades. Essa mesma planta misturada com ovos incubados de mutum, *Crax alector*, serve de cataplasma.

Antonio Bernardino Gomes se refere a emprego semelhante para condensar e reforçar o sacco herniario, depois de reduzida a hernia, de modo a não mais se reproduzir o prolapso (99).

(99) Memor. da Acad. de Lisboa, dos Correspond. II. (1812). (Nota do Dr. von Martius) Bernardino Antonio Gomes, notavel medico portuguez e cientista, residente na Bahia. Em sua obra *Reisen in Brasilien*, Martius agradeceu os muitos obsequios e amavel acolhimento recebidos do Dr. Antonio Gomes, correspondente scientifico do naturalista Conde von Hoffmannseg. Ved. *através da Bahia* pag. 114.

As hernias cruaes, inguinaes e umbilicaes são chamadas quebraçuras. Muitas plantas medicinaes: as santambaiás, a ca-

Bastante eficaz é a seiva fresca de muitas aroidéas, cuja substancia volatil, usada de outro modo, poderia perder-se.

As raizes e renóvos radiculares de muitos canhões aromaticos, como do *Albará* (*Canna glauca*), da *Pacose-roca* (*Alpinia pacoseroca*), machucados frescos, são empregados com vantagem para limpar e curar feridas.

A raiz do *Piper nodosum*, semelhante em sabor á pimenta do Reino, serve contra dôr de dente, quando mastigada fresca. O sumo recentemente extrahido dos botões foliaceos da Ambauva (Tubauba - *Cecropia*), rica de mucilagem e saes, é empregado como loção refrigerante nas ophtalmias e inflammações erysipelatosas. Na ilha de Itaparica, vimos um indio praieiro curar a ulcera syphilitica *membri virilis*, banhando-a com agua de côco molle.

Este methodo tornou-se conhecido dos indios brasileiros, talvez por intermedio dos immigrants portuguezes. Encontrámos referencias feitas ha mais de 150 annos nas Indias Orientaes, citadas por Meister na sua obra *Orientalisch — indianischer Kunst und Lustgärtner*. Dresden 1692, S. 53.

Os indios só se utilizam para uso interno, de plantas frescas. A matta é a sua pharmacia. Não costumam

pêba, os emplastos de mastruço, *Chenopodium ambrosioides* L., os de latex de *laudim*, *guanondi*. — *Calophyllum brasiliense* Camb., etc., eram usados no tratamento das heruias. (*Nata de Pirajá da Silva*).

colher planta medicinal alguma e conserva-la secca para necessidade futura. A unica substancia vegetal que entre elles encontramos guardada, para utilização posterior, foi a casca da *Strychnos gujanensis* e *toxifera*, cuja decocção é o principal ingrediente para o veneno das flechas.

De mais a mais, a propria experiencia ensinou aos rudes brasis que suas plantas medicinaes não são efficazes em qualquer época do anno. Exemplo desse conhecimento já citámos alvures (100), isto é, como um indio explicava que a infusão fria do lenho da *Echitis Cururú*, só era efficaz na febre gastrica, se o arbrsto já tivesse passado da phase de floração para a de maturação dos fructos.

Nos paizes, onde as plantas frequentemente desenvolvem substancias muito differentes, importa mais attender ao estado da vegetação, porque as seivas se acham em continua transformação (*Metaschematismus*), semelhante a uma exacerbação organica, e só em determinadas epochas encerram desenvolvida, qualitativa e quantitativamente, a maior proporção de sua substancia medicamentosa.

Eis um vasto campo aberto ás observações scientificas.

E' consideravel o numero de substancias medicinaes do reino vegetal que os brasis costumam empregar; vimos muitas em suas mãos; de outras. ouvimos dizer, como eram por elles usadas, e temos o direito de admittir que em diversas provincias do grande paiz, muito mais de

(100) *Systema Materiae Medicae veg. Brasiliensis. Einleitung. S.XXI.*

100 plantas são empregadas como remédios pelos ameríndios.

Estas plantas, de certo, não possuem o mesmo valor, e um grande numero ainda não chegou ao conhecimento do emigrante europeu, porque a desconfiança e a hostilidade contra este intruso, assim considerado pelo selvagem, desviam o mais possível o medico indio de confidenciaes informações, justamente sobre seus medicamentos efficazes.

No nosso *Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis* estão representadas 470 plantas medicinaes, pertencentes a 226 generos. Nem todas, porém, se acham nas mãos dos índios, porque muitas foram importadas, outras não são usadas por elles e sim pelos europeus, que se guiam pela analogia com as especies conhecidas na Europa, India Oriental e Africa. Agora, se se perguntar de onde proveio o conhecimento dessas numerosas plantas medicinaes para o indio, ver-se-á que muitas têm relações prehistoricas com os aborigenes.

São as cultivadas que podem ser chamadas plantas mythicas.

PLANTAS MYTHICAS

Mythicas, porque nuni ou noutro povo se acha um mytho mais ou menos formado sobre o modo por que foram descobertas e primitivamente applicadas ao uso domestico e medico. Dá-se com ellas o mesmo que se dá com as mais importantes plantas uteis do velho mundo, por exemplo: os cereaes, a oliveira, a vinha, os feijões e outras especies de hortaliças, cuja primitiva origem não conhecemos.

O mesmo se passa com as plantas analogas do Novo Mundo.

Nenhum conhecimento seguro explica onde o aborigene brasileiro as encontrou, nem quando e como, pela primeira vez dellas se utilizou.

São mais ou menos cuidadosamente cultivadas por toda parte; quando muito, encontradas em estado rustico aqui e ali, mas nunca e em parte alguma, em estado silvestre. A respeito dessas plantas devemos admittir que, provieram do Paraiso, tal qual as plantas uteis européas, ou, se esta expressão causar escandalo, que foram pouco a pouco espalhadas pelos abrigenes da America, depois

de trazidas das regiões, onde outrora se achavam domiciliados os primitivos povos americanos, em estado de mais elevada moral e cultura; e onde, em colossaes obras architectonicas, deixaram os vestigios parciaes de uma civilização actualmente extincta.

No que diz respeito a estas plantas mythicas brasileiras, é extraordinario que quasi todas, sem exceção, fossem tambem conhecidas e usadas nas Antilhas, povoadas pelos Caribbas. no Brasil e em muitos outros paizes do Novo Mundo, muito afastados entre si; outras o eram simultaneamente na America do Norte, no Mexico, no Chile, quando Colombo aportou pela primeira vez na America.

Outra circumstancia ainda mais curiosa é que estas plantas, como todos os productos naturaes, em muitas linguas, de certo modo consideradas como principaes ramos do tronco da lingua americana, fossem designadas por diferentes vocabulos; porém, as mesmas palavras com significação muito diversa, apparecem novamente nos idiomas originaes.

Se esta relação caracteristica fosse convenientemente investigada, poderia projectar muitos traços luminosos sobre a obscura e primitiva história da humanidade americana. Não sendo opportuno aqui entrar em mais amplas considerações a respeito, contentámo-nos em apresentar as mais importantes plantas uteis, que consideramos mythicas, encontradas no Brasil.

1.^o -- *Mauhit utilissima* Pohl., mandioca venenosa, de cujas raizes se preparam a farinha usual e o pão dos

americanos. É chamada *manüba* em tupi, ou *mandiba* no sul, em dialecto guarani. Tem o mesmo nome entre os Caraibas continentaes; na lingua do Haiti se chama *juca*, e a farinha (tupi — *beijú*, caraiba *meïou*) *kïere*.

Entre os Chaymas e os indios Cumanagotos da terra firme, chama-se a planta *quicharapo* e a raiz *quichere*.

2.^o — *Mamihot aypi* Pohl., tupi *aypin*, mandioca mansa, não venenosa. Dizem não ser originaria do Haiti, na opinião de Oviedo. Lá é chamada *boniata*; entre os Chaymas, *casé* ou *cachite*; no Mexico, *huacamote*.

3.^o — O milho, *Zea mais* L., não encontramos cultivada no Brasil outra especie, a não ser a conhecida entre nós. No Paraguay e nas Proviúcias do sul do Brasil se cultiva tambem a *Zea cryptosperma* Bonafous (*Zea mais*. var. *tunicata* S. Hil.), cujos grãos na espiga se acham cobertos de escamas membranosas. Isto tem maior importancia pela circumstancia de se poderem distinguir, actualmente, maior numero de especies do genero *Zea*, do que as cultivadas nas diversas regiões do Novo Mundo. Assim, não se conhece apenas a *Zea curagua* — já descrita por Molina, com folhas serrilhadas, do Chile (chileno Gua), porém outra, com folhas peludas, *Zea lutea* Bonafous, da California, *Zea erythrolepis* Bonafous, que se distingue pelas escamas vermelho-ferrugem do sabugo, das regiões do Missouri e, finalmente ainda algumas de todas estas varias especies do Mexico.

Na lingua do Haiti se chama milho — *maliz* (o qual seja dito de passagem, segundo testemunhas autenticas, foi trazido no anno de 1204 de Anatolia, para o con-

dado de Montserrat). Entre os Caraibas das Antilhas chama-se *auachi*, *goaxi*, *marixi* e nos do continente — *aouassi*. Os Chaymas conhecem por: *anuaze*, *ayaze* ou *yurar*, os Aztecas por *llaolli*; os Tupis por *auaty* — ou *uba-tim*, o que quer dizer: *gramen rostratum* (101).

4.º — Varias especies de batatas, *Convolvulus batatas* L. e affins; Tupi: *jetica* (Heitich), Haiti: *batata*; Carai-ba: *napi*; Azteca: *camotli*.

5.º — *Cará* em tupi, *igname* no litoral de Paria, no Haitij *ajé*; são especies de *Dioscoreas* sarmentosas que produzem tuberculos comestiveis, por exemplo: *D. alata*, e outras. Mencionamos não ser conhecido pelos aborígenes brasileiros outro tuberculo, chamado, não sabemos pôrque, *tupinaubá* o *Helianthus tuberosus* L.

Corrêa já observou (Humb. Mouv. Esp. II. p. 409), que a planta não vegeta em estado silvestre no Brasil. Sua patria deve provavelmente ser procurada em Buenos Aytes, se não se demonstrar ser o México.

6.º — *Taiá* — *tayóba*, *mangaraz*, são nomes tupis das aracéas mansas mucilaginosas e feculentas, que são utilizadas como legumes, quando cozidas. — (*Colocasia antiquorum* e *esculenta*, *Caladium poccile*, *sagittifolium*, etc.). No Brasil, essas plantas são conhecidas por *inhame*.

7.º — *Mundubi*, *mandubi* dos tupis, *mani* no Haiti. *Arachis hypogaea*, é comido crú e torrado. Fornece oleo apreciado.

(101) Milho zaburra — *abatintan*. Dicc. Bras. Port. E' possível que *uba-tim* seja erro typographico; o certo é *abati* — milho. (*Nota de Pirajá da Silva*).

8.º — *Mamoeiro* — *Carica papaya* (e outras especies, como *C. digitata* Aubl. e *C. dodecaphyla* Vell., o *jaracatiá* dos tupis).

As especies deste genero admiravel parecem que ainda não foram todas discriminuadas. Uma especie das Antilhas, com folhas simples trilobadas (Rochefort, cap. 6.º artic. 3), é em todo caso essencialmente diversa das especies do continente. A que os portuguezes chamam mamão, exportado para a Africa e Indias Orientaes, é diferente do peruano. (*C. pyriformis* Willd), lá chamado *papaie*, (Benzoni, Lib. III, c. 18; em carai'ba a especie é chamada *ababai*, nas ilhas) e se distingue das demais pelo sabor agradável e tamanho dos fructos. Os indios empregam o leite dessas arvores contra vermes e affirmam que a carne fresca, posta em contacto com o leite de mamoeiro durante algum tempo, fica mais tenra e gostosa.

9.º — *Banana* — *Musa sapientum*, *pacoba* dos tupis, e *Musa paradisiaca*, *pacoboçú* (pacoba grande), banana dos Carai'bas (pelos Chaymas, chamada *pusman* e *yaguara*). Também se encontrou esta planta em muitas variedades, espalhada na America tropical, quando se descobriu o Novo Mundo, e, tanto quanto nos é dado conhecer, ninguem a viu em verdadeiro estado silvestre.

10.º — *Goyabeira*. *Psidium guajava* Raddi ou *Psidium pomiferum* e *pyriferum* L. Esta arvore que, a principio, se denominava *guajabas* na ilha Haiti, é chamada *cojábu*, pelos Carai'bas insulanos, e *guarapa*, pelos Chaymas; deve ser incluída entre as plantas mythicas bras-

leiras; difficilmente encontrada em estado silvestre, é, porém, muito cultivada pelos indios. Ao contrario, o *Psidium araçá* Radcli, chamado *araçá* em tupi, é uma especie primitivamente silvestre, que tambem dá boa fructa.

11.º — *Cajueiro*. *Anacardium occidentale* L.; *oacajú*, *acajú* e *cajú* em tupi; *caschiú* em caraiba insulano e *moué* em caraiba continental. Encontra-se este vegetal principalmente em logares assolhados, nas proximidades do mar, nos grandes estuarios fluviaes, nos sitios, onde provavelmente outrora estavam situadas as aldeias dos indios. Possui o pedunculo piniforme, bastante dilatado, cheio de succo acidulo; por isto é recommendado como arvore fructifera. Uma forma distincta (*Anacardium mediterraneum* Vell., Fl. Flum. IV, 46) pode ser considerada, talvez, como a planta primitiva silvestre e é especificamente diversa de uma terceira especie pequenina *Anacardium humile* Mart.

12.º — *Pimenta espanhola*, *Capsicum*. Deste genero, os indios brasileiros empregam muitas especies — *cerasiforme*, *annuum*, *pendulum*, *frutescens*. Para elles os fructos são propriamente condimento. Não resta a menor duvida de que estas especies eram usadas pelos aborigenes americanos desde tempos immemoriaes. São chamadas *chili* na lingua azteca, *quijnna* na zapoteca e (o que é admiravel) tambem assim na tupi (*quinná* na graphia portuguesa), *thapi* na chilena, *avi* na lingua do Haiti; *pouu* na dos Caraibas continentaes; *pouucy* na dos Chaymas. *uchú* em Cuzco.

13.º — *Cabaccira* — *Crescentia cujeté* L. Esta arvore tambem se encontra nos tropicos, em quasi todos os paizes quentes do Novo Mundo e sempre nas proximidades dos aborigenes, que preparam com os fructos, em forma de cabaça, snas taças (em caraiba *cu*, em tupi *cuja*), ás vezes muito artisticamente decoradas. Os tupis chamam — *choité* ou *cuté* e muitos outros *tutuma*.

14.º — *Algodoeiro* — *Gossypium vitifolium* Lam., era cultivado por toda parte quando se descobriu a America. O algodão era um dos artigos mais importantes com que os indios pagavam tributo a seus caciques e aos conquistadores europeus. Com um fio de algodão distendido em redor da pequena plantação, o indio symbolizava a sua possessão rural. Algodão é chamado: *amyniú* em tupi; *mandiyú* no dialecto guarani, *amoulou* em caraiba insulano; *maourer* em caraiba continental; *yehca-xihuitl* pelos aztecas, que sabem fazer bonitos tecidos e tingi-los de varias côres; *xilla* em zapoteca.

15.º — *Urucú* — (102) *Bixa Orellana* L., em tupi *urucú*, em caraiba *rocú*, *biché* no continente; é conhecido

(102) *Os indios da America cultivaram em torno das cabanas o *urucú* (*Bixa Orellana* L.) e o tinham em grande apreço para variados fins. Informa Maregrave que era muito usado em bebida para combater, pela adstringencia, as diarréias sanguineas e que, de mistura com o cacau, era um refrigerante saboroso e de linda côr.

Piso refere essas propriedades e ajunta que seria, ao demais, um reforçador do coração. As mulheres preparavam tinturas para pintar o corpo, com as sementes maduras. Tem-se buscado

entre todos os aborígenes da America tropical como planta tinctorial e medicinal. Nunca vimos esta especie em estado silvestre em parte alguma, porém, vimos outra affim a *Bixa urucurata* Willd *urucú-rana* em tupi, isto é, falso urucú. Como exemplo notavel do parentesco linguistico de muitas designações, se pode citar que os Abipões do Paraguay chamam *achite* a casca da *Trichilia Catigoa* S. Hil. que cõra de amarello, enquanto que os Aztecas chamau de *achiottl* o urucú.

15.^o - *Cabaça* — *Lagenaria vulgaris* DC. Pertence igualmente ás plantas muito espalhadas e entrelaçadas com a historia primitiva dos americanos. E' chamada

saber se a pintura de *urucú* — unica usada para o corpo inteiro — teria apenas fim ornamental (*elegantiae causa* de que já falava Maregrave) ou se obedeceria antes a necessidades mais praticas. Para Roquette Pinto e Alfredo de Andrade seria util na luta contra mosquitos e outros insectos".

Cf. Nota sobre a protecção da pelle contra a luz solar pela pintura com urucú — *Bixa orellana*. Archivos de Hyg. Anno VII. n.^o 2 pag. 243. por O. B. do Couto e Silva. Maregrave, George — "*Historiae Plantarum*" — Piso Guilherme — "*Historia Naturalis et Medica*". Alfredo Andrade — Arch. do Museu Nacional do Rio. *Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens*. Karl von den Stein. 1894. pag. 178. A acção protectora do *urucú* se exerce contra os raios caloríficos e tambem contra os actinicos. O *urucú* em varios logares do Brasil, *açafróa* na Bahia, *roucou* ou *recouyes*, nas colonias francezas da America, *arnotto* ou *annotto* de Pison é planta da America intertropical. As sementes passam por laxativas, fornecem bella materia corante amarella e vermelha. E' usada tambem, como condimento, para colorir o arroz.

pelos índios brasileiros (não sabemos em que lingua) *caramamú*; em caraíba insulano *batia*; em caraíba continental *maintá*, que, em geral, quer dizer vaso, ou *mourou-touaion*; *penca* em chileno.

17.^o — *Pinhão branco* — *Jatropha curcas* L., arbusto de nózes vomitivas, communmente encontrado nas immediações das malocas dos índios. Jamais vino-lo em estado silvestre. Seu uso parece, já de ha muito, espalhado numa grande extensão da America.

Em azteca se chama *quorhayohuatlis*; em tupi - *mandubi-guaçu* ou *munduy-guaçu*, grande mundubi. Os

Os Tupi-Guaranis, diariamente depois de um banho, mandavam untar o corpo com unguento feito da materia corante, das sementes do *urucú* — *Bixa Orellana* e, amudadas vezes, a mulher praticava esta operação. O principal objecto desse uso era a defesa contra o sol e os mosquitos.

Rochefort referindo-se ao que vira e ouvira dos índios, nas Antilhas, á cerca da urucuisação, escreveu: "que isso os torna mais livres de corpo e ageis, afirmando tambem, que essa operação lhes proporcionava uma protecção contra as más consequencias das chuvas, contra os ardores do sol e do frio de certas noites e, por último, os preservava das picadas dos mosquitos e..."

Ainda sobre a urucuisação, feita pelos ameríndios, disse Bertoni: "que todo o corpo e o rosto apresentavam uma tinta de colorido especiaimente palido, lustroso, dando aspecto estranho, porém não desagradavel á vista e ao tacto, pois fazia desaparecer toda mancha ou cicatriz, ficando a cutis assetinada. A coloração vermelha dada ao corpo, der origem ao erro que ainda persiste, á cerca da existencia de uma raça vermelha, entre os aborígenes americanos. A côr vermelha, na realidade, era devid'a a esta substancia empregada para se defender contra a luz solar

espanhoes, em Buenos-Aires, chamam a semente (*Nucces catharticae*) — *Pinnones del Paraguay*.

18.º — A *mamoneira*, *Ricinus communis* L., *viridis* Willd, *inermis* Jacq.. Esta planta, da altura do vosso sabugueiro, é frequente encontrar-se nas proximidades das malocas dos indios, porém não em estado silvestre. Os brasileiros chamam de *mamona*; Piso denomina de *nhambú-guaçú*; os caribas das Antilhas chamam *lamahou*, *chouloumannu* e *alamaramaron*.

O modo de extrahir o oleo das sementes é, em geral, conhecido pelos indios; descuidam-se da cultura da planta, porque raramente necessitam do seu producto; ao contra-

e evitar a picada dos mosquitos. Entre os Tupi-Guaranis, se chamava *urucá* a substancia empregada, nome usado em quasi todas as regiões, até ao Norte Argentino. Nas Guyanas e na Venezuela, onde tambem se praticava a uruciação, se chamava *rucou*, na lingua nahuatl se chamava *achiottl*, os yucatecas e os indios das antilhas, *bixa* ou *bija*, donde se originou o costume de chamar *embixados*, nos textos dos chronistas, aos indios pintados de vermelho".

A especie de pomada ou substancia unctuosa para friccionar o corpo, conforme as latitudes, era preparada pelo indio, com gorduras ou azeites de origem animal, como a banha do jacaré, da capivara, de iguana, azeite de peixes; de origem vegetal, como o oleo de palma. Estas gorduras se misturavam a quente com as substancias corantes das sementes da *Bixa Orellana*, e se dava a consistencia necessaria ao oleo resultante, juntando-se-lhe, a frio, gorduras mais densas ou resinas, como a da *icica* - - *Protium heptaphyllum*.

Esta substancia o indio levava em suas viagens, quer em forma de bolsas ou de pães, quer contida em cabaças,

rio, os fazendeiros brasileiros tratam-na cuidadosamente e, por isto, já conseguiram muitas variedades. A historia dessas plantas uteis, mesmo do ponto de vista da systematica, não está, de maneira alguma, sufficientemente esclarecida.

Não ficará reservado a pesquisas futuras provar que muitas destas plantas aqui referidas, examinadas mais cuidadosamente, virão a ser divididas em varias especies? Se de uma ou outra planta deste numero, pelas suas formas, não se conseguirá demonstrar o verdadeiro typo originario, que não pôde ser averiguado até hoje, pela deficiencia dos dados obtidos? — ou se, pela delimitação das areas para dispersão das diversas especies, não se poderá verificar a differença especifica de cada uma, e isto pelos dados historicos do povo que primeiramente as utilizou?

A urucuisação resiste ao suor e ao banho, por ser insolúvel na agua e defende contra os rigores do sol, impedindo a acção dos raios calorificos e a acção actinica excessiva dos raios ultra-violetas. Essa verificação experimental foi feita por Ozorio de Almeida, no Brasil, e Reiff na Argentina".

Cf. Dr. Ramon Pardal. op. cit. pag. 98-99.

Os Camacaus, especialmente as mulheres, preparam a cor vermelha com as sementes de *urucú*, triturando-as na agua fria, até que se precipite o tegumento colorido. Reduzem esta substancia, o *orellun*, a pedaços quadrados, que deixam seccar ao sol e utilizam-na como tinta cosmética, depois de moê-la de mistura com óleo de ricino ou com uma gordura animal. Cf. *Através da Bahia* — von Spix e von Martius. Trad. de Pirajá da Silva e Paulo Wolf. — pag. 147. (*Nota de Pirajá da Silva*).

PLANTAS MEDICINAES SILVESTRES

Deste grupo de plantas cultivadas, mythicas ou pre-historicas, devemos distinguir outro, que os actuaes indios brasileiros não herdaram de uma sabedoria natural, ora decadente, porém, só mais tarde, aprenderam a conhece-lo e emprega-lo na therapeutica e no uso domestico (103).

(103) Vejamos o juizo que fazia von Martius a respeito dos conhecimentos medicinaes dos indios: "Partimos de Urivaú, depois de termos substituido os indios até então fugidos ou deixados atrás, e seguimos viagem em sete barcos, guarnecidos com mais de 60 homens, pelo rio acima. Entre toda essa gente, só aparentavam boa côr de saude aqueles que havíamos trazido de Ega; todos os mais eram palidos ou itêricos, e, com isso, ainda se destacava mais horrenda a malha no resto. A maioria apresentava monstruosas barrigas, e os mais velhos dentre eles um evidente endurecimento do figado e do baço, consequencia das constantes febres, contra as quaes os habitantes do Japurá não conhecem remedios, e tambem por indolencia não os compram dos brancos.

Esse fato desmente a noção geral, porém falsa, de que os indios dispõem de muitos e eficazes medicamentos. Segundo a minha experiencia, são raras as plantas que conhecem, primando entre ellas certos frutos purgativos, como meio curativo, e muitos cipós e sacos seivosos de effeito venenoso". "De fato, conhecem

Elas se tornaram conhecidas pouco a pouco e, provavelmente, por caminhos complicados, actualmente desconhecidos pela historia de uma peregrinação talvez milenaria. Estas plantas, ainda hoje, só se acham em estado silvestre, isto é, não são cultivadas pelos indios para servir no uso domestico e na medicina.

A proposito se deve salientar, como facto mui notavel, que no Brasil se encontram, entre estes vegetaes, justamente os que possuem as mais excellentes propriedades medicinaes, como por exemplo: a *Ipecacuanha* — *Cephaelis ipecacuanha* A. Rich. (tupi — *ipe-cao-goene*: planta rasteira dos caminhos, vomitiva); as diversas espe-

os indios muitas ervas e arvores, e sabem diferenciá-las por seus proprios nomes; mas isso é sobretudo quando se trata de plantas comestiveis, que servam para a tinturaria ou sejam applicaveis ao uso domestico. Das plantas medicinaes principalmente remedios (poçanga) elles têm a mais obscura noção, quasi sempre supersticiosa, idéia inventada pelos pagés. Em geral, a maioria das plantas, hoje empregadas no Brasil pela medicina, foram achadas pelos primeiros colonos, em particular os paulistas, e por aquelles que já traziam reminiscencias das plantas uteis das Indias Orientaes.

Conhecem tambem os selvícolas muitas plantas que são efficazes para certas doencas; entretanto, nao têm idéia da dosagem, nem das horas de administração, nem do seu termo. O mais poderoso meio, com que combatem certas doencas, é o jejum, que em certos casos agudos tem efficacia, mas nos chronicos muitas vezes arruina o paciente, levando-o ao extremo. Muitas nações do Japurá vestem os doentes com camisa feita da entrecasca do turiví, e assim os protegem contra resfriados, que podem sobrevir, não obstante ser quente o clima, pois o indio está accustomed a deitar-se na sua rede". (*Nota de Pirajá da Silva*).

cies de balsamo de copaiba; rezina Elemi (*Iceia*); rezina Anime (*Hymenaea*); aquellas plantas que têm, no Brasil, o mesmo emprego que as vulgares *Nicotiana tabacum* e *N. rustica* na Florida, no Mexico e nas Antilhas, onde, na lingua caraiiba, é chamada *juli*, o mesmo com a *Nicotiana Langsdorffii* Weinmann, em tupi: *petum*; a arvore que produz a gomma elastica (*Hevea gujanensis* Aubl.); grande numero de energicos catharticos, ex: os tuberculos purgativos, semelhantes á jalapa (*Convolvuli* & *Ipomaeae variae*, tupi: *jetiençá*); as Cucurbitaceas *Trianosperma fici-folia*, e *Tayuya* Mart. (tupi: *tayuyá*) e outras; a noz purgativa do *andá* (*Andá brasiliensis* Raddi); os alterantes poderosamente efficazes, como as diversas especies de *Guarea* (tupi: *yitó* ou *utuamba*); as especies de *Andira* (em brasileiro: *angelim* ou *angali*) e *U. mari* (*Geoffreca spinosa* L.), cujas sementes são poderosos vermifugos, etc. A lista destas plantas medicinaes poderia ser ainda amplinda; contentamo-nos, porém, com as citadas; quanto ás demais, indicamos o nosso *Specimen Materiae medicae Vegetabilis Brasiliensis* (Lips. 1843). Algumas destas plantas silvestres, medicinaes e uteis do Brasil, encontram-se no paiz, como em muitas regiões tropicaes americanas, por exemplo: o ananás (*Ananas sativus* Mill, ou *Bromelia ananas* L., tupi: *ananá*, *nana* em Haiti — *yayama* e outras especies *beniana* e *yayagua*, *onore*, *morbé* e *nana* dos Chaymas), se pesquisas ultteriores não demonstrarem que muitas especies na systematica são representadas por um só nome, como o *icaco* — (*Crysobalanus icaco* L., tupi: *guajerú*, em Haiti: *licoco*), algumas especies muito dif-

fundidas de mureci (*Byrsonima verbascifolia* Kunth, *Byrsonima chrysophylla* Kunth), etc.. Outras possuem uma area de distribuição mais restricta, porém foram confundidas com especies americanas affins.

A essas pertence por exemplo a Rubiaceae cujo fructo verde empregam no preparo de uma tinta preta, para tatuagem, e é comestivel quando maduro: o *genipapo*, tupi — *janipá* (*Genipa brasiliensis* Mart.), uma arvore que difere nao só do *tabulubú* ou *chaoiá* dos Caraihas (*Genipa americana* L., á qual pertence o *Quantalagin neo-hispano*), como do *Caruto* ou *Xaguá* no Orenoco e em Cartiagena (*Genipa Caruto* Humb.).

Do mesmo modo as ameixas brasileiras *mombin*, tupi: *imbú*, *ambú* (*Spondias venulosa* Mart. e *tuberosa* Arruda), são differentes da *mombin* e do *hobo* das Antilhas (*Spondias purpurea* e *lutea* L.).

Não devemos esquecer, nesta rapida synthese, que no Brasil certas plantas uteis tambem vegetam em estado selvagem, e o seu emprego era quasi desconhecido dos habitantes primitivos, antes da chegada dos europeus, embora naquella época outros povos americanos dellas soubessem utilizar-se de modo refinado e vasto. O cacau (*Theobroma cacao* L.) nos offerece exemplo muito digno de menção. Como se sabe, enquanto a maioria dos povos da Nova Espanha conhecia o modo de preparar com as sementes do cacau (azteca: *cacahuatl*) uma pasta semelhante ao nosso chocolate, e dellas se serviam como de uibeiro, os indios do Amazonas, onde o cacaueteiro vegeta no estado silvestre, antigamente só usavam o fructo para

preparar uma bebida fermentada, do succo agridoce da polpa que envolve a semente. Este facto demonstra que desde a época em que os povos da Nova Espanha aprenderam a preparar a pasta da *cacahuatl*, não havia nenhum commercio entre elles e os selvagens do Amazonas. O mesmo parece se ter dado com a *Persea gratissima* Gärtn., arvore que, se posso confiar nas informações que me deram, vegeta, selvaticamente, numa grande parte da bacia do baixo Amazonas, e cujo excellente fructo era, todavia, apenas conhecido pelos indios desse local; entretanto, é afamado como gulodice, numa grande parte da America Tropical (*Avogato* — *Peru. Vegetable marrow* (104) das colunias inglesas), e já de ha muito conhecido por esses amerabas (105). A arvore é chamada *ahacaca*, no Haiti (dahi vem avacate), no Perú — *paltu*, em azteca — *quauhilt*. Em geral, muitos factos parecem indicar que, entre as numerosas nações e tribus brasileiras e os povos mais civilizados do resto do Novo Mundo, desde alguns seculos, só tinha havido muito poucas relações. Os pri-

(104) O *vegetable marrow* — tutano vegetal é o delicado abacate. "A polpa, de si, é um tanto insipida, mas com assucar e um acido (por exemplo sumo de limão), fica deliciosa. Derrete-se na bocca e dá a impressão de nata ou creme. Tem como substancias alimentares, materias albuminoides (8% approximadamente) e ternarias: amido, glycose e um oleo fino". *As Fruteiras do Brasil*. J. S. Tavares, pag. 38. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(105) *Ameraba* — de *amer* = America + *abi* em nheengatú = homem (americano). Neologismo de Jorge Hurley. Vd. *Aspectos de etnografia brasileira* — Mario Melo. (*Nota de Pirajá da Silva*).

meiros isolaram-se sem soffrer influencia alguma daquelle centro de mais elevada cultura, vivendo sempre no seu circulo restricto de barbaros selvagens. Talvez o unico signal visivel de uma união havida nos seculos passados, sejam os exemplares da pedra amazonense, artisticamente trabalhados: *Jade, Lapis nephriticus* (106); que se acham

(106) *Muyrakytā* — significa nó de pau ou de madeira, pela semelhança que alguns jades têm com a madeira. Montoya escreveu *ibyrakytā*, donde a traducção *nudo de palo* — nó de pau.

Martius escrevem — *muraqueitā*. *Muyrakytā*, em geral, quer dizer, tambem, talismã, pençãoque dos franceses, *porte bonheur*, pedra sagrada. O *jade, pedra amazonense, jadeite, nephrite*, é um feldspatho laminar verde, que servia de amuleto porque, além de outras virtudes, curava as colicas nephriticas, dahi o nome de *pedra nephritica*.

No Perú as mulheres gravidas traziam essa pedra verde ligada ao ventre, para evitar que os filhos tivessem beiços fendidos — beiço de lebre. As propriedades medicinaes não se limitavam só as citadas. O *muyrakytā* curava as colicas hepaticas, a epilepsia, as doenças do figado, a esquinencia, isto é, anginas de varias naturezas, as pharingites, amigdalites, abcessos das amygdalas; era galactagogo, augmentando a secreção lactea e tornava respeitada a pessoa que o trazia consigo.

Em tupi, se chama *itobynbaé* — a pedra verde.

As amazonas, *icamiabas* — de *ikam-ny-aba*, tribus de mulheres sem seios e sem maridos permanentes, encarregavam-se de manipular o *mirakitan*. Nas noite de luar mergulhavam até ao fundo do lago, de onde traziam as pedras, ainda molles e davam-lhes feitiços zoomorfos: de serpentes, sapos, tartarugas e outros de modelos anthropomorfos. Um dos bellos quadros do conhecido pintor patricio Theodoro Braga, foi inspirado na tradição desta lenda da Amazonia.

Barbosa Rodrigues refere ter ouvido de alguns velhos Uabóys outra lenda dos muirakitans. No lago onde existiam vivos os muirakitans, as mulheres não apauha-los. Para isso era mister ferir uma parte do corpo e deitar uma gota de sangue na agua, sobre o que desejavam possuir, porque tinham diferentes formas.

Com muirakitans, a mulher que tinha tido uma filha, recompensava ao pae. Ainda hoje é crença quasi geral, que essa pedra é animada.

Em Amargosa, Maracás, na Fazenda Tiririca, proxima á estação de Tamburil, Bahia, se têm encontrado varios artefactos de pedra verde.

O Sr. Christovam Barreto possuia, em Amargosa, uma original collecção de objectos trabalhados dessa pedra. Tão dura é a materia prima desses talismãs de jade ou jaspe, que será bem difficil calcular o tempo gasto para os polir com areia e agua, ou pelo atrito com outra rocha tambem durissima. Acreditou Martins que a vida de um homem não era sufficiente para terminar essas peças perfuradas, cheias de ranburas e artisticamente trabalhadas.

O *myrakytã* é uma *itãpoçanga*, de *itã* = pedra + *poçanga* = remedio: pedra medicinal, para prevenir doenças. Convem distinguir o *tombetã* do *myrakytã*; aquelle é um adorno labial; este é um amuleto trazido sempre suspenso ao pescoço. Ainda sobre a etymologia do *myrakytã* e do *tombetã* escreveu Th. Sanipaio: "Os nomes *tombetã* e *mirakya* são tupis. *Tombetã* é vocabulo composto de duas partes: *tombé* — que significa beijo e *itã* — pedra. A traducção portugueza é: pedra de beijo. *Mirakita* (pedra do chefe do povo) ou *myrakitan*, tambem se compõe de dois vocabulos — *mirã* ou *myrã*, ás vezes *morã*, *mirã* — que significa gente, povo, e *kitã*, que quer dizer botão, nó, caroço; portanto — *mira-kitã* significa — botão da gente".

O sabio Padre Camillo Torrend escreveu sobre o famoso *muirakytan*, offerecido a D. Antonio Macedo Costa — Bispo do Pará, por uma velha india amazonense. — Esse talisman de jaspe, batrachiforme, era por ella chamado pedra de felicidade. A familia Macedo Costa dava a esse talisman o nome de moureto, provavelmente, porque assim havia ouvido á india que o offereceu, nome talvez corruptela de "mirakita". Cf. *O Culto das Pedras Verdes entre os Aborigenes do Brasil*, pag. 98. Pe. Camillo Torrend, e o *Muirakytan e os Idolos Symbolicos*, excellente livro de J. Barbosa Rodrigues.

Muirakitã — pedra de chefe, insignia do poder, emblema de amor, com o *A* da derradeira syllaba accentuado, é que deve ser, visto traduzir, na lingua geral, a idéa do vocabulo. *Paiz das Pedras Verdes*. pag. 82, 2.^a ed. 1931. Raymundo Moraes.

As crencas referentes a mineraes estão quasi extinetas com o *muirakitan*. O seu estudo nesta nota diz mais respeito ás virtudes de pedra medicinal — *itapoçanga*. Entretanto, não é sem interesse o valoy contribuinte da jadeite trabalhada e encontrada na America, como prova de sua origem asiatica, transportada pelas antiquissimas migrações humanas desse e doutros continentes. Ao assumpto se liga tambem o controvertido problema da poly ou monogenia do homem americano, na opinião de alguns etnologos.

Eis um pouco do muito que desejamos dizer a respeito do *Jade*, *Lapis Nephriticus*. José Verissimo discorda quanto á etimologia do vocabulo *muirakitã*. "Digo quasi porque, si bem que raras, ainda se encontram pessoas, principalmente mulheres velhas, que por dinheiro nenhum dariam o *muirakitan*, que á guiza de amulêto pende-lhes do pescoço, junto ao devoto rosario com figurinhas de pau de Santo Antonio, bracinhos de osso (figas) e dentes de animaes.

Muirakitan é o celebre fetiche que, se diz, fabricavam de jade ou nephrite as pretendidas Amazonas, para presentearem os guerreiros que iam visita-las nas epochas determinadas. Tem formas

entre as mais diversas tribus da primitiva população brasileira, desde o rio Amazonas até o Paraguay e do S. Francisco até o Madeira, como amuleto muito apreciado, sem que se saiba de onde e como estes attestados de uma arte aperfeiçoada dos seculos passados, chegaram

bizarros, affectando, ás vezes, as de peixes ou de outros animaes. O Sr. Barbosa Rodrigues que publicou (Revista Amazonica. Tomo 2.º) sobre este objecto um notavel trabalho, deriva esse nome de dois vocabulos tupis: *myrá* — pão + *kylan* — nó de pão ou pão de nó.

Parece-nos errada esta etymologia, acida pelo distincto naturalista. De accordo com a tradição julgamos estar a que lhe damos de pedra de gente — de *mirá*, gente, e *itá* (*itan* no Pará) — pedra. Um escriptor mais antigo, o bispo Fr. João de S. Joseph de Queiroz, tambem traduz "nó de pão". O Sr. Ladislau Netto dá-lhe a significação de pedra do chefe, a meu ver sem o menor fundamento. Vd. Artigo cit. in Archivos do Museu Nacional. vol. II. E' bom não accetar sem mais estudos todas estas etymologias".

Scenas da Vida Amazonica — pag. 65 O sabio itaparicano Conego Francisco Bernardino de Souza, versado no que diz respeito ao Pará e Amazonas, quando trata do *muirakitan* escreve: "Nas minhas excursões pelo valle do Amazonas ouvia constantemente falar de umas pedras verdes, de maravilhosas virtudes, a que dão o nome indígena de *muirakitan* e que me iliziam serem exclusivamente preparadas pelas amazonas. A essas pedras attribuem propriedades maravilhosas e affirmam que curam certas enfermidades, como a pedra, a colica nephritica, a epilepsia, as molestias de figado e outras e que até preservam dellas os que as trazem". Um bello conto sobre o *muirakitan* se encontra na *Terra Inmatura* — Alfredo Ladislau, pag. 183. (*Nota de Pirajá da Silva*).

até elles. Se nunca tivesse sido suppressa a ligação entre os mais civilizados povos americanos e os selvagens brasileiros, sem duvida se encontrariam ainda, entre elles, muitas plantas uteis (e seu modo de usar), as quaes agora, absolutamente, ou não conhecem, nem possuem, ou ignoram por completo seu emprego exacto. Devemos citar a *Agave americana* L. ou *alóé*, assim erradamente chamado.

Agora se encontra esta planta em muitos logares ao longo da costa, porém, no interior não a encontramos em parte alguma. O indio brasileiro tambem desconhece seu emprego no preparo da *pulque*, bebida fermentada, e não sei se ella é designada por outro nome como a *pita* carai-ba, que é originariamente das Antilhas e assim como a *Fourcroya cubensis* Haw. Na Nova Espanha a *ágave americana*, em azteca *metl*, em zapoteca *tóba*, communmente designado por *mayuey*, é vocabulo da lingua haitiana e provavelmente equivalia ao primitivo nome da *Fourcroya cubensis* Haw.

Esta é uma planta de regiões mais quentes que as da *Agave americana*, talvez originaria de Nova Espanha ou de algum planalto da America Central. Os indios Chaymas chamam-n'a *chaparay* (107).

(107) *Piteira* — *curuatá* — *caraguatá-açú* — *pita* — *Fourcroya gigantea* Vent. Fam. Amarilidaceas. É planta indigena, que cresce em abundancia nas costas do mar, nos logares pedregosos. Fornece fibras resistentes e longas.

Piteira imperial — *Fourcroya flavo viridis* Hook. Originaria da America Central, é a mais bella das piteiras pelo seu tamanho

e belleza das folhas listradas de verde e amarello. Cf. J. Barbosa Rodrigues.

A ethnobotanica é virtualmente um novo campo de pesquisas que, minuciosa e systematicamente investigado, trará resultados valiosissimos ao ethnologista e, incidentalmente, tambem ao botânico.

Ethnobotanica é uma sciencia e, por consequencia, methodos scientificos de estudo e investigação devem ser adoptados e seguidos tão strictamente, como em quaesquer departamentos outros de trabalhos scientificos.

É comparativamente cousa facil herborisar, indagar dos nomes dados pelos nativos, depois, mandar as plantas a um botânico para classifica-las e, por ultimo, organizar uma lista de plantas com os respectivos nomes populares, com notas referentes a suas applicações medicas, ou de outra natureza. As pesquisas ethnobotanicas merecem ser feitas com mais precisão: exigem mais informações do que estas e peretram mais profundamente na idéa e vida dos povos estudados.

Se aprofundarmos mais os estudos dos povos primitivos, poderemos deles obter suas concepções, não de uma parte, porém, do ambiente em conjuncto. A ethnobotanica é uma divisão especial da investigação ethnologica e os seus resultados serão commentados em posteriores considerações.

A pesquisa ethnobotanica se relaciona com varios assumptos importantes. Quaes as primitivas idéas e concepções da vida da planta? Quaes os effectos de uma dada planta relativamente aos modos de vida, costumes, religião, pensamentos e negocios uteis quotidianos do povo em estudo? Que uso fazem das plantas, quando empregadas na alimentação, na medicina, na cultura material e nos actos ceremoniaces? Qual a extensão dos seus conhecimentos sobre os órgãos, funções e actividades das plantas? Em que categorias estão designados os nomes das plantas agrupadas na linguagem dos povos estudados, e o que se pode aprender, concernente ao trabalho do espirito humano pelo estudo desses

nomes? Ainda que não de todo essencial, é certo que o melhor trabalho etnobotânico deve ser feito de colaboração com um botânico, um etnologista e de um linguista versado nos métodos das línguas dos índios, cujo conhecimento, de modo algum, é fácil tarefa.

A etnobotânica se tornará ainda mais importante, quando o seu estudo progredir de modo a poderem ser os resultados observados comparativamente. A etnobotânica de uma tribo será comparada com pesquisas similares em outras tribos. Em taes estudos comparativos impõe-se a necessidade de um padrão, quanto á qualidade e á maneira de conduzir as varias investigações.

As concepções sobre a vida das plantas variam entre os povos; uma determinada planta não actua do mesmo modo sobre um povo como sobre outro; differe de nome e, provavelmente, de uso; entretanto, idéas diferentes são feitas com relação á mesma.

Ademais, encontramos ambientes vegetaes diversos, conforme passamos de uma tribo para outra. Por fim, se deveria fazer tentativa, para a investigação das causas e extensão dessas variações.

No presente trabalho as questões serão tratadas com o fim de elucidar os seguintes factos, a respeito de cada planta: nome dado pelos índios, etymologia, emprego das varias partes e métodos de usal-as, designação dos órgãos das plantas, até os mais imperceptiveis, termos descriptivos dados aos mesmos ou á forma da folha, especie do cortice, da haste, etc., a extensão desses termos na descripção de phenomenos não botanicos, idéas nativas quanto ao uso das differentes estruturas para a propria planta e o conhecimento relativo á planta.

O conteúdo da ficha é assumpto de importancia; incluirá o nome scientifico da planta, o nome popular o dado pelos índios com a etymologia, a localidade, a data de collecta, o nome do colleccionador, breve menção dos pontos mais interessantes sobre a mesma.

A etnobotânica tem merecido a atenção de alguns etnólogos e preciosos dados já foram accumulados. E' para desejar que esse material seja reunido, de modo que o estado actual da etnobotânica afaça melhores proventos; e, além disso, que os methodos de pesquisas possam ser esboçados e os trabalhos, nesse particular, sejam conduzidos, systematicamente, tendo em mira um definitivo proposito.

Vd. *Ethnobotany of the Tewa Indians*. By Wilfred William Robbins, John Peabody Harrington and Barbara Freire Marreco. — 1916, pgs. 1, 2.

Após a leitura desta excellente monographia, não nos podemos ferrar ao prazer de citar o magnifico trabalho do Dr. J. Barbosa Rodrigues — *Mbaé Kaá Tapuyetá Enoyudana* ou *A Botanica e Nomenclatura Indigena*, publicada em 1905. E' o fructo da observação propria daquelle sabio etnologo e philanthropo, durante muitos annos de vida, entre os tapuyos do valle do Amazonas, do Paraguay e de Matto Grosso. 'O resultado da applicação da intelligencia indigena no reino vegetal é tanta, que muito honra o tino e o tacto das suas observações, que são sempre exactas, salvo em casos excepcionaes, que em muitos factos, tomam os effectos por causa.

A sua nomenclatura é clara, precisa e exacta, como são reaes os proveitos que se tiram dos vegetaes, segundo a maneira de applica-los". Foi vivendo entre os índios, não no gabinete folheando vocabularios, foi observando-lhe a moral, a intelligencia, ouvindo e praticando a lingua, colhendo plantas e flores que o cientista patricio, Dr. Barbosa Rodrigues, estudou a *mbaé-kaá*, a botanica aborigene americana, a *sciencia amabilis*, a *res herbaria*.

E' certamente, objecto digno de estudo o saber empirico dos selvagens, na sua *Mbaé Kaá*, perpetuado e transmittido aos descendentes, pela *porandyba*.

"Les indiens sont très observateurs, et dans leur langage ils ont, pour les plantes, une classification très juste. Ils font de la

botanique à leur façon, mais elle sert d'auxiliaire au botaniste. Ils emploient, pour distinguer les plantes, des mots tirés de la couleur, de la dureté, de la forme, de l'utilité, de la grandeur, etc.; comme un botaniste, toujours un caractère saillant les guide". B. Rodrigues — 1882. pg. 22. "A falta de intelligencia, a falta de brio e de honra, a sua pouca actividade, que lhes lançam em rosto os escriptores, no que o vulgo aliás acredita, não são mais do que véos que encobrem muitos crimes, e, para se justificar o proecimento barbaro dos que se dizem civilisados". Mbaé-Kaá. pag. I.

"Em outros trabalhos sempre fiz a apologia da classificação indigena, cuja nomenclatura é usada nos termos de sua lingua, sonora, expressiva e que se presta á formação dos nomes, com muita propriedade e mesmo com mais euphonia do que muitos fornecidos pelo grego e pelo latim a lingua classica da botanica. Parecendo á primeira vista termos de difficil pronuncia, de uma lingua barbara, contudo são tão barbaros como os que a sciencia emprega, tirados das linguas classicas e mortas". "A boa e exacta applicação dos nomes e a sua intelligente composição, exprimindo perfeitamente, como se fôra em grego ou latim, uma propriedade da planta, dão-nos uma idéa muito lisongeira da intelligencia e da agudeza de espirito dos scilicolas".

"Dizem os Padres do Seminario de Assumpção, no Prologo da *Grammatica do idioma Guarani*, tratando da belleza da lingua: "Las plantas sacan su nombre de la forma que affectam o de la virtud que las caracteriza; assi que hasia saber su nombre para saber tamb'ien el uso que de ellas se puede hacer". Op. cit. pgs. 19-17-41.

O sabio brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, deve ser admirado ainda por mais esta modalidade do seu profundo saber. O livro citado é um escripto scientifico onde se encerram muitas observações ethnobotanicas recolhidas entre os *Karani* e os *Tapyiyi*. Acreditamos mesmo ser o primeiro livro brasileiro no genero. (*Nota de Pirojá da Silva*).

Como prova do pequeno intercambio entre povos do Mexico e do Brasil, falam as circumstancias de não serem conhecidas neste paiz, conforme referimos, muitas especies e principaes variedades do milho, que no Mexico e paizes vizinhos ainda são cultivadas, além da especie commun, e de os índios brasileiros nunca terem usado o tomate *Solanum lycopersicum* L., em azteca *tomatl*, em zapoteka *pethóvi* e as especies mexicanas de anonas, de sapotis e abios (*Achras* e *Lucuma*).

Uma pesquisa etymologica dos nomes das plantas uteis brasileiras que vegetam selvaticamente, entre outras cousas, deve realçar a circumstancia de que muitas dellas são denominadas por simples radicaes, ora pertencentes a uma especie, ex: *andú* — *Anda brasiliensis*, ora a varias affins, como: *yitó* ou *utú* (*Guarea*), *imbiú* ou *ambú* (*Spondias*); e que no contrario disto, porém, a maioria dellas traz nomes compostos.

As palavras *caá*, folha ou herva, *üva* ou *oba*, em dialecto guarani Y, planta, *ibira* — arvore, *ipé* — planta trepadeira, cipó, liana, apparecem frequentemente: assim — *caá apeba* — folha chata — *Piper peltatum*; *caa-pim* — todas as grammas; *tajóba* (*tai* — arde na boca) as Araceas de sabor picante; *ibira-pitanga*, madeira vermelha (*Caesalpinia echinata* L., arvore que fornece o pau Brasil, segundo Lery e Thevet, tambem chamado *araboutan*, *ouéte* dos Caraibas), *icicar-üva* (*Icica*) arvore resinosa de *icica* — resina; *caraná üva*, carnaubeira, *Copernicia cerifera* Mart.: *caraná* significa resina balsanica, em

lingua caraiba; *sipó-em*, a verdadeira salsaparrilha do rio Amazonas (*Smilax papyracea* Poir), etc..

Alguns vocabulos são compostos com significação especifica e generica, ex: *jetai-cicar-üva* — arvore da resina *jetai* — *Hymenaea*.

Muitas palavras radicaes simples, segundo já mencionamos, tambem apparecem noutras linguas mui differentes da tupi, porém, com significações inteiramente diversas; assim, na lingua tupi — *mari* ou *mali* designa a *Geoffroaea spinosa*; em caraiba, ao contrario, é a *Cassia brasiliensis*; *copá*, em tupi, significa resina balsamica muito proxima da *Copaifera* (Copaüva); *copalli* em azteca, incenso; *copal* em chileno, enxofre. Terminamos essas observações etymologicas trazendo ainda, como exemplo, apenas algumas palavras compostas:

Chaman *Nandy-yrob*, oleo amargo, a *Carapa gujanensis* Pers., porque assim é o oleo que se extrae da semente; *Guav-yroba*, varias especies de *Myrtus* e *Eugenia*, que tem oleo picante nas folhas ou nos fructos; *Piudáüva*, varias especies de *Xylopia*, porque, com sua entrecasca resistente, se pode fazer linha de pescar — *piudá*; *Japicanga*, mais correto — *ju-apham-acanga*, espinheiro com fructos redondos, de varias especies de *Smilax*; *Curuba-y*, arvore pruriginosa, *Borodichea major* Mart., porque a casca da arvore é empregada nas erupções cutaneas.

As particularidades desta nomenclatura botanica entre os indios brasileiros, e mormente entre os tupis, parecem indicar que taes plantas só pouco a pouco se foram tor-

naudo reconhecidas por suas propriedades uteis, quando os povos ficaram no actual e decadente estado de cultura; e, nessa mistura de designações mais primitivas, por vezes compostas, pôde ser encontrada uma razão a mais, para admitir que elles absolutamente não se acham em estado primario, porém sim, em decadencia moral e social, que se nos depara por toda parte, como o mais extraordinario enigma entre povos de gráu de cultura analogo.

ORIGENS DO CONHECIMENTO QUE OS INDIOS TÊM DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES

Aqui surge a interrogação de como o indio conseguiu descobrir certas propriedades medicinaes nessas plantas, admittida a hypothese de não dever o seu conhecimento a velhas tradições, o que em muitos casos parece não se dar. Sem duvida, recebeu a orientação essencial pelo sentido da analogia, que se acha no íntimo da natureza humana e, muitas vezes, se manifesta, tanto no desenvolvimento espirital da criança, como na evolução cultural dos povos selvagens.

Estabeleceu relações de analogia e de semelhança entre os caracteres physicos de certas substancias naturaes com os do seu corpo, e aperfeicou o systema de signaes sobre o qual se baseava a materia medica da antiguidade, especialmente a dos arabos e da idade media européa, que entre nós ainda é, actualmente, fomentada e amplificada pelo espirito popular, sempre alerta.

Influenciados por taes principios, que mais se firmam nas intuições e idéas obscuras do que em conhecimentos

precisos, o índio attribuiu ás plantas e a algumas partes das mesmas, de côr vermelha, uma relação com o sangue; ás de côr amarella, idêntica relação com a bile e o fígado.

Assim, emprega o rubro e esponjoso *Boletus sanguineus* — *urupétauá*, contra a hemoptize; a casca bruno-escura ou vermelha e adstringente de algumas arvores, contra a erysipela, exanthemas chronicos e tumores; a seiva amarella da planta *Caaopiá* — *Vismia* spec. — e a madeira amarella da *Butua* (*Abutua* e *Cocculus* variet spec.) contra doenças do fígado e da bile; a raiz serpentiniforme da *Parreira brava* (*Cisampelos glaberrima* S. Mill.) é considerada remedio efficaç contra a mordedura de cobras, assim como os tuberculos e o çumo da herba *jararaca* — *Dracontinn; polyphyllum* L., cujos peciolos, com desenhos marmorizados escuros, lembram a pelle da cascavel; por isso, a planta conserva o nome do venenoso reptil.

Encontra alguma semelhança com a forma dos testiculos, em tupi — *çapyá*, nas raizes de varias especies de *caápiá* (*Dorstenia*), composta de *caá-çapyá*, isto é, *herba testiculi*, e por isto emprega como excitante efficaç na adynamia e nas febres typhoides. Observa que o latex de muitas *Euphorbiaceas*, *Ficaceas* e *Apocynaceas*, quando sae da casca, exposto ao ar, coagula-se em cordões brancos, semelhantes ás ascaris, em tupi: *sebuü*; por isso emprega esse leite para expellir vermes e, a muitas daquellas plantas (*Plumeria*) chama de: *Sebuü-liva*. A *Sellaginella convoluta*, na estação quente, se enrosca para dentro, como a Rosa de Jericó, e de novo se abre como um hygroscopio

sensivel ao ar humido, adquirindo um colorido bem vivo. O indio vê nessa propriedade, para elle admiravel, a significação de que aquella herba serve para despertar as forças vitaes adormecidas, e por isso della se serve como analeptico. Neste caso segue o mesmo instincto do indú, que attribue identicas virtudes ás *Lycopodiaceas*, de organização semelhante; não alludimos ao oriental, que admite a mesma crença com referencia á *Rosa de Jericó*.

Tendo observado que as incisões nos troncos do pinheiro brasileiro — *Curyi*, *Arucaria brasiliava*, assim como nos de muitas *Terebinthaceas* e *Leguminosas*, se enchiam de resinas balsamicas que, pouco a pouco, se condensavam e formavam crosta solida nos logares golpeados, assim tambem, empregou aquelle balsamo para cicatrizar feridas. Pelo talho praticado em muitas plantas sarmentosas do genero *Aristolochia*, vêa exsudar a seiva mucilaginosa a que chamou *ambuya-timbó*, isto é, cipó catarro, e a empregam como diaphoretico. Estes exemplos podem ser sufficientes para demonstrar que o velho aphorismo da medicina: *Similia: similibus*, tambem é conhecido pelos brasis. Outra origem dos seus conhecimentos pharmacodynamicos devemos reconhecer estar na fina observação do instincto dos animaes que o cercam. O emprego de muitas plantas medicinaes foi encontrado por este modo, conforme testemunho geral dos indios e dos brasileiros. Pelo nome de *tiú-tiá*, os indios conhecem, em Minas Geraes, e nas Provincias litoraneas orientaes, uma *Euphorbiacea*, *Adenoropium opiferum*, cuja raiz, excellente incisivo e cathartico, o tiú — em

tupi: *tejú* — *Lacerta monitor* L., dizem que procura e devora, quando está doente.

O mesmo se dá com a formação do vocabulo casca de anta, em tupi: *tapyra* — *motuti*, isto é, casca de anta — *Drymís granatensis*, porque o tapir (a anta) procura a casca daquella arvore aromatica, para se livrar de colicás e diarrhéas.

Pela presente relação está sufficientemente esclarecido o dominio da Materia Medica de que dispõe o pagé. Resta-nos ainda citar alguma cousa a respeito do

METHODO CURATIVO

O tratamento do indio é muito simples e uniforme. A sua imperturbavel indifferença ou, antes, a estúpida calma que conferiu ao brazilicola, um temperamento proprio, tambem se reflecte no modo por que trata seus doentes. Uma demora fatalista, muitas vezes, deixa perder a occasião opportuna e o mau exito da doença é motivado muito mais pelo tratamento retardado e deficiente, do que por intervenções energicas e precipitadas. O pagé nunca é um mestre; quando muito, é um ministro da natureza. Enquanto, na Europa, a Faculdade de Medicina se occupa, principalmente, de estudar a etiologia da doença, o pagé se limita á observação, muitas vezes, sem diagnostico preciso e sem indicação, como irresoluto espectador do processo morbido. Orde, porém, elle formou uma idéa exacta da doença e do methodo curativo a seguir, foi na sua

posição perante o doente, por assim dizer, a de um sacerdote da natureza.

É uma situação semelhante á que encontrámos na antiguidade, em que o medico, com toda a força de sua personalidade, combatia o poder demoniaco da doença; seus conhecimentos sobre a natureza das circunstancias reinantes, bem assim seu modo prompto de agir, considerado como influxo de um ente superior, despertavam, como por magia, a estima e confiança do paciente, possuído por uma força natural hostil.

A consequencia immediata dessa singular relação sacerdotal é que o pagé, quasi exclusivamente, se occupa do doente, de quem se afastam os membros da familia. Isola-o de toda influencia externa e lhe proporciona um retiro desusado.

Se a oca tem muitos compartimentos, como acontece nas ableias dos indios do Amazonas e seus confluentes, o doente é levado para um dos mais reconditos e, ali, sequestrado da luz, do ar, dos ruidos e da sociedade. Em algumas regiões, durante os meses em que predominam os mosquitos, os indios costumam recolher-sé em escuros compartimentos de barro, *furnas* dos colonos brasileiros, *hornitos*, no Orenoco; esses logares usualmente tambem são enfermarias.

EXAME DO DOENTE

Antes de ser o doente transportado para lá, o cuidadoso pagé o submete á inspecção minuciosa, que se estende a todas as partes do corpo, acompanhada de palpação e toque.

Se toma o pulso, é na artéria temporal. A anamnese (108) que se segue é muito laconica, conforme a

(108) A respeito da anamnese lembramo-nos de transcrever a interessante nota de Martius, na sua Viagem pelo Brasil:

“Tambem observei nos indios daqui, diversos exantemas, cujas causas eu não podia attribuir-certamente á sífilis: verrugas por todo o corpo, manchas amarelas por sobre a pele mais avermelhada, pústulas vermelhas, que se inflamam e se transformam numa especie de antraz (em tupi, *pyuhã*, como tambem chamam as boubas), nascidas (em tupi, *nuagã*), erupções muito espalhadas, ligeiras, por fim gretadas, sangrentas ou secas, sobretudo nas extremidades. O vocabulario dos indios é, de resto, muito limitado a esse respeito. Nes exames a que procedi em doentes, só empreguei os seguintes termos: doente — *acycaba*; fraco — *membõca*, *pytuba*; dor — *poraraçaba*; dor de cabeça — *acanga acy*; pontada do lado — *cutuculic-nongara*; febre — *taçuba*; bexigas — *mercha-ayba*; sarampo — *me.xãa-rana*; diarréia ou câmaras de sangue — *jami-jami-marica*; pulso — *jaby-rajyca*; erupção crõica — *curãba*;

taciturnidade natural dos brasís. O medico repete certas palavras que, se bem as comprehendemos, se relacionam com as informações sobre as suppostas causas mais recentes. Jamais observámos que essa pesquisa se estendesse aos excretos dos doentes.

Nesses exames, o indio quasi sempre se queixa de dôr no coração, mesmo quando o mal se acha nas extremidades; repete a mesma queixa com deploravel pantomima. O medico não se deixa enganar com isto e o consola muito pouco. Todas as vezes lhe pergunta se tem nojo dos alimentos, pois só em caso affirmativo o considera doente.

O exame tambem se estende a toda a familia. Com impassivel lentidão que entre nós desesperaria os parentes de um doente, o pagé se entretém com uma porção de cousas sem interesse; pergunta onde estiveram os membros da familia nesse ou naquelle dia, o que fizeram, o que falaram, com quem se encontraram, etc.

Para isto assume um aspecto serio, sombrio, e de vez em quando, sacode o maracá. Este é o fructo ôco da coitézeira, ou uma cabaça sobre uma vara, enfeitada com pennas de varias especies de passaros, garras de animaes, etc., e cheia de pedrinhas, até pela metade.

Para o pagé este instrumento tem a mesma significação que, outrora, entre nós, tinha a poderosa bengala

cocceira — *juçôra*; dormir — *ker*; senolento — *copycei*; jejum *jeemamb*; sangria — *cugui-fôca*; figado — *pyô*; pulmão — *pyôbubú* (figado flutuante). De pouco mais do que isso precisa o pratico para as suas perguntas". (*Nota de Pirajó da Silva*).

com castão de ouro, na mão do veneravel membro da Faculdade, preocupado em exigir respeito.

É um symbolo de sua dignidade e tambem portador de sua força magica. O pagé crava-o no chão, após te-lo brandido com gestos extravagantes, e, como oraculo, escuta o ruido produzido pelas pedrinhas quando caem. Elle e sua alliada parceira medica (feiticeira) são por isto chamados *maracá-imbâra* (108-a) nome com que os missionarios costumam indicar um feiticeiro ou magico. Muitas vezes o pagé traz uma cobra ensinada e a faz dançar, enquanto se occupa com o doente.

(108-a) *Maracáimbara* quer dizer: feitiço, veneno preparado pelos pagés. Feiticeiro, em *nheêrgatú*, é — *maracáimbára-iára*. Vd. E. Stracelli. Vocab. *Nheêrgatú-portuguez*. (*Nota de Pirajá da Silva*).

EMPREGO DOS MEDICAMENTOS

Em tudo isto os parentes se portam como espectadores mudos e tímidos, até que, finalmente, clamam pedindo: *poçanga*, remédio! remédio!

Os remédios que o pagé se decide a empregar são por elle procurados, se já não os trouxe consigo. Ninguém poderá auxiliar nisso, a não ser que esteja presente uma velha perita da família.

Já dissemos que muito raramente pensa na conservação dos medicamentos. Quando os remédios são vegetaes, deve ir buscá-los na matta. Aservas, raízes, madeiras, etc., quando indicadas para uso interno, são administradas em infusão quente, raramente fria, ou em decocção. O indio attribue grande virtude medicamentosa ás substancias feculentas, que se depositam, de uma planta, quando triturada e misturada com agua; por isto, é muito commum essa manipulação, pela qual as raízes, cascas, hastes ou folhas são esmagadas entre duas pedras ou pulverizadas em pilão de madeira de que se servem algumas tribus.

Além disto, o pagé tambem prepara cataplasmas de hervas escaudadas, assim como pontadas ou balsamos, nos quaes o papel mais importante é representado pelas resinas balsamicas naturaes.

Indubitavelmente, conhece muitas plantas emeticas; porém, na falta dessas, provoca os vomitos, introduzindo folhas enroladas na garganta dos doentes. Ao contrario do que se dá com os remedios vegetaes, o pagé possui em sua oca a maior parte dos remedios animaes. Vae busca-los dentro da bainha de uma folha de palmeira, do gomo de bambú ou dentro de duas folhas, onde os havia embrulhado.

Tratan'o-se de um ferimento, o primeiro acto do pagé é logo curvar-se circumspecto sobre o doente, collocar a bocca sobre a ferida, para depois chupar com força (em tupi: *pitér*).

Se a ferida foi produzida por um animal peçonhento ou arma envenenada, o medico deita na bocca um pedaço de fumo (*petum*) ou uma raiz sialagoga, por exemplo, de uma especie de Piperacea (*Jaborandi*) ou uma baba picante, para se preservar da acção nociva. Com grande importancia cospe o que sugou e pisando o, fa-lo desaparecer no chão. Sem que haja ferimento, o pagé tambem lança mão dessa applicação, especialmente, nos logares doloridos.

As vezes, cospe besouros, vermes ou ospiñhos; mostra-os aos doentes, aos presentes, e lhes affirma que depois de removida esta causa, devera melhorar logo.

TRATAMENTO GERAL E ASSISTENCIA

O tratamento geral e assistencia ao doente lembram, muitas vezes, a doutrina homeopathica. Prescreve-se rigoroso jejum. A interdicção da luz, do ar, e o silencio da vizinhança são observados com extremo rigor. O paciente permanece quasi sempre immovel, sem demonstrar soffrimento por qualquer queixa, a não ser quando lhe faltam os sentidos. O pagé, que nos casos graves pouco se afasta, pratica frequentemente diversas operações, que aos olhos de um europeu só parecem enganadora fascinação, porém, sem duvida alguma, têm outra significação, além da simples intenção de se impôr ao doente ou á familia.

As operações mais communs a que se submette um doente de molestias internas são massagens e fricções, não só da região molesta, mas de todo o corpo. São repetidas pelo pagé, com grande esforço, muitas vezes demoradamente e debaixo de profundo silencio. O medico se cobre de suor e, de vez em quando, toma alimentos para se fortalecer. A cara violenta produz grandes dôres que o paciente supporta, gemendo baixo. O pagé começa pelas regiões doentes, friccionando as extremidades em

todos os sentidos, comprimindo com força; produz quasi sempre suores abundantes, ás vezes, até dejecções ou vomitos.

Terminada esta operação, dá de beber ao paciente e o deixa repousar por algumas horas. Este tratamento vimos varias vezes empregado contra mordeduras de cobra; por esse motivo queremos accentuar que nunca observámos, entre os indios, morte por tão perigosa causa; entretanto, tiveram exito letal dois casos: um mulato e um branco, para os quaes não se recorreu á intervenção do medico indio (109).

Se o tratamento acima mencionado pôde valer como o mais leve vestigio do magnetismo animal (110), outros

(109) Segundo este trecho, nos parece que Martius acreditava no tratamento das picadas de cobras venenosas, pelos pagés. É bem verdade, porém, que naquella epoca a medicina scientifica não conhecia os sôros anti-ophidicos. (*Nota de Pirajá da Silva*).

(110) Chama-se magnetismo animal o conjunto de phenomenos insolitos nos quaes se acreditou achar alguma analogia com os que caracterizam o imán. Esses phenomenos foram, sem razão, attribuidos a uma causa desconhecida e mysteriosa que se emanava, á vontade, de uma pessoa, para passar a outra e assim estabelecer entre ellas, influencia reciproca e uma serie de relações inexplicaveis.

Foi do artigo magnetismo animal que provio o actual conhecimento do hypnotismo.

Mesmerismo, synonymo de magnetismo animal, originou-se do nome de Franz Ant. Mesmer, medico em Vienna e Paris — 1734-1815, professor de magnetismo animal e, especialmente, do seu emprego como produtor de hyalose. É possivel que o sabio von Martius acreditasse no magnetismo animal. (*Nota de Pirajá da Silva*).

methodos de cura do pagé trazem antes o caracter de exorcismos, o que aliás está mais em relação com a natureza desse medico sacerdote. Gesticulando raivoso, bate no leito do doente ou no chão, se este está na rede, e profere toda sorte de ameaças, para afugentar o espirito mau.

Faz parte deste ritual, escarrar, fumigar com o grande charuto (111) de que o indio costuma servir-se, em muitas festas e solennidades, friccionar com plantas odoríferas e com sangue.

Em diversas tribus são diferentes as substancias que o pagé tem á disposição para tal fim.

Já referimos que se attribuem, em quasi toda parte, forças sabrenaturaes a certos animaes. Os cabellos, as cinzas de ossos, etc., tambem entram em varios preparados que o pagé emprega nos seus curativos. Se considerarmos a vida visionaria do indio, da qual só desperta pelas emoções das mais grosseiras paixões; se imaginarmos seu mêdo supersticioso das forças desconhecidas, o temor dos phantasmas e a arraigada inclinação para si-

(111) Os Amerindios usam charutos (tupi: *pityma*) grossos, muito grandes, algumas vezes de um pé e meio de comprimento e duas pollegadas de grossura. Tambem têm igual feltio os usados pelos Caraibas insulares e do continente, onde os Chaymas e Cumanogotes chamam *tamol*, que, provavelmente, é a raiz etymologica de tabaco.

Entre os Caraibas de Cayenna, a planta é chamada — *tomou-i*, entre os Chaymas, *cayuari*; Aztecas — *piçicil*; Zapotecas — *quéaza*.

A palavra *tabaco*, significando charuto, já vem desde Petrus Martyr. (*Nota de Dr. von Martius*).

mular o que não possui, justamente o dominio sobre um Ser superior desconhecido na natureza, facilmente encontraremos o verdadeiro ponto de vista, que nos fazem compreender as relações do pagé para com o seu doente. Ellas são puramente magicas. O pagé é mais um feiticeiro, illudido por si mesmo, do que um astuto embusteiro; o paciente é mais um ser tímido, um protegido estúpido, do que amigo dedicado, ponderado e confiante.

Para mais exacta explicação desta relação, ainda se pôde acrescentar a circumstancia de ser o pagé quem sabe preparar o veneno das flexas (112).

Possue ainda outras habilidades analogas, por exemplo: cabe-lhe preparar a delicada substancia corante rubra do *carajurú* e a pasta do *guaranú*; ensina a tribo a colher as plantas proprias (tupi *Conabi* ou *ernami*) para tinguizar os peixes (113).

(112) Em muitas nações, o modo de preparar este veneno se parece, porém, não é completamente igual, pelos varios accrescimos que fazem ao toxico principal. Já expuzemos minuciosamente como é preparado pela tribo dos Juris. *Buchners Repertorium der Pharmacie*, Bd. 36 (1830), pags. 337-353. (*Nota do Dr. von Martius*).

(113) Citamos as plantas que são empregadas para este fim no Brasil e noutros paizes; in Spix et Agassiz — *Pices brasiliensis*, *Einleitung* S.XII. A grande quantidade, que dellas existe, ainda poderia ser augmentada e o assumpto merece mais ampla investigação. (*Nota do Dr. von Martius*).

Chama-se tinguizada a acção de lançar ao rio o tinguí, com o fim de tontear ou matar os peixes com o succo de plantas venenosas. Corresponde ao que em Portugal se chama *troviscada*.

Algumas tribus conhecem certos venenos que, inoculados no organismo, dizem produzir morte mais rapida ou mais lenta. O pagé tambem é encarregado desta arte sinistra, e temido como verdadeiro envenenador.

Serve-se de alguns cipós, principalmente da Fam. das Sapindaceas, e algumas especies de Amaryllis. Dizem que esses feiticeiros sabem, por processo especial, extrahir das hastes das Sapindaceas e dos bulbos seccos das Amaryllidaceas um veneno subtil, penetrante e mortal. Para isto, empregam muitas usanças supersticiosas e fazem este trabalho a sós, á noite, sem ser percebidos pelos europeus, olhados sempre com desconfiança.

Entre os índios do Amazonas geralmente predomina a crença de existirem venenos que, se forem collocados na bocca de alguem, em pequena dose e durante o sono, terão, como consequencias inevitaveis, consumpção lenta e morte. São, porém, muito reservados neste ponto. Só pudemos saber que é um pó preparado de um bulbo (de uma Amaryllis?) que dá flores amarellas côr de ouro.

Dentre as plantas ichthyotoxicas brasileiras se acham as seguintes: tingui — *Jacquinia armillaris* L., *Jacquinia obovata* Schrad; timbó — *Paulinia pinnata* L.; andó — *Andá Pisonis* e *Anda brasiliensis* L.; conami — *Baillieria aspera* Aubl; assacú — *Hura crepitans* L.; cipó timbó — *Scrjania curassavica* Radlk, etc. Estas plantas são machucadas, trituradas e lançadas nos rios e lagoas. Os peixes podem ser impunemente comidos, porém as aguas envenenadas matam a criação e as pessoas que dellas bebem. (Nota de Pirajá da Silva).

O PAGÉ COMO CIRURGIÃO

Finalmente, as habilidades do pagé como cirurgião se resumem a poucas manipulações muito grosseiras: escarificar, sangrar e entalar fracturas. Nas doenças geraes, as escarificações são feitas no thorax, e nas locaes, nos logares inflaminados. O pagé para isto se utiliza da ponta aguçada do bico do gavião, do tucano ou do ferrão da arraia. A sangria é feita com este ferrão ou com o dente afiado do quati; varias tribus situadas a leste do Brasil, por exemplo os Coroados, Puris e Botocudos, a praticam atirando sobre a veia, por meio de pequeno arco, uma flexazinha cuja ponta é um fragmento de crystal de rocha (114). Em geral, escolhem uma veia da

(114) Ainda praticam a sangria com o dente da cotia — *acutiranha*, dente de coati, bico afiado de tucano, etc. Os juris servem-se de um escalpelo de bambú. Ao tratar da sangria escrevem Barbosa Rodrigues: "As dores de cabeça e estomago são frequentes nos selvagens, segundo me disseram, quando indaguei porque sarjavam a testa e o estomago com dentes de — *pirá andirá*. Chamam ás sarjaduras — *iakujçá*". O *pirandirá* — peixe cachorro, literalmente peixe morengo é casta de sardinhas que

panturrilha, raramente do cotovello ou da frente. É muito frequente se servirem da sangria como recurso prophylactico; por isso, no fim da estação chuvosa, as mulheres moças fazem quasi regularmente retirar consideravel quantidade de sangue, pensando assim evitar a concepção.

O barão von Eclwege referiu que certa vez encontrou muitas mulheres que se banhavam num rio, e lá um velho indio sangrava a todas. Os missionarios do Cacu-má e Mauhé contaram-nos que não raro é ver-se esta operação praticada, ao mesmo tempo, em muitas mulheres.

Este uso se relaciona com a tendencia que ellas têm de provocar o aborto (tupi: *ckyrár*), porque de bom grado se desembaraçam dos incommodos da gravidez.

deve o nome a duas fortissimas presas que sobressaem na mandíbula inferior. Note-se, pois, que se o nome do peixe cachorro é a tradução literal de *pirá-iaúara*, todavia, com o nome de peixe cachorro se costuma designar o *Pirandiri* — literalmente, peixe moreco. E. Stradelli, op. cit. A denominação de peixe cachorro se dá a varias especies de peixes de escama, da agua doce, da familia Characidae, subfam. Hydrocyoninae, com dentes caninos muito desenvolvidos. *Aecstrothamphus liepsetus* é a especie mais commum no Sul e ainda os do genero *Hydrocyon* e *Xyphorhamphus*. Ha uma especie amazonica cujos caninos são tão grandes, que não cabem na bocca, e por isto foi preciso o peixe arranjar uma perfuração especial de cada lado do maxillar superior, por onde passam as pontas, quando a bocca está fechada — *Hydrolycus scabrooides*, *Rhaphiodon vulpinus*, conhecido por *Saranha*, no Amazonia. Cf. *Dicc. dos Animais do Brasil*. Dr. R. von Ihering. (*Nota de Pirajá da Silva*).

Vimos alguns casos de mães desnaturadas submeterem, para esse fim, o corpo a violentos abalos e pancadas sobre o ventre. Os homens também costumam sangrar-se nas doenças sérias e durante o puerperio das mulheres. Nas dôres de dente prolongadas, o pagé emprega a punção da gengiva. A immobilização dos membros fracturados é feita com a bainha, em forma de goteira ou de calha, das palmas do *assai* (*Euterpe oleracea* e *edulis*), se descuidando, muitas vezes, de reduzi-los convenientemente. Emprega como *pensum* várias herbas frescas e cozidas, ou uma pelle de cachorro recentemente esfolada. Nas grandes úlceras (tupi: *mercha*) o pagé se serve do fogo para apressar a cicatrização.

O membro ferido, envolvido em espessa camada de estopa, é quasi tostado numa grelha, sob a qual se espalham brasas. O paciente supporta esta dolorosa cura com a costumada resignação. Dizem que traz como consequencia habitual, na maioria dos casos, perfeita cicatrização *per primam intentionem*, o que é para admirar.

Nós mesmo podemos attestar, como testemunha ocular, a cura de um indio que recebeu muitos golpes de lança na coxa. No sexto dia deixou o leito de soffrimentos com as feridas cicatrizadas: "*Quod ferrum non sanat, ignis sanat*" (115).

(115) Na *Viagem pelo Brasil*, Martius em nota diz: "Os feridos são colocados sobre uma armação acina de fogo brando, e as feridas curam-se e fecham-se muito rapidamente desse modo. Chamam a esse tratamento *caem* (palavra que lembra *moquent*,

Se o pagé esgota sua arte (tupi: *poçanông*) sem conseguir curar e espera a morte do paciente, retira-se recebendo toda sorte de imprecações.

Os parentes aproximam-se de novo, do doente e cobrem-no com estopa ou tecidos, para não ver a agonia e não ouvir os últimos gemidos de dôr.

Muitas vezes isto succede tão violenta e desageitadamente, que o doente, no acanhado espaço das quentes ocas, fica suffocado antes do desenlace 'natural'. Asseveraram-nos que em muitos casos, quando de todo duvidau do restabelecimento e acreditam numa sobrenatural feitiçaria, abreviam a dolorosa existencia do doente, dando-lhe um golpe de clava na cabeça.

Nos últimos momentos, a familia e a vizinhança fazem tristonha e selvagem gritaria para abafar os gemidos do moribundo e as proprias dôes.

Poucas horas depois da morte, o cadaver, envolvido em estôpa ou tecido, é enterrado de côcoras, numa cova redonda, com a cabeça entre os joelhos e voltado para leste. Os parentes cobrem-no com terra; calcam-na com os pés fazendo lamentavel berreiro.

Em algumas tribus mumificam no fogo os cadaveres dos nobres guerreiros, ou conservam o esqueleto untado

"assar"). Dr. Basilio de Magalhães acrescenta: *Caen*, como se pode ver em Stradelli (loc. cit., pag. 390), significa, no tupi amazônico atual, "cicatriz", de sorte que o processo referido por Martius equivale ao de "cicatrizar" pela ação do fogo. (*Nota de Pirajá da Silva*).

com óleo, urucú e enfeitado de pennas (116). Eis o que de mais importante sabemos a respeito da Medicina e da Arte Médica dos índios brasileiros.

Agora, no conceito da cultura européa, se se perguntar sobre a

REMUNERAÇÃO DO PAGÉ

pelos seus serviços médicos, poder-se-á responder: é recompensado com tudo ou com coisa alguma.

Situação social tão baixa que não carece de posse e só raramente a conhece, está fóra das atracções da cubiça e da riqueza.

Ali não tem applicação a phrase dos antigos: "*Dat Galenus opes*". O pagé que conseguiu uma cura feliz póde retirar da cabana do seu cliente o que lhe agradar entre os productos da industria dos índios. Tudo isto, excepto as armas, tem pouco valor para elles e é, por assim dizer, propriedade commun. Todavia, os bens da civilização européa: machado, faca, anzóes, uma garrafa de aguardente, são considerados, provavelmente, ás vezes, como honorarios muito pesados; contudo, não sabemos se o seu cliente osaria recusa-los, se exigidos. Não por agradecimento, mas por medo, se resolveria a separar-se de uma propriedade inestimavel, cuja substituição está muito fóra de qualquer previsão, porque o commercio

(116) O mesmo se observa entre os Boróros. (*Nota de Pirajó da Silva*).

européu, só raramente, fornece a maloca, situada muito distante. O pagé é temido como senhor de poderosas forças naturaes, e seria perigoso recusar-lhe qualquer cousa. Por outro lado soube, sempre astutamente, fazer valer todas as dignidades e prerogativas de sua posição. Como prova da importancia da sua influencia, pôde ser citado que, em certas tribus lhe é conferido, pelos paes e noivo, o *Jus primae noctis*.

Assim, este trecho final da nossa descripção caracteriza o alto grau de depravação e a grosseira barbaria, que apresenta a vida na raça vermelha, em todos os seus estados de desenvolvimento e progresso.

Devemos confessar que o nosso tentamen de seguir o fio do mais alto espirito scientifico, por entre factos isolados, nebulosos, e as tradições que constituem a arte medica dos indios, não poude surtir effeito. Encontramos, aqui, na mesma situação em que nos achámos perante a Historia, a Linguistica, a Mythologia e a Ethnographia dessa raça vermelha, sempre numa esphera muito obscura; e enquanto, com profundo sentimento e pesar, fazemos perpassar diante de nós esse quadro de tão intensa corrupção e degeneração, surge e resurge com o nosso pasmo, a pergunta: que extraordinaria catastrophe deve ter soffrido esta raça? em que pavorosos desvios e rodeios terá ella errado durante millentos, para chegar á actual situação, tão lamentavel quanto enigmatica?

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Braulio Gomes, 139 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Junho de 1939.

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 2.ª edição (documental).
- 5 — Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nôr: Rodrigues: Os Africannos no Brasil — (Revisão e prefácio de Homero Moraes). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 27 — Alfredo Ellis Júnior: Populações Paulistas.
- 59 — Alfredo Ellis Júnior: Os Primeiros Francos Paulistas e o Cratismo Euro-Americano.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 81 — Angélio Costa: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
- 137 — Aníbal Matos: Prehistória Brasileira — Vários Estudos — Ed. Il.
- 148 — Aníbal Matos: Peter Wilhelm Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira. Ed. ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Dondó Calogeras: O Marquês de Barbacena — 2.ª edição.
- 11 — Luis da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. Ilustrado.
- 107 — Luis da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1879) — Edição Ilustrada.
- 18 — Visconde do Taunay: Pedro II, 2.ª edição.
- 20 — Alberto de Faria: Maria (com tres ilustrações fóra do texto).
- 54 — Antônio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 65 — João Dorado Filho: Silva Jardim.
- 73 — Lúcia Miguel Pereira: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição Ilustrada.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinhô — Sua vida e sua atuação na política nacional — (1810-1859).
- 81 — Lemos Irifio: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca — Edição Ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. Ilustrada.
- 88 — Nello Louro: Um Varão da República: Fernando Labe.
- 114 — Carlos Shtuskind de Mendonça: Silvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1861-1889 — Com uma Introdução bibliográfica — Ed. Ilustr.

- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II — Edição Ilustrada.
- 123 — Helio Lyra: História de Dom Pedro II — 1825-1891, Vol. 1.º: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. Il.
- 133-A — 2.º volume: "Fastígio" (1870-1880) — Ed. Ilustrada.
- 135 — Alberto Pinarro Jacobina: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. Il.
- 136 — Carlos Pontes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1876.
- 140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Espora e o Homem — Ed. Ilustr.
- 143 — Bruno de Almeida Magalhães: O Visconde de Arneté — Ed. Ilustr.
- 144 — V. Corrêa Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. Ilustrada.
- 153 — Mário Matos: Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Ed. Ilustr.
- 167 — Otávio Tarquínio de Souza: Evaristo da Veiga — 1.º vol da série "Homens da Regência".

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hochae — Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 77 — C. de Melo-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição Ilustrada.
- 99 — C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.

CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Ed. Ilustrada.
- 38 — Rui Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. Ilustrada.
- 51 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleuss) — Edição Ilustrada.
- 109 — Georges Harcourt: D. Pedro II e o Conde do Góbiou (Correspondência inédita).
- 142 — Francisco Venâncio Filho: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição Ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

- 99 — Alfredo Ellis Júnior: Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
- 101 — H. A. Roberto Simonetti: História Económica do Brasil — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
- 162 — J. F. Normano: Evolução Económica do Brasil — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Pezêbe Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 185 — Lemos Brito: Pontos de partida para a História Económica do Brasil — Lus Amarel: História Geral da Agricultura Brasileira — No triplice aspecto Político-Social e Económico 1.º Tomo

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1868.
- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reforma do ensino — 1851-1883.
- 121 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1861-1889.
- 147 — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas, 1835-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.
- 117-A — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — Natália Pereira: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição
- 6 — Natália Pereira: Vultos e episódios do Brasil — 2.ª edição.
- 26 — Alberto Ranzel: Itumox e Pernambuco.
- 41 — José Maria Reis: A inteligência do Brasil — 3.ª edição.
- 43 — A. Sobel: Lima: Alberto Tórres e sua obra
- 60 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penha.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conceito de Civilização Brasileira.

- 82 — C. de Melo-Lellão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Província — 2.ª edição.
- 151 — A. C. Tavares Bastos: Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: Estudos Piauienses — Edição Ilustrada.
- 150 — Roy Nash: A Conquista do Brasil — Tradução de Norberto N. Vasconcelos — Edição Ilustrada.

ETNOLOGIA

- 30 — E. Hoquette-Pinto: Rondônia — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
- 41 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 52 — General Cour' e Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos índios Guacuzus — Edição ilustrada.
- 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabulário Nheengatu (verbalizado pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
- 12 — Almirante Antonio Alves Câmara: Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição Ilustrada.
- 101 — Herbert Roldes: Ensaio de Etnologia Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição Ilustrada.
- 130 — Angélica Costa: Migrações e Cultura Indígena — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. Ilustrada.
- 161 — Carlos Fr. Phil. Von Martius: Natureza, Danças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1841); Trad. Prefácio e notas de Placido da Silva.

FILOLOGIA

- 25 — Mário Marroquim: A língua do Nordeste.
- 46 — Renato Mendonça: A influência africana no português do Brasil — Ed. Ilustrada.

FOLCLORE

- 57 — Claudio Rodrigues Vale: Elementos do Folclore Mineiro Brasileiro.
- 93 — Sousa Carneiro: Milos Africanos no Brasil — Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

- 33 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. Ilustrada, 2.ª edição.

- 32 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 33 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. Ilustrada — 2.ª edição.
- 34 — A. J. de Sampaio: Biogeografia Dinâmica.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 63 — Itaimundo Morais: Na Planície Amazônica — 4.ª edição.
- 80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.
- 85 — Aurélio Pinheiro: À Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.
- 104 — Antonio Lima: Amazônia — A Terra e o Homem (Introdução à Antropogeografia).
- 105 — A. J. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 101 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco — Edição Ilustrada.
- Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 77 — Gustavo Dedit: Descrição das Rias Parnaíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. 1.ª

GEOLOGIA

- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 134 — Pandá Calógeras: Geologia Econômica do Brasil — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos, Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (Ilustrada).
- 13 — Vicente Lucina Cardoso: À margem da História do Brasil, 2.ª edição.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.ª Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição Ilustrada (com 13 gravuras).
- 83 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.ª Tomo — Espírito da Sociedade Imperial, Ed. Ilustrada.
- 15 — Pandá Calógeras: Da Regência à queda do Rozas — 3.º volume (Da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 3.ª edição (com 8 mapas fóra do texto).
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 36 — Alfredo Ellis Júnior: O Bandeirismo Paulista e o Recô do Meridiano — 2.ª edição.
- 57 — J. T. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. Ilustrada), 2.ª edição.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá.

- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas baianos.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. Ilustrada, (com 50 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição Ilustrada, 3.ª edição.
- 61 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição Ilustrada.
- 69 — Prado Maia: Através da História Naval Brasileira.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 93 — Serafim Leite: Páginas da História do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: O Fied — Minas e os Mineros da Independência — Edição Ilustrada.
- 108 — Pedro Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luis: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª edição.
- 128 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capítulo da História Colonial de Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 121 — Luis Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição Ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padrono e a Igreja Brasileira.
- 127 — Ernesto Ennes: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua história) 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Tauney.
- 125 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: O Governo Provisório e a Revolução de 1823 — 1.º Volume, em 2 tomos.
- 132 — Schurtilo Farnham: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição Ilustrada.
- 146 — Aurélio Pires: Homens e fatos do meu tempo.
- 140 — Alfredo Valério: Da aclamação à maioria, 1822-1810 — 2.ª edição.
- 158 — Walter Spalding: A Revolução Farrapoilha (História popular do grande declínio — 1835-1845 — Edição Ilustrada).
- 159 — Carlos Scherer: História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1845. Tradução de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Silvio Cravo.

MEDICINA E HIGIENE

- 29 — **Joaquim de Castro**: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.^a edição.
51 — **Otávio de Freitas**: Doenças africanas no Brasil.
129 — **Afrânio Peixoto**: Clima e Saúde — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLITICA

- 3 — **Aleides Gentil**: As Idéias de Alberto Torres (síntese com índice remissivo).
7 — **Batista Pereira**: Diretrizes de Rui Barbosa — (Segundo texto esboçado).
21 — **Batista Pereira**: Pelo Brasil Melhor.
16 — **Alberto Torres**: O Problema Nacional Brasileiro. 2.^a edição.
17 — **Alberto Torres**: A Organização Nacional. 2.^a edição.
24 — **Pandá Calógeras**: Problemas de Administração. 2.^a edição.
67 — **Pandá Calógeras**: Problemas de Governo — 2.^a edição.
74 — **Pandá Calógeras**: Estudos Históricas e Políticas — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
81 — **Arévedo Amaral**: O Brasil na arte atual.
60 — **Mário Travassos**: Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandá Calógeras — 3.^a edição ampliada.
65 — **Hildebrando Azevedo**: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.
84 — **Orlando M. Carvalho**: Problemas Fundamentais do Município — Ed. Ilustrada.
96 — **Orélio da Rocha Diniz**: A Política que Convém ao Brasil.
115 — **A. C. Tavares Bastos**: Cortes do Solitário 3.^a edição.
122 — **Fernando Saboia de Medeiros**: A Liberdade de Navegação da Amazonia — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
131 — **Hildebrando Azevedo**: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição Ilustrada com 8 mapas fora do texto.
111 — **Olveira Vianna**: O Idealismo da Constituição — 2.^a edição aumentada.

VIAGENS

- 5 — **Augusto de Saint-Hilaire**: Segunda Viagem do Rio do Janeiro e

Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.^a edição.

- 19 — **Afonso de E. Taunay**: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.^a edição.
28 — **General Couto de Magalhães**: Viagem ao Araguaia — 4.^a edição.
32 — **C. de Melo-Lellio**: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada. (com 19 figuras).
55 — **Augusto de Saint-Hilaire**: Viagem à Província de Santa Catarina (1826) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
62 — **Agnor Augusto de Miranda**: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.
69 — **Augusto de Saint-Hilaire**: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^a tomo Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
72 — **Augusto de Saint-Hilaire** — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
75 — **Augusto de Saint-Hilaire**: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^a tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
95 — **Luiz Aguiar e Elizabeth Cary Agassiz**: Viagem no Brasil — 1816-1866 — Trad. de Edgard Sheckard de Mendonça. Edição Ilustrada.
113 — **Gasão Cruz**: A Amazônia que eu Vi — Óbidos — Tumuc-Humac — prefácio de Ruyette Pinto — Ilustrado — 2.^a edição.
118 — **Von Spix e Von Martius**: Através da Baía — Excursos de "Balsem in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
120 — 126-A — **Augusto de Saint-Hilaire**: Viagem pelas províncias do Rio do Janeiro e Minas Gerais — Dez tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
150 — **Major Frederico Rondon**: No Rondônia Ocidental — Ed. Ilustr.
146 — **Silveira Neto**: Do Ceará aos Sertes de Iguaçu — Ed. Ilustrada.
166 — 166-A — **Alfred Russel Wallace**: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — em 2 tomos Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio Magalhães.

ADVERTENCIA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Cosmótes, 113/140 — São Paulo.

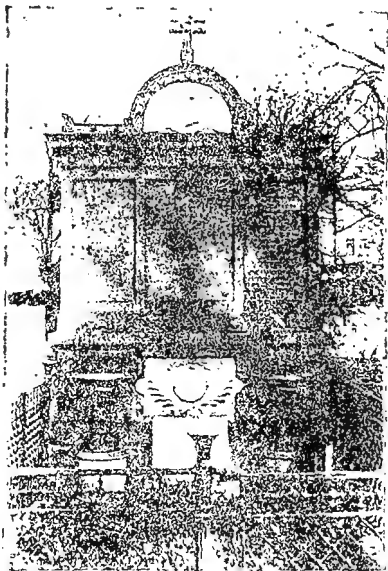
Natureza, Doenças,
Medicina e Remédios
dos
Índios Brasileiros
(1844)

1985

Qualquer referencia a esta obra,
é obsequio remetter ao autor
DR. PIRAJÁ DA SILVA,
Alameda Itú, 911 — S. Paulo.



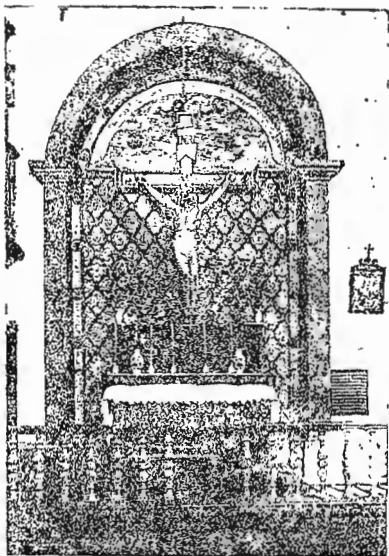
Medalhão uniface de bronze, que pertenceu á Exma. Sra. D. Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina, offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.



O túmulo do Dr. Carlos Frederico Philippe von Martius,
em Munique.

O CAVALLEIRO CARLOS FRIB. PRIO. DE NAVILOS,
 MEMBRO DA ACADEMIA R. DAS SCIENÇAS DE
 MUNICH, FAZENDO DE 1817 A 1849 DE GERM
 EE. MAXIMILIANO JOSE BEL DA RANIERA UMA
 VIAGEM SCIENTIFICA PELO BRAZIL, SENDO
 SIDO AOS 14 DE SETEMBRO DE 1819 SALVO POR
 MISERICORDIA, DIVINA DO FLOR DAS ONDAS
 DO AMAZONAS JUNTO A VILLA DE SANTARÉM
 MANTENDO UM MONUMENTO DE ESTA PLAC
 BRONZADA AO TUDO FIDELISIMO E COM DATO
 DO ANO NESTA IGREJA DE SANTARÉM DO PARÁ
 A 14 DE SETEMBRO DE 1819

Placa de bronze, commemorativa do náufrго, collocada ao lado do Crucifixo, na Igreja de Santarém (Pará).



Crucifixo de tamanho natural, de ferro dourado, modelado por uma escultura de Albrecht Dürer, existente na Igreja de Santarém (Pará).

Promessa de von Martius por ter sido milagrosamente salvo de um naufrágio no Rio Amzonas.

(Através da Itália — Pirajá da Silva).

Carta de seu Martius ao Conego Januario Barbosa.

Carta de seu Martius ao Conego Januario Barbosa
 lida em 11 de Junho de 1848.

Illustração de Landolt

Carta de seu Martius ao Conego Januario Barbosa
 lida em 11 de Junho de 1848.

Esqueto

Ilmo. Sr. Lendas!

Quando hea occasão p^{ra} escrever à V. S. M. nest
 mesmo papel, fizilla mencionando à V. S. segundo commu-
 nicação do nobre. Sr. Lendas sobre o natural, a medicina e
 as mulettas dos Indígenas do Brazil, e de o Instituto
 de St. George Brasileiro achasse o dizer em commu-
 nicação a sua tradução portugueza, efo aua de for-
 mase uma coisa de grande prazer.

Em, ante a lista de que V. S. me honrou para
 receber a minha communicação sobre a historia
 physica do Brazil, He tenho de de resposta a
 d. de Mar. 2 1846, reconhecendo no mesmo tempo
 a bondade, com que o Instituto H. S. B. me fez mere-
 da impressão do "Perista", até à p. 18 (mobel) e
 das memorias Tomo I. p. 1—53 Logo, que V. S. quera
 benignam^{te} continuar estas communicações.

e que me exprime igualmente com animação as Vossas
 saudades do país de commençação-me de fazer collecções Cole-
 nicas.

Desço saber, se o Instituto tem recebido as obras que
 a Academia de Lisboa lhe mandou.

Em favor de me V. S. felicita que eu lhe renova
 os meus sinceros votos por perfeita saúde e
 digna consideração

Deus Guarde e V. S.^a

Munic, 15 Decbr 1844

D^o & Martins

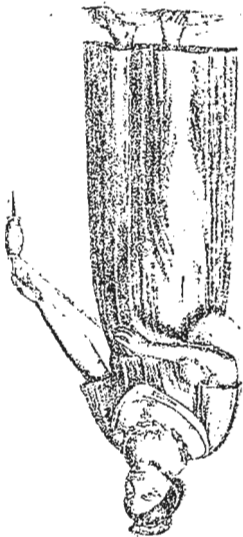


Modo de praticar sangria, usado pelos índios da tribo dos Boróros, aldeia de Sangradouro. Phot. cedida pelo explorador Sr. Mário Baldi.



Indio Purú-Purú — atacado de dermatomycose purú-purú.

Mameleuca da Provincia de S. Paulo
(Bocio)



XVII



India Miranha



India Iuri

Vitória no Brasil

San São e San Martin